

A photograph of a sunset over the ocean. The sun is low on the horizon, casting a golden glow across the sky and reflecting on the water. The waves are gentle and dark against the lighter sky. The overall mood is serene and contemplative.

Destino de um Movimento

F.T. Wright

O Destino de um Movimento

F. T. Wright

Tradução do original em Inglês *Destiny of a Movement* por F. T. Wright.

Os textos bíblicos citados foram consultados em:

<http://biblia.com.br/>.

João F. Almeida Atualizada e Revista - RA

João F. Almeida Corr.e Revis., Fiel – ACF

João F. Almeida 1995

Os textos do Espírito de Profecia foram consultados em:

<https://egwwritings.org/>

Foram mantidas as indicações dos números de página indicados pelo autor e também referência à numeração online nos casos em que havia divergência de numeração.

JFernandes
PORTUGAL
2020

Prefácio

O estudo da história religiosa confirma que nenhum reavivamento espiritual tem mantido os puros princípios da verdade para além da terceira e quarta geração. Nos dias de Josué, “Serviu, pois, Israel ao Senhor todos os dias de Josué, e todos os dias dos anciãos que ainda sobreviveram muito tempo depois de Josué.” *Josué* 24:31. Depois vieram as repetidas apostasias do período dos juízes.

A elevação do povo de Deus nos dias de Samuel foi seguida pelos dias negros do reinado de Saul, ao passo que os dias bons do rei Davi deram lugar ao culto de Baal dos seus sucessores. Curta foi a duração da nobre obra de Esdras e Neemias, enquanto a maravilhosa vida espiritual infundida na igreja através de Cristo e dos apóstolos, não sobreviveu nem mesmo à vida de João, o Amado. Vede o trágico padrão repetido no ministério dos Reformadores, Wycliffe, Lutero e Wesley.

Em cada caso, da forma mais subtil, o coração foi afastado das grandes verdades que, no início, os separara de Babilónia. Eles voltaram novamente ao redil e comunhão do Anticristo. Porém, durante todo o tempo de aparente separação foram cuidadosamente sustentados, juntamente com as mais solenes e insistentes declarações de Deus que ainda os guiava e abençoava, mesmo que em nenhum sentido Deus estivesse entre eles.

À luz do que, sem excepção, caiu sobre esses movimentos antes de nós, seria estupidamente e perigosamente disparate assegurar a nós próprios de que não poderia acontecer novamente hoje, especialmente quando é visto a presença desta segurança própria em todos os colapsos anteriores.

Este é o ininterrupto padrão do passado. É também a história do presente. Em meados do século passado, surgiu como a glória do sol da manhã, um movimento descrito pela inspiração, como sendo o mais livre de imperfeição humana desde os dias de Pentecostes. Vede *O Grande Conflito*, pág. 401. Os pais fundadores lutaram com coragem, fé e oração pela fé uma vez entregue aos santos.

Mas, como era glorioso o nascer desse sol, assim seria o dia triste do seu ocaso. Grandes e comprometedoras mudanças foram feitas, fazendo voltar o movimento da promessa de regresso ao aprisco e comunhão do Anticristo. Decidir-se a acreditar que não é assim, não vai mudar o facto de que assim é. A nossa única segurança eterna reside em ver e relacionar-nos com as coisas como elas realmente são.

Índice

Primeiras Palavras.....	11
Os Enganos dos Últimos Dias.....	13
O Teste do Engano.....	25
Examinai Esses Espíritos.....	30
Podemos Ter Obediência Perfeita.....	35
O que Prova a Encarnação.....	44
Cristo É Verdadeiramente Deus.....	48
Cristo é Verdadeiramente Homem.....	55
O Seu Tabernáculo e o Nosso.....	66
Das Profundezas.....	74
As Duas Mortes.....	84
Contradições Aparentes.....	94
O Segundo Adão.....	95
A Diferença Entre Onde e Como.....	96
O Segundo Adão.....	96
Sem Propensões.....	97
Tal Como Um de Nós.....	100
Não a Pecaminosidade.....	100
Sem Problemas Reais.....	100
O Papado É o Anticristo.....	102
Por que É Assim?.....	110
As Igrejas Protestantes Modernas São Anticristo.....	114
Mais do que Uma Mera Confrontação.....	121
Mais Sobre As Verdadeiras Questões Em Mineápolis.....	130
Waggoner Mal Interpretado.....	137
Waggoner Não Estava Errado.....	143
Um Gigantesco Passo Em Frente.....	150
Anexos:.....	158
O Adventismo Identificado com o Anticristo.....	160
Mestres da Imaculada Conceição.....	168
O Vinho De Babilónia.....	174

1

Primeiras Palavras

O mundo inteiro está em movimento, socialmente, moralmente, politicamente, materialmente, cientificamente, e religiosamente. O ritmo é tão rápido, as tendências tão radicais, o abandono dos antigos valores e normas morais tão irresponsável, desafiador, e despreocupado, que há todos os motivos para ver em tudo isso os arautos da catástrofe final que vai trazer o fim do mundo.

Com as páginas da Palavra Profética abertas diante de si, o filho de Deus observa estes desenvolvimentos com intenso e vigilante interesse. Ele sabe que, por um lado, são os severos avisos sobre a necessidade da mais profunda preparação pessoal para os eventos que estão chegando, e, por outro, são as boas novas da vinda do fim do pecado e a revelação do Salvador e Libertador. Tudo depende da sua capacidade, através do estudo da Palavra de Deus, sob a tutela e orientação do Espírito Santo, de avaliar e analisar correctamente os acontecimentos do mundo. Falhar em fazer isso é ser apanhado desprevenido com todas as consequências fatais associadas.

O conflito final que se aproxima será o último grande confronto entre os poderes da luz e as forças das trevas. Será essencialmente religioso no carácter e na natureza. Portanto, o verdadeiro filho de Deus vai entender que os acontecimentos que devem ser vigiados mais de perto são os do mundo religioso, não só nas igrejas caídas, mas também na própria igreja de Deus.

Está para além do âmbito desta publicação examinar todos os emocionantes desenvolvimentos de hoje que são presságio da futura glória vindoura do aparecimento de Cristo nas nuvens do céu. Em vez disso, o seu objectivo é examinar um desses eventos, a fim de analisar correctamente o seu significado e, por conseguinte, ser levado a entender mais claramente o ponto alcançado na ordem dos acontecimentos dos últimos dias.

Este acontecimento é a publicação de um volume pela Review and Herald Publishing Company, intitulado *Movement of Destiny*, por LeRoy Edwin Froom. Ele contém 672 páginas e foi lançado no ano 1971. O autor foi um principal investigador, estudioso e escritor adventista do sétimo dia. O livro tem sido totalmente aplaudido pela igreja como sendo uma reflexão muito fiável do seu pensamento sobre o assunto em consideração. Deve ser compreendido pelos leitores da presente publicação que esta análise não considera o *Movement of Destiny* como o pensamento do seu autor, mas da Igreja Adventista do Sétimo-Dia como organização e da maioria dos seus membros.

É duvidoso que qualquer fiel adventista do sétimo-dia questionasse ou desafiasse a aceitação universal e endosso de *Movement of Destiny* dentro das fileiras da igreja, mas é importante que

salientemos este ponto apesar disso. O facto é que a publicação é da editora principal da organização, que não publica qualquer literatura, senão a que é o pensamento e a fé da Igreja; é vendido em todo o mundo pelas livrarias adventistas do sétimo-dia e casas bíblicas, que são os pontos de venda da Igreja e das suas editoras; é entusiasticamente recebido e aclamado pelos dirigentes adventistas do sétimo-dia e seus membros em toda a parte; e não há nenhuma evidência de objecção ou protesto contra ele em qualquer lugar na Igreja. Esses factos levam apenas a uma conclusão: o livro é um testemunho da posição actual da Igreja Adventista do Sétimo-Dia. Não é apenas o pensamento e a crença de um homem que o escreveu. Ele é o porta-voz para a Igreja em geral.

A publicação de *Movement of Destiny* é um acontecimento de grande interesse e importância. Ele é um passo em frente na direcção certa, trazendo a Igreja onde ela está melhor colocada para desempenhar o seu papel na finalização da obra, ou trata-se de um retrocesso que irá diminuir ou até mesmo cancelar o seu lugar no plano de Deus. De qualquer maneira, a ocorrência é importante ao ponto em que o seu aparecimento não pode ser descartado como de nenhuma consequência.

Naturalmente, o total significado de qualquer desenvolvimento não pode ser visto e apreciado até que a questão seja cuidadosamente investigada à luz da profecia bíblica. Falhar em estudar cuidadosamente um acontecimento como o aparecimento deste livro, deixará uma pessoa sem conhecer o que aconteceu, e deixará de dar os passos como é da sua consequente responsabilidade. Em última análise, isso causará a perda da sua alma; a culpa repousará sobre si própria por causa do seu descuido e distração. Quanto mais importante for o acontecimento, maior é o perigo envolvido num fracassado de estar ciente das suas implicações vitais.

Esta análise é para mostrar que o aparecimento deste livro é de tal importância que todas as pessoas interessadas no seu bem-estar eterno devem ser alertadas para isso. Embora não seja apreciado por muitos, é um esforço para dar à trombeta um determinado som avisando do perigo ameaçador. Este trabalho é abordado com oração e cuidado. Não é em nenhum sentido, uma tentativa de criticar ou condenar. Os factos são que certas coisas aconteceram e é dever de cada verdadeiro filho de Deus investigá-las cuidadosamente para ver exactamente o que elas significam, para poder relacionar-se correctamente com elas, e assim ser capaz de responder a Deus no final como um fiel observador da verdade.

Só aqueles que pensam e estudam por si, e se seguram firmes ao que é bom, no final, terão alguma esperança de salvação.

Possa o estimado leitor ser encontrado nesta classe.

2

Os Enganos dos Últimos Dias

Nesta fase das nossas investigações, a abertura do livro em si seria prematura. A capacidade de avaliar correctamente o conteúdo de *Movement of Destiny* não é possuído por qualquer um, mas por aqueles que estão solidamente fundamentados em alguns princípios vitais da Palavra de Deus. Portanto, será absolutamente necessário estabelecer estes princípios, primeiro como uma reconfirmação da mensagem da vida em justiça. Então, e só então se pode chegar a uma verdadeira e exacta avaliação do livro.

Vamos começar com um estudo das advertências da temível subtileza dos enganos dos últimos dias, que varrerão a grande maioria dos habitantes deste mundo para a perda e ruína eterna. É muito fácil ser-se enganado. Um pouco de descuido; uma falha em vigiar em oração; uma negligência para estudar por si mesmo; ou uma disposição para deixar o pregador fazer todo o pensamento, tudo abre a porta para a pessoa ser levada cativa para sempre pelos enganos do inimigo. Demasiado tarde virá o terrível despertar; demasiado tarde virá a terrível constatação de que fomos seduzidos para a eterna e irrecuperável ruína. Nessa altura, quanto desejará cada um ter sido mais atento e cuidadoso.

Apesar das abundantes e claras advertências dadas na Palavra de Deus, parece repousar sobre a vasta maioria a firme garantia de que, enquanto os outros à sua volta podem estar enganados, eles, por serem membros do que acreditam firmemente ser a igreja de Deus, estão seguros. Esses não percebem o seu perigo, mas tão profundo é o seu adormecimento que parece impossível arrancá-los para uma consciência do perigo em que estão. Bem e verdadeiramente escritas são as palavras de advertência das Escrituras: “Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe não caia.” *1 Coríntios* 10:12.

O último esforço desesperado de Satanás para derrubar a igreja de Deus será a obra-prima do engano. Não será espalhada sobre o mundo ou sobre a igreja num momento, mas será tecida com subtileza magistral, fio por fio, até ser impossível sair do seu poder enganador. O facto é que este trabalho já está bem avançado e milhares daqueles que pensam estarem seguros estão agora mesmo enredados nos laços do engano final de Satanás. Se já estão parcialmente enganados, como pode ser esperado que escapem à última obra-prima de engano quando estiver totalmente formada?

Vejam algumas das Escrituras que revelam algo do que está para a ser enfrentado. *Apocalipse* 13:4 profetiza a ascensão da besta e da sua imagem e estes últimos acontecimentos finais de encerramento da história deste mundo. O capítulo 13 inicia-se com a besta semelhante ao leopardo com a boca de um leão, os pés de um urso, e o corpo de um leopardo, declarando com certeza

infalível, que mais uma vez governará sobre toda a nação, tribo, língua e povo. Em seguida, vem o décimo primeiro versículo, que introduz a imagem da besta.

“E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como o dragão.

“E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada.

“E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens.

“E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia.

“E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta.

“E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas,

“Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome.

“Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.”

Observai que ele faz grandes maravilhas e engana os que habitam na terra com sinais que ele tinha poder para fazer. Esses milagres não são meras pretensões e truques. Eles são verdadeiros milagres, pois ele tem o poder para os fazer. O comentário sobre estes versículos como encontrado em *O Grande Conflito*, 553, diz assim: “Não se acham aqui preditas meras imposturas. Os homens são enganados por sinais que os agentes de Satanás têm poder para fazer, e não pelo que pretendam realizar.”

Vale bem a pena lembrar. Os milagres de Satanás nos últimos dias serão verdadeiros milagres, milagres reais, e eles serão irrefutavelmente sobrenaturais. Mas o povo de Deus não será enganado com isso, porque tais evidências não são a prova da verdade. Deixai as palavras de advertência de Cristo soarem sempre aos nossos ouvidos, “Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos.” *Mateus 24:24*.

Quais são esses sinais e maravilhas? Naturalmente, nós temos a tendência para procurar milagres de natureza espectacular tais como a cura de doenças, fazer descer fogo do céu, etc., como o tipo de coisas que Satanás vai fazer, e tende a certeza de que ele fará estas coisas, mas não só. O engano é muito mais do que isso. A falsificação será da mensagem e do trabalho que o próprio Senhor irá fazer nestes últimos dias, de maneira que parecerá que o trabalho de Satanás é a obra de Deus. Será mostrado pelas Escrituras que o falso vem sempre antes da verdade. Aqueles que não são capazes de distinguir a mensagem da justiça pela fé falsa ou contrafacção, da verdadeira, serão enganados e levados a seguir a falsa, e rejeitarão a justiça de Deus como obra do diabo. Tendo sido enganados em dar a sua lealdade a um falso deus, seguirão os seus ditames e orientações. No entanto, serão plenamente convencidos de que estão a fazer a vontade de Deus e a servir o próprio Senhor.

Juntemos as provas que declaram que isto é assim. Que Satanás vem até nós como um anjo de luz é claramente mostrado pelo apóstolo Paulo em *2 Coríntios 11:12-15*. “Mas o que eu faço o farei, para cortar ocasião aos que buscam ocasião, a fim de que, naquilo em que se gloriam, sejam achados assim como nós.

“Porque tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo.

“E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz.

“Não é muito, pois, que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça; o fim dos quais será conforme as suas obras.”

Um anjo de luz fala a verdade de Deus e traz consigo o evangelho de Jesus Cristo. Se Satanás vem como um anjo de luz, então, ele deve parecer falar a verdade de Deus. Sob todos os aspectos tem a aparência e soa como ela, tal como uma nota falsa se parece e se sente como a verdadeira.

Mas, do mesmo modo como a nota falsa não é a verdadeira nota, apesar do seu aspecto enganador, assim a mensagem do falso Cristo nunca pode ser a mensagem do verdadeiro. Da mesma maneira, como é preciso perícia e minucioso exame pelo investigador para distinguir a nota falsa da verdadeira, assim também é preciso hábil e diligente investigação por parte dos filhos de Deus para distinguir a falsa da verdadeira mensagem nos evangelhos apresentados nestes últimos dias.

Não deixem que se cometa qualquer erro em relação a isto. Não pensem que por haver algumas claras diferenças doutrinárias como o sábado e o domingo, o batismo infantil e batismo adulto, o sono da alma e a imortalidade, e assim por diante, que isto distingue claramente o falso do verdadeiro. O teste irá ser mais profundo do que isso, e, no fim, verificar-se-á que podeis defender qualquer das doutrinas referidas e ainda estar no lado errado, enganados e perdidos. Quando o anticristo estiver por toda a Terra, terá toda a aparência de Cristo, parecerá Ele mesmo. Parecerá que leva o evangelho de Cristo, sem ser o próprio evangelho.

“O último grande engano deve logo patentear-se diante de nós. O anticristo vai operar suas obras maravilhosas à nossa vista. Tão meticulosamente a contrafação se parecerá com o verdadeiro, que será impossível distinguir entre ambos...” *O Grande Conflito*, 593.

Brilhou perante a vossa mente o impacto total das palavras “Tão meticulosamente a contrafação se parecerá com o verdadeiro...”?

Aqui é trazida à luz a revelação de uma falsificação quase tão perfeita que as suas diferenças do verdadeiro não pode ser discernida. Assim se lê no testemunho acima citado. Se a frase parasse onde deixámos a citação, não haveria esperança de qualquer um de nós escapar do engano. Mas o testemunho continua fazendo a única exceção, “sem o auxílio das Escrituras Sagradas”.

Isto significa que os nossos olhos vão dizer-nos que a falsificação de Satanás é a obra de Deus; os nossos ouvidos declararão o mesmo; cada órgão sensorial acreditará que é a obra de Deus, e muitos tragicamente dependerão do testemunho dos seus sentidos. Mas não é assim com aquele pequeno grupo, os escolhidos. Eles olharão segunda vez; desta vez, não através dos seus sentidos, mas através do testemunho da Palavra de Deus. Quando ela lhes diz outra coisa, eles acreditarão na Palavra e não no que vêem e ouvem. Pelo testemunho das Escrituras Sagradas, “toda declaração e todo prodígio deverão ser provados.” *O Grande Conflito*, 593.

Quando o adventista em geral lê essas palavras, tende a pensar em si mesmo, “Bem, acredito no sábado do sétimo dia; pertencço à Igreja Adventista do Sétimo-Dia; compreendo que o domingo é a marca da besta; entendo que quando o tempo vier, quem quer que se incline perante a imagem vai perder a sua vida eterna pelo que recebe a marca da besta. Por isso, estou seguro. Tenho a certeza que não vou ser enganado.”

À medida que avançemos nesta série de estudos e leiamos o que foi escrito em *Movement of Destiny* seremos capazes de analisar racionalmente quando percebermos que isso está muito mais próximo do que pensamos. Já milhares e milhares de pessoas que pensam estar seguras foram enganadas; e se estão enganadas hoje, então qual será o seu destino no futuro, quando os maiores enganos vierem? Como a Palavra de Deus diz: “Se te fatigas correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com os cavalos? Se tão-somente numa terra de paz estás confiado, como farás na enchente do Jordão?” *Jeremias* 12:5.

No testemunho em análise, temos a referência à contrafação e ao verdadeiro. Como cada um que viver nestes últimos dias será testado por esta contrafação, é importante entendermos o que é que vai ser. Se soubermos exactamente onde procurar, então seremos mais capazes de a ver quando ela aparecer.

Uma ilustração que aponta para este argumento é quando dinheiro falso entra em circulação e sai o alerta. Esse alerta especificará quais as notas falsificadas. Se fossem notas de dez dólares, então todos examinariam cuidadosamente cada nota de dez dólares que lhes fosse entregue para ver se ela era verdadeira ou falsa. Da mesma forma, se nós somos advertidos de qual a área da verdade falsificada, podemos averiguar essa área com especial cuidado.

A revelação da área que será especialmente objecto de contrafacção nos últimos dias é mostrada nos seguintes testemunhos.

“Apesar do generalizado declínio da fé e da piedade, há verdadeiros seguidores de Cristo nestas igrejas. Antes de os juízos finais de Deus caírem sobre a Terra, haverá, entre o povo do Senhor, tal avivamento da primitiva piedade como não fora testemunhado desde os tempos apostólicos. O Espírito e o poder de Deus serão derramados sobre Seus filhos. Naquele tempo muitos se separarão das igrejas em que o amor deste mundo suplantou o amor a Deus e à Sua Palavra. Muitos, tanto pastores como leigos, aceitarão alegremente as grandes verdades que Deus providenciou fossem proclamadas no tempo presente, a fim de preparar um povo para a segunda vinda do Senhor. O inimigo das almas deseja estorvar esta obra; e antes que chegue o tempo para tal movimento, esforçar-se-á para impedi-la, introduzindo uma contrafacção. Nas igrejas que puder colocar sob seu poder sedutor, fará parecer que a bênção especial de Deus foi derramada; manifestar-se-á o que será considerado como grande interesse religioso. Multidões exultarão de que Deus esteja operando maravilhosamente por elas, quando a obra é de outro espírito. Sob o disfarce religioso, Satanás procurará estender sua influência sobre o mundo cristão.” *O Grande Conflito*, 464.

Notai os factos destacados neste testemunho. Os eventos aqui descritos são para “Antes de os juízos finais de Deus caírem sobre a Terra,…” a visitação final dos juízos de Deus são as sete últimas pragas que não cairão antes do encerramento da provação humana no final do período do alto clamor. O que está para ocorrer antes desse tempo é um “tal avivamento da primitiva piedade como não fora testemunhado desde os tempos apostólicos. O Espírito e o poder de Deus serão derramados sobre Seus filhos.”

Isto resultará na saída de ministros e povo das igrejas caídas para tomar a sua posição do lado do verdadeiro povo de Deus.

Não há nada que Satanás deseje menos do que este acontecimento. Ele odeia a obra da salvação porque ela oferece às almas a libertação do seu poder e dos seus enganos, então reunirá todas as capacidades e poder que tem para combater esta obra e torná-la de nenhum efeito. Esta é a forma como ele tem trabalhado desde que confirmou a sua rebelião contra o Senhor no Céu, e isso é como ele operará até o fim.

Não é suficiente saber que ele vai trabalhar contra a verdade e a justiça. Devemos estar conscientes das tácticas que ele usa nesta guerra. Notai as palavras na citação anterior que revelam o modo como ele vai actuar. Deixai que o pleno impacto delas penetre a mente para nunca serem esquecidas. “... antes que chegue o tempo para tal movimento, esforçar-se-á para impedi-la, introduzindo uma contrafacção.”

Nelas, para todos os estudantes lerem, está a revelação do método que Satanás vai usar para contornar o alto clamor. Ele irá apresentar uma contrafacção. Uma contrafacção nunca é um original. É sempre uma tentativa de reprodução do real. Mas não é o real. Destina-se apenas a imitar. O objectivo da contrafacção é afastar do verdadeiro alto clamor. Por conseguinte, teria de ser uma falsificação do verdadeiro alto clamor. Em todos os aspectos teria que parecer igual ao verdadeiro alto clamor. Tem de ser semelhante a; tem de soar como ele; e deve ser acompanhado de um poder como ele. Nenhuma outra conclusão pode ser tirada deste testemunho. O restante do parágrafo torna isto muito claro.

“Nas igrejas que puder colocar sob seu poder sedutor, fará parecer que a bênção especial de Deus foi derramada; manifestar-se-á o que será considerado como grande interesse religioso. Multidões exultarão de que Deus esteja operando maravilhosamente por elas, quando a obra é de outro espírito. Sob o disfarce religioso, Satanás procurará estender sua influência sobre o mundo cristão.” *O Grande Conflito*, 464.

Que fique bem claro na mente de todos que querem escapar dos enganos do anticristo, que a obra de contrafacção do diabo será uma imitação do próprio alto clamor. Portanto, a mensagem do falso alto clamor será uma imitação da verdadeira, a qual será tão meticulosamente parecida “com o verdadeiro, que será impossível distinguir entre ambos sem o auxílio das Escrituras Sagradas.”

Este é um facto que deve ser muito claro para cada filho de Deus. Nós não podemos esperar encontrar diferenças óbvias entre a mensagem a ser pregada pelo verdadeiro povo de Deus e os falsos mestres durante este período culminante e crítico. Não só é imposto sobre nós o perigo de nos enganarmos a nós mesmos, mas tornará o trabalho de pregar a verdade muito mais difícil. Para muitas mentes, estaremos a pregar o mesmo que o resto, e eles vão ridicularizar-nos como iludidos fanáticos por levantar tal questão no momento em que esse grande protesto é dado.

Assim, é estabelecido no nosso conhecimento que a mensagem do falso alto clamor será uma falsificação da mensagem do verdadeiro alto clamor, e que a semelhança será tão próxima que apenas aqueles que são verdadeiramente diligentes estudantes da palavra serão capazes de discernir o lobo na pele de cordeiro.

Para saber o que a contrafacção vai ser, só temos de perguntar o que será a mensagem do verdadeiro alto clamor. Isto é revelado em *Apocalipse* 18:1-5, de onde vamos citar os dois primeiros versículos. “E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória.

“E clamou fortemente com grande voz, dizendo: ‘Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e coito de todo espírito imundo, e coito de toda ave imunda e odíavel.’”

O estudante da Bíblia em geral lê essas palavras e vê nelas a descrição de uma mensagem que é um anúncio directo da queda de Babilônia, a Grande. Assim, para ele, é essencialmente uma mensagem de exposição e denúncia, seguida por um chamamento para sair dessas igrejas.

Com este conceito, o princípio envolvido no trabalho de revelação da presença e carácter da última obra-prima de engano é negligenciado. Um enganador não pode ser eficazmente desmascarado apenas por alguém que declara que ele é um enganador. Isto também é verdade mesmo acerca de Deus. Se Ele tivesse podido expor a verdadeira natureza da obra de Satanás pela simples declaração, então todo o problema poderia ter sido resolvido logo que começou. Lúcifer poderia ter sido isolado e destruído. Mas isso não era possível. Só existe uma maneira de desmascarar totalmente a iniquidade e que é através da apresentação de justiça. Só pelo brilho da luz na escuridão pode o carácter da mentira ser totalmente e verdadeiramente revelado a todos. Só quando a justiça brilha no seu melhor, o pecado pode ser visto no seu pior.

Em primeiro lugar e acima de tudo, a mensagem do alto clamor deve ser a apresentação do evangelho de Jesus Cristo no seu maior brilho. Apenas por este meio podem os pecados de Babilônia ser expostos e a convicção inculcada nos corações de que Babilônia caiu.

A conclusão acima mencionada não só é coerente com os princípios envolvidos no grande conflito, mas também é a clara declaração da própria Palavra de Deus em si. Temos apenas que ler o primeiro versículo de *Apocalipse* 18 para ver isso. O anjo é descrito como tendo grande poder, e a Terra é iluminada com a sua glória. O poder que este anjo tem é o poder de Deus. De acordo com *Romanos* 1:16 o poder de Deus é o evangelho de Jesus Cristo para a salvação do pecado. Além disso, a Terra é iluminada com a sua glória, a glória do anjo é imputada por Deus; ela é, em primeiro lugar a glória de Deus. A glória de Deus é o carácter de Deus, como nos é revelado na experiência de Moisés. Quando ele pediu ao Senhor para lhe mostrar a Sua glória, Deus não revelou um maravilhoso refulgir de grande poder e esplendor, mas a natureza essencial do Seu carácter. Ver *Êxodo* 33:18-23.

Mais uma vez a evidência da glória de Deus é mostrada em *João* 1:14, “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.” Quando Cristo estava na Terra, a glória de Deus foi vista n’Ele. O que foi visto não foi o maravilhoso refulgir de uma luz radiante. A glória referida aqui é algo diferente de um brilho físico. O que os homens viram foi o carácter de Deus, que é a justiça de Deus. Quando a Bíblia diz que a Terra é iluminada com a glória de Deus quando o anjo de *Apocalipse* 18 desce, então sabemos que a Terra é iluminada com uma apresentação da justiça de Deus. Isso significa que a mensagem do alto clamor é a mensagem da justiça pela fé, e, quando é pregada, revela o facto de que Babilônia, a Grande, terá caído.

Este é o testemunho da Palavra de Deus, mostrando a mensagem do verdadeiro alto clamor. O Espírito de Profecia está em perfeita harmonia com esse conceito. No ano de 1888, dois homens enviados por Deus ao povo adventista trouxeram uma apresentação da justiça pela fé, a qual foi descrita como sendo a mensagem do alto clamor. Os nomes dos dois homens foram E. J. Waggoner e A. T. Jones. Depois de terem pregado por quatro anos e a mensagem ter efeito no coração de alguns, o Senhor declarou através do seu mensageiro o seguinte:

“O tempo de prova está precisamente sobre nós, porque o alto clamor do terceiro anjo já começou com a revelação da justiça de Cristo, o Redentor perdoador do pecado. Este é o começo da luz do anjo, cuja glória encherá toda a Terra.” *Review and Herald*, 22 de Novembro de 1892.

Notai que este testemunho não diz que o alto clamor tinha começado com a declaração directa da queda de Babilónia, mas com a apresentação da justiça de Cristo. A afirmação seguinte é igualmente clara.

“Em Sua grande misericórdia, enviou o Senhor preciosa mensagem a Seu povo por intermédio dos Pastores Waggoner e Jones. Esta mensagem devia pôr de maneira mais preeminente diante do mundo o Salvador crucificado, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo. Apresentava a justificação pela fé no Fiador; convidava o povo para receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus. Muitos perderam Jesus de vista. Deviam ter tido o olhar fixo em Sua divina pessoa, em Seus méritos e em Seu imutável amor pela família humana. Todo o poder foi entregue em Suas mãos, para que Ele pudesse dar ricos dons aos homens, transmitindo o inestimável dom de Sua justiça ao impotente ser humano. Esta é a mensagem que Deus manda proclamar ao mundo. É a terceira mensagem angélica que deve ser proclamada com alto clamor e regada com o derramamento de Seu Espírito Santo em grande medida.” *Testemunhos para Ministros*, 91, 92.

Estas declarações, juntamente com o testemunho da Palavra de Deus na Bíblia, não deixam dúvida de que a mensagem do alto clamor é a revelação da justiça de Cristo. Ele será a mais clara e mais poderosa apresentação da justiça pela fé jamais dada na história deste mundo. Aqueles que acreditam que esta mensagem seja essencialmente a apresentação do Sábado e do Domingo, podem opor-se a este ponto. Ele será um assunto, mas não no sentido duma mera prova de qual é o dia do Senhor. A disputa vai muito mais fundo do que isso. Será uma discussão sobre os princípios que estes dias representam. O Sábado é o símbolo do poder de Deus, que é a justiça de Deus, e o domingo é o símbolo do poder de Satanás, que é a injustiça do nosso poderoso inimigo. Portanto, não será o sábado como uma fria, exigência legal que será pregado pelo verdadeiro povo de Deus durante o alto clamor, mas um Cristo vivo no sábado como a revelação da justiça de Deus.

Um pouco de tempo e espaço foi agora usado a demonstrar que o verdadeiro alto clamor será a apresentação da mensagem da justiça pela fé, que é o evangelho de Jesus Cristo. Por que foi isso necessário? Porque estamos desejosos de conhecer a natureza da falsificação a ser apresentada como obra-prima de engano de Satanás nos últimos dias. Tendo descoberto que a verdadeira mensagem do alto clamor será a apresentação da justiça pela fé, podemos saber que a falsa mensagem será uma apresentação de uma falsa doutrina da justiça pela fé. Isto será verdadeiramente tão semelhante que será impossível distinguir entre o verdadeiro e o falso, excepto pelas Sagradas Escrituras. Sobre isto podemos estar completamente conscientes e plenamente convencidos.

Esta revelação devia ser um pensamento que nos fizesse reflectir, mas faz? Pelo contrário, a reacção geral será a da falsa segurança, porque é a crença comum que, se há alguma coisa em que estejamos estabelecidos, é o evangelho de Jesus Cristo, de modo que há algum perigo de ser enganados por uma contrafacção.

O único propósito desta publicação é alertar todos para o perigo que nos ameaça individualmente, e soar o alarme em face do presente e futuro perigo. Por isso, dizemos da maneira mais sincera e solene que todo aquele que pensa conhecer o evangelho está em perigo de ser enganado pelo falso, e numa posição muito perigosa. Muitos já estão enganados pelo falso evangelho.

O aparecimento da obra-prima de Satanás já não é mais uma coisa do futuro. Ela já aqui está. Tão certo como acreditais que o alto clamor está no futuro imediato, assim devemos saber que o falso já está entre nós, e o testemunho deste tempo é que a maioria está enganada por ele.

O testemunho citado anteriormente de *O Grande Conflito*, 464, descrevendo o poder da chuva serôdia e o alto clamor, conta como Satanás deseja dificultar esse trabalho e como antes de vir o verdadeiro, o falso seria apresentado. Evidência sobre evidência indica que o alto clamor é o próximo grande acontecimento na história da verdadeira igreja de Deus. Tão certamente como assim é, o falso já tem de estar aqui. Mas a pessoa comum não está sequer ciente disso. Ela ainda espera no futuro aquilo que já está entre nós. Nada poderia agradar mais a Satanás; nada poderia ser mais perigoso para nós mesmos. Já há muitos que estão enganados na própria área onde se acredita que estamos mais seguros.

A afirmação de que muitos já estão enganados por Satanás pela contrafacção será contestada por muitos. Mas ainda assim é um facto e a prova disso pode ser dada. Insiste-se para que a mais ponderada, sincera e séria consideração seja dada às evidências que se seguem.

O alto clamor do terceiro anjo pelo qual a obra em todo o mundo será concluída é um acontecimento, que no momento em que este texto foi escrito, ainda está no futuro. É geralmente e correctamente entendido que ele pode ser esperado a qualquer momento agora. De acordo com *O Grande Conflito*, 464, antes que a mensagem seja proclamada, será apresentada a contrafacção. Portanto, a contrafacção já veio.

Não há qualquer desculpa para o fracasso no reconhecimento dessa contrafacção agora que está realmente presente. A identificação é assegurada pela simples aplicação dos testes fornecidos nas Escrituras. No entanto, alguns podem sentir-se incertos sobre como aplicar os testes. Isso pode ser um problema, mas nós somos muito ajudados pelo facto de que o presente é uma repetição do passado. O alto clamor começou uma vez antes. Portanto, a contrafacção final também já esteve no mundo.

Essa antevisão teve lugar nos anos 1888-1893, porque naquela altura, pela primeira, e que deveria ter sido a última vez, o verdadeiro “alto clamor do terceiro anjo” “já tinha começado com a revelação da justiça de Cristo, o Redentor perdoador do pecado.” *Review and Herald*, 22 de Novembro de 1892.

Assim como o verdadeiro alto clamor começou naquela altura, apesar de vir a ser perdido por muitos anos, a falsificação teve de o preceder. Isto é o que a profecia disse que iria acontecer, e assim foi. A contrafacção estava nas igrejas nos anos imediatamente anteriores ao alto clamor em 1888. Assim, temos uma antevisão perfeita do que está a acontecer no nosso próprio tempo. É sempre mais fácil ver a verdadeira identidade de cada lado na luta quando tudo está no passado. Desse modo, somos equipados com os meios não só para identificar facilmente o carácter da contrafacção no presente, mas também para ver quão facilmente o professo povo foi enganado no passado. Isto servirá, esperamos, como um aviso para nos salvar de sermos enganados hoje de forma semelhante.

Pesquiseemos para encontrar o aparecimento da grande contrafacção no passado. Onde devemos procurá-la? “Nas igrejas que puder colocar sob seu poder sedutor” – por outras palavras, as igrejas que guardam o domingo, que tendo rejeitado a mensagem do terceiro anjo, serão os instrumentos através de quem Satanás irá manifestar os seus últimos enganamentos.

O que vamos encontrar lá? Esperaremos ver naquelas igrejas, a pregação que tinha toda a aparência de ser uma mensagem verdadeiramente centrada em Cristo, assistida com o que parecia ser o próprio poder de Deus, e recebida com enorme interesse e fervor religioso.

Houve tal movimento nas igrejas protestantes caídas no período imediatamente antes do aparecimento da mensagem do alto clamor na verdadeira igreja de Deus daquele tempo? Absolutamente que sim!

O que foi esse movimento?

Foi a poderosa onda evangélica que varreu o mundo ocidental, sob a liderança de D. L. Moody, entre o ano 1873 e o ano de sua morte, em 1899.

Ao fazer esta declaração, estamos perfeitamente conscientes do facto que D. L. Moody é quase universalmente respeitado em toda a Igreja Adventista, bem como nas igrejas protestantes como sendo um grande homem de Deus. Acredita-se firmemente que ele foi cheio do Espírito de Deus e que ganhou milhares de almas para Cristo. Só porque muitos acreditam isso tão firmemente não prova que seja verdade. Pelo contrário, tal como a evidência pronta a ser apresentada mostrará, aqueles que acreditam nisso já estão enganados pela obra-prima de Satanás – a contrafacção da mensagem do alto clamor – que veio antes da verdadeira.

Se fostes enganados ao ser levados a crer que Moody era um homem de Deus, então perante vós está a prova de que o vosso conhecimento e a experiência actual não foram suficientes para vos manter a salvo do trabalho enganador de Satanás. A menos que sejais capazes de tirar disto uma lição e trabalhar e estudar diligentemente até estardes tão fundamentados nos grandes princípios da mensagem do advento, ao ponto de poderdes detectar o enganador no seu disfarce, podeis ter a certeza de que nas cenas finais estareis tão enganados pela contrafacção da mensagem da justiça pela fé, que vos encontrareis do lado errado da conflito e perdereis a vossa vida eterna. Não estamos a discutir incidentes neste livro. Estamos a discutir coisas que dizem respeito ao vosso presente e eterno bem-estar; coisas que só um tolo optaria por ignorar e considerar como inconsequentes.

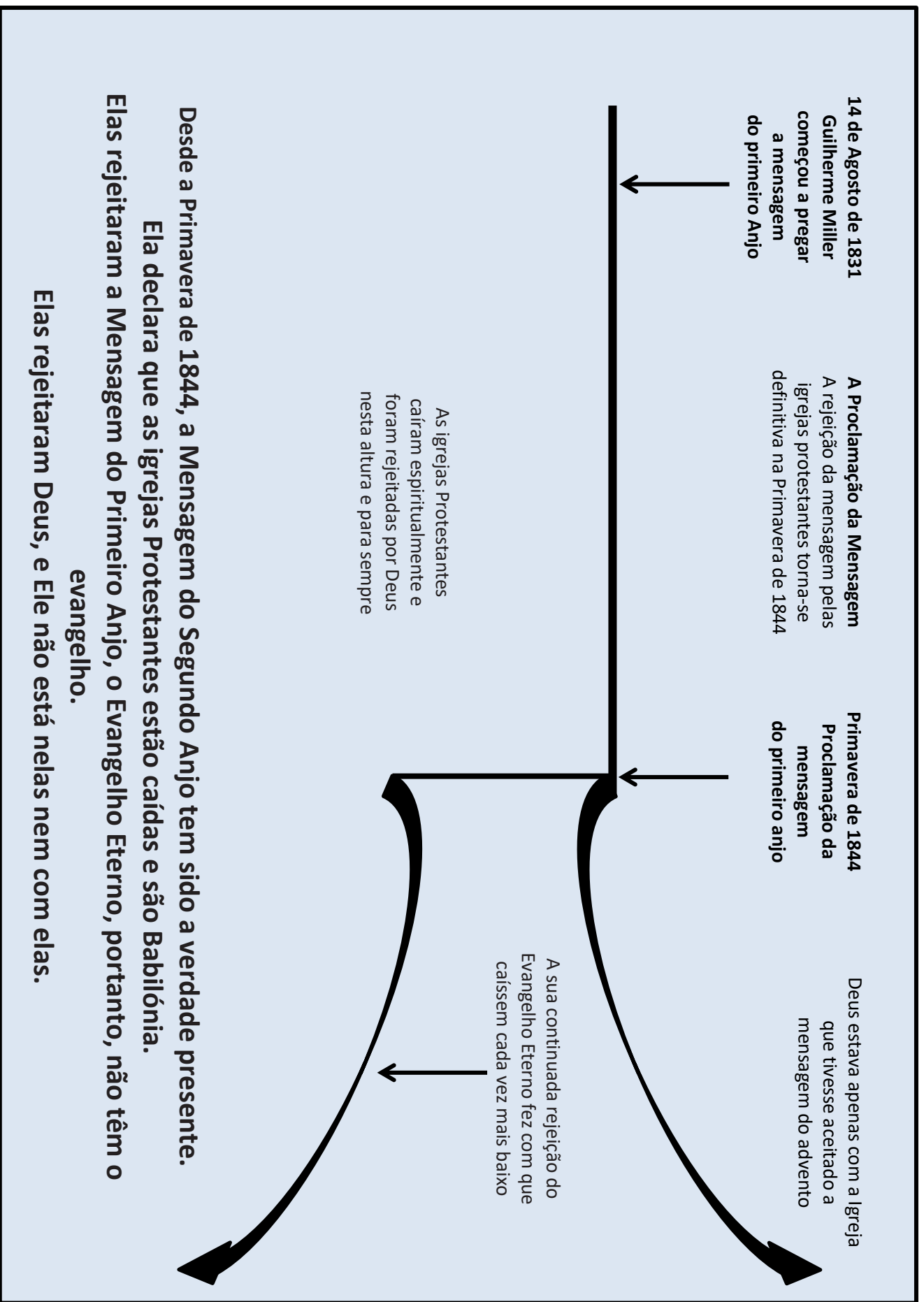
Algumas declarações totalmente claras e decididamente fortes foram feitas acima. É essencial que elas sejam fundamentadas. Considerai o argumento usado no apoio a D. L. Moody como sendo chamado por Deus, a história do qual é a seguinte:

“‘O mundo ainda tem que ver’, comentou Henry Varley, em 1867, quando, com alguns amigos assistia a uma conferência de cristãos, andava num jardim de Dublin, ‘o que Deus fará com, e pelo, e através de, e em, e por, o homem que é completamente e totalmente consagrado a Ele.’ Um visitante da América, um jovem de trinta primaveras, ouvindo, comentou com ele assim: ‘Ele não disse um grande homem, nem um homem conhecedor, nem um homem rico, nem um homem sábio, nem um homem eloquente, nem um homem inteligente, mas simplesmente “um homem.’ Em seguida, em seu coração, ele respondeu: ‘Se Deus me ajudar, vou ser esse homem.’” *The Man Who Moved Multitudes*, por J. Johnstone, Página 9.

Esta história é contada com muita frequência como um desafio aos jovens com vista a entregarem a sua vida a Deus como o jovem Moody, para poderem ser usados por Deus como foi Moody a fim de ganharem muitas almas para Cristo. Assim é, por expressar estes sentimentos, que Moody é apresentado perante a igreja como o grande homem de Deus nessa hora. “Ali”, é declarado, “está uma demonstração do que ‘Deus pode fazer com, e por, e através, e no, e pelo homem que é totalmente consagrado a Ele’”.

Deve ser feita uma clara análise desta proposta para ver se uma tal posição é coerente com Deus e a Sua maneira de fazer as coisas. A data em que D.L. Moody começou o seu ministério é extremamente importante para nós, sendo o ano de 1873. É importante porque 1873 foi um tempo depois de 1844, quando Deus havia dado ao Seu povo a primeira, segunda e terceira mensagens angélicas. A mensagem do segundo anjo declarara que Babilónia caíra e, com ousadia, clara e distintamente, chamado caídas às igrejas denominacionais do protestantismo como sendo Babilónia desse tempo. Qualquer professo adventista do sétimo-dia que não acredite nisto, não é realmente um adventista do sétimo-dia.

Essas igrejas tinham-se tornado a Babilónia caída por causa da sua hostil rejeição das verdades especiais da mensagem do advento que lhes foram enviadas pelos mensageiros escolhidos pelo próprio Deus, como um teste, por um lado, e por outro como uma oportunidade de dar um grande passo em frente. Em primeiro lugar, essas verdades eram as profecias de *Daniel* 8:14 em ligação com o santuário, cujas verdades se desenvolveram depois de 1844 no sábado, o estado dos mortos, a expiação no santuário, reforma do vestuário e da saúde e da reforma educacional, e o Espírito de Profecia.



Aqueles que haviam rejeitado a primeira apresentação de verdade passaram à rejeição dos desenvolvimentos posteriores e, assim fazendo, caíram cada vez mais baixo. Isto é claramente afirmado em *O Grande Conflito*, 389. “A mensagem do segundo anjo de Apocalipse, Capítulo 14, foi primeiramente pregada no verão de 1844, e teve naquele tempo uma aplicação mais direta às igrejas dos Estados Unidos, onde a advertência do juízo tinha sido mais amplamente proclamada e em geral rejeitada, e onde a decadência das igrejas mais rápida havia sido.”

Há o facto número um. A queda ocorreu naquela altura porque a advertência do juízo fora rejeitada. Isso foi suficientemente grave, mas não parou por aí. As coisas não ficaram melhores; agravaram-se.

“A mensagem do segundo anjo, porém, não alcançou o completo cumprimento em 1844. As igrejas experimentaram então uma queda moral, em consequência de recusarem a luz da mensagem do advento; mas essa queda não foi completa. Continuando a rejeitar as verdades especiais para este tempo, têm elas caído mais e mais.”

Há o facto número dois. Houve uma continuação desta rejeição, e as igrejas têm caído mais baixo e, portanto, afastaram-se cada vez mais de Deus. Além disso, a mensagem de *Apocalipse* 14:8 torna-se cada vez mais aplicável a elas e devia ser pregada com inabalável certeza.

Assim, a situação como era, então, é colocada perante nós em termos cristalinos. Resultante do teste e da crise dessa época surgiram dois grupos distintos. O mais pequeno amava e respeitava a grande mensagem do advento e progrediu nela. Esses eram o povo adventista do sétimo-dia. O restante odiava e rejeitava a mensagem. Além disso, as profecias tornam claro que nunca chegará o tempo em que o venham a aceitar. Aqueles que rejeitaram são o caído denominacional ou igrejas protestantes.

À luz destes factos, em qual desses grupos está o Senhor? É evidente que Ele será encontrado com aqueles que aceitaram as Suas verdades. Em qual destes grupos, se manifestará o Seu poder para a conversão das almas e apresentação da mensagem? Mais uma vez, estará entre as pessoas da mensagem do advento.

O que deve ser dito então se grandioso poder se manifestar entre aquelas igrejas que rejeitaram as verdades especiais para este tempo? A única resposta é que ele não pode ser o poder de Deus, mas tem de ser o poder de Satanás, porque o Senhor não dá o Seu poder à promulgação do erro.

Alguns contestarão que isto também é uma atitude sectária, porque é demais confinar a presença e poder de Deus a um povo escolhido. Argumentar-se-á que o Senhor tem pessoas fiéis em todas as igrejas, e podem ser citados testemunhos para provar isto. Será salientado que o verdadeiro povo de Deus não deverá ser apenas encontrado entre os adventistas desse dia. Portanto, será alegado que não podeis dizer que D. L. Moody não era um homem de Deus, ele poderia muito bem ter sido um daqueles fiéis nas igrejas.

Tal ideia é tão fraca que não merece resposta, excepto pelo facto de que tantos parecem aceitá-la sem pensar duas vezes. Não há dúvida de que existem fiéis naquelas igrejas, pessoas que são honestas e verdadeiras. Mas nunca deixai argumentar que por existirem estes poucos fiéis, todo o movimento ainda é de Deus. Tornai esta distinção visível. O movimento é uma coisa. A experiência individual de uma pessoa aqui e ali pode ser algo completamente diferente. Uma pessoa não pode responder por outra. Aqui estamos preocupados com os movimentos e os dirigentes que formam e dirigem o pensamento daqueles movimentos como fez D. L. Moody.

Considerai o ponto a que os movimentos tinham chegado nos anos posteriores a 1844. A crise tinha chegado; as igrejas tinham rejeitado a verdade; o Espírito de Deus tinha-os deixado, e Deus tinha ordenado ao povo do advento que fosse em frente e clara e audivelmente, declarasse que as igrejas denominacionais eram Babilónia, e que o Senhor não estava nelas.

O que D. L. Moody fez não teria surpreendido qualquer adventista que conhecesse as profecias, a Palavra tinha avisado que tais homens poderiam surgir com grande poder para pregar nas igrejas caídas sob a direcção de Satanás.

Se estamos a considerar Moody como sendo um homem de Deus, então existem algumas implicações muito graves. Isso significaria que Deus tinha revelado ao Seu povo o estado das igrejas caídas, e lhes tinha dado a missão de expor o estado daqueles que rejeitaram a verdade, avisando-os de que Deus não caminhava com quem não aceitasse as verdades especiais para esse tempo.

Porém, agora algo está mal com o programa estabelecido. Aqui está um jovem que declara como o mundo ainda tem que ver “o que Deus fará com, e pelo, e através de, e em, e por, o homem que é completamente e totalmente consagrado a Ele.” – Este será esse homem. A história diria que o Senhor estava tão satisfeito com esta consagração a Ele, que vai ao meio de Babilónia dar poder a este pregador babilónico para pregar doutrinas de Babilónia, construir as igrejas de Babilónia, por toda a sua vida. Nunca, em qualquer momento, Moody aceitou e pregação do sábado, a verdadeira doutrina do estado dos mortos, o Espírito de Profecia, a doutrina do santuário como ela engloba o julgamento dos mortos e dos vivos, e a expiação final. Em nenhum momento pregou ele essas coisas, por isso, era um dos que rejeitava aquelas verdades conhecidas e pregada durante esse período.

Trabalha Deus dessa forma? Ordena Ele, em primeiro lugar, ao seu povo que declare que certas igrejas são Babilónia, e depois, quando estão no meio desse mesmo trabalho, vai a essas mesmas igrejas e enche-as do Seu poder? É o Deus a quem nós servimos tão pouco fiável e caprichoso? Nunca! No entanto, à luz de tudo isto há tantos adventistas que acreditam hoje que Moody foi um grande homem de Deus. Ele foi a magistral contrafacção enviada pelo diabo. Moody foi tão bem-sucedido que os adventistas que pensavam serem eles os escolhidos, acreditavam que ele era de Deus exactamente como Satanás pretendia que eles acreditassem. À luz deste facto preocupante e assustador, quão cuidadosos devíamos ser para não crescer complacentemente, assumindo que nunca seremos enganados pelo falso evangelho da chuva serôdia. Se acreditais que Moody foi um homem de Deus, então já estais enredados.

Uma outra consideração é, se o Senhor foi às igrejas caídas e deu a Moody este tipo de poder, porque ele era um homem totalmente consagrado a Ele, então não deve ter havido homens na igreja adventista totalmente consagrados. Que destituição é isto daqueles dedicados pioneiros do movimento adventista. Pensai nisto! Já houve homem mais consagrado a Deus do que James White? Não! Ele deu o seu dinheiro, força, tempo, energia e talento na consagração incondicional e dedicação ao serviço de Deus. Nada era difícil demais, demasiado humilhante ou demasiado grande para fazer para Deus. Ele fez o trabalho, dizem, de três homens, e se matou, servindo ao Senhor. Nunca houve uma consagração maior.

No entanto, somos incentivados a acreditar que Deus ignorou este homem, foi a Babilónia, porque ouviu este jovem Moody falar, e lhe deu uma tremenda medida de poder que James White não parecia ter. Em seguida, enviou aquele jovem a pregar a doutrina de Babilónia em igrejas de Babilónia para construir a força e o poder de Babilónia para o resto da sua vida. É isso lógico? É esta a maneira como Deus trabalha? Claro que não!

Deus não dá a Sua missão a um homem como James White e depois abandona-o e vai a outra igreja, a própria igreja que James White foi chamado a expor e declarar como Babilónia, e dá o Seu poder a essa igreja. Deus não faria isso; e as pessoas na Igreja Adventista do Sétimo-Dia que dizem que D. L. Moody foi um grande homem de Deus estão a negar o poder da mensagem do segundo anjo.

Este argumento devia ser suficiente, mas ele não é toda a prova que pode ser apresentada. Como já foi afirmado, o verdadeiro alto clamor começou em 1888. Lemos a declaração de Deus que a contrafacção virá antes do verdadeiro. Portanto, a falsa mensagem da justiça pela fé veio antes de 1888. Ela tinha que vir, ou então a profecia em *O grande conflito* seria falsa.

Um estudo da vida e obra de D. L. Moody mostra que ele cumpriu todas as especificações desta profecia. O Seu trabalho foi dentro das igrejas que, tendo rejeitado a mensagem do advento, estavam sob o poder de Satanás; ali se manifestou o que parecia ser o derramamento da bênção especial de Deus; multidões exultaram porque pensavam que Deus estava a trabalhar maravilhosamente por eles;

mas foi a obra de outro espírito. A contrafacção era tão semelhante à verdade que era impossível distinguir entre elas, excepto pelas Sagradas Escrituras.

No entanto, apesar do facto de cumprir todas as especificações da profecia; apesar do facto do Senhor ter especificamente advertido que tal mensagem e tal movimento surgiriam em igrejas onde Moody apareceu, o povo adventista tem sido enganado por esta contrafacção como se nunca tivesse sido avisado. Este é um pensamento muito decepcionante, pois se eles foram enganados, que garantias temos nós, que nestes últimos tempos não seremos enganados.

Não se esqueçam que hoje estamos a trabalhar contra o falsificador mestre de todos os tempos – aquele ser que é tão astuto como ser capaz de fazer o preto parecer branco. Ele foi capaz de enganar um terço dos anjos fiéis de Deus para segui-lo completamente. Sabeis que vós e eu não nos comparamos com a glória de um anjo maravilhoso. Não temos a sua força, intelecto, ou sabedoria. Não temos uma vida tão longa. Nunca estivemos na luz da glória da presença de Deus. Portanto, quanto mais somos susceptíveis do que eles!

Se os anjos, com todo o seu poder e força, foram enganados por Satanás, e se Adão e Eva, com todo o seu poder e força foram enganados, então, em que situação nos encontramos hoje? Podemos nós ficar confiantes? Seguros em nós mesmos? Dificilmente!

Agora podemos levantar a questão, tem a mente de Satanás enfraquecido ao longo dos anos? Leiamos agora na página 10 da introdução em *O Grande Conflito*:

“Durante seis mil anos esse espírito superior, que ocupou outrora lugar preeminente entre os anjos de Deus, tem estado devotado a uma obra de destruição e engano. E toda habilidade e astúcia satânicas adquiridas, toda a crueldade desenvolvida nessa luta de longos séculos, serão empregadas contra o povo de Deus no conflito final. É nesse tempo cheio de perigos que os seguidores de Cristo terão de anunciar ao mundo a mensagem do segundo advento de Cristo, a fim de preparar um povo ‘imaculado e irrepreensível’ para a volta do Senhor. 2 Pedro 3:14. Então, como nos dias dos apóstolos, a igreja terá necessidade de uma dotação especial da graça e poder divinos.” .

Por outras palavras, Satanás tem agora atrás dele seis mil anos de experiência – e seis mil anos de preparação, seis mil anos em que a habilidade e subtileza satânica têm sido adquiridas. Por isso ele tem mais agora do que tinha, então, e tudo isto deverá ser levado a exercer pressão sobre o povo de Deus nestes últimos dias. Estamos enfrentando uma luta com enganadores satânicos tais que não pode ser descrito.

3

O Teste do Engano

O objectivo do capítulo anterior destina-se em alguma da sua realidade a expor o facto de que está a chegar a cada homem, mulher e criança nestes últimos dias, o terrível teste do engano. Devia ser uma verdade evidente por si própria que quem não conseguir penetrar o engano vai pagar por isso com a sua vida eterna. Isto faz-nos perceber que o caminho daqui para o reino é de facto perigoso. Não trilheis este caminho com complacência e autoconfiança. Os riscos são demasiado elevados.

Pode perguntar-se por que razão é que cada pessoa que encontre um lugar na terra celestial tem de suportar com êxito esses testes rigorosos e difíceis; pois não há dúvida de que uma obra-prima de contrafacção com a qualidade da envolvida não será fácil de reconhecer e rejeitar. Certamente seria de supor que, se um indivíduo é fiel à verdade de Deus, então deveria ter o seu lugar no reino. Não há nada mais certo do que isso, mas para ser fiel à verdade de Deus, cada um deve ser capaz de rejeitar as falsificações que são concebidas expressamente para afastar da verdade.

Houve um tempo na história distante do Universo quando nada mais havia senão a verdade. Naquele tempo, não havia teologias ou crenças alternativas. Existia em todo o reino de Deus um grande pulsar de perfeita harmonia. Não havia qualquer conhecimento do mal. Tudo o que os anjos e os habitantes dos mundos longínquos precisavam fazer para manter o seu lugar no reino era reter a verdade que tinham – somente o conhecimento do bem. Mas veio o tempo quando um novo elemento foi introduzido. O magistral poder de engano, vindo como veio, vestido com as vestes resplandecentes do anjo mais brilhante no Céu, deu a aparência que Deus era o maligno, e Lúcifer a aparência de ser o salvador da situação, que supostamente existia.

Com grande habilidade e astúcia, Satanás professava ter encontrado uma falha grave na lei de Deus. Ele declarou que havia erro e imperfeição, que Deus era parcial e injusto, e que tinha de haver uma reforma no próprio Deus. Com uma profissão do seu maior interesse altruísta no bem-estar dos seres celestiais, procurou ele alistar o seu apoio e cooperação numa campanha para que Deus mudasse as coisas como ele pensava que deveria ser. Tão hábil, tão subtil, tão persuasivo foi este mestre das mentiras e contrafacções, que foi capaz de ganhar um terço da hoste angelical para o seu lado enquanto o restante, a fim de manter a sua posição no reino de Deus, tinha de discernir a natureza do engano. Se não conseguissem estavam perdidos.

O que é que isso significa? Significa que há uma diferença entre o estado de coisas como eram no Céu antes da queda, e o estado de coisas como são, após a queda. Antes da queda, tinham que ter apenas o conhecimento do bem, a fim de permanecer no Céu, mas depois da queda era um caso de

ter o conhecimento do bem e a capacidade de detectar o enganador no seu disfarce para distinguirem entre a verdade e o erro.

Quando Lúcifer e os anjos que se rebelaram com ele foram expulsos do Céu, isso deixou uma grande lacuna no reino celestial que teve de ser reabastecida. Como os anjos não se casam nem são dados em casamento (*Mateus 22:30*), eles não têm o poder de reprodução. A lacuna não poderia ser preenchida por este meio. A única maneira de superar isto foi pôr em prática uma obra de criação, e foi com esse propósito que o mundo foi criado e o homem colocado sobre ele.

“Deus criou o homem para Sua própria glória, para que depois de testada e provada, a família humana pudesse tornar-se uma com a família celestial. Era o propósito de Deus repovoar o Céu com a família humana.” *The S.D.A. Bible Commentary* 1:1082. Comentário de Ellen G. White.

“Todo o Céu tomou profundo e alegre interesse na criação do mundo e do homem. Os seres humanos constituíam uma nova e distinta ordem.” *The Review and Herald*, 11 de Fevereiro de 1902.

“Todo o Céu tomou profundo e alegre interesse na criação do mundo e do homem. *Os seres humanos eram uma nova e distinta ordem*. Foram feitos ‘à imagem de Deus’ e é o desígnio do Criador que povoassem a Terra.” *The Review and Herald*, 11 de Fevereiro de 1902.

Como uma ordem nova e distinta, a família humana tinha um poder que os anjos não têm – o poder da reprodução. Parece evidente que a necessidade de dar este poder ao homem foi criada pelas diferentes condições envolvidas neste momento em manter o número de lugares no reino. Agora havia o teste do engano que não existia antes. Se, com a presença desse risco, o Senhor tivesse criado directamente o número exacto de anjos em substituição e os colocasse na Terra para o seu período de formação, antes de preencherem os lugares vazios, e o maligno conseguisse seduzir mesmo uma parte deles a pecar, Deus teria sido frustrado, necessitando de mais uma obra da criação e, por sua vez, mais o risco de perda de uma parte.

Mas, ao criar o homem com o poder de reproduzir, este problema é resolvido, mas não sem a intervenção do plano de salvação. Embora a grande maioria do povo desta Terra em toda a sua história tenha sido enganada pela grande contrafacção, sempre houve uma minoria de fiéis em cada geração que escapou ao poder deste engano. É só uma questão de esperar até que o número necessário esteja totalmente composto por este remanescente fiel para o propósito de Deus em repovoar o Céu ser alcançado. Ele também explica por que não haverá casamentos e dar-se em casamento no Céu. Os remidos tomarão o lugar de Lúcifer e dos anjos que caíram com ele, de modo que a perfeita organização original e o equilíbrio do Céu será restaurado.

Para o homem ascender a essa posição, tem de ter mais do que os anjos tinham no Céu *antes* da queda. O que eles tinham era um conhecimento, e a lealdade à verdade, sem terem sido sujeitos a qualquer teste. Mas, desde o aparecimento do grande enganador, as condições mudaram. A partir desse momento, ninguém poderia permanecer no Céu e ninguém pode entrar lá novamente, a menos que tenha provado pela experiência e demonstração de que pode ficar firme do lado da verdade face aos mais ilusórios argumentos em contrário. Este conhecimento dá um novo ângulo ao objectivo de alcançar um lugar no reino celestial. Todos nós devíamos despertar para uma atitude de muito maior e mais cuidadosa, vigilância em oração, perante as tentações insidiosas que surgem no nosso caminho dia a dia.

Nunca poderia a necessidade de vigilância ser maior do que é hoje, e daqui em frente até às cenas finais. A razão para isto é que o tempo em que vivemos hoje é o tempo de todos os tempos para o aparecimento de muitos falsos cristos e falsos profetas. As Escrituras são muito claras acerca disto nas suas advertências. *Mateus 24:21, 22* fala da grande tribulação: “porque haverá então uma tribulação tão grande, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá.

“E se aqueles dias não fossem abreviados, ninguém se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias.”

A tribulação referida é a longa noite da perseguição papal que durou de 538 d.C., até quase ao final dos mil, duzentos e sessenta anos, em 1798. Isto é tornado claro no mesmo capítulo pelo texto que diz: “Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua

claridade, as estrelas cairão do firmamento ...” *Mateus* 24:29. Esses estranhos fenómenos ocorreram perto do fim do século XVIII e início do XIX, confirmando que a tribulação que antecede esses sinais foi a longa noite da Idade das Trevas.

Tendo referido este período nos versículos anteriormente citados, Cristo adverte o seguinte: “Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis;

“Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos.

“Vede que vo-lo tenho predito.

“Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis.

“Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem.” *Mateus* 24:23-27.

Aqueles contra quem somos advertidos, aparecendo em números plural nestes últimos dias *são falsos cristos e falsos profetas*. Eles não vêm como abertos inimigos da verdade, mas como contrafações da verdade.

Entre aqueles que se opõem à verdade viva de Deus estão homens tão educados, corteses, prestáveis, calmos, e amáveis, que poderíeis perguntar-vos: “Como pode uma pessoa assim ser um inimigo de Deus? Exteriormente, ele tem todas as marcas da conversão. Certamente, por tudo o que eu posso ver este homem é um verdadeiro filho de Deus” Mas não permitam que vos enganem. Não é esse o teste – os ministros da injustiça vêm até nós como anjos de luz para enganar e atrair o povo de Deus. Neste contexto, há um testemunho muito esclarecedor, que foi suprimido do registo da visão dada em *Primeiros Escritos*,¹ mas que apareceu na versão original da visão e revela que os milagres que o diabo opera são verdadeiros milagres de aparentes conversões. Os tocados pelo seu poder parecem ter sido realmente convertidos.

A versão integral da visão encontra-se reproduzida em fac-símile em *Ellen G. White e Seus Críticos* por F. D. Nichol, página 222, do artigo original em *Present Truth*, de Agosto de 1849, páginas 21, 22.

“Eu vi que os misteriosos sinais e maravilhas e as falsas reformas aumentariam e se espalhariam. As reformas que me foram mostradas não eram reformas do erro para a verdade; mas de mal a pior, porque aqueles que professavam uma mudança de coração tinham a envolvê-los apenas uma capa religiosa, que cobria a iniquidade de um coração ímpio. Alguns pareciam ter sido verdadeiramente convertidos, de modo a enganarem o povo de Deus; porém, se os seus corações pudessem ser vistos, apareceriam mais negros do que nunca.”

Toda a alma que professa ser um filho de Deus deve reconhecer o aviso dado. Aqueles que são agentes de Satanás parecerão ser realmente convertidos para um propósito final e específico – enganar e afastar o povo de Deus da verdade. De facto diabólica é a obra de Satanás. Ele não tem nem misericórdia, nem escrúpulos e deleita-se com a cruel destruição do povo de Deus em particular. Estejam atentos e em guarda.

Quando uma pessoa *parece* para ser *verdadeiramente* convertida, será ela cortês? Certamente! Será gentil e paciente? Com certeza! Transportará por fora todas as marcas aparentes da conversão. Satanás é capaz de dar às pessoas a aparência de conversão, mas “se os seus corações pudessem ser vistos, apareceriam mais negros do que nunca.” Se pudésseis estar constantemente com elas mostrar-se-iam como realmente são – apenas pessoas que têm em torno de si o engano da aparente conversão.

Nos últimos dias teremos milagres – verdadeiros, inegáveis milagres de conversões *aparentes* – operados pelos ministros de Satanás. Vão ensinar uma mensagem que parecerá ser a doutrina de

¹ Não está a ser feita aqui qualquer tentativa para inferir que a omissão de *Primeiros Escritos*, 45, da maior parte do testemunho referido acima, é trabalho posterior dos editores ou afins. Pelo contrário, parece ter sido o trabalho da própria autora, por algum motivo ou outro. A parte omitida começa com as palavras, “mas de mal a pior”, e continua até ao final da selecção acima citada.

Cristo. Ela terá o mesmo *aspecto* e o mesmo *som*, mas o povo de Deus saberá pela sua Palavra, que não é a mesma porque existem diferenças distintas.

Já seria suficientemente grave se houvesse apenas um falso profeta ou um falso Cristo para enfrentar, mas as Escrituras falam deles no plural. “Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque *muitos* falsos profetas têm saído pelo mundo fora.” *1 João* 4:1.

Cada um destes virá com a aparência de justiça. Serão gentis, corteses, sinceros, zelosos e ternos, mas não devemos aceitá-los apenas com base nesses méritos. Devemos primeiro testar as suas credenciais na Palavra de Deus e, em seguida, tomar as nossas decisões.

Uma profecia que mostra as condições do tempo em que vivemos é encontrada em *The Review and Herald*, 13 de Dezembro de 1892.

“Depois da verdade ter sido proclamada para testemunho a todas as nações, será posto em acção todo o concebível poder do mal, e as mentes serão confundidas por muitas vozes clamando: ‘Eis aqui o Cristo; ei-Lo ali. Isto é a verdade. Tenho a mensagem de Deus, Ele enviou-me com grande luz’. Serão removidos então os marcos, e far-se-á uma tentativa para demolir as colunas da nossa fé. Será feito o mais decidido esforço para exaltar o falso sábado e lançar desprezo sobre o próprio Deus, substituindo o dia que Ele abençoou e santificou. Esse falso sábado terá de ser imposto por uma lei opressiva”.

Não é difícil ver que estas declarações estão a ser cumpridas. Algumas já estão no passado. Elas começam no momento em que a verdade foi proclamada como testemunho a todas as nações. Isso aconteceu no início da década de 1950. Podereis recordar-vos das declarações em *The Review and Herald* em que os dirigentes adventistas mostraram que a mensagem havia sido proclamada a toda a nação, tribo, língua e povo do Tibete, sendo um dos últimos países a quem a verdade foi apresentada. O que deve acontecer em seguida? A profecia diz que será posto em acção todo o concebível poder do mal. Não reconhecemos que a imoralidade, vício, e maldade, foram libertados nos anos cinquenta como nunca antes?

O que vem a seguir? “As mentes serão confundidas por muitas vozes” todas afirmando ter a mensagem e grande luz. Nunca se ouviram tantas vozes como na década de 1950, um homem subindo aqui ou um grupo ali, ou um homem noutro lugar, muitos deles, dizendo cada um “Tenho a mensagem de Deus, Ele enviou-me com grande luz e verdade para este tempo.” Elias, parece, ter aparecido uma e outra vez sempre com uma mensagem diferente e contraditória. As palavras de *Testemunhos* 5:80 já não são mais uma profecia. Elas são a verdade presente.

“Estão rapidamente se aproximando dias quando haverá grande perplexidade e confusão. Satanás, trajado com vestes angelicais, enganará, se possível, os próprios escolhidos. Haverá muitos deuses e senhores. Soprará todo vento de doutrina”

Estes dias já não estão mais a aproximar-se porque eles já chegaram. Não estamos nós a enfrentar estas coisas? Hoje, há muitos “deuses e muitos senhores.” Sopra todo o vento de doutrina, com cada homem afirmando ter a mensagem de Deus para este tempo. Têm todos estes homens, e *todos* esses movimentos, a mensagem da verdade presente? É Deus o autor de confusão, divisão e dispersão? Claro que não! Todavia algures, nalgum lugar, Deus tem uma voz. Deus tem um movimento a quem está ensinando a Sua verdade, e não apenas a um indivíduo aqui e ali.

Para encontrar e permanecer com esse povo a quem o Senhor está ensinando a Sua verdade, e ficar com a verdade e esse povo, é a tarefa de todos os que estão verdadeiramente preocupados com a vida eterna. Haver tantas vozes afirmando que têm a verdade torna a tarefa mais difícil e perigosa. Mas pode e deve ser feito, se quisermos ser salvos. Não é suficiente ter apenas o que os anjos tinham no reino antes da queda. Temos essa vitória sobre o poder do engano. Este é o grande teste que todos precisamos passar com sucesso. Fracassar vai custar a vida eterna, enquanto o sucesso garante a bem-aventurança de uma eternidade na Terra renovada. Não descanseis satisfeitos. Verificai a vossa posição actual. Podeis já ser vítima do engano. Agora mesmo podeis estar caminhando para um enredamento numa rede da qual não há escapatória.

Não é suficiente para este livro alertar para o actual e crescente perigo. Ele também deve mostrar o caminho da libertação. Ele deve mostrar como detectar o enganador no seu disfarce, para que cada alma honesta seja capaz de escapar. Oramos para que nos capítulos seguintes isto seja explicado pela Palavra de Deus em termos tão claros e convincentes, que cada leitor seja capaz de suportar o teste e ser encontrado entre a feliz multidão sobre o mar de vidro.

4

Examinai Esses Espíritos

Este livro vai ajudar-vos enquanto vos dirige para as claras verdades da Palavra de Deus. O reconhecimento e a aceitação da avaliação dos acontecimentos presentemente ainda em desenvolvimento será um poderoso factor na nossa salvação. Falhar assegurará a destruição eterna.

“Apenas os que forem diligentes estudantes das Escrituras, e receberem o amor da verdade, estarão ao abrigo dos poderosos enganadores que dominam o mundo. Pelo testemunho da Bíblia estes surpreenderão o enganador em seu disfarce. Para todos virá o tempo de prova. Pela cirandagem da tentação, revelar-se-ão os verdadeiros crentes. Acha-se hoje o povo de Deus tão firmemente estabelecido em Sua Palavra que não venha a ceder à evidência de seus sentidos? Apegar-se-á nesta crise à Bíblia, e a Bíblia só? Sendo possível, Satanás os impedirá de obter o preparo para estar em pé naquele dia. Disporá as coisas de tal maneira a lhes obstruir o caminho; embarçá-los-á com os tesouros terrestres; fá-los-á levar um fardo pesado, cansativo, a fim de que seu coração se sobrecarregue com os cuidados desta vida, e o dia de prova venha sobre eles como um ladrão.” *O Grande Conflito*, 625, 626.

Se “Apenas os que forem diligentes estudantes das Escrituras, e receberem o amor da verdade, estarão ao abrigo dos poderosos enganadores que dominam o mundo”, deve haver nas Escrituras o que lhes dará o poder e a capacidade de detectar “o enganador em seu disfarce.” O Senhor estabeleceu linhas de medição e testes de detecção através dos quais podemos saber com certeza se o ensino que nos é recomendado vem de Deus ou de Satanás.

É a nossa tarefa procurar estas linhas de orientação e tornar-nos tão familiarizados com elas de maneira a podermos aplicá-las de forma rápida e com êxito. Ao fazer isto, deve ser lembrado que, em cada caso o teste é um exame da *doutrina* que nos está a ser apresentada, *não uma análise do carácter ou dos motivos das pessoas envolvidas*. Só Deus pode julgar o carácter e motivação, mas é-nos exigido que examinemos e avaliemos os ensinamentos dos homens, e sejamos capazes de avaliar as posições que eles tenham tomado, juntamente com as suas implicações.

A exigência de Deus é: “Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus.” *1 João* 4:1.

Provar, significa testar e examinar. Temos de fazê-lo e decidir se o homem que diz – seja verbalmente ou simplesmente pela consequência das suas actividades – ser enviado de Deus, fala a verdade.

Nós fizemos isso anteriormente em relação a D. L. Moody. Provámos as suas credenciais e declarámos com base nas informações dadas na Palavra de Deus que ele não era de Deus. Fazer isso não está fora da ordem de Deus. Nós não dissemos que ele era um homem mau com maus motivos e carácter. Nós apenas dissemos que ele e a sua mensagem não eram de Deus.

Para muitos isto será visto como uma afirmação inaceitável. Eles opor-se-ão com base na ordem de Cristo, “Não julgueis, para que não sejais julgados.” *Mateus 7:1*. A Palavra de Deus não se contradiz. Portanto, não pode haver nada neste versículo que anule a clara ordem de Deus, “provai se os espíritos são de Deus.” Olhando um pouco mais, encontramos que quando a Igreja Primitiva obedeceu à ordem, receberam uma forte palavra de louvor de Deus por tê-lo feito. “Conheço as tuas obras,” disse o Senhor, “e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos, e o não são, e tu os achaste mentirosos.” *Apocalipse 2:2*.

Estas evidências não deixam dúvida que o Senhor espera de nós, não só testar e examinar aqueles que afirmam ser de Deus, mas realmente *ordenou* isso. Se não seguirmos essa ordem e formos enganados pelas contrafacções e enganos do mundo de hoje, a perda da nossa própria alma será inteiramente culpa nossa. Quando testarmos estes mestres e os seus ensinamentos, sejamos cuidadosos para permanecer dentro dos limites estabelecidos por Cristo quando disse: “Não julgueis, para que não sejais julgados.” Não cabe a nós julgar a sua motivação, o seu carácter, o seu zelo, ou a sua sinceridade. Esta é a prerrogativa de Deus somente.

Observai que as próprias pessoas, que nos acusam de não ter o direito de declarar que Moody não era um homem de Deus, são condenadas pelo seu próprio raciocínio falacioso. No mesmo facto em que categoricamente declaram Moody ser um homem de Deus, o têm julgado. É verdade que a maioria das pessoas pensam em julgamento como condenação, mas julgar é chegar a qualquer conclusão resultante de uma investigação. Se, num tribunal de justiça, o juiz declara um homem inocente e, portanto, livre, fez um julgamento do mesmo modo como se houvesse declarado o homem culpado.

Quando aqueles que apoiam Moody declaram que ele era um homem de Deus julgaram-no, assim nós fizemos quando afirmamos que ele não era um homem de Deus. Se o texto que eles usam nos condena, ele também os condena a eles.

Neste ponto, gostaríamos de salientar alguns factos que devem ser levados em consideração. Haverá algumas coisas directas ditas em relação aos ensinamentos de certos homens e igrejas nas próximas páginas. Para muitos, estas declarações serão inaceitáveis. No entanto, elas serão apenas as conclusões da cuidadosa aplicação dos testes referidos nas palavras da Escritura. O que nós fizermos será feito em estrita obediência à ordem, “provai os espíritos” e vede “se eles são de Deus”.

Não vamos julgar o carácter, motivações, sinceridade, ou o coração de qualquer homem ou igreja. Nós deixamos o Senhor cuidar disso. Se o leitor se lembrar disso e entender estes princípios, o livro será uma bênção, mesmo que possam aplicar-se as palavras: “Duro é este discurso; quem o pode ouvir?” *João 6:60*. Caso contrário, o coração se levantará contra a mensagem e a condenará.

Recebemos a ordem “*provai os espíritos,*” para *ver* se eles “são de Deus”, ou não. Obedeçamos! Não há nada que o diabo mais tema. Não há nada que precisemos fazer mais urgente do que isto.

A Bíblia dá uma série de testes com os quais podemos identificar o anticristo e detectar o enganador no seu disfarce.

O primeiro mencionado aqui é o dito por Jesus. “Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores.

“*Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?*” *Mateus 7:15, 16*.

Outro teste é dado no Antigo Testamento. “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles.” *Isaías* 8:20.

Depois, há o testemunho da palavra profética que traça o desenvolvimento do anticristo e nos mostra onde esperar que ele se erga e opere.

A aplicação cuidadosa destes testes permitirá a qualquer investigador sincero da verdade, identificar o anticristo no seu disfarce, e assim ser salvaguardado dos enganos destes últimos dias. Bem poderíamos nós usar tempo e espaço em cada um destes testes, mas há ainda um outro com o qual estamos mais interessados no presente estudo, porque é um dos especialmente aplicáveis neste caso. Ele encontra-se em *1 João* 4:1-3.

“Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.

“Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus;

“E todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que já agora está no mundo.”

É fundamental estabelecer que o teste dado aqui é válido para todos os tempos. Esta observação é feita porque há aqueles culpados de ensinar a doutrina do anticristo, que, quando confrontados com este teste, impetuosamente se levantam de imediato para defender que ele somente se aplica a uma situação que existia nos dias de João, e não se aplica agora.

Uma tal objecção é tão obviamente auto defensiva que dificilmente merece uma resposta, mas como é feita deve ser respondida. A própria declaração torna claro que o teste é para todos os tempos. A declaração de que Cristo não veio em carne, é a revelação do espírito do *anticristo*. O espírito do anticristo é a própria natureza desse poder odiado por Deus, que nunca mudou desde os tempos mais antigos, quando se manifestou primeiramente no coração de Lúcifer no Céu, até agora. O espírito não mudou, as tácticas não mudaram, e a guerra e os seus objectivos não foram alterados. *Eles são os mesmos em todos os tempos e gerações.*

“A Igreja de Roma apresenta hoje ao mundo uma fronte serena, cobrindo de justificações o registro de suas horríveis crueldades. Vestiu-se com roupagens de aspecto cristão; *não mudou, porém*. Todos os princípios formulados pelo papado em épocas passadas, existem ainda hoje. As doutrinas inventadas nas tenebrosas eras ainda são mantidas. Ninguém se deve iludir. O papado que os protestantes hoje se acham tão prontos para honrar é o mesmo que governou o mundo nos dias da Reforma, quando homens de Deus se levantavam, com perigo de vida, a fim de denunciar sua iniquidade. Possui o mesmo orgulho e arrogante presunção que dele fizeram senhor sobre reis e príncipes, e reclamaram as prerrogativas de Deus. Seu espírito não é menos cruel e despótico hoje do que quando arruinou a liberdade humana e matou os santos do Altíssimo.... E, convém lembrar, Roma jacta-se de que nunca muda.” *O Grande Conflito*, 571, 581.

Esta é a razão por que a Bíblia chama ao anticristo do Novo Testamento, o mesmo nome como era chamado o anticristo do Antigo Testamento. Esse nome é Babilónia. A Babilónia dos dias de Daniel foi a Babilónia dos tempos de João, e é a mesma Babilónia hoje. É verdade, as fronteiras geográficas mudaram; os poderes políticos que lhe deram o seu apoio já passaram e foram substituídos por outros; os seus disfarces e subterfúgios tornaram-se ainda mais subtis, mas apesar de tudo, *ela ainda é a mesma*, e ainda possui e manifesta o *mesmo espírito*.

Nos dias de João, o apóstolo amado, era o trabalho desse espírito negar que Jesus Cristo veio em carne. Para obter a plena força e as implicações desse facto, deixai que seja lembrado que uma semente produz um fruto semelhante, assim onde quer que esse espírito se encontre, continuará a produzir o mesmo resultado, e ainda continuará a negar as mesmas verdades. No tempo de João, ele

negou a verdade que Cristo veio em carne. Hoje ainda fará o mesmo. O espírito do anticristo não mudou no mínimo.

O Espírito de Deus também não mudou. Ele é “o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente.” *Hebreus* 13:8. Nos dias de João, o Espírito de Deus declarou que Jesus Cristo veio em carne. Não só foi essa a verdade na altura, mas era então o meio pelo qual o Espírito de Deus podia ser identificado. Essa verdade não se alterou desde aquela época e o Espírito de Deus ainda fala a mesma verdade agora. Se ela era o meio de identificação do verdadeiro espírito de Deus, então, certamente irá ser o meio de identificar o verdadeiro Espírito de Deus hoje.

No tempo de João, houve apenas dois espíritos no mundo. O Espírito de Cristo e o espírito do anticristo. Esses dois espíritos ainda continuam aqui hoje e não mudaram. O que ambos fizeram e ensinaram na altura fazem-no e ensinam hoje. O que negaram naqueles dias negam presentemente. Os meios pelos quais foram identificados, então, são os mesmos pelos quais podem ser identificados hoje. *Naquela altura*, era verdade que “Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus”, *hoje* assim é igualmente.

Nesse caso, era verdade que “todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que já agora está no mundo.” E hoje, é do mesmo modo um teste de confiança e infalível. Não há qualquer exceção. “Todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, ...” não importa quão claramente uma igreja possa ter sido chamada por Deus no primeiro caso, quão zelosa possa ser nos seus esforços para pregar a sua mensagem, quão audível e definida seja a sua proclamação, e quanto a sua influência seja generalizada; ela tem de estar à medida daquele teste para ter o espírito de Deus. Se ela negar no mais pequeno pormenor que Jesus Cristo veio em carne, então ela tem o espírito do anticristo e não o espírito de Deus. Ela é Babilónia e o povo de Deus deve separar-se dela.

Quão bondoso e sustentador é o nosso Pai Celestial, que, ao olhar para os séculos passados vê a obra da contrafacção e engano do grande anticristo, nos forneceu um teste pelo qual podemos distinguir entre o verdadeiro e o falso espírito. Ele deu-nos uma linha de medição, com a qual temos de aferir as pretensões e os ensinamentos de todo o espírito que aparece no nosso caminho. Este é um teste dado por Deus, portanto é infalível no qual pode ser colocada a maior e mais confiante certeza. Ele nunca nos deixará desde que seja aplicado com o cuidado e a profundidade necessários pela Palavra de Deus. Tão infalível e preciso é este critério que pode ser verdadeiramente dito, “Nisto conhecereis...” se temos fé na Palavra de Deus e se levamos e usamos essa linha de medição.

Este teste e a exigência de o aplicar e viver por ele não deve ser encarado com ligeireza. A Palavra de Deus não o considera assim. João, escrevendo novamente na sua segunda epístola, versículos 7-11, disse numa linguagem muito forte.

“Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo.

“Olhai por vós mesmos, para que não percamos o que temos ganho, antes recebamos o inteiro galardão.

“Todo aquele que prevarica, e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus. Quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto ao Pai como ao Filho.

“Se alguém vem ter convosco, e não traz esta doutrina, não o recebeis em casa, nem tampouco o saudeis.

“Porque quem o saúda tem parte nas suas más obras.”

Estes versículos que lidam com os meios pelos quais o anticristo pretende enganar o mundo, são dignos da mais próxima e mais cuidadosa consideração. O versículo 7 declara, mais uma vez, que a

doutrina que Cristo não veio em carne, é o trabalho de um enganador e de um anticristo. Deus sabe que este ensinamento representa um perigo real para os crentes, porque eles poderiam perder a mensagem que lhes foi ensinada. “Olhai por vós mesmos”, alertou João, “para que não percamos o que temos ganho, antes recebamos o inteiro galardão.”

Não é conclusivo que essa doutrina do anticristo, que Jesus não veio na carne, é uma forma muito sutil, quando até mesmo o crente na verdadeira doutrina de Cristo está em perigo de a perder? Ela não *parece* ser um ensinamento mau, mas sim a própria verdade em si mesma. Mas notem bem. Essa doutrina não nega que Cristo veio. Ela não nega que Cristo veio em carne, mas que veio *na* carne. Sendo, como é, a doutrina do anticristo, será uma contrafacção e, por conseguinte, tão semelhante à verdadeira quanto é possível ser. Só quem pode aplicar o teste como resultado de ser um cuidadoso e honesto, estudante da Bíblia e porque tem uma experiência pessoal no poder de Deus, será capaz de distinguir o verdadeiro do falso.

Tendo alertado para o perigo de perder aquelas coisas que são a verdade, João deixa claro as consequências de tal perda. “Todo aquele que prevarica, e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus.”

É evidente que a doutrina do anticristo é a doutrina de que Cristo não veio *na* carne. Esta “doutrina de Cristo” é o ensinamento de que Cristo veio de facto *na* carne. Existe a linha de medição que distinguirá o falso do verdadeiro. Vamos aprender a usá-la para a salvação das nossas almas, e para a finalização da obra em todo o mundo.

5

Podemos Ter Obediência Perfeita

Discernir e distinguir a doutrina de Cristo e do anticristo, ou, por outras palavras, aplicar o teste de Cristo e do anticristo, requer mais do que uma técnica ou abordagem teórica para o problema. “O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente... Se o nosso evangelho está encoberto, para os que estão perdidos: nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus.” *1 Coríntios 2:14; 2 Coríntios 4:3, 4.*

Quando Jesus perguntou aos discípulos sobre quem diziam os homens que Ele era, e eles responderam que alguns declaravam ser Ele João Baptista, Elias, Jeremias, ou um dos profetas, Cristo perguntou-lhes quem eles pensavam que Ele era. Quando Pedro demonstrou pela sua resposta que reconhecia que Cristo era Deus em carne, Jesus lhe disse: “Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus.” *Mateus 16:17.*

Pedro viu e compreendeu a doutrina de Cristo. Ele sabia que, mesmo que possa ter sido vagamente, que Jesus não era apenas um mero homem como a maioria das pessoas, mas que Ele era Deus em carne. Jesus garantiu-lhe que esta compreensão não veio como resultado do raciocínio humano, mas pela iluminação espiritual. Da mesma forma hoje, a verdadeira compreensão da natureza de Cristo é adquirida pela iluminação do Espírito de Deus. Ela é mais do que o simples conhecimento técnico ou teórico que Ele veio na carne. Tem de haver um ponto principal e uma finalidade para a Sua vinda daquela forma, dando uma tal compreensão da natureza e dos objectivos da encarnação que seremos capazes de compreender por que a negação da verdade que Cristo veio em carne, significa o espírito do anticristo e a inimizade a Cristo e Sua Palavra.

Para desenvolver tal entendimento temos de olhar para a própria natureza do grande conflito, para ver o que Satanás está procurando alcançar e o que Cristo, por Sua vez, tem de fazer para “desfazer as obras do diabo.” *1 João 3:8.*

“Desde o início do grande conflito no Céu, tem sido o intento de Satanás subverter a lei de Deus. Foi para realizar isto que entrou em rebelião contra o Criador; e, posto que fosse expulso do Céu, continuou a mesma luta na Terra. Enganar os homens, levando-os assim a transgredir a lei de Deus, é o objetivo que perseverantemente tem procurado atingir. Quer seja isto alcançado pondo de parte toda a lei, quer rejeitando um de seus preceitos, o resultado será finalmente o mesmo. Aquele que tropeçar ‘em um só ponto’, manifesta desprezo pela lei toda; sua influência e exemplo estão do lado da transgressão; torna-se ‘culpado de todos.’ *Tiago 2:10.*

“Procurando lançar o desprezo sobre os estatutos divinos, Satanás perverteu as doutrinas da Escritura Sagrada, e assim se incorporaram erros na fé alimentada por milhares dos que professam crer nas Escrituras.”

Agora vamos fazer uma pausa, antes de citar a próxima frase. Até agora temos aprendido que desde o início do grande conflito no Céu, tem sido o propósito de Satanás derrubar a lei de Deus, e ele continuou esse trabalho na Terra. Isso explica o passado. E o futuro? Lê-se:

“O último grande conflito entre a verdade e o erro não é senão a luta final da prolongada controvérsia relativa à lei de Deus. Estamos agora a entrar nesta batalha — batalha entre as leis dos homens e os preceitos de Jeová, entre a religião da Bíblia e a religião das fábulas e da tradição.” *O Grande Conflito*, 582.

Aqui somos avisados de que o último grande conflito entre a verdade e o erro é a luta *final* da longa controvérsia a respeito da lei de Deus. Esta batalha é entre as leis dos homens e os preceitos de Jeová. É entre a religião da Bíblia e a religião das fábulas e da tradição.

Anteriormente, nós lemos que o último grande conflito será travado sobre as questões da mensagem de Cristo e Sua justiça, o que para alguns parece contradizer a afirmação de que o último grande conflito é uma questão entre a lei de Deus e as leis dos homens. Para eles isso sugere duas áreas completamente diferentes da batalha. Mas não é assim. A lei não pode ser separada do evangelho. O propósito do evangelho é produzir perfeita obediência à lei de Deus, e o seu trabalho começa com o pressuposto de que a lei pode ser cumprida por seres humanos que foram transformados pelo poder criativo de Deus em criaturas recém-nascidas e que dependem do poder sustentador de Deus para os manter todos os dias.

Quando, nos últimos tempos, Satanás sair para a batalha contra a doutrina de Cristo, ele está com certeza e directamente em conflito contra a lei de Deus a qual ele deseja que todos transgridam. Até agora, este estudo torna claro que o trabalho de Satanás tem sido eficaz através do poder do engano. Ele engana para derrubar a lei de Deus, mas não precisamos de estar na ignorância quanto ao que é o engano.

Cristo declarou o carácter de Satanás como sendo de um mentiroso e homicida. Este carácter é exposto quando entendemos e vemos a sua operação no mundo do pecado. Jesus disse aos fariseus dos Seus dias:

“Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira.” *João* 8:44.

Uma contrafacção é uma mentira. Um engano também é uma mentira. Satanás é o grande falsificador, ele é o grande enganador, e, portanto, ele é o grande mentiroso. Segue-se que cada mentira que Satanás procura realizar sobre a família humana é concebida para enganar e trazer a imitação da obra de Deus. Jesus veio para dar a vida aos filhos de Deus! “Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.” Se Jesus veio para nos dar a vida, e Satanás procura destruir as obras de Jesus Cristo, então o que é que Satanás procura trazer-nos? Ele procura trazer-nos a morte! A morte é a porção dos que são enganados pelos seus sofismas.

Satanás procura seduzir a família humana com muitos enganos. Mas queremos pegar num deles no coração da controvérsia que começou no Céu e que continuou aqui sobre esta Terra desde sempre. Este será o tema da última grande batalha entre o bem e o mal. Esta controvérsia diz respeito à lei de Deus, que está intimamente relacionada com a doutrina de Jesus Cristo.

“O que encobre as suas transgressões, nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia.” Provérbios 28:13. Se os que escondem e desculpam suas faltas pudessem ver como Satanás exulta sobre eles, como escarnece de Cristo e dos santos anjos, pelo procedimento deles, apressar-se-iam a confessar seus pecados e deixá-los. Por meio dos defeitos do carácter, Satanás trabalha para obter o domínio da mente toda, e sabe que, se esses defeitos forem acariciados, será bem-sucedido. Portanto, está constantemente procurando enganar os seguidores de Cristo com seu fatal sofisma de que lhes é impossível vencer. Mas Jesus apresenta em seu favor Suas mãos feridas, Seu corpo moído; e declara a todos os que desejam segui-Lo: ‘A Minha graça te basta.’ 2 Coríntios 12:9. ‘Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Por que o Meu jugo é suave, e o Meu fardo é leve.’

Mateus 11:29, 30. Ninguém, pois, considere incuráveis os seus defeitos. Deus dará fé e graça para vencê-los.” *O Grande Conflito*, 489.

Lede esta última frase novamente para obter o pleno impacto e significado. Satanás sabe que, se conhecidos defeitos de carácter forem mantidos, então ele pode controlar toda a mente e derrubar a alma completamente. Para conseguir isso, ele está a procurar constantemente enganar ou a perpetrar uma mentira sobre uma determinada classe de pessoas. Quem são elas? Os seguidores de Cristo! Se professais ser seguidores de Jesus Cristo, então sois o alvo específico de Satanás nos seus enganar. Sois os únicos a quem Satanás está continuamente a tentar enganar com este sofisma fatal.

A obra de engano será levada avante pelo sofisma, e é um sofisma fatal. Considerai o que é um sofisma. É uma mentira do mais astuto e plausível tipo, que parece e soa como a coisa real. De todas as coisas más, é o mais provável que passe como verdade. Ser enganado por tal mentira tem sempre custo elevado. É suficientemente dispendioso quando rouba dinheiro, entes queridos, reputação, ou algo semelhante. Mas quando ele nos rouba a própria vida, isso é o fim de tudo. Não poderia haver um tipo de sofisma mais perigoso do que este. Fatal significa que termina na morte, e a morte aqui referida não é apenas a primeira morte, mas a morte eterna da qual não haverá ressurreição.

Se, como um filho de Deus, eu sou o alvo constante do trabalho enganador de Satanás, arquitectado para trazer minha eterna destruição, poderia haver algo mais importante do que saber o que é a mentira? Não! Este engano, este sofisma fatal, é a doutrina de que é impossível para nós, vencer o pecado ou guardar a lei de Deus. É a mentira de Satanás que é impossível ser gentil, amoroso, paciente, generoso, tolerante, vencer o apetite, a paixão, a luxúria, a inclinação, e assim por diante. Sei, por experiência própria, e vós também podeis testemunhar isso. Quando estais presos sob as garras de algum hábito durante dez, vinte ou trinta anos e por fim cara a cara com ele, reconheceis a sua pecaminosidade e o desejo de o abandonar, e na luta por vos livrar dele, percebeis a sua atracção, e o seu poder, então o que descobris ser o vosso pensar? “Eu não posso desistir dessa coisa, ela é tanto uma parte de mim; fez parte de mim tanto tempo; tenho lutado contra ela tão arduamente, e, no entanto, por muito que tenha lutado e orado como fiz, ela volta novamente.” E lá vem à vossa mente esta sugestão, esta crença: “Isto é uma coisa da qual não posso desistir, ela ficará comigo para sempre.”

Sabereis então quem é o autor desse pensamento. Satanás! É uma mentira de *Satanás* que não podeis ser perfeitos, *Satanás* mente que não podeis vencer o pecado. Deus declara que não há nenhuma tentação, nenhum pecado, nenhuma fraqueza ou fragilidade, nenhum defeito e nenhuma deficiência, que não possam ser superados através do poder do evangelho de Jesus Cristo – nem um! Como crentes, devemos saber isso. Sempre que ouvirdes um homem levantar-se e pregar que a lei não pode ser cumprida na sua totalidade e perfeição, podeis saber que esse homem está reproduzindo sentimentos de Satanás.

Uma experiência que abriu os meus olhos teve lugar no final de 1950. Pela manhã, neste sábado em particular, eu estava a ensinar uma classe razoavelmente grande da Escola Sabatina, a lição desse dia contendo o texto, “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.” *Mateus* 5:48. Por causa do reavivamento da mensagem da verdadeira justiça pela fé como apresentada por Waggoner e Jones em 1888, houve bastante controvérsia sobre este texto, portanto, determinei abordar a questão com cuidado.

Quando chegámos a ele na lição, eu disse para a classe, “Aqui é uma Escritura, que é o centro de algum debate e controvérsia. Mas está aqui na Palavra de Deus e, portanto, contém uma mensagem para nós. O que achais vós que ela significa?”

Imediatamente, um dos irmãos, um principal ancião da Igreja, falou. “Todos os dias temos de sair e batalhar com o diabo, e todos os dias somos derrotados. Todos os dias podemos esperar cometer pecado. É inevitável. Mas o facto de ter cometido pecado não significa que tenhamos mudado de lado; ainda somos leais a Deus; Ele compreende, perdoa, e dá um novo começo todos os dias.”

Esta resposta era tão típica de todos aqueles que rejeitaram e resistiram à mensagem de Waggoner e Jones, que eu não pude conter-me sem lhe perguntar o que certas outras Escrituras significam

quando dizem, “porque o pecado não terá domínio sobre vós” “Acordai para a justiça e *não pequeis* mais.” “Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar.” “Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória.” *Romanos 6:14; 1 Coríntios 15:34; 10:13; Judas 24*. Então parei e esperei pela sua resposta.

A assistência ficou completamente silenciosa. Depois de um momento ou dois o pastor começou a falar em voz baixa, sem levantar o olhar. “Temos que ter muito cuidado para não levantar o padrão tão alto para não desencorajar o povo de Deus.” Achei muito difícil acreditar que alguém dissesse realmente as palavras que ouvi a seguir, e eu nunca vou esquecê-las. Ele disse, “Eu não sei exactamente o que as Escrituras que citou significam, *mas isto eu sei: elas não significam exactamente o que dizem*.” Eu estava tão perplexo com aquela resposta que não soube o que dizer. Deixei esse texto e passei ao resto da lição da Escola Sabatina, e terminei quando a campanha nos convocou de volta à assembleia principal.

Não importa para mim de quem as palavras vêm. Quando eu encontro um homem que declara que inevitavelmente tem de cometer o pecado todos os dias, e a Palavra de Deus não significa exactamente o que diz, estou a ouvir um homem que diz que é impossível guardar a lei de Deus. Tão certo como ouço esse homem, sei em nome de quem ele está a falar. A mentira de Satanás, o seu fatal sofisma, é este – é impossível para nós vencer. Já o lemos na Palavra de Deus, mas existem outros textos e testemunhos para esse efeito.

“Satanás apresenta a divina lei de amor como uma lei de egoísmo. Declara que nos é impossível obedecer-lhe aos preceitos.” {DTN 12}, *O Desejado de Todas as Nações*, 24.

Notai o que Satanás diz. Ele declara que é impossível obedecermos aos seus preceitos. A fim de nos convencer disto, ele aponta para os pecados da casa de Israel, as pessoas a quem a lei de Deus havia sido dada e que diziam obedecer-lhe. Se não podiam obedecer-lhe, não era esta a prova evidente de que a lei não podia ser obedecida? Este argumento é falso. Seria bom se os filhos de Deus pudessem entender melhor a falsidade de tais afirmações. Era verdade que Israel não tinha cumprido a lei. Mas o facto de Israel não a cumprir não era prova de que ela não podia ter sido obedecida. Esta distinção deve ser mantida em mente. Durante milénios, o homem nunca voou pelo ar como um pássaro, mas o facto de não o ter feito não era a prova de que não podia, como foi finalmente demonstrado.

Porém, do outro lado do argumento, o facto de que se a lei fosse guardada, nem que fosse só por um homem, é prova de que ela pode ser obedecida pela humanidade. Apesar de Israel como nação ter decepcionado o Senhor, Deus não estava sem testemunhas de que a lei poderia ser cumprida. No Antigo Testamento há vidas contra a qual não existe qualquer registo de desobediência. Neste contexto referimos homens como José, Daniel, Enoque e Jó. Destes homens, a Jó foi dado o alto privilégio de provar para satisfação do Senhor e consternação do diabo, que a lei podia ser obedecida mesmo sob as circunstâncias mais difíceis e severas. Esta história é uma grande bênção e encorajamento para nós. É especialmente útil porque ela regista uma ocasião em que Satanás veio e declarou a sua posição a respeito da obediência à lei.

A avaliação que Deus faz do Seu servo fiel é encontrada no livro de Jó. “Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó; e era este *homem íntegro, reto* e temente a Deus e desviava-se do mal. Em *Jó 1:6* começa o drama.

“E num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles.

“Então o Senhor disse a Satanás: ‘Donde vens?’ E Satanás respondeu ao Senhor, e disse: ‘De rodear a terra, e passear por ela.’”

Aparentemente houve uma assembleia onde todos os filhos de Deus, os primogénitos dos filhos de cada planeta, se reuniram para encontrar-se com Deus em algum lugar do Universo. Satanás

tornou-se o príncipe da Terra desde a queda de Adão e veio apresentar-se como representante desta Terra. Então Deus perguntou-lhe “Donde vens?” Satanás respondeu: “De rodear a terra”.

“E disse o Senhor a Satanás: ‘Observaste tu a meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus, e que se desvia do mal.’

“Então respondeu Satanás ao Senhor, e disse: ‘Porventura teme Jó a Deus debalde?’

“Porventura tu não cercaste de sebe, a ele, e a sua casa, e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste e o seu gado se tem aumentado na terra.

“Mas estende a tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face.” *Jó 1:8-11.*

Esta é uma afirmação grave e precisa mais do que uma outra *declaração* para a contradizer. Caso contrário, seria apenas a palavra de uma pessoa contra a de outra. Uma *demonstração*, porém, não pode ser desmentida. Este princípio fundamental é facilmente reconhecido na procura do homem por voar. Durante milhares de anos, a maioria dos homens não acreditava que o homem poderia voar. Mas, por fim, dois jovens lançaram-se ao trabalho e provaram para sempre que o homem podia voar como os pássaros e até mesmo mais alto. Estes dois jovens norte-americanos foram os primeiros a pilotar uma máquina mais pesada do que o ar. Como é que eles provam que o voo é possível – fazendo discursos e produzindo fórmulas numa viagem fazendo palestras pelo país? Não, eles simplesmente avançaram e voaram. A sua demonstração mostrou para sempre que podia ser feito.

Jó guardou a lei de Deus e era um homem perfeito e recto; isto constituía uma demonstração *diária* de que a afirmação de Satanás era uma mentira.

A questão de Deus ascendeu a esta proposta: “Satanás, estás a gastar todo o teu tempo e energia andando de cá para lá a fim de promover esta mentira que a lei não pode ser guardada, mas aqui está a exposição da tua mentira na vida do Meu servo Jó. O que tens a dizer sobre isso?” Deus não estava a vangloriar-Se sobre Satanás. Ele não estava a dizer, “Ah, ganhei o argumento.” Ele não funciona dessa forma. Sim, Deus estava a estender um apelo amoroso a Satanás para salvá-lo de causar mais problemas a si mesmo e à raça humana. Mas a resposta de Satanás, “Porventura teme Jó a Deus debalde? ...” Mais o absorveu no seu caminho do mal.

Aqui Satanás referiu-se à sua experiência no Céu. Ele estava a dizer, “Eu sei que Jó está a servir-Te com fidelidade, mas não fiz isso também? Eu servi-Te durante milénios até descobrir o Teu verdadeiro carácter e, em seguida, descobri ser impossível. Estás a dar prosperidade a Jó como antes deste a mim. Está a dar-lhe tudo o que o seu coração deseja. Ele está cego por estes dons e não vê o Teu carácter opressor e egoísta. Mas”, disse Satanás a Deus, “tira-lhe essas bênçãos; mostrar-Te como és, e tal como eu deixei de obedecer, Jó fará o mesmo.”

Curiosamente, Deus não tirou as posses de Jó. Ele permitiu que Satanás o fizesse. Jó evidentemente, não podia ver por trás da cena. Parecia que tinha sido Deus quem lhe tirou estas bênçãos e trouxe esta temível e terrível calamidade sobre ele. Desta forma, Satanás procura cobrir o seu trabalho destruidor.

Num dia, foram levados os filhos e as filhas de Jó. Aqueles de vocês que perderam um filho ou uma filha na morte, ou um marido ou esposa, sabe a tristeza que vem de um rude golpe assim, especialmente se são levados na flor da vida, sem qualquer tipo de aviso. Jó perdeu mais do que isso. Foram sete filhos e três filhas, os filhos morreram todos num só dia. Os seus rebanhos, gado, servos, e bens também foram levados, não deixando nada. Podeis imaginar uma experiência mais terrível e devastadora? Mas ele disse pacientemente, “o Senhor o deu, e o Senhor o tomou: bendito seja o nome do Senhor.”

Essa era a fé a ser invejada, e uma fé a ser copiada.

Satanás veio novamente e recusou-se persistentemente a reconhecer a integridade de Jó, Deus permitiu que ele ferisse Jó da cabeça aos pés com terríveis úlceras. Todos temos experimentado feridas num momento ou outro. Que desconforto elas são! Podemos sentar-nos ou deitar-nos somente em determinadas posições e desejamos ser libertados da constante agonia. Mas aqui estava Jó com feridas da cabeça aos pés. Não importa como se sentasse, ou deitasse, ou estivesse de pé, tinha

sempre que fazer pressão sobre alguma dessas terríveis inflamações. Que indizível miséria e sofrimento ele passou. Tudo o que ele podia fazer era juntar um monte de cinzas macias para sentar-se e desse modo obter algum alívio.

Nas profundezas da sua miséria, tendo desaparecido os seus filhos, bens, saúde, três ministros da religião, Elifaz o temanita, e Bildade o suíta, e Zofar o naamatita; combinaram condoer-se dele, para o consolarem. Estes homens eram respeitados teólogos desse tempo. Eles deviam ter sido os porta-vozes de Deus, como confessavam ser. Mas a avaliação que Deus fez destes homens é encontrada no capítulo final do livro, onde Deus diz a Elifaz, o temanita: A minha ira se acendeu contra ti, e contra os teus dois amigos, porque não falastes de mim o que era reto, como o meu servo Jó.” *Jó 42:7*.

Se esses três homens não tinham pronunciado o que era recto em relação a Deus, o Deus da verdade, o que falaram eles? Uma mentira. Se estes homens falaram uma mentira, eram servos de quem? Servos de Satanás. Eles alegaram ser pregadores de religião; eles apresentaram um grande conhecimento da Palavra de Deus; eles eram respeitados pelo povo. Mas isso não os tornou servos de Deus. Ninguém pode jamais ser servo de Deus enquanto falar as mentiras de Satanás. Esse seria uma testemunha, não do poder de Deus, mas do poder de Satanás.

As palavras de Deus a Elifaz, mostram onde é que esse homem se situava e quem era o seu mestre. Tendo isso sido determinado, as suas palavras em *Jó 4:12-21* podem ser melhor compreendidas. Este homem alegou que disse, não as suas próprias palavras, mas palavras de inspiração.

“Uma coisa me foi trazida em segredo; e os meus ouvidos perceberam um sussurro dela.

“Entre pensamentos vindos de visões da noite, quando cai sobre os homens o sono profundo,

“Sobrevieram-me o espanto e o tremor, e todos os meus ossos estremeçeram.

“Então um espírito passou por diante de mim; fez-me arrepiar os cabelos da minha carne.

“Parou ele, porém não conheci a sua feição; um vulto estava diante dos meus olhos; houve silêncio, e ouvi uma voz que dizia:...”

Naturalmente, ele alegou que a sua inspiração vinha do Deus do Céu e gostaria que todos os que o ouviam pensassem da mesma forma para que as suas palavras tivessem mais valor. Embora saibamos que Elifaz alegou inspiração, as palavras de Deus no último capítulo de *Jó* provam que Deus não havia falado por Elifaz. Se não foi o Espírito de Deus que falou por Elifaz, na visão de noite – porque foi de facto um espírito que lhe falou, que espírito era? Só poderia ter sido o outro espírito, o espírito de Satanás.

As palavras de Elifaz são palavras de Satanás. Elas são os *seus* sentimentos, a sua mensagem, a sua filosofia, a sua mentira. Como tal, elas dão ao diligente estudante da Bíblia uma percepção da mentira de Satanás por isso ele pode reconhecê-las e evitá-las como uma praga. Aqui está essa mentira.

“Poderá algum mortal ser mais justo que Deus? Poderá algum homem ser mais puro que o seu Criador?”

Esta é a tradução da *Nova Versão Internacional* da Bíblia. A maioria das traduções dizem “Seria porventura o homem mortal justo perante Deus?” Essa pergunta não é uma pergunta, mas sim uma questão teórica destinada a desprezar qualquer outra resposta que não fosse uma certa resposta que seria, “Claro que não, porque isso seria um impossível.”

A intenção desta pergunta fica clara quando Elifaz responde a si mesmo. “Se Deus não confia em seus servos, se vê erro em seus anjos e os acusa, quanto mais nos que moram em casas de barro, cujos alicerces estão no pó! São mais facilmente esmagados que uma traça!” *Nova Versão Internacional*.

Quando Elifaz disse a Jó, “Poderá algum mortal ser mais justo que Deus? Poderá algum homem ser mais puro que o seu Criador?” ele estava realmente a dizer, “Jó, queres convencer-me que acreditas que um homem pode ser puro e justo? Não estás seguramente tão longe da verdade como de ter essas ideias e pensamentos! Olha e vê que mesmo os anjos foram acusados de loucura e expulsos do Céu por causa disso. Se a perfeição angélica não conseguiu cumprir os padrões de Deus,

então, quanta esperança tem o homem mortal de estar à altura dos padrões das expectativas de Deus?”

Tais argumentos apresentam Deus como sendo um duro capataz cujos desejos caprichosos nunca poderiam ser satisfeitos por alguém. Havia alguma verdade nas evidências apresentadas neste argumento. Certos anjos *foram* acusados de loucura, mas isso foi porque tinham entrado num caminho de pecado. Eles não precisavam de ter feito isso, mas uma vez que se haviam desviado da obediência e cooperação na rebelião e engano, o seu curso de acção ameaçava de tal maneira todo o reino de Deus que o Senhor não tinha qualquer escolha senão expulsá-los do Céu.

Terem feito isso não provava que *tinham* de o fazer. Não provava que eles *tinham* de entrar num caminho que Deus teria de os condenar, não porque Se ofendeu pessoalmente, mas porque o comportamento deles traria a ruína sobre si mesmos e todos os outros que viessem a juntar-se a eles. Observai que Satanás não fez qualquer referência aos “Dez mil vezes dez mil e milhares de milhares de anjos” que permaneceram leais a Deus e em quem o Senhor não encontrou nenhum defeito e não os acusou de erro. O facto destes não terem caído em pecado, prova que o resto poderia ter feito o mesmo.

À luz destes factos que revelam o carácter falacioso do argumento de Satanás por intermédio do seu servo Elifaz, levantemos a questão outra vez, “Pode o homem mortal ser justo diante de Deus? Pode um homem ser puro diante do seu Criador?” O que respondereis? Hesitareis, incertos, indecisos? Respondereis rapidamente como a maioria das pessoas, que um homem não pode ser puro diante do seu Criador? Ou podeis, com uma forte e viva fé no transformador poder protector do evangelho de Jesus Cristo, declarar que um homem pode ser justo aos olhos de Deus de acordo com os Seus requisitos? O que diríeis honestamente? Este é um excelente teste da vossa fé e crença e da vossa identificação com Cristo ou anticristo.

“Pode o homem ser justo diante de Deus, pode o homem ser puro diante do seu Criador?” Com certeza que pode se quiser, e se tiver a fé para crer nas promessas de Deus para lhe tirar o velho coração de pedra e dar-lhe uma nova vida no lugar da antiga. Não está no homem fazê-lo *por si mesmo*, porque *isso* é uma impossibilidade. Mas a questão que se nos coloca é saber se o homem pode mesmo fazê-lo. A resposta é que ele pode através dos meios disponibilizados pela virtude do sacrifício de Cristo na cruz.

É *Satanás* quem diz que isso não pode ser feito. Mas o que é ele? Ele é um mentiroso e tem sido mentiroso desde o início, quando se rebelou contra Deus. Se ele é um mentiroso, então não vamos encontrar qualquer segurança em acreditar nele. Ele declara que a lei de Deus não pode ser cumprida, que é impossível nós vencermos, que não podemos ser perfeitos nesta vida, e que pecaremos todos os dias. O Senhor nunca disse isto, mas declara o contrário. Como Ele é a verdade e nunca diz uma mentira, a nossa única segurança está em crer n’Ele e n’Ele só.

Colocai a Palavra de Deus ao lado de acusações de Satanás para ver do que se trata a controvérsia. Ela é bem expressa em *Deuterónimo* 30:11, 12, 14.

“Porque este mandamento, que hoje te ordeno, não te é encoberto, e tampouco está longe de ti.

“Não está nos céus, para dizeres: Quem subirá por nós aos céus, que no-lo traga, e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos?”

“Porque esta palavra está mui perto de ti, na tua boca, e no teu coração, para a cumprires.”

O mandamento referido aqui é a lei dos Dez Mandamentos, dada por Deus ao Seu povo através de Moisés no Monte Sinai. No início do discurso de Moisés, ele citou-a para eles como se encontra em *Deuterónimo* 5:6-21. O texto é quase idêntico à versão em *Êxodo* 20. Tendo citado os mandamentos, Moisés, no seu último grande sermão, prossegue explicando e amplificando aquelas leis para eles. Aqui está o padrão que o Senhor estabeleceu como a única regra para o sucesso e para a própria vida. É o próprio código que Satanás diz que não pode ser obedecido por qualquer ser criado. Mas, em *Deuterónimo*, Moisés, como porta-voz de Deus, declara que este mandamento “não te é encoberto, e tampouco está longe de ti.”

Não estar “encoberto”, indica que não está fora do nosso alcance, e não é demasiado difícil para nós cumprirmos. A *Revised Standard Version* diz: “Porque este mandamento, que eu hoje te ordeno não é demasiado difícil para vós, nem tampouco está longe de ti.” Esta mensagem declara que a lei da vida e da liberdade pode ser cumprida na perfeição. Não está fora do alcance do cristão nascido de novo. *Podemos fazê-lo.*

Este não é o único lugar na Palavra de Deus, onde o Senhor declarou que os Seus mandamentos podem ser cumpridos. Uma e outra vez Ele disse que devem ser cumpridos e que devemos ser perfeitos. Tais ordens supõem que aquilo que o Senhor nos pede para fazer não está além do que é possível. Considerai quão injusto e sem amor Deus seria se continuamente esperava que nós obedecêssemos a uma lei que não podia ser obedecida ou cumprida e, em seguida, nos condenaria como desobedientes quando não conseguíssemos cumprir uma lei que de qualquer maneira não podia ser cumprida.

Há teólogos que hoje insistem muito no amor de Deus. Este é um tema favorito de sermão. No entanto, ao mesmo tempo, declaram que a lei de Deus não pode ser obedecida, que se trata de um jugo de servidão, que todos nós somos imperfeitos, e que teremos de pecar todos os dias.

Considerai quão grande contradição é tal pregação. No primeiro caso, não há amor em fazer uma lei tão difícil que não pode ser cumprida. Depois, como no caso de Lúcifer e daqueles que o seguiram, ser expulso do Céu por causa de falhar em cumprir esta lei que não pode ser cumprida, manifesta ainda menos amor. Para a família humana, a situação é idêntica. Por transgredir a lei fomos expulsos do Paraíso, e não voltaremos para lá até que tenhamos passado o exame de um julgamento planeado para descobrir se aprendemos a guardar a lei ou não.

“Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus;

“O qual recompensará cada um segundo as suas obras; a saber:

“A vida eterna aos que, com perseverança em fazer bem, procuram glória, honra e incorrupção;

“Mas a indignação e a ira aos que são contenciosos, desobedientes à verdade e obedientes à iniquidade;

“Tribulação e angústia sobre toda a alma do homem que faz o mal; primeiramente do judeu e também do grego;

“Glória, porém, e honra e paz a qualquer que pratica o bem; primeiramente ao judeu e também ao grego;

“Porque, para com Deus, não há acepção de pessoas.

“Porque todos os que sem lei pecaram, sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram, pela lei serão julgados.

“Porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados.” *Romanos 2:5-13.*

“Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal.” *2 Coríntios 5:10*

“E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo.” *Hebreus 9:27.*

Cada homem, mulher e criança na Terra deve passar o juízo investigativo do julgamento em que as suas acções serão analisadas e serão julgadas de acordo com o que fizeram, quer seja bom ou mau. A lei dos Dez Mandamentos será o padrão desse julgamento, o meio pelo qual cada caso será examinado. Quanto amor haveria em Deus, se fosse impossível ao homem guardar a lei pela qual será julgado? Absolutamente nenhum. Tal Deus seria cruel e sádico. Deus não é assim, mas esse é o carácter que lhe é atribuído por aqueles que declaram que a lei não pode ser cumprida.

Todos os que professam amar o Senhor devem entender que a lei pode ser cumprida até à perfeição pelos filhos de Deus que foram libertos da escravidão do pecado e transformados na natureza, a fim de produzir os bons frutos da justiça. Esta é a declaração de Deus sobre o assunto, que é totalmente contrária à declaração feita por Satanás. Estes são os dois lados do grande conflito.

Enquanto Deus não apenas afirma que a lei pode ser cumprida na sua totalidade e busca trazer os homens de volta à sua plena obediência, Satanás, alega que ela não pode ser cumprida e procura manter o homem num contínuo estado de desobediência.

Satanás usa vários dispositivos nesta guerra. Uma das suas armas favoritas é sugerir que nós podemos fazer *certas* coisas, mas que não é possível obedecer em *tudo*. A pessoa em geral é capaz de evitar os grandes pecados abertos como assassinato, roubo, entre outras coisas, mas as supostas coisas pequenas como impaciência, apetite, e malícia são diferentes. Assim, Satanás procura fixar na mente o conceito de que a lei não pode ser cumprida. Esta é a crença em que ele deseja ver todos solidamente estabelecidos.

Esta é uma tática muito bem-sucedida, pois, se acreditais que é impossível guardar a lei, não tereis a fé que isso pode ser feito. Toda a justiça, que é o perfeito cumprimento da lei, é obtida apenas por meio da fé; se não tiverdes fé, não sereis capazes de ser justos.

Toda a esperança de alcançar a justiça começa com a firme convicção de que a lei pode ser cumprida, mesmo que não tenhais encontrado a forma de a guardar e não tiveres êxito na vossa busca por algum tempo. Aconteça o que acontecer, é essencial durante o período de pesquisa, que nunca abdiqueis da firme convicção de que a lei pode ser cumprida. Se o sucesso não vem, é apenas porque o conhecimento de *como* a lei pode ser cumprida ainda está em falta.

Perante cada um fica a escolha. Podemos crer e viver a mentira de Satanás ou podemos crer e viver a verdade de Deus. De que lado, pois, nos posicionaremos? Acreditamos na mentira de Satanás e sofremos a morte eterna, ou aceitamos a grande verdade de Deus e, através do Seu poder salvador, somos conduzidos à obediência que traz a vida eterna. Esta é a questão – a questão que cada um tem de enfrentar, a questão que será o grande tema no conflito final. Foi isso que começou o grande conflito no Céu, e que culminará no encerramento das cenas finais da história da Terra.

Há homens que foram ministros durante muitos, muitos anos, homens que deram a sua vida ao serviço da Igreja, homens dedicados, homens aparentemente sinceros, homens com uma evidente amplitude e profundidade de conhecimento em muitas coisas que podem expressar esse conhecimento e, no entanto, levantam-se e com ousadia dizem que a lei de Deus não pode ser cumprida. Devo eu acreditar neles? Deveis vós acreditar neles? A sua posição tem algum peso neste argumento? A sua longa experiência, o conhecimento e a devoção têm qualquer peso?

Nunca!

Todo aquele que, de alguma forma, declara ou mesmo sugere que a lei de Deus não pode ser cumprida, não é um mensageiro de Deus, mas de Satanás. Enquanto por vezes esses homens digam claramente que a lei não pode ser cumprida, é mais frequente a negação ser de algum modo disfarçada. Eles começam o sermão mesmo com a afirmação de que devemos ser perfeitos e terminam-no com a certeza de que isso afinal não pode ser feito. Sublinharão as imperfeições da natureza humana, que a cada dia vamos cair sob o poder do pecado, mas isso não é motivo de preocupação porque não significa que temos passado para o lado do inimigo.

Existem alguns fragmentos de verdade produzidos através de tais sentimentos, mas a mensagem geral é de derrota e morte. Tende a certeza de que tais insinuações são a voz de Satanás, que são a marca do anticristo.

Nesta fase do nosso estudo pode parecer que nos afastámos para longe do teste descrito em *1 João* 4:1-3. À medida que prossigamos, será mostrada a íntima relação entre esta questão do grande conflito e o tema da natureza de Cristo na encarnação. A base de trabalho aqui apresentada é muito necessária.

Seria bom reflectir sobre os factos até agora mostrados. É a marca do *anticristo negar que Cristo veio em carne*. É a marca de Satanás, que é o grande e principal anticristo, *declarar que a lei de Deus não pode ser cumprida*. Correctamente entendido será visto que estas duas marcas distintivas do anticristo não são duas identificações distintas e diferentes. Elas *são uma e a mesma*.

6

O que Prova a Encarnação

Satanás pode apontar os incontáveis exércitos deste mundo que não obedecem à lei de Deus, como prova de que as suas afirmações estão certas. Para piorar a situação, ele também pode apontar o professo povo de Deus que, da mesma forma, falha em manifestar o verdadeiro espírito cristão em todas as suas relações. Ele argumenta que estas pessoas, que professam ser filhos de Deus, não guardam a lei de Deus, afirmando isto como uma prova de que a lei não pode ser cumprida.

Permanece o facto de que a maioria que está do lado de Satanás é uma maioria enganada e não constitui, portanto, um voto a favor da sua posição.

Mas Deus tem feito muito mais do que simplesmente fazer uma declaração. Ele sabe que nada pode ser provado apenas com isto. Se assim fosse, Deus poderia ter declarado o Seu argumento quando Lúcifer, com uma mente perfeita, um corpo perfeito e uma perfeita vida espiritual, no ambiente perfeito do reino do Céu, foi tentado e caiu em pecado. Adão e Eva com uma natureza humana perfeita e a vida divina de Deus nessa natureza, com mentes perfeitas e um ambiente perfeito, da mesma forma, foram tentados e caíram em pecado e apostasia. Se a declaração da Palavra de Deus tivesse sido suficiente na altura para guardar os anjos e os homens do pecado, então a palavra de Deus seria suficiente hoje.

Seria de esperar que a Palavra de Deus declarada teria uma tal irrevogabilidade e autoridade para resolver a questão de uma vez por todas. Mas não é assim. Se pudesse ter sido resolvido apenas pela afirmação de Deus, dizendo o que é certo e o que é errado, o assunto nunca se tornaria numa controvérsia no primeiro caso. Mas chegou um momento em que Lúcifer perdeu a fé na palavra de Deus, por isso esta deixou de ter autoridade para ele. Ele enganou um terço dos anjos e depois o homem, com o resultado de que as declarações de Deus são insuficientes para resolver a questão. Algo mais é necessário – a prova de uma demonstração irrefutável.

De acordo com as leis da aerodinâmica – tanto quanto os cientistas as entendem – o zangão não teria qualquer esperança no mundo de voar, mas voa. Em que é que acreditamos – nas declarações dos cientistas ou na demonstração feita pelo zangão?

Deus providenciou a demonstração da obediência perfeita na encarnação de Jesus Cristo. Jesus não veio apenas para morrer pelos perdidos. Essa, embora fosse uma parte muito essencial da Sua obra, não era toda a Sua missão. Ele veio para viver uma vida de obediência perfeita na mesma carne e sangue, como a vossa ou a minha, de modo que a questão de saber se isso pode ser feito é eternamente resolvido e a nossa salvação está assegurada, pois se o diabo fosse capaz de provar o seu ponto de vista de que a lei não pode ser cumprida, o reino de Deus seria destruído e não haveria salvação para ninguém.

“Deus conosco’ é a certeza de nossa libertação do pecado, a segurança de nosso poder para obedecer à lei do Céu.” {DTN 13}, *O Desejado de Todas as Nações*, 25. Para ganhar alguma coisa

da força deste testemunho, precisamos de compreender a expressão “Deus conosco”. Esta é uma outra maneira de expressar a ideia de Deus na carne. Na medida em que é “Deus conosco”, a carne tem de ser exactamente a mesma carne como a nossa, caso contrário Ele não poderia estar verdadeira e completamente entre nós.

Uma e outra vez este pensamento é repetido nas revelações do Espírito de Deus. Jesus Cristo como Deus e homem, que Se colocou em pé de igualdade com o homem, deu um exemplo perfeito da obediência que Deus espera de nós. A plenitude dessa demonstração dada por Cristo nesta situação é que também nós, na mesma carne e sangue, e na mesma situação, podemos conceder a mesma obediência a Deus para nosso proveito e vantagem.

“Satanás apresenta a divina lei de amor como uma lei de egoísmo. Declara que nos é impossível obedecer-lhe aos preceitos. A queda de nossos primeiros pais, com toda a miséria resultante, ele atribui ao Criador, levando os homens a olharem a Deus como autor do pecado, do sofrimento e da morte. Jesus devia patentear esse engano. Como um de nós, cumpria-Lhe dar exemplo de obediência.” {DTN 12}, *O Desejado de Todas as Nações*, 24.

Este parágrafo é demasiado evidente para ser mal compreendido. Em primeiro lugar, Satanás afirma que a lei não pode ser obedecida pelos filhos dos homens, e além disso, que esta alegação é um engano. Jesus veio para “patentear esse engano” e logo a seguir diz como isso seria feito. “Cumpria-Lhe dar exemplo de obediência”.

Cada palavra da última frase é significativa e importante. Cada palavra significa exactamente o que diz. “Como um de nós”, declara a mesma verdade como “Deus conosco” em ambos os casos, a verdade de que Jesus não era diferente dos seres humanos. “Como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas” (carne e sangue como os filhos). “Por isso convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos.” *Hebreus 2:14, 17*.

Como “um de nós”, Ele devia dar um exemplo de obediência. Para quem foi isto dado? Para a família humana que está lutando para superar o problema do pecado de maneira a ser admitida no Céu. A menos que Cristo tenha, de facto, sido feito em todas as coisas como aqueles a quem veio salvar, a Sua vida, não importa o quão perfeitamente pudesse ter vivido, nunca poderia ter sido um exemplo de obediência para os que lutam. Isso é ainda mais revelado e enfatizado na continuação do parágrafo parcialmente citado anteriormente.

“Como um de nós, cumpria-Lhe dar exemplo de obediência. Para isso tomou sobre Si a nossa natureza, e passou por nossas provas. ‘Convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos’. *Hebreus 2:17*. Se tivéssemos de sofrer qualquer coisa que Cristo não houvesse suportado, Satanás havia de apresentar o poder de Deus como nos sendo insuficiente.

“Portanto, Jesus ‘como nós, em tudo foi tentado’. *Hebreus 4:15*. Sofreu toda provação a que estamos sujeitos. E não exerceu em Seu próprio proveito poder algum que nos não seja abundantemente facultado. Como homem, enfrentou a tentação, e venceu-a no poder que Lhe foi dado por Deus. Diz Ele: ‘Deleito Me em fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; sim, a Tua lei está dentro do Meu coração’. *Salmos 40:8*. Enquanto andava fazendo o bem e curando a todos os aflitos do diabo, patenteava aos homens o carácter da lei de Deus, e a natureza de Seu serviço.”

Notai a frase seguinte:

“Sua vida testifica ser possível obedecermos também à lei de Deus.” {DTN 12}, *O Desejado De Todas As Nações*, 24.

O testemunho anteriormente citado de *O Grande Conflito* estabelece que a guerra no Céu começou sobre o cumprimento da lei de Deus. Desde o início, Satanás havia declarado que ela não poderia ser cumprida. Se a controvérsia começou com essa contestação, com a acusação contra a justiça de Deus, onde deve começar a obra de Cristo? Com o desmentido dessa mentira. Para isso, Jesus tinha de vir a esta Terra como homem, possuindo todas as fraquezas, fragilidades, e as tendências para o pecado da mesma natureza humana que temos neste momento. Isto mostra que a lei de Deus pode ser cumprida na perfeição, habitando Deus na carne.

Há uma ligação inseparável entre o assunto da encarnação de Cristo e a questão da obediência à lei de Deus. O capítulo anterior terminou com o pensamento de que é a marca do anticristo declarar que a lei não poderia ser cumprida, que é a marca do anticristo declarar que Cristo não veio na mesma carne e sangue, como os filhos.

O contrário, é a marca da verdade de Deus que a lei pode ser cumprida e que Jesus veio em carne. É impossível acreditar que Jesus não veio na carne e, ao mesmo tempo, cumprir a lei com o elevado padrão de obediência. A união inseparável entre estas verdades é evidente. A lei de Deus pode ser cumprida com perfeição e Jesus veio na mesma carne e sangue, como os filhos para guardar a lei, provando que ela pode ser guardada por alguém que tem a fé para cumpri-la através do poder de Deus à maneira de Deus.

“O ideal de Deus para Seus filhos é mais alto do que pode alcançar o pensamento humano. ‘Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus’. Mateus 5:48. Este mandamento é uma promessa. O plano da redenção visa ao nosso completo libertamento do poder de Satanás. Cristo separa sempre do pecado a alma contrita. Veio para destruir as obras do diabo, e tomou providências para que o Espírito Santo fosse comunicado a toda alma arrependida, para guardá-la de pecar.

“A influência do tentador não deve ser considerada desculpa para qualquer má ação. Satanás rejubila quando ouve os professos seguidores de Cristo apresentarem desculpas quanto à sua deformidade de caráter. São essas escusas que levam ao pecado. Não há desculpas para pecar. Uma santa disposição, uma vida cristã, são acessíveis a todo filho de Deus, arrependido e crente.

“O ideal do caráter cristão, é a semelhança com Cristo. Como o Filho do homem foi perfeito em Sua vida, assim devem Seus seguidores ser perfeitos na sua. Jesus foi em todas as coisas feito semelhante a Seus irmãos. Tornou-Se carne, da mesma maneira que nós. Tinha fome, sede e fadiga. Sustentava-Se com alimento e refrigerava-Se pelo sono. Era Deus em carne. Ele compartilhou da sorte do homem; não obstante, foi o imaculado Filho de Deus. Seu caráter deve ser o nosso. Diz o Senhor dos que nEle crêem: ‘Neles habitarei, e entre eles andarei; e Eu serei o seu Deus e eles serão o Meu povo’. 2 Coríntios 6:16.

“Cristo é a escada que Jacó viu, tendo a base na Terra, e o topo chegando à porta do Céu, ao próprio limiar da glória...”

Agora lemos estas importantes palavras: “Se aquela escada houvesse deixado de chegar à Terra, por um único degrau que fosse, teríamos ficado perdidos. Mas Cristo vem ter conosco onde nos achamos.”

Não diz que Cristo vem ter conosco onde Adão estava. Diz que Cristo vem ter conosco – onde? – onde nos achamos.

“Tomou nossa natureza e venceu, para que, revestindo-nos de Sua natureza, nós pudéssemos vencer. Feito “em semelhança da carne do pecado” (Romanos 8:3), viveu uma vida isenta de pecado. Agora, por Sua divindade, firma-Se ao trono do Céu, ao passo que, pela Sua humanidade, Se liga a nós. Manda-nos que, pela fé nEle, atinjamos à glória do caráter de Deus. Portanto, devemos ser perfeitos, assim como ‘é perfeito vosso Pai que está nos Céus.’” {DTN 213}, *O Desejado de Todas as Nações*, 311, 312.

Por conseguinte, a metade superior da escada é a divindade, enquanto a metade inferior é a humanidade de Cristo. O teste da doutrina de Cristo é que Cristo, e isto aplica-se directamente à Sua divindade, veio na carne. Pensai numa escada, uma escada de incêndio num edifício alto. Ela pode chegar ao piso superior, mas se alguém vier e desligar a metade inferior, o que vai acontecer com os infelizes ocupantes no edifício durante um incêndio? Eles não podem atingir o solo e a escada não pode salvá-los. Se, por outro lado, ela só chega até a meio do edifício, mais uma vez morrerão. A escada, para ser um meio eficaz de salvação, tem de chegar do ponto da necessidade ao ponto de segurança.

Há igrejas hoje que cortam uma ou a outra metade desta escada, mas raramente, se alguma vez, ambas as metades. A Igreja Católica Romana corta a metade inferior ao negar a humanidade de Jesus Cristo. Ela ensina que Ele veio em carne, na carne humana também, mas não na carne estipulada na

Palavra de Deus. As Testemunhas de Jeová cortam a divindade de Cristo, declarando ser Ele um ser criado com um princípio, ao contrário de Deus, o Pai eterno, que não tem começo.

A eficácia desta santa escada é destruída se um lado ou o outro é total ou até mesmo parcialmente cortado. A verdadeira apresentação da doutrina de Cristo, pela qual estamos longe de ser acusados de anticristo, implica o ensino da plenitude da divindade de Cristo, bem como da plenitude da Sua humanidade. Nada menos do que isto é apresentado na especificação de que Jesus Cristo veio em carne. Somente aqueles que ensinam que Cristo veio na plenitude da carne, ensinam a verdade. Foi a plenitude da divindade, que habitou na plenitude de humanidade. Cristo era Deus e homem, no sentido mais pleno do que cada um desses seres são. Era assim que tinha de ser. E se Jesus Cristo como Deus, não tivesse tomado a humanidade total e completamente como ela era quando veio a esta Terra? E se Ele tomasse a humanidade como era quando o primeiro homem foi criado? Então Ele nunca poderia ter sido tentado em todos os pontos como nós somos tentados, nunca poderia ter vencido como nós temos de vencer, e nunca poderia ter sido o completo e perfeito exemplo que precisamos para refutar a mentira de Satanás.

Hoje, a controvérsia não está centrada sobre se Cristo é ou não Deus, como aconteceu nos dias da Sua permanência entre os homens. As igrejas em geral, incluindo a Igreja Católica Romana, acreditam na eterna pré-existência de Cristo como Deus. Apenas certas seitas tais como as testemunhas de Jeová e as igrejas modernistas negam a divindade de Cristo. Geralmente, a controvérsia é em torno da humanidade de Cristo. Embora todos reconheçam que Ele veio em carne, não acreditarão que Ele veio da mesma carne e sangue, como os filhos de Adão.

Portanto, no assunto da divindade de Cristo, estamos a passar por uma área sobre a qual há acordo geral e pode parecer supérfluo lidar com ele. No entanto, é importante que nós declaremos o que acreditamos, e que é essencial salientar que foi Deus que veio em carne. O assunto tem de ser visto em todo o seu alcance e não nalguma forma unilateral e escassa antes de continuarmos a estudar a humanidade de Cristo.

Cristo É Verdadeiramente Deus

Jesus Cristo é verdadeiramente Deus. Ele é o Criador, distinto da criatura que é o produto do seu poder criativo.

Nenhuma verdade é mais claramente revelada ou mais firmemente confirmada. É essencial que ela seja entendida. É ensinada no Antigo Testamento assim como no Novo, dando plena autoridade, poder e eficácia à missão de Cristo como o Salvador do mundo. Este tema, mesmo dentro dos limites do que foi revelado nas Escrituras, ainda é infinito, impedindo, deste modo, qualquer possibilidade de esgotamento desta série de estudos. A única necessidade é a de estabelecer a plenitude da divindade de Cristo.

Uma excelente Escritura nesta ligação está em *Isaías 9:6*.

“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: *Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.*”

Não pode haver qualquer dúvida quanto a quem isto se refere. Ela diz, “Porque um menino nos nasceu.” Estas palavras resolvem a identificação de Quem é o assunto desta profecia. Jesus Cristo é o único que nasceu para nós.

Sem a menor hesitação esta Escritura atribui a este mesmo Jesus, os títulos de divindade, Deus Poderoso e Pai da Eternidade. Temos a tendência de associar estes títulos unicamente ao Pai, mas aqui eles são igualmente atribuídos a Cristo. Isto não deixa dúvidas de que Jesus Cristo é realmente e verdadeiramente Deus.

Portanto, a grande, maravilhosa, e essencial verdade da total divindade de Cristo é ensinada no Antigo Testamento e de igual modo plenamente no Novo. Paulo coloca-a em evidência uma e outra vez. Aqui está o seu ensino aos Colossenses.

“O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação.” *Colossenses 1:15*.

Se este fosse o único texto na Bíblia sobre o assunto, nós podíamos ficar confusos ao pensar que Jesus Cristo não era um Criador, mas uma criatura. A expressão “primogênito” parece transmitir a ideia de que Ele foi o primeiro a nascer no Universo de Deus. Existe um ensinamento, geralmente denominado por Arianismo segundo o homem que o propagou nos anos após a crucificação de Cristo. Ele ensinou que Cristo foi o primeiro a ser criado e, portanto, não foi e não poderia ser o Deus Eterno. Mas Paulo esclarece o que entende por, “o primogênito de toda a criação”.

“Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele.

“E ele é antes de todas as coisas e todas as coisas subsistem por ele.” *Colossenses 1:16, 17*.

Paulo não estava a ensinar que de todas as criaturas, Cristo foi o primeiro a nascer. Nesse caso, Ele teria sido um ser criado. Ele ensinou que todas as criaturas obtiveram o seu primeiro nascimento

através de Cristo. Nenhum outro entendimento pode ser obtido a partir das suas palavras. Se *todas* as coisas foram criadas por Cristo, e Ele também era um ser criado, teria de criar-se a Si mesmo. Isto não é possível.

O Apóstolo João dá testemunho da mesma verdade.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

“Ele estava no princípio com Deus.

“Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.” *João* 1:1-3.

Se Jesus Cristo não era um ser criado, mas foi, de facto, o grande Criador, Ele não tem começo tal como o Seu Pai. Para a mente humana finita, é impossível compreender que qualquer coisa não tenha começo. Mas, ainda que nós não o possamos compreender, as Escrituras declaram que Deus, e isto inclui Jesus Cristo, é absolutamente sem começo. Ele é tão eterno no passado como será no futuro. Nunca houve um tempo em que Deus não existisse e nunca existirá um momento sem Deus.

Apesar da nossa mente não poder compreender o facto de que Deus não tem começo, podemos agradecer por isto acontecer. Se Deus teve um começo, quem o Criou a Ele? Tinha que ser alguém que não teve começo, a fim de dar o início a todas as outras coisas. Esse *ser é Deus*. Não vamos tentar imaginar isso. Vamos aceitá-lo porque a Palavra de Deus o diz e na natureza da situação é assim que deve ser.

Há abundante testemunho da eternidade de Deus na Bíblia. No Antigo Testamento Miqueias fala dela na sua profecia da vinda de Cristo no nascimento em Belém.

“E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que governará em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade.” *Miquéias* 5:2.

A leitura da margem traduz “eternidade” como “desde os dias da eternidade”.

“Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada.” {DTN }, *O Desejado de Todas as Nações*, 530.

Estes testemunhos deixam claro a eterna pré-existência de Cristo. “Falando de Sua preexistência, Cristo reporta a mente através de séculos incontáveis. Afirma-nos que nunca houve tempo em que Ele não estivesse em íntima comunhão com o eterno Deus. Aquele cuja voz os judeus estavam então ouvindo estivera com Deus como Alguém que vivera sempre com Ele.” *The Signs of the Times*, 29 de Agosto de 1900.

Em *O Desejado de Todas as Nações* está um maravilhoso capítulo intitulado “Deus conosco”, baseado no precioso texto de *Isaías*, “Será o Seu nome Emanuel... Deus conosco.”

“Vindo habitar conosco, Jesus devia revelar Deus tanto aos homens como aos anjos. Ele era a Palavra de Deus — o pensamento de Deus tornado audível. Em Sua oração pelos discípulos, diz: ‘Eu lhes fiz conhecer o Teu nome’ — misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade — ‘para que o amor com que Me tens amado esteja neles, e Eu neles esteja.’” Página 19.

A questão aqui é, se Jesus Cristo devia revelar a glória e a plenitude do Pai, tanto aos homens como aos anjos, Ele próprio tinha que ser a expressão do carácter do próprio Deus. Ele tem que ser Deus para *revelar* Deus completamente. É verdade que a obra da criação e o ministério dos anjos revelam o carácter de Deus *até certo ponto*, mas apenas vagamente e de forma incompleta, assim como a lua reflecte apenas vagamente a gloriosa luz do sol. “Volvendo-nos, porém, de todas as representações secundárias, contemplamos Deus em Cristo. Olhando para Jesus, vemos que a glória de nosso Deus é dar.” Página 21.

Ele que tinha estado com o Deus eterno, desde os dias da eternidade era, de facto, igual com o Pai. Jesus Cristo é de tal modo Deus, que ver Cristo é ver o Pai. Os discípulos foram lentos em entender esta verdade, como podemos ler: “Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai; e já desde agora o conheceis, e o tendes visto.

“Disse-lhe Filipe: ‘Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta.’”

A isto Jesus respondeu: “Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai?” *João* 14:7-9. Assim, Jesus tornou para sempre claro que ver Um era ver o Outro; tão iguais e idênticos são Eles.

Paulo continua a deixar isto claro em *Hebreus*. Seu primeiro capítulo trata exclusivamente com a divindade de Cristo, apresentando a Sua igualdade com o Deus eterno e, em seguida, comparando-O, como Criador, com as criaturas que Ele fez.

“Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho,

“A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo.

“O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas.” *Hebreus* 1:1-3.

Estes três versículos iniciais lançam as bases para tudo o que se segue estabelecendo em primeiro lugar a plena divindade de Cristo. Ele é “o resplendor da” “glória” de Deus, que é o Seu carácter, “e a expressa imagem da sua pessoa”. Ele é Aquele por quem o Ser eterno fez todos os mundos. O Seu poder sustentador também os mantém na sua vida e decurso momento a momento.

Paulo percebeu que estava a falar para os hebreus que tinham um preconceito contra Cristo como o Messias. Para dar apoio e força ao seu argumento, ele traçou detalhadamente as evidências do Antigo Testamento em que a fé do Novo se fundamenta. Isto prova que há uma grande distinção entre o Cristo que havia de nascer em Belém, e os anjos que vieram para adorá-l’O.

“Feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles.

“Porque, a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, Hoje te gerei? Eu lhe serei por Pai, E ele me será por Filho?

“E outra vez, quando introduz no mundo o primogênito, diz: E todos os anjos de Deus o adorem.” *Hebreus* 1:4-6.

Anjos nunca adoram anjos. Eles nem sequer recebem adoração de seres humanos. *Apocalipse* 19 relata como João estava prestes a lançar-se aos pés e adorar o anjo que lhe havia dado a revelação de Jesus Cristo. O anjo rapidamente o repreendeu com a advertência de que ele devia adorar a Deus, não uma outra criatura como ele próprio.

“E eu lancei-me a seus pés para o adorar; mas ele disse-me: Olha não faças tal; sou teu conservo, e de teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus. Adora a Deus; porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia.” *Apocalipse* 19:10.

Aqui está então uma regra pela qual é possível distinguir os anjos que apareceram aos homens como anjos, e o Anjo, *que é Cristo*, quando Ele apareceu aos homens. Se o anjo se recusa a receber adoração dos homens, então, ele é apenas um anjo, mas se o Anjo aceita receber a adoração dos homens, Ele é Cristo, o Arcanjo. Por exemplo, sabemos que o Homem que apareceu a Josué foi Cristo, porque Ele aceitou a adoração de Josué: “Então Josué se prostrou com o seu rosto em terra e o adorou, e disse-lhe: Que diz meu senhor ao seu servo?” *Josué* 5:14.

O versículo do Antigo Testamento citado declara que todos os anjos de Deus deviam adorar a Cristo quando Ele apareceu como um indefeso bebé em Belém, o que prova que, mesmo então, na forma humana, Cristo era Deus. O contraste entre a força física e a glória dos anjos e a ausência de força e glória em Cristo como um bebé nessa altura acrescentou força à verdade da divindade de Cristo. Em toda a aparência exterior era como um ser infinitamente inferior aos anjos naquela altura. É uma regra de vida que os inferiores adorem os que pensam serem superiores a eles. A distinção, no entanto, é apenas *aparente*. O olho espiritual vê Deus habitando no corpo daquele pequeno bebé, e reconhece que, mesmo ali naquele estado, em Belém, Cristo era verdadeiramente e eternamente Deus, o Criador e Sustentador de todos. Por isso, Ele recebeu a adoração de todos, incluindo os santos anjos que se juntaram ao redor da manjedoura em Belém.

Assim, é estabelecida com base no adorador e do adorado, a evidente superioridade de Cristo como Criador acima da posição dos anjos como criaturas, Mas isso não é tudo. Cristo é um Rei. Os anjos são servos, como está escrito:

“E, quanto aos anjos, diz: Faz dos seus anjos espíritos, E de seus ministros labareda de fogo.

“Mas, do Filho, diz: O Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos; Cetro de equidade é o cetro do teu reino.” *Hebreus 1:7, 8.*

O contraste é evidente. Os anjos são *ministros*; eles são *servos* de Deus. Mas Jesus Cristo é Rei; Ele reina acima num trono, e esse trono, “O Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos”. Paulo está a pregar um excelente sermão do Velho Testamento e cita-o largamente e livremente para construir a força do seu argumento.

“Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso Deus, o teu Deus, te ungiu Com óleo de alegria mais do que a teus companheiros.

“E: Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra, E os céus são obra de tuas mãos.

“Eles perecerão, mas tu permanecerás; E todos eles, como roupa, envelhecerão,

“E como um manto os enrolarás, e serão mudados. Mas tu és o mesmo, E os teus anos não acabarão.” *Hebreus 1:9-12.*

Mais uma vez o contraste entre a criação e o Criador é destacado. Paulo refere-se ao desaparecimento da criação, ao envelhecimento como roupa velha, à deterioração e, por fim, desaparecimento. Mas, enquanto as coisas criadas devido à desfiguração do pecado desaparecem, o Próprio Criador é intocado pelo pecado e nunca pode e nunca vai desaparecer. “Os teus anos não *acabarão.*” Porque Ele é Deus, Ele possui a eternidade no passado. A sua existência é eterna não muda nem é afectada pela entrada do pecado, ainda assim Ele veio à Terra, aceitou a natureza humana caída e pecaminosa e, portanto, morreu na cruz. Tudo o que o pecado tocou desaparece e morre, mas Ele não podia ser tocado pelo pecado e nunca desaparecerá ou morrerá. Ele é tão eterno no futuro, como sempre no passado.

O argumento final do capítulo declara que nunca foi ordenado aos anjos para se sentarem à mão direita de Deus como foi Jesus Cristo, porque “Não são porventura todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?” *Hebreus 1:14.*

Toda a intenção e propósito da Epístola aos Hebreus como qualquer outra mensagem na Bíblia é estabelecer o conhecimento essencial para conhecer a Cristo. Devemos conhecê-l’O como Ele é. É vital que Cristo seja compreendido como verdadeiramente Deus e igual a Deus. Ele é tão eterno quanto Deus; tão poderoso como Deus, tão sábio, maravilhoso, justo e verdadeiro. Ele é o Criador, distinto de todas as criaturas do Universo, que possui dentro de Si mesmo o poder de dar a vida, porque tem dentro de Si “vida original, não emprestada, não derivada.”

O conhecimento da divindade de Cristo é uma verdade essencial porque “a divindade de Cristo é a certeza de vida eterna para o crente.” {DTN 372}, *O Desejado de Todas as Nações*, 530. É a garantia de vida para os arrependidos, porque Aquele que traria a salvação devia ser igual com a lei, para ser capaz de pagar a dívida devida à lei. Não havia vida além da vida de Deus, que fosse igual às alturas e profundidades dessa “lei, que é a transcrição do Seu carácter.” (*The Review and Herald*, 28 de Janeiro de 1909.) Apenas a vida de Cristo se iguala à vida de Deus, e portanto, somente a vida de Cristo é igual à dívida para com a lei. Aquele que seria o nosso Salvador também precisava do poder de um Deus Criador para substituir a vida que foi perdida por causa do pecado. Foi necessário esse poder na primeira criação, e não menos na segunda. Portanto, “a divindade de Cristo é a certeza de vida eterna para o crente.”

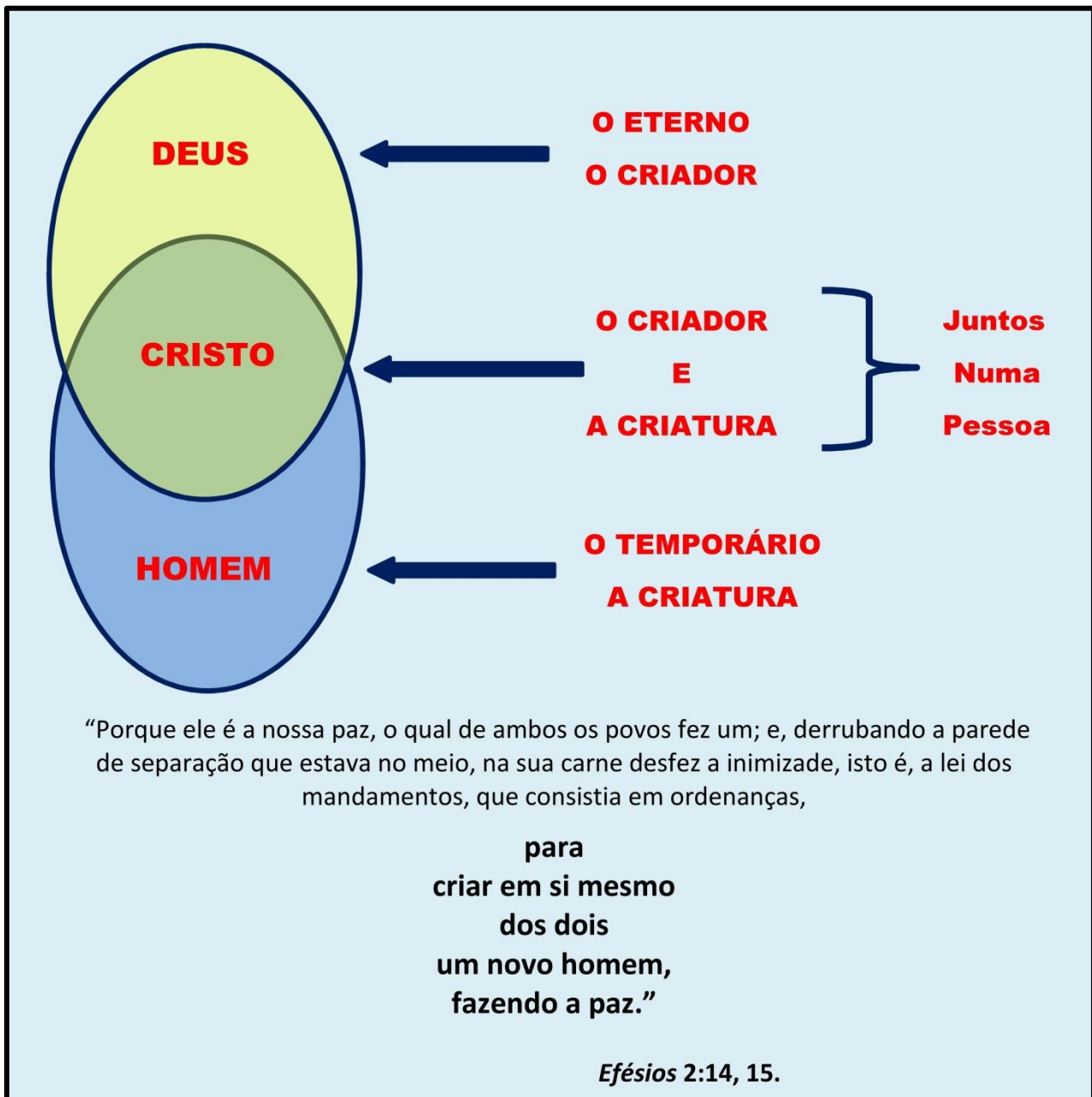
Toda a obra do pecado tem o objectivo de separar o homem de Deus. É a obra de Jesus transpor essa separação para juntar Deus e o homem novamente. Para fazer isso, Ele tem de ser capaz de chegar a ambos os lados. Este é maravilhosamente apresentado em *Efésios 2:12-15.*

“Que naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo.

“Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto.

“Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derrubando a parede de separação que estava no meio,

“Na sua carne desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz.”



Pode parecer que Paulo está a falar só da parede de separação entre judeus e gentios. Num sentido mais amplo deve ser entendido que separação entre judeus e gentios é apenas simbólica ou indicadora da separação entre Deus e o homem. É apenas porque Deus e o homem estão separados, que o homem e o homem estão separados. Para Cristo, fazer a paz entre o homem e o homem, Ele deve primeiro fazer a paz entre o homem e Deus. Se alguém não tem paz com Deus, certamente não pode ter paz com o homem. Uma vez feita a paz com Deus, então o resto cuidará de si mesmo.

Este pensamento é bem expresso por A. T. Jones no sermão número onze assim registado em *1895 General Conference Bulletin*. “Todos os homens foram separados de Deus e, na sua separação de Deus, foram separados uns dos outros. É verdade, Cristo quer unir todos; Ele foi enviado ao mundo com ‘paz na terra, boa vontade para com os homens,’ que é o seu objectivo. Mas gastou Ele o Seu tempo a tentar obter esta reconciliação uns com os outros, e a tentar destruir todas essas separações entre os homens, e conseguir que eles dissessem, ‘bem, o que lá vai lá vai, agora vamos

enterrar o machado de guerra; agora vamos começar de novo e virar a página, e viveremos melhor a partir deste momento?”

“Cristo poderia ter feito isso. Se Ele tivesse ido por esse caminho, podia ter persuadido milhares de pessoas a fazê-lo; milhares de pessoas a quem Ele poderia convencer a dizer, ‘Bem, é muito mau que nos tratemos uns aos outros dessa forma; não está certo, e lamento-o; e agora deixemos tudo isso para trás, e abramos uma nova página, e passemos adiante e façamos melhor.’ Ele poderia ter conseguido que as pessoas concordassem com isso, mas poderiam eles ter ficado ligados a isso? Não. Porque aquilo que é maligno ainda continua lá e é isso que faz a divisão. O que é que causou a divisão? A inimizade, o seu afastamento de Deus causou a separação entre si. Então, qual teria sido a utilidade no mundo o próprio Senhor tentar que os homens concordassem em pôr de lado as diferenças sem ir à raiz da questão e livrarem-se da inimizade que causou a separação? A sua separação de Deus tinha forçado a uma separação entre eles. E a única maneira de destruir a sua separação uns dos outros, era a necessidade de destruir a sua separação de Deus. E nós ministros podemos tirar disto uma lição, quando as igrejas nos chamam a tentar resolver as diferenças. Não temos nada a ver com a resolução das dificuldades entre os homens como tal. Temos de conseguir a resolução da dificuldade entre Deus e o homem; e quando isso é feito, todas as outras separações serão encerradas.” Nº 11, página 5.

Como é que Jesus quebra a parede de separação que separa Deus e o homem e, por conseguinte, separa o homem do homem? Ele fá-lo pela abolição da inimizade, “para criar em Si mesmo dos dois um novo homem.” Quem eram os dois que Cristo fazia em Si um novo homem?

Certamente não eram um gentio e um judeu. Cristo nunca foi um gentio. Ele era um judeu. Os dois dos quais Cristo fez um, são Deus e o homem. Ele fundiu a Sua eterna divindade pré-existente com o corpo do pecado, o homem caído, fazendo um homem completamente novo. Ele tornou-Se um com a família humana, tornando-os um com a família celestial, fazendo a paz entre Deus e o homem, e o homem com o homem.

Este capítulo analisou algumas evidências indicando que Jesus Cristo era Deus na plenitude da eternidade. Ele é o Criador onnipotente, cuja vida é igual à do Pai, e dos elevados padrões da lei. Este Ser desceu e habitou na carne humana para demonstrar que a lei poderia ser obedecida até por homens e mulheres ainda morando em caída, carne pecaminosa. É uma verdade bíblica evidente por si mesma que a demonstração de Cristo apenas seria válida se Ele estivesse na nossa situação. Ele tinha de travar a batalha exactamente como nós. Se Ele possuísse a mais pequena vantagem, todo o objectivo da demonstração seria perdido. Na verdade, era pior do que isso. Qualquer que fosse o grau em que o Filho de Deus e do homem se recusasse a percorrer completamente a mesma situação que nós seria uma admissão de que a lei afinal não podia ser cumprida por seres humanos. Tal admissão iria entregar a vitória a Satanás, tornando sem efeito o plano de salvação.

O facto tão claramente ensinado na Bíblia, que foi o Deus Criador que veio habitar na carne, parece sugerir que o Salvador tinha uma enorme vantagem sobre nós na batalha contra o pecado; que Ele andou pela Terra como nós nunca poderíamos. É verdade que não possuímos poder criador; que somos meras criaturas, enquanto Ele é o Criador; que é impossível Deus cometer pecado.

Tudo isso é verdade.

Como, então, poderia Jesus dar uma demonstração incontestável de que a humanidade pode obedecer a cada mandamento do Decálogo como uma alegria e uma bênção?

Quando a resposta é entendida será visto que, longe de possuir uma vantagem sobre nós em virtude do facto de ser realmente Deus, era uma séria desvantagem que tornou a tarefa mais difícil para Ele do que para nós. Jesus deixou de lado aquele poder divino e recusou-Se a usar qualquer outro que não aquele que está livremente disponível para nós. Mas Ele sabia que esse poder onnipotente estava mesmo ali ao Seu alcance o tempo todo. A tentação de lançar mão dele estava constantemente diante de Si. Se Ele o tivesse usado no mínimo grau, teria quebrado o acordo e cederia a vitória a Satanás, com todas as consequências terríveis. Esta tentação estava sempre perante Cristo, tentando-O com algo do qual vós e eu nada sabemos.

De nós Jesus disse verdadeiramente, “porque sem mim nada podeis fazer.” *João* 15:5. Estamos numa posição de desamparo e dependentes de um Salvador para nos resgatar do poder do mal que nos rodeia a cada dia. Mas de Si próprio Ele disse: “o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma.... Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma.” *João* 5:19, 30. Esta foi a posição de desamparo e dependência em que Ele se colocou neste mundo de pecado, de modo que a tentação foi tão real e terrível para Ele como para qualquer um de nós.

Encontra-se mais evidência disto nas seguintes palavras:

“Quando Jesus foi despertado para enfrentar a tempestade, estava em perfeita paz. Nenhum indício de temor na fisionomia ou olhar, pois receio algum havia em Seu coração. Contudo, não era na posse da força onipotente que Ele descansava. Não era como o ‘Senhor da Terra, do mar e do Céu’ que repousava em sossego. Esse poder, depusera-o Ele, e diz: ‘Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma’. *João* 5:30. Confiava no poder de Seu Pai. Foi pela fé — no amor e cuidado de Deus — que Jesus repousou, e o poder que impôs silêncio à tempestade, foi o poder de Deus.

“Como Jesus descansou pela fé no cuidado do Pai, assim devemos repousar no de nosso Salvador.” {DTN 233}, *O Desejado de Todas as Nações*, 336.

“O Salvador estava profundamente ansioso por que Seus discípulos compreendessem para que fim Sua divindade estava unida à humanidade. Ele veio ao mundo para manifestar a glória de Deus, a fim de que o homem fosse erguido por Seu poder restaurador. Deus Se revelou nEle, para que Se pudesse manifestar neles. Jesus não revelou qualidades, nem exerceu poderes que os homens não possam possuir mediante a fé nEle. Sua perfeita humanidade é a que todos os Seus seguidores podem possuir, se forem sujeitos a Deus como Ele o foi.” {DTN 471}, *O Desejado de Todas as Nações*, 664.

Que ilustração da mais maravilhosa condescendência jamais vista em toda a história da eternidade! Está para além da mente do homem entender um amor e sacrifício assim feito para a salvação do reino de Deus. Quão claras e explícitas são aquelas palavras; “Jesus não revelou qualidades, nem exerceu poderes que os homens não possam possuir mediante a fé nEle” Quando saía para a batalha com a tentação, não levava, no Seu lado divino, qualquer vantagem sobre todo o que lançar mão dos atributos divinos e a ajuda oferecidos. Portanto, a “Sua perfeita humanidade é a que todos os Seus seguidores podem possuir, se forem sujeitos a Deus como Ele o foi.”

Deve ser entendido que no seu estado não regenerado, o homem não possui a natureza divina e não está na posição de ter as mesmas qualidades e poderes que Jesus tinha. Para ele é necessário que se cumpra a promessa contida em *2 Pedro* 1:2-4.

“Graça e paz vos sejam multiplicadas, pelo conhecimento de Deus, e de Jesus nosso Senhor;

“Visto como o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, pelo conhecimento daquele que nos chamou pela sua glória e virtude;

“Pelas quais ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquemos participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo.”

Cristo é Verdadeiramente Homem

As Escrituras ensinam que Cristo é essencialmente e eternamente o Deus pré-existente. Esta era uma qualidade que Ele tinha de possuir se tivesse de salvar a humanidade do poder e penalidade do pecado. Mas é a única qualidade e ela sozinha não era e nunca poderia ser suficiente. Aquele que era eternamente e verdadeiramente Deus devia também tornar-se verdadeiramente homem, pois somente Aquele que era Deus e, ao mesmo tempo, fosse capaz de alcançar toda a extensão para baixo até ao homem, poderia ser o Salvador do mundo. Portanto, a encarnação de Cristo é o aparecimento de Deus na carne, não apenas de Deus somente.

“E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” *João 17:3*. Conhecer Cristo apenas como Deus, não é conhecer totalmente o Cristo enviado ao mundo. Uma igreja pode enunciar em termos claros a sua crença na divindade de Cristo e ainda assim não conhecer o Cristo que foi enviado ao mundo. Esses não conhecem Cristo. Eles ensinam a Sua divindade sem apresentarem completamente a Sua humanidade. Somente uma igreja que apresenta tanto a plenitude da Sua divindade como a plenitude da Sua humanidade pode afirmar-se de Deus e protegida da acusação de ser o anticristo.

Neste contexto, é digno de interesse notar que tanto E. J. Waggoner e A. T. Jones que foram enviados por Deus com a verdadeira mensagem da justiça pela fé, em 1888, proclamaram a plenitude da divindade e da humanidade de Cristo. *Cristo e Sua Justiça* pelo primeiro e *O Caminho Consagrado para a Perfeição Cristã* por este último são dois livros onde isto foi feito com grande cuidado e clareza.

No capítulo anterior, Cristo foi apresentado como o eterno, pré-existente Deus Criador – Ele, cujo nome é “Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.” *Isaías 9:6*. É agora essencial apresentar a plenitude da Sua humanidade.

Uma excelente fonte de estudo sobre a divindade de Cristo é o primeiro capítulo da *Epístola aos Hebreus*. No entanto, a revelação de Cristo não termina neste capítulo. Ela continua no segundo capítulo com a revelação da Sua humanidade. Os dois capítulos são complementares, o primeiro lança a base para o segundo.

“O primeiro capítulo de Hebreus revela que a semelhança com Deus não é simplesmente na forma ou representação, mas também na própria substância; e o segundo capítulo, com a mesma clareza revela que a sua semelhança com os homens não é simplesmente na forma ou na representação, mas também na própria substância. É semelhança com os homens como eles são, em todas as coisas, exactamente como são. Portanto, está escrito: ‘No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... e o Verbo foi feito carne, e habitou entre nós.’ *João 1:1-14*.

“E que isso se refere à semelhança do homem tal como este é na sua natureza caída, pecaminosa, e não tal como era na sua natureza original, sem pecado, é confirmado nas palavras: ‘Vemos, porém,

coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte,' Portanto, como o homem é desde que ficou sujeito à morte, Este é o Jesus que vemos no Seu lugar como homem.

“Portanto, tão certamente como vemos Jesus feito menor do que os anjos, até ao padecimento de morte, é com isto demonstrado que, como homem, Jesus tomou a natureza do homem tal como este é desde que a morte entrou, e não na natureza do homem como ele era antes de estar sujeito à morte.

“Mas a morte entrou somente por causa do pecado: se o pecado não tivesse entrado, a morte nunca poderia ter entrado. E vemos Jesus feito um pouco menor do que os anjos, para sofrer a morte. Por conseguinte, vemos Jesus feito na natureza do homem, como o homem é depois de pecar, e não como era antes do pecado entrar. Fez isso para tornar possível que ‘provasse a morte por todos.’ Ao fazer-Se homem, para poder alcançar o homem, devia vir ao homem exactamente onde o homem está. O homem está sujeito à morte. Portanto, Jesus tem de Se tornar homem, tal como este é desde que ficou sujeito à morte.” *The Consecrated Way to Christian Perfection*, por Alonzo T. Jones, 21, 22. Ênfase original.

Jesus Cristo é verdadeiramente homem, possuindo a mesma natureza do homem, o mesmo corpo, o mesmo poder mental, a mesma carne e sangue, exactamente – não apenas “em semelhança de” como esse texto é normalmente entendido, mas na mesma natureza e substância como o homem é, aqui na Terra. Este pensamento é especialmente desenvolvido a partir do versículo 10 de *Hebreus 2* e seguintes. Lá, talvez mais do que em qualquer outro lugar na Palavra inspirada de Deus, a verdadeira dimensão a que Jesus aceitou a natureza humana é revelada. Ninguém que esteja preparado para ler a Palavra de Deus e aceitá-la como ela está escrita terá dificuldade em saber exactamente o tipo de carne e sangue que o Salvador possuía durante a Sua vida na Terra.

“Porque convinha que aquele, para quem são todas as coisas, e mediante quem tudo existe, trazendo muitos filhos à glória, consagrasse pelas aflições o príncipe da salvação deles.” *Hebreus 2:10*.

“Assim, fazendo-se homem, convinha que viesse a ser feito tal como o homem é. O homem está sujeito ao sofrimento. Portanto, convinha que viesse onde o homem se encontra, nos seus sofrimentos.

“Antes do homem pecar, não estava em nenhum sentido sujeito aos sofrimentos. E Jesus ter vindo na natureza do homem tal como este era antes do pecado surgir, não teria sido mais do que vir numa forma e numa natureza nos quais teria sido impossível para Ele conhecer os sofrimentos do homem, e portanto, teria sido impossível alcançá-lo para o salvar. Mas uma vez que Se propôs trazer os homens à glória, para ser feito perfeito através dos sofrimentos; é certo que Jesus, ao tornar-Se homem tornou-Se participante da natureza do homem como ele é desde que ficou sujeito ao sofrimento, mesmo sofrimento de morte, que é o salário do pecado.” *The Consecrated Way to Christian Perfection*, 22.

O argumento apresentado por A. T. Jones neste ponto merece uma consideração especial, pois a verdade nele contida não deve ser perdida ou subestimada. “E Jesus ter vindo na natureza do homem tal como este era antes do pecado surgir, não teria sido mais do que vir numa forma e numa natureza nos quais teria sido impossível para Ele conhecer os sofrimentos do homem, e portanto, teria sido impossível alcançá-lo para o salvar.” Esta é a verdade.

Hoje, espalhou-se uma doutrina que Jesus veio na natureza do homem como o homem era antes de cair. Porém, os defensores deste ensino declaram que Jesus era, de facto, tentado em todos os pontos como nós somos e experimentamos, vicariamente, tudo aquilo que os que são tentados enfrentam. Que essa doutrina que se contradiz a si mesma pudesse ser aceite por pessoas inteligentes que professam amar e servir ao Senhor é de facto um grande mistério. Todavia, as mesmas pessoas nunca pensariam ser possível experimentar a sensação de voar alto acima das nuvens sem realmente voar; experimentar o casamento sem ser casado, ou sofrer a dor do luto sem ter perdido um ente querido. Apenas aqueles que têm, na verdade, passado por essas experiências podem

verdadeiramente e plenamente saber o que é estar em tais situações. Isto é bem ilustrado por Eric B. Hare no seu livro *Fulness of Joy*, 208, 209.

“Há muitos, muitos anos atrás, um jovem e a sua esposa foram escolhidos para um determinado campo de missão. Não foi o campo da sua própria escolha, mas eles de bom grado aceitaram o convite, deixaram pai e mãe e irmãos e irmãs por causa de Cristo, e atravessaram os mares para a terra distante. Durante um ano e meio, tudo correu bem. Eles estavam ocupados com o estudo do idioma e preparação para maiores responsabilidades. Então de repente o seu primeiro bebé morreu, e seguiram o seu caixão até ao seu local de descanso no cemitério no seu segundo aniversário de casamento.

“Tudo parecia demasiado cruel. A escuridão do desespero caiu sobre eles. Em desânimo, clamaram: ‘Ó Deus, porquê? Por que nos aconteceu isto?’ Na amargura da sua alma não podiam orar. Não parecia haver conforto algum de qualquer fonte. Os seus colegas missionários só podiam dizer que lamentavam muito, pois ainda não tinham conhecido a tristeza da morte de um filho. E este jovem casal não necessitava de piedade; eles precisavam de simpatia. Três semanas se passaram. O seu coração estava frio, amargurado, e sombrio e, em seguida, num sábado à tarde, bateram à porta.

“O jovem abriu a porta e disse, ‘Entre.’ Uma humilde irmã da igreja entrou e sentou-se. No seu coração o jovem disse, ‘Está bem, diga-o. Dê-nos o sermão, e termine-o tão depressa quanto podeis. Depois saia e deixe-nos em paz.’

“Mas a humilde irmã não começou a pregar. Ela não começou a ler os testemunhos para eles. Ela sentou-se em silêncio por algum tempo e, em seguida, vencida pela emoção, ela disse. ‘Eu não posso dizer. Eu não sei o que dizer. Mas o meu coração tem estado a sangrar por vós nestas três semanas. Eu quero que saibam que eu sei como vos sentis, porque eu perdi o meu primeiro bebé.’

“Oh, Que maravilhosas palavras! O pobre coração partido da jovem mãe que por três semanas tinha estado demasiado amargo para chorar, lançou os braços ao redor a humilde irmã e soluçou o que estava no seu coração. Ali estava alguém que sabia como ela se sentia. Em apenas um minuto o frio, insensível jovem marido estava ajoelhado aos seus pés, e aquela pequena mulher trouxe-os de volta à fé e à confiança e ao amor de Deus outra vez. O pregador não poderia fazer isso. Os companheiros missionários não poderiam fazê-lo, mas aquela humilde irmã que tinha ela própria passado vitoriosamente pelo vale trouxe-lhes conforto e confiança.”

É para nosso conforto saber que Jesus Cristo não foi feito homem como este era antes de cair, quando não estava sujeito ao sofrimento, mas como o homem era depois da queda. Jesus Cristo sabia por Si mesmo o que significava possuir a humanidade caída. Ele experimentou nessa humanidade tudo o que experimentamos na mesma humanidade – caída, degenerada e pecaminosa.

Ensinar, como na doutrina, acima mencionada, que Jesus Cristo foi tentado em todas as coisas como nós somos tentados e, no entanto, declarar que Ele veio com a natureza de Adão, aquela natureza antes da queda dos nossos primeiros pais, é ensinar uma doutrina que inicialmente tem a aparência de verdade, mas que na realidade nega o que parece ensinar. Esta é a característica peculiar das doutrinas enganadoras de Satanás. A sua estratégia é trazer o lobo vestido com as vestes de ovelha para que toda a aparência sugira que o lobo é uma ovelha. Assim, a vítima descuidada que não atenta para o lobo em qualquer vestimenta, congratula-se com o lobo na expectativa de que ele se comportará como uma ovelha, apenas para descobrir que no final será rasgada e destruída.

Este ensino dá a aparência enganadora de ser a verdade ao declarar que Jesus foi tentado exactamente como nós somos. Isso satisfaz a mente em geral que não procura mais fundo, ou que, de alguma forma é capaz de fazer tal ginástica mental para conciliar o irreconciliável.

Sob a capa da aparência está o facto que é a verdadeira avaliação da doutrina. O ensino de que Jesus não veio como nós somos, sujeitos a sofrimentos e na mesma carne e sangue como nós, é uma declaração de que Cristo não foi tentado em todos os pontos como nós somos. Seria impossível Ele vir na natureza que Adão tinha antes de cair e, ao mesmo tempo, ser tentado em todos os pontos como aqueles que têm uma natureza muito diferente daquela que Adão possuía antes do pecado entrar na sua vida. Nenhuma quantidade de conjecturas ou argumentos podem mudar este facto.

Sendo assim, é de vital importância que nenhum pesquisador da verdade com a intenção de obter a salvação, descansa satisfeito com a aparência de uma doutrina. Investigai as implicações que motivam as declarações. Então será visto se as coisas são realmente como parecem ser. Se a declaração e a doutrina com ela relacionada estão em harmonia e, assim se apoiam uma à outra, ou estão em oposição, de modo que se destroem, juntamente com aqueles que são enganados por elas.

Por exemplo, os dois testemunhos seguintes, o primeiro relativo à natureza humana de Cristo, o segundo às tentações a que era sujeito, devem estar em harmonia e apoiar-se um ao outro.

“E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, [a carne e o sangue, como o dos filhos]” e “Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.” *Hebreus 2:14; 4:15*.

Mas a teoria que se segue e as Escrituras não estão em harmonia porque elas não se apoiam e não podem apoiar-se uma à outra. Uma delas é o lobo; a outra é a veste do carneiro:

“Jesus Cristo tomou a natureza do primeiro Adão como ele era antes da queda” e “Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.” *Hebreus 4:15*. Estas duas ideias são incompatíveis. A primeira só pode usar a segunda como uma capa enganadora a fim de enganar e destruir os cegos e incautos.

A única maneira como Cristo poderia ser tentado em todas as coisas como nós somos tentados, era ser feito “em tudo” “semelhante aos irmãos.” *Hebreus 2:17*.

“Se não fosse participante de nossa natureza, não poderia ter sido tentado como o homem tem sido.” *Mensagens Escolhidas 1:408*. Quão verdadeiro é isto. Se Ele só participasse da natureza de Adão antes da queda e não da “nossa natureza”, como ela é depois da queda, poderia ser tentado como Adão foi, mas “Ele não poderia ter sido tentado como homem” após a queda.

“Porque, assim o que santifica, como os que são santificados, são todos de um; por cuja causa não se envergonha de lhes chamar irmãos.” *Hebreus 2:11*.

Para obter a mensagem completa neste versículo é necessário identificar as partes a que é feita referência. Estas são “o que santifica” e “os que são santificados.” Não deve haver dificuldade em ver quem é o Santificador. Ele é o Salvador, Jesus. Apesar do Espírito Santo ser também referido como o Santificador (*Romanos 15:16; 1 Coríntios 6:11*), este ofício é principalmente de Jesus, ao passo que o Espírito Santo leva a efeito a obra do Salvador.

Os santificados são aqueles que foram feitos santos. Em nenhum sentido se pode referir a Adão como ele era antes de pecar. Refere-se a Adão e seus filhos depois de terem caído e sido resgatados pelo poder salvador de Jesus. Não se refere ao não regenerado porque possuem uma origem diferente de Cristo, nem ao mero professo de religião, mas àqueles que experimentaram o milagre da transformação e da regeneração. Eles são aqueles que, tendo sido realmente nascidos de novo, são feitos de coração à semelhança de Deus e são descritos pelo Senhor como sendo santos ou santificados. Isto não é dizer que eles têm uma carne santa ou santificada porque esta carne, eles não possuem, mas os seus corações foram transformados e eles são verdadeiramente filhos de Deus.

Então, aqui estão duas pessoas facilmente identificáveis, o Santificador e o santificado. Ambos são de um, ou como diz a *Revised Standard Version*, “todos têm uma só origem”. É por esta causa que Ele, o Santificador, não se envergonha de lhes chamar irmãos. Somente quando os homens têm parentesco comum, são capazes de afirmar que são irmãos. Quando dois homens têm pais diferentes, certamente não podem afirmar isto. Jesus disse aos fariseus do Seu tempo, “Vós tendes por pai ao diabo”, para mostrar claramente que eles não eram Seus irmãos, pela simples razão que eles tinham uma outra filiação. Eles não tinham origem comum. Eles nasceram de Satanás; Ele nasceu de Deus.

A origem dos santificados, e de Cristo é idêntica. Todos eles são de um. Portanto, eles são irmãos, como os fariseus nunca poderiam ser enquanto permanecessem como estavam, filhos de Satanás.

A medida de irmandade neste caso é o parentesco espiritual comum. Isto não nega que Jesus Cristo é, em certo sentido, irmão de todos os homens, mesmo na sua condição pecaminosa; porque

do lado humano, Ele partilha de facto duma origem comum. Todos os homens são nascidos de pais terrenos e possuem carne caída, pecadora, degenerada; como fez Cristo ao ponto de ser irmão de todos os homens de todos os lugares e em todos os tempos.

Enquanto todos os homens podem dar testemunho da irmandade com Cristo unicamente no sentido físico, não podem afirmar plena irmandade como podem os santificados, que têm a mesma origem d'Ele. A sua identificação com a família de Cristo não se limita à união na carne; eles têm unidade de espírito também. Um estudo da origem de Cristo, como Verbo Encarnado, em comparação com as origens dos verdadeiramente santificados, revelará a maravilha da origem mútua, de modo a ser visível quase completa é a identificação de Cristo com a família humana, “por cuja causa não se envergonha de lhes chamar irmãos,”

Contudo, antes de começar este estudo, é importante observar que o uso da palavra, “origem”, em ligação com Cristo, não nega o pensamento da Sua eterna pré-existência conforme estabelecido no primeiro capítulo de *Hebreus*. Jesus Cristo foi sempre Deus, mas não foi sempre homem. Como homem, Ele teve um começo, uma origem. Em nenhum lugar do capítulo que trata com o facto de que Ele é Deus, encontramos qualquer palavra como origem, mas aqui no segundo capítulo de *Hebreus* ao lidar com a Sua humanidade, a palavra é usada. Em Cristo Jesus encontramos a combinação de divindade e humanidade. Ambas tiveram as suas origens, a divindade na fonte da Sua eternidade nas cortes do Céu acima e a humanidade na pecadora, caída, carne degenerada duma filiação terrena. Essa foi a Sua origem, quando apareceu sobre esta Terra, e que é a origem de cada cristão verdadeiramente nascido de novo, porque “todos têm uma só origem”.

Ao estudar a origem do Santificador e dos santificados e ao comparar a humanidade e divindade de ambos, estamos ligados pela rígida lei, expressa nas palavras de Cristo a Nicodemos. “O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito.” *João* 3:6.

Uma espécie gera fruto igual. O que é nascido da carne será uma réplica dessa carne. O tipo de carne não pode ser duma espécie diferente, maior ou mais pura. Nós sabemos isto pela nossa própria experiência porque estamos sobrecarregados e limitados com as mesmas fraquezas e tendências para o pecado que assaltam os nossos pais. Quando casamos e os nossos filhos vêm ao mundo, podemos observar neles a repetição da nossa própria carne e suas fraquezas e tendências para o pecado. A verdade das palavras de Jesus, “o que é nascido da carne é carne”, está diante de nós em cada dia. Nós sabemos a origem da nossa carne e conhecemos o tipo de carne que veio dessa origem.

A Palavra de Deus declara que a origem de a carne de Cristo é uma com os irmãos a quem Ele veio salvar. A Sua carne veio da mesma origem que a deles. Sendo assim, ela deve ser exactamente a mesma carne, como a deles, fraca, caída, degenerada, pecadora, e sujeita ao sofrimento e à morte. Nenhuma outra conclusão pode ser retirada. Mas é difundida a doutrina que Jesus veio com uma outra carne e sangue diferente da que possuem os Seus irmãos, os santificados.

A Igreja Católica Romana faz isto, mas no que respeita ao nascimento de Cristo, não ignora o princípio de que o que é nascido da carne é carne. Eles chegam ao seu resultado desejado, dando à mãe de Jesus, o sangue e a carne, diferente de qualquer outra mulher, para que ela pudesse dar a Cristo a santa, imaculada carne. Dar a Maria uma carne diferente e santa é denominada como a doutrina da Imaculada Conceição. Ao passo que reconhecem o princípio daquele que é nascido da carne é carne, no que respeita ao nascimento de Cristo, o seu ensino viola o princípio no nascimento de Maria. Embora nascida da carne, ela não tem a mesma carne e sangue, como os seus pais.

Por causa do ensino que Jesus veio num tipo diferente de carne e sangue, têm de quebrar o princípio de que o que é nascido da carne é carne. O professo filho de Deus hoje rejeita a doutrina da imaculada concepção, no que diz respeito ao nascimento de Maria, mas acredita nele, em relação a Cristo. No entanto, qual é a diferença? Não há nenhuma. Elas são apenas duas variações da doutrina do anticristo. O que não apela para uma mente será prontamente aceite por outra.

AMBOS

Aquele que santifica

Os que são santificados

São todos de uma origem

A Sua origem

A origem deles

Origem Humana

Origem Divina

Origem Humana

Origem Divina

Nascido de pais humanos

Nascido de Deus

Nascidos de pais humanos

Nascidos de Deus

A mesma carne e sangue, caída, pecaminosa

A mesma natureza divina

A mesma carne e sangue, caída, pecaminosa

A mesma natureza divina

Hereditariedade humana

Hereditariedade Divina

Hereditariedade humana

Hereditariedade divina

Todas as propensões para o pecado

Sem propensões

Todas as propensões para o pecado

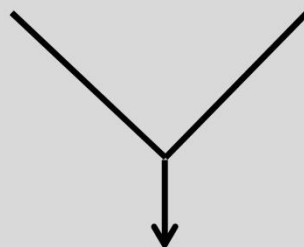
Não necessita de reter as propensões

Filho do Homem

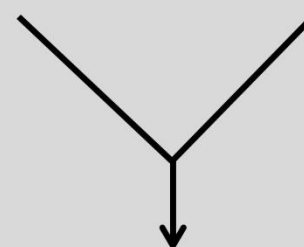
Filho de Deus

Filho do Homem

Filho de Deus



Vida sem pecado



Vida sem pecado

Hebreus 2:11

Mas o que dizem as Escrituras, um guia de confiança para a verdade? “O que é nascido da carne é carne”, e “assim o que santifica, como os que são santificados, são todos de um.” A Bíblia é totalmente omissa sobre qualquer sugestão de que Maria tivesse uma carne e sangue diferente das pessoas ao seu redor. Ela tinha a mesma carne como qualquer outra pessoa e tão certamente como o que é nascido da carne é carne, a carne da qual Cristo nasceu era exactamente igual à de qualquer uma das nossas; caída, pecadora, degenerada, carne e sangue humana, sujeita a sofrimentos e morte.

Claro, convincente e definitivo, como são estes argumentos, o escritor da *Carta aos Hebreus* não deixa o assunto por aí. Como que antevendo a encarnizada controvérsia em torno da questão em gerações futuras, especialmente nos últimos dias, ele passa a explicitar ainda mais a certeza de que foi a mesma carne e sangue, adquiridos da mesma forma, com a qual Cristo estava limitado e sobrecarregado durante a Sua jornada na Terra. Por isso ele escreveu mais. “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas.” *Hebreus 2:14*.

A. T. Jones salienta em *The Consecrated Way*, 22-23, que este texto é aquele em que todas as palavras que poderiam ser usadas para tornar claro e positivo que Cristo na Sua natureza humana tomou a mesma carne e sangue que os homens têm, são colocadas numa única frase. Isto é uma boa observação. Nenhum outro versículo exprime esta verdade vital mais enfaticamente.

“E assim está escrito: ‘E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas.’ Versículo 14. Ele, na Sua natureza humana, tomou a mesma carne e sangue que os homens têm. Todas as palavras que poderiam ser usadas para tornar isto claro e positivo estão aqui resumidas numa única frase.

“E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas.

“Mas isto não é tudo: Ele também tomou parte da mesma carne e do sangue como os dos filhos são participantes.

“Nem isto é tudo: Ele também tomou parte da mesma carne e do sangue como o que os filhos dos homens são participantes.

“Nem ainda isto é tudo: Ele próprio também tomou parte da mesma carne e sangue semelhantes ao que os homens participam.

“Assim o Espírito de inspiração deseja tanto que esta verdade seja tornada de tal maneira clara e enfática para ser entendida por todos, que Ele não fica satisfeito em usar nada menos do que todas as palavras que poderiam ser utilizadas para o dizer. E, portanto, é declarado que, assim como, e tão certamente como ‘os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou da mesma’ carne e sangue.

“E Ele fez isso a fim de ‘que pela morte... livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão.’ Ele participou da mesma carne e sangue que temos na servidão do pecado e no medo da morte, a fim de que Ele pudesse livrar-nos da servidão do pecado e medo da morte.

“E dessa maneira, ‘assim o que santifica, como os que são santificados, são todos de um; por cuja causa não se envergonha de lhes chamar irmãos.’” *The Consecrated Way*, 22, 23. Ênfase original.

Assim, no modo característico de Jones, ele colocou em evidência o assunto até não ser deixada dúvida na mente do que a Escritura diz. Talvez a palavra mais forte no versículo seja: “semelhante”. É a expressão usada para declarar a maneira como Jesus adquiriu a mesma carne e sangue, como os filhos, significando da mesma maneira, ou pelo mesmo procedimento. Os filhos, distintos do pai, Adão, que não nasceu, mas foi directamente criado, receberam a sua carne e sangue pelo processo normal de nascimento humano natural, estritamente sujeitos a todas as leis da hereditariedade humana. Na verdade, é impossível ser nascido da carne e, ao mesmo tempo, escapar das leis da hereditariedade. Esta é a forma como os filhos recebem a sua carne e sangue, e é para sempre confirmado pelas palavras da Escritura que Jesus participou da mesma carne e sangue pela mesma maneira.

“Como qualquer filho de Adão, aceitou os resultados da operação da grande lei da hereditariedade. O que estes resultados foram, manifesta-se na história de Seus ancestrais terrestres. Veio com essa hereditariedade para partilhar de nossas dores e tentações, e dar-nos o exemplo de uma vida impecável [sem pecado].” {DTN 25}, *O Desejado de Todas as Nações*, 49.

“Cristo não simulou que tomou a natureza humana; Ele verdadeiramente tomou-a sobre Si. Ele na realidade possuía a natureza humana. ‘E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas.’ Ele era o filho de Maria; Ele era da descendência de Davi segundo a genealogia humana.” *The Review and Herald*, 5 de Abril de 1906.

“Porque, na verdade, ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão.

“Por isso convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo.

“Porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados.” *Hebreus 2:16-18*.

Estes versículos não deixam espaço para a doutrina de que Jesus veio na carne de Adão como era antes da queda, ou qualquer outra carne diferente da nossa. O único ensino admissível à luz destes versículos é que Jesus recebeu da mesma forma como todos os filhos de Adão, a mesma carne e sangue que todos os filhos de Adão tinham. Ele foi tentado nessa mesma carne e sangue, e estava sujeito tanto ao sofrimento como à morte, igual ao que todos os filhos de Adão estão sujeitos. Adão nunca foi sujeito a isto até cair em pecado.

Num esforço para negar a verdade da maravilhosa condescendência do Redentor ao único nível em que era possível salvar-nos, tem sido argumentado que, se Cristo aceitasse a carne pecaminosa, teria ficado sob condenação eterna e teria precisado de um Salvador. Como ninguém mais poderia ser um Salvador, isso significaria que tanto Ele como nós estaríamos perdidos.

Este argumento é um exemplo de levar um lado da verdade demasiado longe. As conclusões tiradas nunca seriam possíveis se as distinções adequadas fossem compreendidas. Jesus veio em carne e sangue sujeitos à condenação da morte, como pode ser facilmente provado. Mas a pergunta tem de ser feita, quem vem em primeiro lugar, o pecado ou a morte?

A resposta é que o pecado vem em primeiro lugar e, até ele aparecer, a morte certamente não apareceu. Não havia morte em Adão até ele pecar, mas, quando ele o fez, a morte apareceu para reinar sobre a humanidade desde então. “Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram.” *Romanos 5:12*

Se Jesus tivesse vindo na mesma carne santa sem pecado como Adão tinha antes da sua queda, a morte nunca poderia ter-Lhe tocado. Ele não poderia ter morrido. Mas morreu. Ele veio em carne pecaminosa que estava sob a condenação da morte. Isto foi realizado no Calvário. A Sua humanidade pecadora desceu à sepultura e nunca mais saiu. Quando Jesus ressuscitou, foi investido com a carne santa, imortal, sem pecado, que todos os redimidos terão no dia feliz quando Ele voltar para levar os seus fiéis para o lar no reino do alto. Ninguém poderia salvar a carne da sentença de morte. Ela morreu eternamente para não mais se levantar.

A objecção acima mencionada até agora e se não for levada mais adiante, apenas suporta a mensagem da verdade. Ela torna-se uma objecção somente quando não consegue reconhecer a distinção entre a carne pecaminosa, que é obtida por hereditariedade através de nascimento pelo homem, e a mente carnal que é herdada de Satanás. A última, Jesus nunca teve ou tomou como Sua. Ele nasceu de Deus, e era sem pecado e santo desse lado e, como tal, poderia ser o Salvador dos homens. No primeiro caso, todos nascemos de Satanás e do homem. Nós nascemos no reino de Satanás e estamos sob o seu poder e domínio. Não é o facto de nascermos do homem, ou termos carne pecaminosa que faz isso, mas por nascermos de Satanás. Uma pessoa pode ser nascida do homem e ter a carne pecaminosa da humanidade, sem estar sob o domínio do reino das trevas. Esta é a distinção que deve ser tida em conta quando lidamos com a natureza de Cristo na encarnação.

Cada filho de Deus nascido de novo, no qual a presença da vida eterna foi colocada, ainda mantém a pecadora, caída, carne humana até que Jesus venha nas nuvens do céu para conferir-lhe a incorrupção e a imortalidade. Isto não significa que ele está sob o domínio de Satanás ou sob a condenação da morte eterna. Nós não estamos perdidos por causa de habitar na pecadora, caída, carne humana. A carne humana é apenas um vaso. É aquilo que está nesse vaso; aquilo que habita na caída, humanidade pecadora, que determina a nossa condenação ou justificação diante de Deus.

O estado dos santificados é exactamente o mesmo do Santificador quando Ele esteve na Terra. A divindade habitava na humanidade e essa divindade é sem pecado, santa, perfeita e imortal. Como tal, ela nunca pode morrer, ao passo que a humanidade é caída, pecadora, e profana, e, por isso não pode viver.

Isto é verdade em relação aos santificados e tornado claro nas Escrituras. Falando da vida divina, nascida em todos aqueles que vêm para receber a presença viva da Palavra na alma, Jesus disse: “Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida.”

“Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim tem a vida eterna.

“Eu sou o pão da vida.

“Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram.

“Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra.

“Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre.” *João* 5:24; 6:47-51.

A promessa é que, se vamos comer deste pão, que é participar da natureza divina, nunca morreremos. Isto não aponta para um tempo em que isso vai ser assim, mas para o presente, porque Jesus não disse que teremos a vida eterna, mas que a temos. Este é o tempo presente e nós acreditamos que estamos nesse tempo.

As igrejas Protestantes têm usado estes versículos para ensinar a imortalidade da alma como uma entidade consciente, independentemente se a vida que está em nós tem filiação a Satanás ou filiação a Deus. Eles ignoram que a alma, como eles se referem a ela, não pode ter qualquer vida, se não for de Deus. Se a nossa vida interior é filha de Satanás, então não tem a vida eterna. Cristo não estava a referir-Se a esta vida, mas à vida nascida de Deus. É imortal e incapaz de morrer. Aqueles que crêem na alma imortal como uma entidade consciente, esquecem que a alma não pode encontrar expressão ou actividade, excepto através do instrumento de um mecanismo do corpo que é o meio para pensar, decidir e agir.

Uma esplêndida ilustração é a corrente eléctrica fornecida através de fios para a luz que ilumina uma sala. Se não houver qualquer lâmpada no casquilho, a corrente não pode produzir luz. Colocai uma lâmpada e a luz é produzida quando a corrente encontra um mecanismo através do qual funcionar. Quebrai a lâmpada e a luz apaga-se, mas a corrente não deixa de existir. Isto ilustra bem a vida eterna que Cristo nos dá quando perdemos a nossa filiação a Satanás, quando a velha vida nos é tirada, e obtemos a filiação a Deus. A vida que nós recebemos de Deus é a Sua própria vida. Trata-se de uma pura, santa, vida eterna que não pode morrer. No momento em que passa a residir em nós, começa a produzir actividade que continua enquanto o corpo sobrevive. No momento em que o corpo morre, a consciência termina completamente e a vida de Deus volta a Ele. Tal como a corrente eléctrica não deixa de existir, mas deixa de encontrar expressão consciente porque os meios utilizados para a sua expressão foram destruídos.

No grande dia da ressurreição quando o mecanismo do corpo é recriado, Deus dará de volta a vida, que Ele guardou para nós até aquele momento. Naquele instante, a memória será devolvida e actividade consciente começará novamente. Esta é a vida que não morrerá, e as palavras de Cristo, citadas acima não significam que há uma continuidade de consciência nas nossas vidas fora do corpo após a morte. Depois do corpo de um fiel morrer, a vida eterna que Deus lhe deu continua inconsciente nas mãos de Deus, até ao dia da ressurreição. A divindade em nós não desfalece e morre porque ela é pura e santa. É a vida de Deus, imortal e eterna.

Este ponto foi salientado para auxiliar na compreensão das duas naturezas de Cristo. Os Seus discípulos perderam muito por causa da sua incapacidade para compreender esta grande verdade. “Contemplando-O em Sua humilhação, quando andava entre os homens, não penetraram o mistério de Sua encarnação, a dualidade de Sua natureza. Seus olhos estavam empanados, de maneira que não reconheciam plenamente a divindade na humanidade.” {DTN 356}, *O Desejado de Todas as Nações*, 507.

Cristo foi, como é cada cristão nascido de novo, uma combinação de duas naturezas diferentes, cada uma com o seu próprio carácter. Uma natureza, a Sua divindade, era sem pecado, santa, imortal, e eterna. Enquanto sobre esta Terra, essa natureza encontrou a sua expressão através de outra natureza, a humana, caída, pecadora, e mortal. A primeira, sendo sem pecado, não poderia ser tocada pela morte. Na cruz de Cristo, não foi a Sua divindade, mas a Sua humanidade que morreu eternamente, para nunca mais se levantar. A morte nunca poderia tocar a carne santa sem pecado, que surgiu na manhã da ressurreição. “Foi a natureza humana do Filho de Maria transformada na natureza divina do Filho de Deus? Não; as duas naturezas fundiram-se misteriosamente numa só pessoa – o homem Cristo Jesus. NEle habitava corporalmente toda a plenitude da Divindade. Quando Cristo foi crucificado, foi Sua natureza humana que morreu. A Divindade não sucumbiu e morreu; isso teria sido impossível.”

“Quando foi ouvida a voz do anjo, dizendo: ‘Teu pai te chama’, Ele que tinha dito, ‘dou a Minha vida para tornar a tomá-la’, ‘Derribai este templo, e em três dias o levantarei’, saiu do túmulo para a vida que estava em Si mesmo. A divindade não morreu. A humanidade morreu, mas Cristo agora proclama sobre o emprestado sepulcro de José, ‘Eu sou a ressurreição e a vida.’ Na Sua divindade, Cristo possuía o poder para romper as cadeias da morte. Ele declara que tinha vida em Si mesmo para vivificar quem Ele quisesse.” *The SDA Bible Commentary* 5:1113.

O argumento de que Jesus nunca poderia ter sido o nosso Salvador e Ele mesmo teria precisado de um se tivesse a caída, pecadora, carne humana degenerada, ignora o duplo carácter da Sua natureza. Não é a carne pecaminosa em que Cristo habitou que O colocou sob condenação eterna. Com cruz ou sem cruz, a carne não condena alguém mesmo que esteja sob a condenação da morte eterna. A presença da natureza do pecado do diabo é o factor de condenação. Essa natureza do pecado Jesus nunca teve, tal como todo o filho de Deus está livre dessa condenação.

Assim está escrito, “Porque, assim o que santifica, como os que são santificados, são todos de um; por cuja causa não se envergonha de lhes chamar irmãos.”

“E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, [a carne e sangue igual à dos irmãos] para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo.”

“Porque, na verdade, ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão.”

“Por isso convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo.

“Porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados.” *Hebreus* 2:11, 14, 16, 17, 18.

Foi salientado que qualquer verdadeira apresentação da doutrina de Cristo deve incluir a Sua eterna pré-existência e a igualdade com Deus como Deus, e a Sua identificação completa com a humanidade. Apresentar uma sem a outra, não importa quão lucidamente, ou apresentar uma com uma visão limitada da outra, não apresenta a doutrina de Cristo como realidade salvadora para o crente e é culpada de pregar a terrível doutrina do anticristo.

O escritor de *Hebreus* nunca poderia ser acusado disto. Ele fez valer os mais fortes argumentos baseados nas evidências mais confiáveis para mostrar a plenitude da divindade de Cristo. Com igual ênfase ele mostra que Cristo era totalmente e verdadeiramente homem, partilhando uma origem comum com os Seus irmãos, compartilhando da mesma carne e sangue como eles. Ele foi feito, não em alguns, nem muitos, nem mesmo na maioria, mas em todas as coisas semelhante aos Seus irmãos, sujeito exactamente como eles a tentações, sofrimento e morte.

Ao fazer isso, Paulo mostra-nos o modelo de ensino que devemos seguir e apresentar. Não é de admirar que, quando os pastores Waggoner e Jones vieram com uma mensagem de Deus, que era a justificação pela fé em verdade, ambos apresentaram não só a plenitude da divindade de Cristo, mas também a plenitude da Sua humanidade.

Qualquer doutrina que hoje não apresente o tema da encarnação e esta plenitude, é um engano de Satanás concebido para enganar e destruir as almas. Com esse não devemos ter parte alguma.

9

O Seu Tabernáculo e o Nosso

O grande facto da encarnação, então, é que o eterno, pré-existente, existente por si mesmo, sem pecado, e Deus santo, veio habitar na caída, mortal, carne pecaminosa de um ser humano comum.

Para muitos, parece incompreensível que o Deus *sem pecado* pudesse unir-Se com uma natureza humana *pecaminosa*. Mais do que isso, a ideia é totalmente repulsiva para eles. O conceito de Deus defendido por esses é que Ele é tão puro e imaculado, que deve permanecer para sempre à distância da humanidade pecadora, tornando assim impossível Ele habitar em carne pecaminosa. Portanto, eles acreditam que Ele tem de vir e assim fez, numa santa e imaculada, carne e sangue, que nenhum dos caídos filhos de Adão tem.

Este conceito é tão forte nas suas mentes que persistem em acreditar, apesar das claras declarações na Palavra de Deus do contrário. “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, [a carne e sangue igual à dos filhos].”

“Porque, na verdade, ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão.”

“Por isso convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos...” *Hebreus* 2:14, 16, 17.

“Ele tomou sobre Sua natureza *sem pecado* a nossa *pecaminosa* natureza ...” *Medicina e Salvação*, 181.

Todos estes testemunhos são do período do Novo Testamento. O Novo Testamento é o livro das *declarações* da verdade, enquanto no Antigo as grandes verdades estão em forma *simbólica*. Não há nenhuma declaração da verdade no Novo Testamento, que não tenha a sua imagem correspondente no Antigo. Por isso, a grande verdade da encarnação não é nova no Novo Testamento, mas é também encontrada claramente na forma simbólica no Antigo.

Entre outras coisas, o santuário sobressai como a figura mais clara que se encontra da encarnação de Jesus Cristo. Para a minha mente, a imagem dada aqui é tão simples, tão clara e tão convincente, que se destaca como uma âncora para a minha alma nesta questão. Quando sou assaltado por argumentos para o efeito de que Ele veio em carne não pecadora; quando é feito parecer que as palavras das Escrituras afirmam que sim, eu tenho apenas de recordar esta ilustração para dissipar todas as dúvidas e incertezas. Ele fornece uma âncora inamovível, uma fortaleza de verdade inexpugnável.

Deus, na Sua grande sabedoria, compreendendo as dificuldades encontradas pela mente humana, deu o santuário como uma lição a partir da forma figurativa, para que os homens tivessem toda a ajuda em compreender a maravilha da encarnação de Cristo. Ele disse a Moisés, “E me farão um santuário, e habitarei no meio deles.” *Êxodo* 25:8.

Deus não fez, como poderia ter feito, Ele próprio o santuário e fazê-lo descer para o homem. Virá um tempo em que Ele vai fazer isto. A Nova Jerusalém será a obra das *Suas* mãos, mas o santuário no deserto devia ser o trabalho das *mãos do homem*. O Senhor disse: “E me farão...”



Em obediência a estas instruções, *o povo* construiu o santuário. Cada parte era o produto de *corpos humanos*. É verdade, que os poderes e as competências foram as dadas por Deus, mas Deus não fez Ele próprio qualquer dos trabalhos. Tudo isso foi colocado nas mãos dos homens e eles fizeram o edifício de acordo com o padrão recebido através de Moisés. Este, então, é o primeiro ponto importante a lembrar em relação a esse edifício.

O segundo é que o edifício foi construído inteiramente com os materiais da terra. Fazer uma lista de todos os materiais utilizados na construção – ouro, prata, linho, madeira, peles, e assim por diante, e vereis que todos são do pó da terra, sem excepções. Mas isto não é tudo. O pó de onde estes materiais foram feitos era o mesmo pó de onde seus corpos eram feitos. Foi o pó em que a maldição do pecado repousava. Não foi o mesmo imaculado e puro pó encontrado no Jardim do Éden, a partir dos quais os corpos terrestres de Adão e Eva foram feitos.

É evidente que teria sido uma questão muito simples para Deus ter-lhes dado directamente do Céu materiais para a construção. Novamente, na Sua maravilhosa antevisão, Ele poderia ter preservado materiais do Jardim do Éden, e tê-los dado para a construção do santuário.

Mas Ele propositadamente não fez qualquer uma dessas coisas. O santuário foi projectado para ensinar uma determinada lição. Deus ter fornecido para a sua construção, materiais sobre os quais nenhuma maldição do pecado repousasse, teria destruído qualquer possibilidade de ser ensinada a desejada lição. Isso teria feito do santuário não uma lição, mas uma realidade inversa. Para ensinar a lição que o Senhor queria, ele tinha de ser inteiramente o produto de corpos humanos e tinha de ser feito com materiais formados do pó da terra sobre o qual repousava a maldição do pecado.

É digno de nota que os materiais dos quais o santuário foi construído foram tirados dessa parte da terra em que naquele tempo repousava a maior maldição do pecado. Eles vieram directamente da terra do Egipto.

Para resumir:

1. O santuário foi construído por corpos humanos;
2. Foi construído a partir de materiais amaldiçoados pelo pecado;
3. Os materiais vieram da nação mais pecadora da Terra naquele tempo.

Por isso, o edifício apenas poderia ser temporário. Envelheceria e decairia e, em devido tempo desapareceria a fim de ser substituído por outro. Contudo, dentro desse edifício habitava a presença do próprio Deus. Aqui está a imagem d'Aquele que é eterno, sem pecado, pré-existente, e existente por Si mesmo, habitando naquilo que era temporário, pecador, e de origem humana.

Ao fazer isso, Deus forneceu uma imagem do *que* cada *filho de Deus* tem de ser. Em primeiro lugar, ninguém devia ter qualquer dificuldade em ver que cada pessoa é constituída por um corpo humano através dos poderes de reprodução dado ao homem por Deus. Nenhum de nós hoje é uma criação directa da mão de Deus como foi Adão. Nem somos fisicamente nascidos de Deus. Nem temos qualquer tipo de imaculada conceição devido à intervenção do Espírito Santo no momento da nossa concepção.

Em segundo lugar, os nossos corpos são feitos hoje com o pó da terra, sobre a qual a maldição do pecado repousa tão pesadamente. Portanto, eles são temporários, pecadores, e de origem humana. Envelhecerão e, inevitavelmente morrerão.

Havia uma clara diferença entre o solo do Jardim do Éden e o solo como era no tempo de Moisés, de Cristo, ou dos nossos próprios dias. Após a queda, a maldição do pecado caiu não só sobre o homem, mas sobre todo o reino da Terra. Pode ser questionado, “Porque é que toda a natureza têm de sofrer por causa do pecado de Adão e Eva?” Adão governou este reino terrestre. No momento em que Satanás o venceu, naturalmente todo o reino passou para a posse de Satanás. O mal do diabo, então, estava com grande peso sobre tudo o que tocava. Assim, inevitavelmente, toda a criação sofreu por causa do pecado do homem.

Deus declarou a Adão e Eva, a alteração das condições que foram o resultado de seu curso de acção. “*Maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida.*

“Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo.” *Génesis 3:17, 18.*

A maldição é a maldição do pecado. Ele só está lá por causa do pecado cometido. Como o pó da terra tem em si a maldição do pecado, está diferente do pó da terra do jardim do Éden. Agora falta a vitalidade do solo original e a sua tendência predominante é produzir espinhos e cardos com facilidade e abundância. Ele tem de ser disciplinado e trabalhado com grande e diligente esforço para produzir os bons frutos essenciais para a vida humana.

Assim é com a nossa carne. Ela é muito diferente da carne dos nossos primeiros pais antes da queda. Fraca e frágil, faltando-lhe a maravilhosa vitalidade que a deles possuía, tem a prevalecente tendência ou disposição para pecar em vez de fazer justiça. Sem disciplina e controlo, a nossa carne apenas produzirá mal, mas se for sujeita a controlo e disciplina pode fazer-se com que ela obedeça à vontade de Deus.

Nós conhecemos por experiência própria a carne com a qual estamos afligidos. Mesmo depois de termos nascido de novo, continuamos a ter a mesma *carne*, fraca, pecadora, mortal, e com a tendência para o mal. Sabemos que ela é feita do pó da terra como ele *é agora*, e não está livre da maldição do pecado como estava no Jardim do Éden.

Ainda assim, dentro desta tenda ou tabernáculo, Deus deve morar exactamente como fez no passado no deserto. Isto é o que o *cristão* é durante o período desta jornada terrestre. Deve ser salientado que é feita aqui referência aos que se tornaram verdadeiros cristãos, não aos que meramente dizem sê-lo.

Isso é tornado claro nas palavras de Cristo: “Por meio de Cristo deveria cumprir-se o propósito de que era um símbolo o tabernáculo — aquela construção gloriosa, com suas paredes de ouro luzente refletindo em matizes do arco-íris as cortinas bordadas de querubins; a fragrância do incenso, sempre a queimar, a invadir tudo; os sacerdotes vestidos de branco imaculado, e no profundo mistério do compartimento interior, acima do propiciatório, entre as figuras de anjos prostrados em adoração, a glória do Santíssimo. *Em tudo Deus desejava que Seu povo lesse o Seu propósito para com a alma humana.* Era o mesmo propósito muito mais tarde apresentado pelo apóstolo Paulo, falando pelo Espírito Santo:

“Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?

“Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo.” *1 Coríntios 3:16,17.* Educação, 36.

Isto é adicionalmente confirmado por estas palavras: “Com a purificação do templo, anunciou Jesus Sua missão como Messias. Aquele templo, erigido, para morada divina, destinava-se a ser uma

lição objetiva para Israel e o mundo. Desde os séculos eternos era o desígnio de Deus que todos os seres criados, desde os luminosos e santos serafins até ao homem, fossem um templo para morada do Criador.” {DTN 103}, *O Desejado de Todas as Nações*, 161.

Estes dois testemunhos, deixam muito claro o que é o templo de Deus. Esse templo que é o corpo humano, que, como vimos, é feito como era o santuário antigo. Dentro desse templo do corpo deve estar a própria presença de Deus, tal como Deus habitava na construção feita por mãos humanas no passado.

Mas não era apenas como uma representação do cristão que o santuário foi construído. Tão certo como Deus nos diz através de Paulo que Cristo tomou a mesma carne e sangue dos filhos, que tomou a descendência de Abraão e fez-se em tudo semelhante aos irmãos, *o santuário também nos fornece uma imagem da encarnação de Cristo*.

Isto é totalmente confirmado pela Inspiração.

“Deus ordenou a Moisés acerca de Israel: ‘*E Me farão um santuário, e habitarei no meio deles*’ (Êxodo 25:8), e habitou no santuário, no meio de Seu povo. Durante toda a fatigante peregrinação deles no deserto, o símbolo de Sua presença os acompanhou.” {DTN 12}, *O Desejado de Todas as Nações*, 23.

Desta maneira, é descrita resumidamente a construção do santuário do deserto. Tendo feito esta descrição, a próxima frase começa com a palavra “Assim...” O aparecimento desta palavra nesta altura transmite a expectativa que aquilo que se segue será um paralelo do que acabou de ser dito e assim é. “Assim ...” – da mesma maneira – pelo mesmo procedimento – da mesma forma – igualmente – “Cristo estabeleceu Seu tabernáculo no meio de nosso acampamento humano. Estendeu Sua tenda ao lado da dos homens, para que pudesse viver entre nós, e tornar-nos familiares com Seu caráter e vida divinos. ‘O Verbo Se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade’. João 1:14.” {DTN 12}, *O Desejado de Todas as Nações*, 23.

Jesus Cristo é o Deus eterno que compartilhou o trono do universo com o Pai desde a eternidade do passado. Ele precisou de descer para o meio dos homens, a fim de salvá-los. Para fazer isso, Ele precisava de um tabernáculo ou tenda para habitar exactamente como precisou de um no deserto nos dias do antigo Israel. A tenda era um corpo humano tal como os nossos corpos são o templo quer do verdadeiro Deus ou do diabo.

Um reparo oportuno aqui é que não há nenhuma disputa quanto ao facto de que Cristo veio num tabernáculo ou tenda que era a Sua humanidade. Até mesmo a Igreja Católica Romana crê que Cristo veio na *forma* humana. A questão é em que tipo de humanidade veio Ele. Ou veio em carne e sangue sem pecado de Adão, como Adão era antes da queda, ou na caída, carne pecaminosa dos filhos de Adão, cuja carne estava sob a maldição do pecado.

As parábolas dadas por Deus aqui não são vagas, soltas ou indefinidas. Elas são precisas e objectivas. Portanto, se tivesse sido o plano de Deus que Cristo viesse a esta Terra para habitar na carne do Adão antes da queda, teria instruído Moisés, e fornecer-lhe-ia os materiais, para construir o Tabernáculo, de modo tão exacto como era a ilustração. Isto teria envolvido que o Senhor reservasse materiais do Jardim do Éden sobre os quais a maldição do pecado não tivesse tocado. Nesse caso, o testemunho citado acima de {DTN 12}, *O Desejado de Todas as Nações*, 23, na verdade nunca poderia ter sido escrito.

Mas ele foi escrito e claramente declara que, exactamente como foi construído o tabernáculo no deserto, assim o corpo humano de Cristo foi preparado para Sua morada enquanto esteve nesta Terra. O corpo de Cristo foi formado no corpo de outro ser humano, obedecendo às operações naturais da carne. Esse corpo foi construído célula por célula do pó da terra amaldiçoado, e não foi no mínimo diferente da carne e do sangue de qualquer outro ser humano depois da queda. Mas nesse tabernáculo habitou a presença de Deus.

Ninguém, ao olhar para trás para o antigo santuário, terá alguma dificuldade em ver a distinção entre o tabernáculo, e a presença de Deus no tabernáculo. O Tabernáculo era desta Terra, era

temporário e não tinham qualquer santidade de si mesmo. Mas o Deus nesse tabernáculo era do Céu, era e é eterno, e é a própria santidade. Foi uma combinação do celestial e do terrestre, exactamente como Cristo sobre esta Terra foi a combinação da divindade com a humanidade.

Muitos encontram dificuldade em tornar as distinções claras necessárias para entender correctamente a encarnação de Cristo e a verdadeira experiência cristã. Apesar da clareza mostrada na ilustração do santuário.

Eles são incapazes de ver a distinção entre a caída, carne pecaminosa e a natureza do mal que habita nessa carne. Por conseguinte, quando é ensinado como neste livro, que Cristo fez a Sua habitação na carne *pecaminosa*, concluem que isto significa que por isso Ele era impuro e pecador.

O santuário expõe a falsidade deste raciocínio. Ali, Deus veio e habitou numa construção feita por mãos humanas, a partir do pó da terra amaldiçoado. Mas isso não fazia o Deus do Céu impuro ou um pecador. Se Deus não se tornou impuro e pecaminoso ao habitar no santuário do deserto, então Cristo não se tornou impuro e pecaminoso por morar em carne pecaminosa. Pelo contrário, o edifício – apesar dos seus materiais não serem alterados pela presença de Deus – tornou-se um lugar santo quando Deus lá estava. A combinação do celeste com o terreno resultou num edifício que foi inteiramente dedicado ao serviço de Deus e revelava numa maneira mais maravilhosa a beleza, o poder e a perfeição do evangelho.

Da mesma forma, quando Jesus veio à Terra, a combinação da divindade com a humanidade produziu uma vida inteiramente e perfeitamente consagrada ao serviço de Deus. Era uma vida em que a beleza, o poder, e a perfeição do evangelho foi totalmente revelado.

Isto é suficientemente claro. No entanto, o santuário esclarece o problema ainda mais completamente. Houve vezes em que Deus teve de deixar o santuário por causa da apostasia do povo. Quando isso aconteceu, o edifício não ficou vazio. A presença de Satanás encheu-o. Uma dessas ocasiões foi, por exemplo, quando Cristo entrou no templo no início do Seu ministério. Quando Ele encontrou o pátio do templo cheio de barulho e confusão por causa da actividade comercial, Ele sabia, e nós sabemos, que não havia nada da presença de Deus. Do mesmo modo, sabemos que Satanás estava verdadeiramente, estimulando os homens egoístas na sua obra de extorsão. Tão certamente como aquele edifício estava ocupado com a presença de Satanás, então certamente estavam os corações dos presentes cheios com o tráfego profano de pecaminosidade. “Os pátios do templo de Jerusalém, cheios do tumulto de um tráfico profano, representavam com exatidão o templo da alma, contaminado por paixões sensuais e pensamentos profanos.” {DTN 103}, *O Desejado de Todas as Nações*, 161.

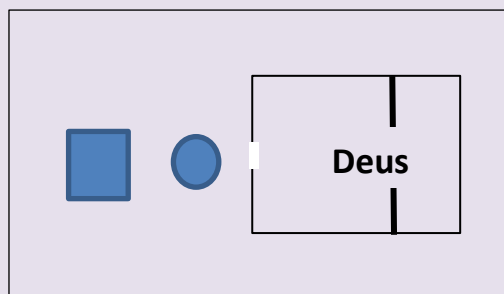
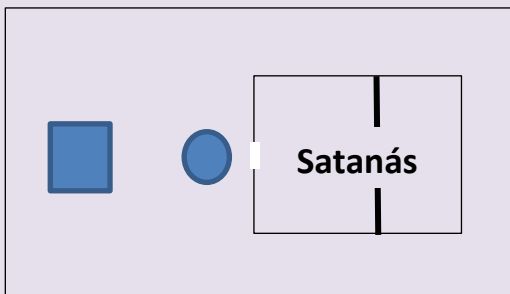
Aqui, então, estão duas situações possíveis, ambas representam uma condição na vida humana. A primeira é quando a presença de Deus está no santuário e a segunda quando lá está a presença de Satanás. O que não deve ser esquecido é que, quando a presença de Deus é substituída pela presença de Satanás, *o edifício em si não muda*. O mesmo edifício é um tabernáculo de Deus ou de Satanás. Apesar de ter sido feito por corpos humanos do pó da terra amaldiçoado, isso não o torna impuro ou pecaminoso. Essa condição é determinada por quem habita no edifício.

A contaminadora presença de Satanás no santuário e na nossa carne tem de facto um efeito. A referência aos dias do rei Ezequias mostra que, após um período em que a presença de Satanás está no santuário, o edifício fica em mau estado de conservação e impureza. Foi preciso desde o primeiro até ao oitavo dia do primeiro mês para restaurar o edifício para o serviço de Deus. A história é encontrada em *2 Crónicas 29:1-9*. Mas o edifício no estado de degradação e impureza era ainda o mesmo edifício. Ele não se tinha de modo algum transformado noutra.

Assim a presença de Satanás na vida humana tem um efeito corruptor sobre o corpo humano. Torna-se imundo, cai em degradação da saúde doentia, e perde os seus poderes efectivos, *mas não se torna um corpo diferente*. É ainda a mesma caída, pecadora, carne e sangue mortal. Na mudança da vida devotada ao serviço de Satanás para a vida cristã não há nenhuma mudança na carne, excepto para sua melhoria. A mudança está no poder que reside naquela carne.

OS DOIS SANTUÁRIOS

CARNE	ESPÍRITO	CARNE	ESPÍRITO
Nascido do Homem	Nascido de Satanás	Nascido do Homem	Nascido de Deus
Do pó da Terra Sob Maldição	Nascido do Inferno	Do pó da Terra Sob Maldição	Nascido do Céu
Pecador, Não Santificado, Mortal.	Pecador, Não Santificado, Mortal.	Pecador, Não Santificado, Mortal.	Sem Pecado, Santo, Eterno



1. Construído por Corpos Humanos.
2. Construídos com o pó da terra amaldiçoado.

Homens não Regenerados

1. Construído por Corpos Humanos.
2. Construídos com o pó da terra amaldiçoado.

Cristo e os Regenerados

Obtemos a presença da vida de Deus nos nossos corpos mortais, pelo processo do nascimento espiritual. Este não é o nascimento da carne e, portanto, não o muda. Em vez disso, “É uma obra sobrenatural introduzindo um sobrenatural elemento na natureza humana.” {DTN 223}, *O Desejado de Todas as Nações*, 324.

Isto não significa que Deus pessoalmente e corporalmente reside no crente. Deus é uma pessoa. Ele habita nos Céus acima. O que acontece é que a Sua natureza e carácter são *reproduzidos* na pessoa, de modo que a mesma vida e espírito, que é a base para acções da justiça de Deus, tornam-se a força dirigindo o cristão.

Isto explica como Deus pode ser uma pessoa e, no entanto, ao mesmo tempo, habitar nos corações de todos os Seus filhos. A lei da *reprodução* torna isso possível. Quantas vezes ouvimos alguém dizer, “és igual ao teu pai.” Ao mesmo tempo, o pai pode estar próximo a ouvir a declaração e não a toma, literalmente, no sentido de que o pai está no filho corporalmente. Entende-se que o pai transmitiu ao filho a vida que está em si próprio. Existe a mesma natureza, disposição, talentos e aspecto geral. Esta reprodução é *física ou humana*. O pai não pode dar-lhe a vida espiritual de Deus. Isso está tão longe do poder humano como estava para os israelitas colocarem Deus no santuário.

Mas, tal como a *humanidade* de uma pessoa é o resultado da lei de reprodução física, assim a natureza *espiritual* no homem é o resultado da lei de reprodução espiritual. “Pela transformadora influência de Sua graça, a imagem de Deus se *reproduz* no discípulo; torna-se uma nova criatura.” {DTN 271}, *O Desejado de Todas as Nações*, 391. “Quando o carácter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus.” {PJ 29}, *Parábolas de Jesus*, 69.

O que parece ser em geral ignorado é que a lei de reprodução espiritual funciona em duas direcções – para o bem e para o mal. Do mesmo modo como o cristão tem nele a vida espiritual do seu Pai, Deus, assim o não regenerado tem em si a vida espiritual do seu pai, o diabo. Isto significa que cada um de nós nasceu no mundo físico com pais físicos e pais espirituais. Dos pais físicos, o nosso pai e a nossa mãe terrena, obtivemos a tenda ou tabernáculo onde o espiritual habita. De Satanás obtemos a natureza do mal espiritual com a qual nascemos.

Cristo reconheceu e ensinou a veracidade disto. Ele disse aos fariseus: “*Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai.* Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira.” *João* 8:44.

Cada um de nós entra neste mundo com a hereditariedade humana pecaminosa do homem decaído, e a hereditariedade *espiritual de Satanás*. Para aqueles que nasceram de novo, a hereditariedade satânica foi *removida e substituída* pela hereditariedade divina. Deve ser claro que a velha herança espiritual de Satanás tem de ser erradicada porque Satanás e Deus nunca estão juntos no santuário. Para Deus estar ali, Satanás, se ali estivesse anteriormente, tinha de ser expulso em primeiro lugar. Só então pode a presença de Deus entrar.

No caso de Cristo, em nenhum momento foi Satanás alguma vez seu pai. Ele, o Unigénito Filho de Deus sem pecado, desceu para habitar num corpo que não foi obra do Espírito Santo ou de Deus, mas o produto da reprodução humana. Ele veio a esta Terra como um homem nascido de novo – o Filho de Deus do lado espiritual, e o Filho do homem pela reprodução humana. Era Deus habitando em carne humana. As duas naturezas eram bastante distintas. Elas não se fundem numa.

A natureza *divina na* pessoa é uma coisa. O templo humano *onde* a natureza espiritual habita é outra. No santuário, a distinção pode ser vista claramente. Trata-se de uma distinção vital para entender a encarnação de Cristo, e o relacionado e inseparável assunto da justiça pela fé.

Na experiência de Cristo, esta distinção é tornada clara. “Foi a natureza humana do Filho de Maria transformada na natureza divina do Filho de Deus? Não; as duas naturezas fundiram-se misteriosamente numa só pessoa – o homem Cristo Jesus. N’Ele habitava corporalmente toda a plenitude da Divindade. ...” *The SDA Bible Commentary* 5:1113.

Ao “colocar de lado as Suas vestes reais e a régia coroa, Cristo revestiu a Sua divindade com a humanidade para que os seres humanos pudessem ser elevados da sua degradação, e colocados em terreno vantajoso. Cristo não poderia ter vindo a esta Terra com a glória que tinha nas cortes celestiais. Os seres humanos pecadores não poderiam ter suportado a visão. Ele velou a Sua divindade com o manto da humanidade, mas não deixou de parte a Sua divindade. Como um divino-humano Salvador, veio Ele para ficar à frente da raça humana, a fim de partilhar da sua experiência desde a infância até à idade adulta. Para que os seres humanos pudessem ser participantes da natureza divina. Ele veio a esta Terra, e viveu uma vida de perfeita obediência.” *The Review and Herald* 15 de Junho de 1905.

“Em Cristo, a divindade e a humanidade estavam combinadas. A divindade não foi degradada pela humanidade; a divindade manteve o seu lugar, mas a humanidade por estar unida à divindade, resistiu às provas mais ferozes da tentação no deserto.” *The Review and Herald*. 18 de Fevereiro de 1890.

Estes testemunhos mostram que a figura do santuário é exacta quando revela a presença divina de origem celestial como sendo distinta da coisa terrena em que foi hospedada. A natureza divina de Cristo e a carne em que ela se encontrava eram duas entidades diferentes. A primeira era inteiramente do Céu; a última, inteiramente da Terra em que Ele viveu.

As palavras transmitem muito. As imagens revelam mil vezes mais. Os homens podem disputar o significado das *declarações* feitas em relação à encarnação, mas a imagem da encarnação de Cristo, tal como apresentada no santuário é clara e simples demais para não ser compreendida. Os imutáveis e inatacáveis factos são estes:

1. O santuário foi construído pela humanidade caída, mortal;
2. Foi construído a partir de materiais sobre os quais recaía a maldição do pecado;
3. Os materiais vieram da nação mais pecadora na Terra naquele tempo – o Egipto.

Esses são factos significativos. Porque o santuário é a imagem directa da maneira em que o corpo de Cristo foi formado, também se aplicam a Ele porque:

1. O Seu corpo foi formado pelo homem pecador, caído;
2. Foi feito do pó da terra sobre a qual repousava a maldição do pecado;
3. Ele veio ao mundo para ser assim formado, quando o pecado tinha alcançado o seu auge.

Tal era a carne de Cristo. Ela, sendo dessa origem, era caída, pecadora, mortal e imperfeita. Mas, *nela* habitou o próprio Deus do Céu, exactamente como foi no santuário do deserto. Aquela divina presença nessa carne humana, mortal, santificou o templo do corpo para um serviço a Deus que foi perfeito, sem pecado, e totalmente aceitável a Deus.

Assim também pode ser connosco.

10

Das Profundezas

Teria sido impossível Cristo vir a esta Terra com a natureza má de Satanás habitando na Sua carne e sangue. Fazer isso colocá-l'O-ia no lugar onde também Ele necessitaria de um Salvador e era desse modo incapaz de nos salvar. Se Ele tivesse vindo como uma árvore má, apenas podia produzir fruto mau que O teria colocado, no Seu todo, sob a eterna e inevitável condenação.

Nunca foi o propósito da encarnação provar que um homem mau, enquanto permanecesse nessa condição, podia obedecer à lei de Deus. Se Jesus tivesse vindo provar isso, teria retirado a verdade à Palavra de Deus. Ele veio para demonstrar que um homem que foi libertado do domínio de Satanás e a quem foi dada a bênção da filiação de Deus, pode obedecer a cada um dos requisitos de Deus. Para Cristo provar que essa pessoa podia obedecer à lei, tinha que descer ao lugar onde o homem se encontra e ser exactamente como ele e, nessa posição, demonstrar que ela pode ser obedecida em perfeição. Isto está claramente demonstrado na Palavra.

Contudo, isto ainda não era suficiente, e não satisfaria plenamente a necessidade do homem que perece, nem responderia completamente às acusações de Satanás que um homem pecador não pode encontrar a salvação. Cristo tinha, sem que Ele próprio se tornasse mau na Sua natureza espiritual ou desistir da Sua natureza divina, que descer onde o homem perdido se encontrasse. Nessa profundeza, Ele tinha que experimentar toda a treva, desencorajamento, desespero e desamparo de todo o pecador culpado. Todo aquele que encontra salvação sai dessa profundeza unicamente pela fé. Cristo também tinha que pela fé e só pela fé sair dessa treva para a luz do Céu. Ao fazê-lo mostra o caminho da salvação da mais profunda escuridão e profundeza, sem desculpa para não descobrir o seu caminho para a completa libertação.

O propósito deste capítulo é mostrar a extensão da profundidade a que Cristo desceu na Sua determinada e vitoriosa missão para salvar a humanidade.

“Cristo é a escada que Jacó viu, tendo a base na Terra, e o topo chegando à porta do Céu, ao próprio limiar da glória. Se aquela escada houvesse deixado de chegar à Terra, por um único degrau que fosse, teríamos ficado perdidos. Mas Cristo vem ter conosco onde nos achamos.” {DTN 214}, *O Desejado de Todas as Nações*, 311, 312.

Quando Jesus vem ter conosco, não vem encontrar-se com homens ou mulheres, convertidos ou renascidos. Ele vem salvar os não convertidos. Portanto, se essa escada chega até nós onde estamos, ela tem que chegar à profundeza do pecado onde nós nos encontramos numa condição de não salvação. Cristo tem que experimentar por Si mesmo tudo o que é conhecido e compreendido por um homem. Isto pareceria uma contradição da verdade já estabelecida que Jesus não tomou a mente carnal e o coração mau. Se Ele não participou disso e não era nascido de Satanás, como podia Ele possivelmente experimentar aquilo que um filho de Satanás experimenta? Ainda assim este testemunho diz que Ele veio ter conosco à profundeza do pecado. Evidentemente, esta é outra das

aparentes contradições da Escritura, cujas respostas estão sempre disponíveis para o honesto filho de Deus ensinado pelo Espírito.

O relato que Jesus desceu realmente ao abismo está profeticamente declarado em *Salmos* 40. É confirmado que estas palavras estão a apontar para uma experiência de Cristo nos versículos 6-10.

“Sacrifício e oferta não quiseste; os meus ouvidos abriste; holocausto e expiação pelo pecado não reclamaste.

“Então disse: Eis aqui venho; no rolo do livro de mim está escrito.

“Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração.

“Preguei a justiça na grande congregação; eis que não retive os meus lábios, Senhor, tu o sabes.

“Não escondi a tua justiça dentro do meu coração; apregoei a tua fidelidade e a tua salvação. Não escondi da grande congregação a tua benignidade e a tua verdade.”

Uma leitura de *Hebreus* 10:6-9 mostra que Paulo compreendeu inquestionavelmente que estes versículos eram uma profecia directa da experiência e ministério de Jesus.

“Holocaustos e oblações pelo pecado não te agradaram;

“Então disse: Eis aqui venho (no princípio do livro está escrito de mim), para fazer, ó Deus, a tua vontade.

“Como acima diz: Sacrifício e oferta, e holocaustos e oblações pelo pecado não quiseste, nem te agradaram (os quais se oferecem segundo a lei),

“Então disse: Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade. Tira o primeiro, para estabelecer o segundo.” *Hebreus* 10:6-9.

Ele não citou e fez aplicação de todo o Salmo a Cristo porque estava preocupado com um aspecto particular do ministério de Cristo. Falava-se disto apenas numa parte do Salmo, que ele citou. Todo o Salmo é falado na primeira pessoa, pela mesma pessoa. Não há ali mudança de assunto ou de pessoa em causa. Se é provado que uma parte do Salmo é uma profecia directa da obra e experiência de Cristo, então as outras também são.

A.T. Jones declara que todos os Salmos são uma profecia de Jesus Cristo.

“Vamos agora estudar outra fase deste grande assunto. Primeiro no Salmo, – Cristo nos Salmos, – para que possamos ver quão inteiramente os Salmos têm Cristo como significado, e que Aquele de cujas experiências se relata ali é Cristo.” *The 1895 General Conference Bulletin* 15:1. Isto é lógico, porque as experiências relatadas nos Salmos são as experiências do tratamento de Deus com o homem. Mas como não há experiência que o homem tenha passado que Jesus não tenha passado também, seria impossível os Salmos não serem um relato das experiências de Jesus.

“Esperei com paciência no Senhor, e ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor.

“Tirou-me dum lago horrível, dum charco de lodo, pôs os meus pés sobre uma rocha, firmou os meus passos.

“E pôs um novo cântico na minha boca, um hino ao nosso Deus; muitos o verão, e temerão, e confiarão no Senhor.

“Bem-aventurado o homem que põe no Senhor a sua confiança, e que não respeita os soberbos nem os que se desviam para a mentira.”

Notai especialmente o versículo um que diz: “Esperei com paciência no Senhor, e ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor.” Sabemos pela nossa própria experiência que, quando estamos em baixo nessa profundidade de pecado, desejamos ser tirados de lá e libertados. Passamos por essa experiência de luta de *Romanos* 7, procurando e implorando e insistentemente e pacientemente esperamos que Deus nos tire dessa profundidade. Depois de um período de angústia e agonia, somos por fim libertos. Podemos testemunhar: “Tirou-me dum lago horrível, dum charco de lodo, pôs os meus pés sobre uma rocha, firmou os meus passos.” Com maravilhosa exactidão estas palavras descrevem a experiência de toda a pessoa que, pela fé viva, é salva da profundidade do pecado e tem os seus pés em cima da Rocha da salvação de Deus. Este Salmo não é em primeiro lugar acerca de nós, mas acerca de Cristo. É a Sua experiência que está ser descrita. Houve uma altura em que Ele esteve em baixo nessa profundidade; quando esperou pacientemente no Senhor até o Seu clamor ser ouvido e

ser elevado até ser colocado um cântico diferente no Seu coração e nos Seus lábios. Não tivesse Ele lá estado, não podia ter sido tentado em todos os pontos como nós somos e não nos podia ter socorrido de todas as tentações.

À luz destas Escrituras não pode haver dúvida que Ele desceu às profundezas para sofrer aquelas terríveis horas de trevas como as que nós passamos. Quando e como é que Ele fez isto?

Em {DTN 484}, *O Desejado de Todas as Nações*, 685, no maravilhoso capítulo com o título “Getsémani” é aberta perante nós a ilustração de Jesus experimentando o que era ser verdadeiramente um pecador perdido. A Ceia do Senhor tinha passado; os apóstolos juntamente com Cristo tinham deixado o cenáculo e caminhavam em direcção ao jardim.

“Em companhia dos discípulos, fez o Salvador vagarosamente o caminho para o jardim de Getsémani. A Lua pascoal, clara e cheia, brilhava num céu sem nuvens. Silenciara a cidade de tendas de peregrinos.

“Jesus estivera conversando animadamente com os discípulos, instruindo-os; mas ao aproximar-Se do Getsémani, tornou-Se estranhamente mudo. Muitas vezes lá estivera, para meditar e orar; mas nunca com o coração tão cheio de tristeza como nessa noite de Sua última agonia.”

Notai as palavras seguintes:

“Durante Sua vida na Terra, andara à luz da presença de Deus. Quando em conflito com homens que eram inspirados pelo próprio espírito de Satanás, podia dizer: ‘Aquele que Me enviou está comigo; o Pai não Me tem deixado só, porque Eu faço sempre o que Lhe agrada.’”

Isto descreve a experiência de toda a vida de Jesus até este ponto. Não é uma ilustração de alguém que está em baixo numa profundidade, mas de alguém cujos pés estão estabelecidos sobre a rocha. “Durante Sua vida na Terra, andara à luz da presença de Deus.” É isso a profundidade? Certamente que não! Durante esse tempo Jesus tinha caminhado na elevada vereda e sólido caminho que todo o irmão santificado trilha. Constantemente Ele deu uma convincente demonstração de como cada pessoa que tem a divindade na humanidade caída e pecaminosa, pode viver uma vida sem pecado. Não foi durante este período que Cristo esteve em baixo na profundidade, mas algum tempo depois. Isso é indicado no parágrafo a seguir que começa com “Agora, porém”.

Ao introduzir “porém” no início da frase indica que uma ilustração de contraste se segue. A figura anterior mostrava Jesus andando num caminho seguro à luz da sustentadora presença de Deus. Na ilustração agora apresentada, Ele está em baixo nas profundezas juntamente com os transgressores, sentindo tudo o que o condenado e perdido sente. “Agora, *porém*, parecia excluído da luz da mantenedora presença de Deus. Era então contado entre os transgressores. Devia suportar a culpa da humanidade caída.”

Onde é que se encontra o pecador? Caminhando à luz da presença de Deus, ou na profundidade do pecado? Está na profundidade, separado da sustentadora presença de Deus. À volta dele há profundas, impenetráveis trevas, um grande sentido de desamparo, desespero e uma sensação de estar totalmente perdido.

“Sobre Aquele que não conheceu pecado, devia pesar a iniquidade da raça caída. Tão terrível Lhe parece o pecado, tão grande o peso da culpa que deve levar sobre Si, que é tentado a temer que ele O separe para sempre do amor do Pai. Sentindo quão terrível é a ira de Deus contra a transgressão, exclama: ‘A Minha alma está profundamente triste até à morte.’ Mar. 14:34.”

Tão real, tão pessoal e tão verdadeiramente Seu, o vosso e o meu pecado apareceram a Jesus, que Ele sentiu-se como se fosse um perdido pecador.

“Porque males sem número me têm rodeado; as minhas iniquidades me prenderam de modo que não posso olhar para cima. São mais numerosas do que os cabelos da minha cabeça; assim desfalece o meu coração.

“Digna-te, Senhor, livrar-me: Senhor, apressa-te em meu auxílio.” *Salmos* 40:12, 13.

Jesus disse, “as Minhas iniquidades me prenderam”, as Minhas iniquidades? Pecou Cristo alguma vez? Certamente que não! Então porque não disse Ele, as suas iniquidades me prenderam? Jesus Cristo dá-nos a Sua justiça como se ela fosse propriamente nossa e Ele também tomou os nossos

pecados que se tornaram Seus como se fosse Ele realmente a cometê-los. Quando Ele toma algo, isso tornar-se posse Sua. Jesus podia dizer e disse, “as Minhas iniquidades me prenderam” porque, nessa altura, Ele sentiu-se tão culpado como o pecador se sente.

Quando o ser humano culpado sofre a agonia da condenação dos seus pecados, esses são pecados cometidos por si. Este peso de culpa esmaga as forças da vida e por fim termina eventualmente na morte. Quando Jesus tomou sobre Si próprio aquelas iniquidades, não estava a suportar o pecado apenas de um, mas de todos os homens que jamais viveram. Um peso desses está fora do poder de cálculo ou da compreensão humana. Se o simples peso dos nossos pecados significam uma tal medida de desencorajamento e horror para nós, qual deve ter sido o efeito de todos os pecados do mundo acumulados sobre a estrutura humana de Cristo? A Sua humanidade não podia por mais tempo sofrer o peso terrível, esmagador da vida, antes de expirar sob o seu incalculável peso. Jesus sentiu o total sentido de separação de Deus exactamente como o pecador, só que infinitamente mais.

Estas palavras descrevem intensamente a luta e o sofrimento de Cristo nesta altura.

“Ao aproximarem-se do jardim, os discípulos notaram a mudança que se operara em seu Mestre. Nunca antes O tinham visto tão indizivelmente triste e silencioso. À medida que avançava, mais se aprofundava essa estranha tristeza; todavia, não ousavam interrogá-Lo quanto a causa da mesma. Seu corpo cambaleava como se estivesse prestes a cair. Ao chegar ao jardim, os discípulos, ansiosos, procuraram o lugar habitual do retiro do Mestre, para que Ele pudesse descansar. Cada passo que dava agora, fazia-o com extremo esforço. Gemia alto, como sob a opressão de terrível fardo. Por duas vezes os companheiros O sustentaram, do contrário teria tombado por terra....

“Foi a uma pequena distância deles — não tão afastado que O não pudessem ver e ouvir — e caiu prostrado por terra. Sentia que, pelo pecado, estava sendo separado do Pai. O abismo era tão largo, tão escuro, tão profundo, que Seu espírito tremeu diante dele. Para escapar a essa agonia, não deve exercer Seu poder divino. Como homem, cumpre-Lhe sofrer as conseqüências do pecado do homem. Como homem, deve suportar a ira divina contra a transgressão.

“Cristo Se achava então em atitude diversa daquela em que sempre estivera. Seus sofrimentos podem melhor ser descritos nas palavras do profeta: ‘Ó espada, ergue-te contra o Meu Pastor e contra o varão que é Meu companheiro, diz o Senhor dos Exércitos’. Zacarias 13:7. Como substituto e refém do pecador, estava Cristo sofrendo sob a justiça divina. Viu o que significa justiça. Até então, fora como um intercessor por outros; agora, ansiava alguém que por Ele intercedesse.

“Ao sentir Cristo interrompida Sua unidade com o Pai, temia que, em Sua natureza humana, não fosse capaz de resistir ao vindouro conflito com os poderes das trevas. No deserto da tentação, estivera em jogo o destino da raça humana. Cristo saíra então vitorioso. Agora viera o tentador para a última e tremenda luta. Para isso se preparara ele durante os três anos de ministério de Cristo. Tudo estava em jogo para ele. Falhasse aqui, e estava perdida sua esperança de domínio; os reinos do mundo tornar-se-iam afinal possessão de Cristo; ele próprio seria derrotado e expulso. Mas se Cristo pudesse ser vencido, a Terra se tornaria para sempre o reino de Satanás, e a raça humana estaria perpetuamente em seu poder. Com os resultados do conflito perante Si, a alma de Cristo Se encheu de terror da separação de Deus. Satanás dizia-Lhe que, se Se tornasse o penhor de um mundo pecaminoso, seria eterna a separação. Ele Se identificaria com o reino de Satanás, e nunca mais seria um com Deus.” {DTN 485}, *O Desejado de Todas as Nações*, 685-687.

Estas palavras são uma mensagem de vida para o que perece. Elas trazem o conforto de saber que não há nada que pudéssemos alguma vez sofrer na nossa natureza humana, tentando-nos a crer que o poder do pecado é tão grande, que Jesus não sofresse mais ainda. A Sua natureza humana era tão fraca e pecaminosa como a nossa. Onde nós conhecemos o verdadeiro medo, Ele, também, conheceu medo realmente.

“Ao sentir Cristo interrompida Sua unidade com o Pai, temia que, em Sua natureza humana, não fosse capaz de resistir ao vindouro conflito com os poderes das trevas.” Suportando todo o peso da transgressão, Ele sentiu em Si mesmo o terrível agonizante temor de nunca mais ver a face de Seu Pai outra vez e essa separação seria eterna.

Há alguma experiência pela qual a humanidade possa passar, mais terrível do que esta? O maior terror e sofrimento é o medo da eterna separação de Deus. Quando um homem atormentado pelo pecado vê aberto perante si um abismo sem fundo do qual parece não haver resgate e fuga, ele experimenta a pior coisa que um homem pode sofrer. Todas as almas perdidas sofrerão isto no final dos mil anos quando lerem a sua irrevogável sentença da morte eterna. Verão que perderam tudo o que este mundo pode dar e têm de sofrer o eterno esquecimento e separação de Deus. A treva desse horror virá para todas as mentes e cada uma sofrerá como Jesus sofreu no jardim do Getsémani.

É essencial que o pecador que está no abismo tenha fé no poder de Deus e vontade de se libertar daquela situação. A terrível pressão da tentação é abandonar-se a si próprio à natureza aparentemente irremediável do seu caso. É tentado a sentir que outros podem ser salvos mas ele não; que o poder do pecado é demasiado grande para escapar e o peso da sua culpa demasiado negra para ser perdoada. Esta foi a pressão da tentação que esteve sobre Cristo. Se Ele tivesse desistido de lutar e se rendesse à tentação, tudo estaria perdido. Todo o pecador estaria para sempre justificado em assumir que o pecado é mais forte do que a justiça e Satanás mais forte do que Deus.

Se o pecador apenas tivesse que enfrentar o negro desencorajamento do tormento da sua culpa, já seria suficientemente mau. Mas sempre que uma alma procura perdão e libertação, Satanás agrava a tentação com implacável pressão da desesperada situação que está sobre ele. A revelação de Satanás neste papel de acusador dos irmãos é dada em *Zacarias* 3:1-3.

“E ele mostrou-me o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do anjo do Senhor, e Satanás estava à sua mão direita, para se lhe opor.

“Mas o Senhor disse a Satanás: O Senhor te repreenda, ó Satanás, sim, o Senhor, que escolheu Jerusalém, te repreenda; não é este um tição tirado do fogo?

“Josué, vestido de vestes sujas, estava diante do anjo.”

Os vestidos sujos simbolizam a pecaminosidade do suplicante. A sua única esperança está em Cristo. Para ser salvo, ele tem de ter fé que o Salvador perdoará os seus pecados e o libertará da sua escravidão. É aqui que Satanás apresenta os pecados do pecador numa luz ampliada e exagerada para o atemorizar com o horror quando vê o mal da sua natureza. O diabo procura apavorá-lo com o pensamento que nem se atreva a confiar que o Salvador o cure e restaure. Este é evidentemente o objectivo do diabo.

Para o pecador é uma terrível e probante experiência. Ele está a batalhar com um persistente e poderoso problema de pecado do qual deseja ser salvo, mas do qual parece não haver salvação. Trevas e desespero o rodeiam. O seu faminto coração procura um raio de esperança e luz; uma força e fé que o ligue ao Libertador. Mas ao olhar para cima para o Salvador, apenas encontra uma nuvem negra e impenetrável sobre a sua cabeça. Satanás colocou-se entre o suplicante e o Mestre. Ele argumenta que o pecado é demasiado grande para ser perdoado; que o Salvador foi ofendido para lá do ponto em que podia considerar a súplica do homem. Ele lembra-o da sua experiência antes vivida; como recebeu muitas bênçãos de Deus, mas agora está a batalhar sob o terrível peso da culpa. Ele apresenta um Deus tão puro que é incapaz de olhar para o pecado; Um Deus severo; justo e exigente. Com todo o argumento para desviar que a sua astuta mente pode inventar, Satanás procura tirar o maior partido da situação do pecador num desesperado esforço para evitar que ele alcance a fé que traga libertação.

Isto é o que torna a experiência daquele que procura escapar do abismo, mais difícil e árdua. É a experiência descrita e ilustrada nos termos da parábola de Josué e o Anjo.

Para que Jesus fosse um total e completo Salvador, tinha que experimentar, enquanto estava nessa profundidade de pecado, o peso adicional que Josué e o Anjo também experimentaram. Embora o fardo já colocado sobre Ele fosse pesado, terrível, muito além do que qualquer ser humano jamais foi chamado a suportar, também devia suportar o peso das especiais tentações do diabo nesta altura. Satanás fez quanto podia da oportunidade para apresentar os pecados ao Salvador na pior luz possível.

Aqui estão os subtis argumentos nesta altura.

“E que se lucraria com esse sacrifício? Quão desesperadas pareciam a culpa e a ingratidão humanas! Satanás apertava o Redentor, apresentando a situação justamente em seus piores aspectos: ‘A nação que pretende achar-se acima de todas as outras quanto às vantagens temporais e espirituais, rejeitou-Te. Procuram destruir-Te, a Ti, fundamento, centro e selo das promessas que lhes foram feitas como povo particular. Um de Teus próprios discípulos, que tem ouvido Tuas instruções e sido um dos de mais destaque nas atividades da igreja, trair-Te-á. Um de Teus mais zelosos seguidores Te há de negar. Todos Te abandonarão.’ Cristo repeliu esse pensamento com todo Seu ser. Que aqueles a quem empreendera salvar, aqueles a quem tanto amava, se unissem aos tramas de Satanás — isto Lhe traspassava a alma. Terrível era o conflito. Media-se pela culpa da nação, de Seus acusadores e traidor, pela culpa de um mundo imerso na impiedade. Os pecados dos homens pesavam duramente sobre Cristo, e esmagava-Lhe a alma o sentimento da ira divina.” {DTN 485}, *O Desejado de Todas as Nações*, 687.

O maior conforto para qualquer cristão é saber que nenhuma experiência, nenhuma tentação, vem sobre si que Jesus não tenha experimentado. Os pais que trabalharam durante anos para educar os seus filhos na verdade, sofrem terrível angústia ao verem os seus filhos e filhas irem para o mundo do pecado e afastarem-se da fé. Esta é uma experiência amarga para os pais. Quão frequentemente são eles tentados a desistirem e dizerem: “Não vale a pena. Eu também podia ir com eles.” Quando essa tentação vem, lembrai que Jesus sofreu isso por vós. Contemplai-O no jardim do Getsémani, vede que um dos Seus discípulos seria o principal a traí-l’O; as suas dissensões e contendas; dormindo enquanto deviam estar orando. Todos O abandonariam e fugiriam para salvarem as suas vidas na hora da Sua traição. Vede-O contemplando a nação judaica a quem Deus tinha dado a luz da vida, perseguindo a Sua vida; eles que deviam ter compreendido o Seu sacrifício, foram os primeiros a crucificá-l’O no madeiro. Depois de três anos e meio de ministério abnegado, Ele olha à Sua volta e não encontra homem ou mulher em todo o mundo em quem possa confiar ou considerar como fruto dos Seus trabalhos. Podeis pensar em mais desesperada e desencorajadora situação — uma mais terrível pressão da tentação do que aquela que Jesus sofreu nesta altura? Um grande sentido de separação de Deus; à volta d’Ele apenas, a aterradora, terrível treva do pecado; ao lado d’Ele um tentador mau pressionando toda a situação sobre Si nos piores e mais negros termos. Não houve homem com Ele, pelo contrário, uma ilustração de completa má compreensão, ódio e total deserção.

Durante isto tudo Ele está a suportar os pecados de todo o mundo. Pensai nisto! Quando estais em baixo nesse abismo, que pecado é que estais a suportar? Apenas os vossos. Jesus conheceu toda a treva, desencorajamento, desamparo e separação de Deus que os meus pecados podiam trazer sobre Ele. Todavia, isso não foi tudo. Ele tomou os pecados de todo o mundo, da rebelde nação judaica, do mundo gentio romano, dos pagãos do mundo; pecados de todos os séculos e gerações. A profundidade do Seu abismo foi muito, muito maior do que o nosso — para lá da profundidade que as palavras humanas podem descrever. Ele suportou e levou tudo isso. Ele próprio experimentou tudo isso.

Mais importante ainda, Ele triunfou sobre toda a plenitude dessa tentação e saiu desse abismo através de uma fé viva no poder do Seu Pai para O salvar. Ele não só experimentou toda a pressão da tentação como cada homem tem de experimentar, como não teve qualquer vantagem sobre nós em lidar e obter a libertação dela. Do mesmo modo como nós temos que esperar pacientemente no Senhor até Ele ouvir o nosso clamor, assim Cristo teve que esperar pacientemente no Senhor até o Seu clamor ser ouvido. Unicamente pela fé somos nós capazes de descansar na libertação. Pela fé somente foi Jesus salvo desse abismo.

Não importa quão negra e desencorajadora possa ser a situação do pecador; não importa quão grande seja o fardo da sua culpa e o terror da sua condenação; nenhum pecador pode dizer que é demasiado, que a salvação não é para ele. Como prova, testemunhai a experiência de Jesus que foi verdadeiramente “como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado”.

A vitória ganha por Cristo sobre esse negro e desesperado abismo, é a maior jamais obtida na história do Universo. Isto é a certeza de que podemos ter a mesma vitória e triunfo sobre os reinos das trevas. Profeticamente, a vitória é revelada e descrita em *Salmos 22:1-5*.

“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que te alongas do meu auxílio e das palavras do meu bramido?”

“Deus meu, eu clamo de dia, e tu não me ouves; de noite, e não tenho sossego.

“Porém tu és santo, tu que habitas entre os louvores de Israel.

“Em ti confiaram nossos pais; confiaram, e tu os livraste.

“A ti clamaram e escaparam; em ti confiaram, e não foram confundidos.” *Salmos 22:1-5.*

Jesus, enquanto estava suspenso da cruz, podia olhar para trás para a experiência dos pais – Abraão, David, Moisés, Daniel – e recordar as maravilhosas respostas às orações que aqueles homens receberam. Ele podia lembrar que eles foram perdoados e libertados dos seus pecados.

Embora compreensível e aceitável, isto não foi conforto para Ele, porque à medida que Se comparava com eles, pareciam virtuosos e justos em comparação. Ele apenas podia dizer em desespero, “Mas eu sou verme, e não homem, opróbrio dos homens e desprezado do povo.” Como tal parecia não haver esperança de que Ele pudesse ser salvo.

Nisto, Ele estava a viver o que tantos de nós experimentam uma ou outra vez. Os nossos pecados são reais e estão na nossa presença. Ao olhar para outros que parecem ter uma experiência de luz e vitória, nós sombriamente acreditamos que eles podem facilmente ser salvos, mas que isto é diferente para nós. Devemos ganhar conforto. Jesus sentiu esta tentação e venceu-a para nos mostrar como esse estratagema de Satanás também pode ser vencido. Somos inclinados a argumentar que para Jesus isso foi diferente. Ele era o Filho de Deus; Ele nunca pecou. Ele era fiel e forte; mas nós pertencemos a outra classe. Vemos e compreendemos cada vez mais que isto não era diferente para Ele. Não foi mais fácil, mas mais difícil. A Sua vida deixa-nos sem desculpa para pecar.

Isto é ainda mais revelado à medida que ouvimos o lamento de Cristo acerca da Sua desesperada condição na cruz.

“Mas eu sou verme, e não homem, opróbrio dos homens e desprezado do povo.

“Todos os que me vêm zombam de mim, estendem os lábios e meneiam a cabeça, dizendo:

“Confiou no Senhor, que o livre; livre-o, pois nele tem prazer.

“Mas tu és o que me tiraste do ventre; fizeste-me confiar, estando aos seios de minha mãe.

“Sobre ti fui lançado desde a madre; tu és o meu Deus desde o ventre de minha mãe.

“Não te alongues de mim, pois a angústia está perto, e não há quem ajude.

“Muitos touros me cercaram; fortes touros de Basã me rodearam.

“Abriram contra mim suas bocas, como um leão que despedaça e que ruge.

“Como água me derramei, e todos os meus ossos se desconjuntaram; o meu coração é como cera, derreteu-se no meio das minhas entranhas.

“A minha força se secou como um caco, e a língua se me pega ao paladar; e me puseste no pó da morte.

“Pois me rodearam cães; o ajuntamento de malfeitores me cercou, traspassaram-me as mãos e os pés.

“Poderia contar todos os meus ossos; eles vêm e me contemplam.

“Repartem entre si as minhas vestes, e lançam sortes sobre a minha roupa.

“Mas tu, Senhor, não te alongues de mim. Força minha, apressa-te em socorrer-me.

“Livra a minha alma da espada, e a minha predileta da força do cão.

“Salva-me da boca do leão; sim, ouviste-me, das pontas dos bois selvagens.” *Salmos 22:6-21.*

Enquanto Jesus estava em baixo nessa profundidade, não havia absolutamente qualquer poder em Si mesmo para escapar. Ele deixou isso de lado quando deixou as cortes celestiais a fim de lutar a batalha como o homem a quem se tem de lutar. Ele podia ter escolhido estender a mão e agarrar-se a esse poder outra vez, livrando-Se a Si mesmo da situação, voltando para o Céu e deixando-nos a perecer. A pressão para fazer isso foi tremenda e a tentação para optar por essa escolha foi terrível.

“O tremendo momento chegara — aquele momento que decidiria o destino do mundo. Na balança oscilava a sorte da humanidade. Cristo ainda podia, mesmo então, recusar beber o cálice reservado ao homem culpado. Ainda não era demasiado tarde. Poderia enxugar da frente o suor de sangue, e

deixar perecer o homem em sua iniquidade. Poderia dizer: Receba o pecador o castigo de seu pecado, e Eu voltarei a Meu Pai. Beberá o Filho de Deus o amargo cálice da humilhação e da agonia? Sofrerá o Inocente as conseqüências da maldição do pecado, para salvar o criminoso? Trêmulas caem as palavras dos pálidos lábios de Jesus: ‘Pai Meu, se este cálice não pode passar de Mim sem Eu o beber, faça-se a Tua vontade’. Mateus 26:42.” {DTN 488}, *O Desejado de Todas as Nações*, 690.

Uma vez que Ele recusara escolher a Sua Divindade e abandonar a humanidade, não tinha poder para sair desse abismo. Tal como vós e eu temos que olhar pela fé para além das nuvens negras e confiar em Deus para nos libertar, assim Jesus Cristo tinha que ser salvo pela fé. Ele declarou sobre a Sua experiência em *Salmos* 40. “Esperei com paciência no Senhor, e ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor.

“Tirou-me de um lago horrível, de um charco de lodo, pôs os meus pés sobre uma rocha, firmou os meus passos.”

Há uma tendência para pensar a respeito de Cristo apenas como um Salvador e não como alguém a ser salvo. Porém, não deve ser esquecido que não há experiência através da qual passemos que Cristo não tenha passado. Com isto sabemos que Ele também experimentou a salvação do pecado – não dos Seus, mas dos nossos. “O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia.” *Hebreus* 5:7. Foi em busca de salvação que Jesus procurou e orou. Somente Um podia salvá-l’O – o Seu Pai que está no Céu. Ele dirigiu a Sua fé para as promessas e amor do Seu Pai e, pela fé, obteve libertação.

Em *Salmos* 22 está retratada a mais maravilhosa e espantosa vitória da fé jamais relatada. É tanto o modelo para chegarmos à fé como à certeza do seu sucesso.

Há uma nota inteiramente diferente em *Salmos* 22:22-31 da que está nos versículos anteriores. Aqui está a certeza do triunfo, a nota sonante de confiança e vitória. Quando estes sentimentos foram declarados, Cristo ainda não estava livre da terrível treva e peso do pecado. As condições não tinham mudado quando Ele disse aquelas desanimadas palavras no início do Salmo. Ele baloiçava entre a Terra e o Céu. À volta d’Ele estavam os escarnecedores; sobre Ele estava todo o peso do pecado; era raro encontrar alguém que exprimisse confiança n’Ele. A Sua súplica era a mais desesperada, contudo, a Sua fé saiu das profundezas das trevas, penetrando a própria presença de Deus. Isto tornou-O capaz de ver para além do túmulo para a certeza da ressurreição e derrota final de Satanás.

“Então declararei o teu nome aos meus irmãos; louvar-te-ei no meio da congregação.

“Vós, que temeis ao Senhor, louvai-o; todos vós, semente de Jacó, glorificai-o; e temei-o todos vós, semente de Israel.

“Porque não desprezou nem abominou a aflição do aflito, nem escondeu dele o seu rosto; antes, quando ele clamou, o ouviu.

“O meu louvor será de ti na grande congregação; pagarei os meus votos perante os que o temem.

“Os mansos comerão e se fartarão; louvarão ao Senhor os que o buscaram; o vosso coração viverá eternamente.

“Todos os limites da terra se lembrarão, e se converterão ao Senhor; e todas as famílias das nações adorarão perante a tua face.

“Porque o reino é do Senhor, e ele domina entre as nações.

“Todos os que na terra são gordos comerão e adorarão, e todos os que descem ao pó se prostrarão perante ele; e nenhum poderá reter viva a sua alma.

“Uma semente o servirá; será declarada ao Senhor a cada geração.

“Chegarão e anunciarão a sua justiça ao povo que nasceu, porquanto ele o fez.” *Salmos* 22:22-31

Isso foi vitória!

Foi vitória da fé!

Sabeis quando estais em baixo na treva do abismo do desencorajamento e há um grande sentido de separação entre vós e Deus, esse é o tempo mais difícil para louvar Deus e crer na Sua salvação. Contudo, quando Cristo pendia sobre a cruz e passava pelo abismo final daquilo que tinha começado

a experimentar no jardim do Getsémani, irrompeu dos Seus lábios esse incrível testemunho de louvor, agradecimento e confiança em Deus de que sairia do túmulo, quealaria o nome de Deus na grande congregação a um povo que ainda não havia nascido e que a salvação de Deus seria experimentada por pessoas de todas as nações, povos e língua. Isso era fé – fé viva. Ela rompeu as evidências visíveis à Sua volta e, agarrando-se à palavra de Deus, confiou e creu nessa palavra. Ela deu a Jesus a mesma vitória que temos de ganhar para encontrar a nossa parte e lugar no reino do Céu. No jardim de Getsémani e na cruz do Calvário, Jesus Cristo experimentou aquilo que nós devemos experimentar na profunda treva da angústia de Jacó, quando a prova humana estiver terminada e não houver Intercessor.

Enquanto olhamos para a maravilha da encarnação e vemos o que Jesus fez, desaparece qualquer desculpa para o pecado. Não há fundamento para qualquer dúvida de que possamos ser salvos, ou que o poder de Deus seja insuficiente para nos tirar da profundidade da degradação e pecado.

Jesus tomou a nossa pecaminosa, caída, carne humana. Levando os pecados de todo o mundo, Ele sofreu como os homens têm que sofrer. Unicamente pela fé, olhando para cima através das nuvens negras que O separavam de Deus, esperou pacientemente que Deus O salvasse e fosse galardoado. Ele foi libertado do pecado para fixar os Seus pés sobre uma rocha. Venceu na hora mais sombria da história deste mundo. “‘Deus conosco’ é a certeza de nossa libertação do pecado, a segurança de nosso poder para obedecer à lei do Céu.” {DTN 13}, *O Desejado de Todas as Nações*, 25.

Ouvi a Sua voz naquela hora sombria quando o ladrão que estava na cruz disse: “Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino.” E Jesus lhe respondeu, “Em verdade te digo hoje...” Em que dia? Naquele dia de trevas e desespero sem evidência visível que desse a Cristo a certeza que ressuscitaria da sepultura. Hoje, disse Ele, do próprio abismo das trevas te digo, “estarás comigo no Paraíso.” Isso era fé. A fé de Jesus. É a fé que todos aqueles devem ter que por fim sairão vitoriosos sobre o pecado e o diabo. Ela tira do abismo do pecado, penetra as trevas à sua volta, e nega as acusações e insinuações de Satanás. Ela coloca os nossos pés sobre a rocha.

Já vimos que a natureza humana de Cristo, o corpo de carne e sangue em que a Sua natureza divina morava, era pecaminosa, carne caída. Toda a tendência dessa natureza apontava na direcção do pecado exactamente como a nossa carne faz, mesmo que sejamos cristãos renascidos. Essa carne representou para Ele como representa para nós, um terrível obstáculo na batalha contra o mal.

Jesus não experimentou no mais pequeno grau qualquer vantagem sobre nós. Ele sentiu a tentação como o homem convertido a sente e compreende, e venceu-a como um homem convertido pode vencer se quiser.

Todavia, para Cristo ser um Salvador perfeito ou mesmo qualquer salvador, não era suficiente sofrer a tentação apenas como um homem convertido a sofre. Foi o perdido que Jesus veio salvar. Portanto, Ele também sentiu o poder da tentação como um homem não convertido a sente e obteve a vitória como esse homem pode se quiser. O problema na mente de muitos é como podia isto ser possível quando Cristo nunca teve a mente carnal possuída pelo não regenerado espiritualmente, nem foi controlado e dominado por ela. Nem Ele jamais pecou para sentir o poder destruidor do sentimento de culpa.

Se Ele nunca teve a mente carnal e nunca pecou, como podia Ele experimentar o que significa ter essas coisas?

Nós temos de analisar a Sua experiência no Getsémani para ver como isto aconteceu. A pecaminosidade do homem estava tão colocada sobre Ele que a suportou como se fosse propriamente Sua. Tão verdadeiramente e realmente Ele o sentiu que experimentou a pecaminosidade desse mal como todas as pessoas perdidas a sentem. Ele esteve entre as garras mortais do medo que a vitória fosse impossível, que a humanidade nunca pudesse suportar a pressão da hora da prova.

A natureza de Cristo nesta Terra nestas posições é geralmente incompreensível para as pessoas comuns. Elas não podem ver que essa natureza divina de Deus sem pecado podia habitar e habitou na natureza humana pecaminosa e caída do homem. Todos nós estamos cientes de que temos natureza humana pecaminosa e caída que nos tem levado a cometer pecados graves e é assumido que é

impossível não pecar enquanto estamos nesta carne. Mas, se fosse assim, então Cristo tinha de ter pecado, pois Ele tinha a mesma carne e sangue semelhante ao nosso. A Sua vida prova que não importa quão grande seja a pressão da tentação, continua a não haver desculpa para o pecado mesmo enquanto tivermos o obstáculo da carne pecaminosa e caída.

11

As Duas Mortes

Qualquer dificuldade em ver isto desaparece, ao reconhecer a distinção entre duas naturezas diferentes – a mente carnal, por um lado, e a mente de Cristo pelo outro. A falha em fazer distinções como esta é comum entre pessoas religiosas. Os judeus falharam totalmente em ver duas vindas de Cristo. O resultado foi rejeitá-l’O, com a conseqüente perda da vida eterna. Da mesma forma, o mundo Protestante moderno nega a distinção entre a lei moral e a lei cerimonial. Portanto, descartam a lei moral, juntamente com a cerimonial, desqualificando-se assim para a vida eterna.

A nossa carne pecaminosa, caída, é habitada e governada pela mente carnal ou o templo do corpo é ocupado pela mente divina de Cristo. A primeira sanciona e estimula todos os desejos carnis, enquanto a última domina e controla as concupiscências carnis.

O regenerado e o não regenerado têm ambos a mesma caída, carne e sangue. Cristo estava no lugar do regenerado, tendo assim, a mesma carne e sangue, semelhante à possuída pelo regenerado e pelo não regenerado. Mas, ambas as classes têm em si um outro poder além do poder da sua natureza humana. O não regenerado possui o poder da mente carnal, enquanto no regenerado, está o poder da mente divina de Cristo, ou a vida. Compreender estas distinções é vital para compreender a natureza de Cristo na encarnação.

Em *Romanos*, capítulos 6-8, estas verdades são reveladas e confirmadas. Considerai em primeiro lugar, *Romanos* 8:7. “Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser.”

O que é a “inclinação da carne” mencionada neste versículo? É dada informação suficiente para determinar a sua identidade. Não é apenas um poder em inimizade contra Deus, mas que é, em si, inimizade contra Deus. Além disso, não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser.

Algumas pessoas acrescentam que é só sem Cristo que não é possível este poder ser sujeito à lei de Deus. Mas isto é acrescentar as Escrituras. Elas não dizem que isso não pode ser feito, excepto por Cristo. Elas simplesmente afirmam que não pode ser.

O mesmo é verdade quanto a um espinheiro. Ele é, por natureza, inimigo da produção de fruto, não está sujeito a esta lei, nem pode tornar-se. Nem mesmo Deus produzirá maçãs num espinheiro porque isso requereria da Sua parte a abolição de uma lei fundamental para nossa protecção e bênção.

Portanto, a mente carnal não pode ser a nossa mente intelectual de carne e sangue, porque esta, embora possa estar em inimizade contra Deus, pode ser levada à paz e harmonia com Ele. Da mesma forma, enquanto houve um tempo em que não estava sujeita à lei de Deus, isto é permitido quando é convertida a Deus. Então torna-se sujeita à lei e vontade de Deus.

Portanto, há a mente carnal que está em inimizade contra Deus e não pode entrar em sujeição a Ele, e a mente de carne que pode estar em paz com Deus e estar sujeita à lei. Elas não podem, por isso, ser uma e a mesma.

Romanos sete mostra um homem cuja mente natural ou inteligência e a vontade terá sido convertida à lei de Deus. Ele só deseja servir essa lei, mas não pode porque é dominado por um poder interior que é o seu senhor absoluto. “Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus.” Ele entende o que a lei de Deus exige. Nela, vê a rectidão, justiça, razão e beleza e anseia obedecer-lhe e guardá-la. A Sua mente e a vontade terão sido convertidas para a verdade como declara no versículo 18, “Com efeito, o querer está em mim.” Mas, apesar disso, ainda não há obediência à lei. Porquê?

Por causa da presença de um outro poder em seus membros contra quem luta e domina sobre a sua própria mente e vontade. “Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros.” *Romanos* 7:23.

Estudai este quadro. Há uma outra lei em seus membros, que faz guerra contra a lei da sua mente. Esta outra lei não é o corpo de carne e sangue porque ele descreve-o como sendo os membros. É algo que habita naqueles membros, tal como uma doença ou enfermidade habita no organismo humano e domina sobre ele. Nem é a mente do homem, pois este poder lutava contra a lei da sua mente.

Este versículo estabelece a existência de três coisas que compõem uma pessoa ao mesmo tempo. A lei ou o poder do pecado residente nos membros; a lei ou o poder da sua própria mente; e a carne em si. Muitos não conseguem ver as três coisas distintas neste versículo. Isto leva à confusão sobre o que é o novo nascimento e semelhantemente a uma má compreensão do mistério da encarnação de Cristo.

Foi afirmado anteriormente que deve ser feita uma distinção entre as duas naturezas diferentes, e que devem ser vistas duas, onde geralmente é vista uma. A referência a três coisas aqui não contradiz isso, porque o terceiro elemento não é uma natureza, mas sim a mente ou a vontade. É a mente carnal a dominar a caída, pecaminosa natureza humana, ou a natureza humana divina, tal como a boa ou a má árvore que cresce no mesmo solo.

É mostrado nas ilustrações da obra de Deus na Bíblia que há três aspectos distintos na nossa libertação da escravidão do antigo senhor. Esse poder que luta contra a lei da mente e nos leva cativos é chamado de uma lei. Uma lei nunca pode ir para a guerra, e colocar em cativo, a menos que seja uma força a ser considerada. Podemos, então, referir a lei como o poder do pecado que está nos nossos membros.

O papel deste poder é ilustrado nas lições objectivas da Bíblia. Na escravidão dos israelitas no Egipto, “A libertação de Israel do Egipto era uma lição objectiva da redenção, que a Páscoa se destinava a conservar na memória.” {DTN 46}, *O Desejado de Todas as Nações*, 77.

Deus é um sábio e hábil professor. Ele sabe do torpor da mente humana drogada pelos efeitos destrutivos de gerações de pecado, por isso faz as Suas lições tão simples e claras quanto possível. Não há melhor método de ensinar do que através de lições objectivas onde as verdades espirituais são ensinadas por parábolas ilustradas. A escravidão dos israelitas no Egipto é uma figura da servidão ao senhor do pecado. Se esta é uma lição objectiva e há três factores envolvidos no problema de pecado, vamos encontrá-los na ilustração da cena egípcia.

Em primeiro lugar havia o corpo de carne e sangue do israelita escravo. Todos os talentos, conhecimentos e energias do corpo eram usados para fazer o serviço de Satanás porque era o seu reino que os seus esforços estabeleciam. Esse serviço era árduo sob o qual os israelitas gemiam continuamente, mas as satisfações da carne que o acompanhavam, alho-porro, alho, etc., eram muito desejáveis. Quando eles foram privados deles, houve alguns que queriam regressar à escravidão de maneira a terem esses desejos satisfeitos outra vez.

Depois havia a mente ou a vontade do homem. Esta era diferente da caída natureza humana pecaminosa, desse escravo. Pensai naqueles que eram crentes verdadeiramente conscientes e realmente desejavam servir a Deus. Esta classe de pessoas teria uma verdadeira convicção de que

aquilo que estava a fazer era contra Deus. Terá odiado o que estava a fazer e terá tido um intenso desejo de parar. Não seria um rebelde contra Deus mais do que é o homem em *Romanos 7*, contudo, apesar da vontade não o desejar, continuava a servir o Faraó, dia após dia.

A razão para isto era o terceiro factor; o poder de outra mente governando sobre ele. Este era o poder do senhor do escravo. Enquanto fosse cativo desse poder, não tinha qualquer esperança de sequer começar a fazer o serviço de Deus, não importa quanto pudesse ter odiado o serviço do pecado, nem quanto tivesse desejado servir a Deus e decidido obedecer-Lhe. Este não é assunto para o exercício da vontade, porque essa não é a solução para este problema.



Assim como os israelitas eram forçados a servir os seus senhores, mesmo que os odiassem, assim, quem está sob a escravidão do pecado tem de obedecer ao seu mestre, mesmo que seja contra a vontade deles.

Nesta lição objectiva da escravidão e libertação, o senhor do escravo, o Faraó, é a contrapartida da mente carnal, que não é sujeita à lei de Deus. Quando a Palavra de Deus foi apresentada ao Faraó, essa Palavra que é a mais alta e a de maior autoridade final do Universo, ele não lhe obedeceria e não obedeceu. Um terrível flagelo após outro foram dirigidos contra ele. Uma e outra vez, ele prometeu obedecer, mas essa promessa deve ser distinguida da verdadeira obediência, pois a Bíblia não diz que a mente carnal não pode prometer servir a Deus. Ela pode fazer e fará tais promessas. O que a Palavra diz é que a mente carnal não pode servir a Deus, e isto ela não pode fazer, da mesma maneira como nada iria mudar a mente do Faraó. Apesar de tudo, decididamente ele recusou-se a servir o Deus do Céu.

Quantas vezes nós vemos homens e mulheres colocados face a face com a morte e desastre, prometendo servir ao Senhor se forem libertados dessa calamidade. Muitas vezes o Senhor faz o que pedem, mas as promessas são esquecidas, e a mesma vida pecaminosa prossegue como antes. Uma coisa é a promessa – qualquer um, mesmo com a mente carnal pode fazer isso – mas outra coisa é cumprir realmente o que foi prometido.

A solução para este problema não é a decisão da vontade, porque ela é impotente sob o punho do senhor do escravo. Nem o pedido de perdão dos pecados cometidos durante o dia, apesar deste ter verdadeiramente o seu lugar essencial.

Considerai a seguinte situação. No final de cada dia de serviço nos campos do Egipto, o escravo consciente chega a casa com um fardo de culpa por causa do dia de trabalho. Ele ajoelha-se ao lado da sua cama e confessa que, durante o dia, passou todo o seu tempo e usou os talentos e energias a construir o reino de Satanás. Esta confissão é tão verdadeira quanto sincera. Ele implora para ser perdoado pelo que fez e, pela fé, acredita que tenha recebido o perdão. Mas, foi o seu problema resolvido? Não foi. Quando vai para a cama, é um escravo, para se levantar de manhã ainda escravo. Ele será forçado a fazer o mesmo que fez no dia anterior. Ele viverá uma vida de pecar e confessar, pecar e confessar novamente.

Uma solução tem de ser outra que não procurar ser perdoado apenas pelas acções dos pecados que são o resultado da sua escravidão. Ele tem que ser libertado do poder do pecado, e isto só pode ser realizado pela morte de uma das três entidades. Distinguir a existência das três entidades é essencial

para a compreensão do problema. Que uma delas deve morrer é a chave para a vitória sobre o pecado.

Isto é ensinado no processo pelo qual os filhos de Israel foram libertados para sempre da servidão egípcia. Houve seis etapas essenciais e distintas pelas quais tiveram de passar antes de ficarem livres. Se apenas uma fosse suprimida nunca poderiam ter tido a sua liberdade. É característico dos falsos evangelhos hoje ensinar todos menos um dos passos essenciais. Eles parecem-se como a coisa real, mas falham num essencial, não podem dar a libertação do pecado.

Antes de qualquer homem ou a sua família poder participar da Páscoa, tinha de ser circuncidado. “Porém se algum estrangeiro se hospedar contigo e quiser celebrar a páscoa ao Senhor, seja-lhe circuncidado todo o homem, e então chegará a celebrá-la, e será como o natural da terra; mas nenhum incircunciso comerá dela.” *Êxodo* 12:48.

A circuncisão foi o símbolo dado por Deus da aliança eterna. Foi instituída naquele ponto quando Abraão finalmente deixou as suas próprias obras na busca do cumprimento da promessa e aceitou as obras de Deus pela fé. Deus disse-lhe:

“Disse mais Deus a Abraão: Tu, porém, guardarás a minha aliança, tu, e a tua descendência depois de ti, nas suas gerações.

“Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós, e a tua descendência depois de ti: Que todo o homem entre vós será circuncidado.

“E circuncidareis a carne do vosso prepúcio; e isto será por sinal da aliança entre mim e vós.

“O filho de oito dias, pois, será circuncidado, todo o homem nas vossas gerações; o nascido na casa, e o comprado por dinheiro a qualquer estrangeiro, que não for da tua descendência.

“Com efeito será circuncidado o nascido em tua casa, e o comprado por teu dinheiro; e estará a minha aliança na vossa carne por aliança perpétua.

“E o homem incircunciso, cuja carne do prepúcio não estiver circuncidada, aquela alma será extirpada do seu povo; quebrou a minha aliança.” *Gênesis* 17:9-14.

Os esforços de Abraão para gerar o filho da promessa, resultaram em Ismael, a quem Deus não poderia aceitar. Os seus esforços tinham produzido apenas o fracasso. Ele tinha de se afastar disto totalmente e sem concessões aceitar as obras de Deus antes de poder alcançar o sucesso.

As mesmas condições governaram a bem sucedida partida de Israel do Egipto. Só Deus poderia conceber um plano para assegurar a sua libertação. Se, em qualquer particular, tivessem introduzido alguma das suas próprias decisões, o plano teria falhado. Para garantir que não houvesse frustração do propósito de Deus, o povo tinha de solenemente prometer que obedeceria de forma submissa a cada pormenor divinamente dado. O restabelecimento do rito da circuncisão foi a sua entrega pessoal para fazer isso.

Da mesma forma, somente Deus tem a sabedoria para formular o plano de salvação. A nossa tarefa é a de saber exactamente o que Deus tem planeado e obedecer com submissão incondicional. Isto não é natural para os seres humanos que têm desenvolvido uma disposição para gerir os seus próprios assuntos. Portanto, uma decisão positiva para renunciar aos seus próprios caminhos deve ser tomada antes da salvação poder ser efectuada no interior de cada indivíduo. Nos dias antes da crucificação, era necessário a circuncisão como o sinal exterior que este passo tinha sido dado. O sinal exterior já não é mais necessário, mas a dedicação para abandonar totalmente os nossos próprios caminhos ainda é igualmente essencial.

O próximo passo foi escolher o cordeiro, o que era feito no décimo dia do primeiro mês. *Êxodo* 12:2. Este é o símbolo de que todos aqueles que seriam salvos deviam escolher Cristo como seu Salvador. Existem milhões de pessoas que têm feito isso. Mas, escolher Cristo como nosso Salvador não é suficiente para assegurar que sejamos salvos. Foram os israelitas libertados logo que escolheram o cordeiro? Não, e não podiam ser até serem realizadas outras medidas.

No Egito, houve seis passos

ENTRE A SERVIDÃO

- 1. Eles tiveram que ser circuncidados**
- 2. Eles tiveram que escolher o cordeiro**
- 3. Eles tiveram que matar o cordeiro**
- 4. Eles tiveram que espargir o sangue**
- 5. Eles tiveram que comer o cordeiro**

- 6. O primogênito do Egito teve que morrer**

E A LIBERDADE

Se eles tivessem realizado os cinco primeiros passos sem o primogênito, eles teriam permanecido em escravidão como se não tivessem feito nada.

ERAM NECESSÁRIAS DUAS MORTES

Cada uma teve que ser tão real quanto a outra

O CORDEIRO	O PRIMOGÊNITO
O Inocente	O Culpado
O Salvador	O Destruidor
O Puro	O Impuro
Os Justos	Os injustos

**Por isso
há seis passos**

ENTRE A SERVIDÃO ESPIRITUAL

- 1. Devemos desistir das nossas próprias obras**
- 2. Nós devemos escolher Cristo**
- 3. Devemos confiar no Calvário**
- 4. Devemos permanecer sob a protecção do Seu sangue**
- 5. Devemos alimentar-nos da Sua Palavra**
- 6. O nosso primogénito — a mente carnal — tem que morrer**

E A LIBERDADE

Se realizarmos os cinco primeiros passos sem experimentar a segunda morte, continuamos em cativeiro tão completamente como se não tivéssemos feito nada.

SÃO NECESSÁRIAS DUAS MORTES

Cada uma tem que ser tão real quanto a outra

CRISTO	A MENTE CARNAL
O Inocente	O Culpado
O Salvador	O Destruidor
O Puro	O Impuro
Os Justos	Os injustos

Eles tinham de matar pessoalmente o cordeiro no décimo quarto dia do primeiro mês. Este era o símbolo de que os nossos pecados mataram Cristo no Calvário para efectuar a nossa salvação. O sacrifício da vítima inocente pelo pecador não só confirma que os nossos pecados crucificaram o Filho de Deus, mas foi um acto que significava a total confiança e aceitação dessa expiação. Este ponto é geralmente bem entendido por pessoas religiosas hoje e milhões aceitam o sacrifício da expiação na cruz como sendo essencial para a sua salvação. Consequentemente, este tornou-se o tema mais popular nas igrejas, objecto de inúmeros sermões em incontáveis denominações, o tema de hinos, corais, e poemas, e o conteúdo da oração sincera.

Mas apesar disto ser essencial para a salvação, não é suficiente. Nenhum israelita obteve a sua libertação do Egipto no momento em que o cordeiro foi morto. Havia ainda outros passos a serem dados. Por isso, confiança no maravilhoso e todo suficiente sacrifício de Cristo não era suficiente para trazer a libertação da escravidão do pecado. Há mais a ser feito antes que esta seja adquirida.

Os Israelitas tiveram que espargir o sangue sobre a porta para que vindo o anjo da morte na sua passagem não destruísse os que estavam no interior. *Êxodo* 12:7, 23. Hoje, precisamos da justiça imputada de Cristo para nos proteger da merecida penalidade dos pecados do passado. Novamente, isso não foi suficiente, porque o povo não ficou livre quando aspergiu o sangue, nem mesmo quando estavam sob a sua protecção dentro das suas casas.

Mais duas coisas tinham ainda que acontecer. Tinha de haver outra morte, não a morte do cordeiro, mas de forma simbólica, a morte de uma das três entidades.

Pode ser argumentado por alguns que foi o primogénito do Egipto que morreu, não o senhor do escravo especificamente. Não deve ser esquecido que, naqueles dias, o primogénito era herdeiro de toda a riqueza e do poder da terra naquela altura, por isso quando ele foi morto, significava que o Egipto morreu.

O carácter e o espírito do Egipto é o do senhor do escravo, assim foi com a morte que o poder da terra para manter o povo foi quebrado. O que a Palavra de Deus dada na ordem directa não podia fazer foi realizado por meio da morte dos primogénitos do Egipto. Quando os primogénitos morreram e não antes, o Faraó chamou os guias de Israel e disse-lhes que eram livres; ele não tinha mais poder para os segurar. Eles foram para nunca mais executar outro dia de serviço nessa terra ímpia.

#Não era suficiente que o poder do senhor do escravo fosse quebrado através da morte do primogénito. Os Israelitas, cingidos para partir, também deviam comer a carne do cordeiro pascal, enquanto o anjo da morte passava por eles. A vida do Cordeiro tornou-se a vida da pessoa, porque aquilo que comemos hoje, caminha e fala amanhã. O cordeiro simbolizava Cristo. Comê-lo indica o recebimento da vida de Cristo no lugar da velha vida.

Os israelitas poderiam ter feito cinco dessas seis coisas sem a morte do primogénito acontecer, mas ainda teriam sido forçados a continuar a mesma vida de servidão. Uma das três entidades tinha que morrer, e uma nova vida tomar o lugar da antiga. Só então teria o problema sido resolvido, o fim da velha vida de servidão, e o começo da nova vida de serviço a Deus.

Tragicamente, o povo de Israel não tirou proveito da lição objectiva. Embora tivessem passado pela libertação da escravidão física, temporal, não experimentaram a libertação espiritual que Deus concebeu que eles tivessem. Eles levaram o Egipto consigo nos seus corações. Nós devemos ver na lição, não o que eles fizeram dela, mas procurar compreender o que o Senhor projectara. Aprendamos a ver onde eles falharam em ver na lição o que deveriam ter visto.

Hoje, há igrejas que dizem que devemos seguir o plano de Deus de salvação; aceitar Cristo como nosso Salvador; colocar a nossa fé na Sua morte na cruz; ficar sob a protecção do Seu sangue derramado; e tê-l'O a habitar nos nossos corações, mas elas não ensinam a existência dessas três entidades, e que uma delas tem de morrer, e como ela é levada à morte.

Pregar o que eles pregam dá à mensagem uma forte base bíblica e conduz o ouvinte a crer que a igreja e seus pastores são de Deus, mas isso é um engano, pois não há mais salvação em tal pregação do que teria havido libertação para os israelitas se os primogénitos do Egipto não tivessem morrido.

A lição objectiva do Egipto ensina exactamente aquilo que é ensinado em *Romanos 7* e *8*. Três entidades separadas envolvidas no problema do pecado e uma tem de ser condenada à morte antes da libertação poder vir.

Outra ilustração desta verdade é fornecida pela doença. Nos tempos bíblicos, o terrível flagelo da lepra era reconhecido como representando a pecaminosidade “Profundamente arraigada, mortal, era tida como símbolo do pecado.” {DTN 177}, *O Desejado de Todas as Nações*, 262.

As explicações do evangelho encontradas neste livro, são baseadas na verdade que há três entidades diferentes envolvidas, embora intimamente relacionadas – a física, a mental e a espiritual. Temos observado a sua presença e o seu papel tanto na experiência de *Romanos 7* como no problema egípcio. Elas são igualmente prontamente reconhecíveis na situação em que uma pessoa está na escravidão da doença.

A doença reside no corpo, embora não seja realmente uma parte dele, assim como a natureza do pecado reside na natureza humana. O leproso sabe do seu estado, quer ser libertado dele, e quer voltar para os seus entes queridos e sociedade humana novamente. Mas isso não é possível até que a lepra seja apagada do seu organismo. Semelhantemente, antes do senhor do escravo no Egipto morrer, os israelitas eram incapazes de ser livres da escravidão.

Outro exemplo, confirmando o poder de uma doença interior a dominar a pessoa contra a sua vontade é a experiência de um rapaz que, durante semanas antes de um dia especial de piquenique, preparando-se para o feliz acontecimento foi atingido com a doença no último momento. Na noite antes do dia há muito aguardado, ele foi para a cama cheio de antecipação feliz, mas na manhã veio uma violenta febre.

Conhecendo o poder da enfermidade, o seu coração encheu-se de pavor por causa da decepção, mas a sua vontade e a mente determinaram que ele ainda podia ir. Tentou levantar-se, mas para verificar que a presença dessa doença nele era o seu verdadeiro senhor de modo que foi forçado contra a sua vontade a permanecer na cama durante o dia.

A diferença entre a vontade do jovem e o poder dessa doença é compreendido por todos os que estiveram doentes. Não se pode dizer que a doença é a natureza humana, a carne e o sangue do organismo, mas algo que habita naqueles membros, se alimenta deles e os controla contra a vontade deles. Assim é com o problema do pecado. A presença residente e o poder do pecado não é a carne em si, mas algo que habita, se alimenta e a controla contra a vontade da pessoa.

Aquele jovem não poderia ir ao passeio, a menos que ficasse em primeiro lugar livre daquela doença, do mesmo modo como não havia esperança do leproso regressar à sociedade humana novamente, a menos que fosse primeiramente purificado da presença da sua lepra. Ninguém pode jamais parar de pecar e fazer as coisas que sabe serem certas, a menos que seja primeiro libertado da presença e poder da natureza pecaminosa dentro de si. Uma entidade tem de morrer e ser substituída por uma nova vida. A falha em ensinar isto é literalmente ensinar um evangelho sem a cruz, substituindo-a com uma cruz que é meramente histórica, distante, e incapaz de salvar.

Cristo nunca teve essa terceira entidade pecaminosa. Ele nunca teve a mente carnal ou inimizade contra Deus e Sua lei. Qual era a batalha que Ele teve de lutar contra o pecado?

A resposta reside no facto de que a eliminação da doença, o senhor do escravo do Egipto, e a mente carnal, não tira a outra entidade, a caída, pecadora, natureza humana. Essa permanecerá até à segunda vinda de Cristo, quando isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revista da imortalidade. Nessa carne está o potencial de todo o pecado, especialmente como tem sido danificada e transtornada pelo efeito de milénios de pecado. O potencial para o pecado está mesmo na carne dos seres sem pecado como demonstrado pela queda do perfeito Lúcifer no ambiente perfeito do Céu.

Nenhum verdadeiro cristão alegrará que tem a carne santa como Lúcifer tinha. Como fizeram os santos apóstolos, confessarão o pecado da sua natureza humana e a cada dia batalharão com os seus males. Cristo tinha que fazer isso também. Os exercícios mais altos da fé e a determinada decisão da vontade serão chamados diante desta verdadeira e terrível batalha.

Muitos acham isto difícil de compreender. Alguns argumentarão que, se uma pessoa tem a vida divina de Deus, e se tornou pura e santa no que respeita a esta natureza, como pode ela jamais pecar novamente? Concluem que, por causa de Cristo ser Deus na Terra, Ele não poderia ter pecado; isso para Ele era impossível.

A resposta óbvia é que pessoas que foram cheias com a vida de Deus, e eram puras e santas, na verdade caíram em pecados terríveis. É feita referência a Lúcifer e a grande multidão de anjos que o seguiram, e a Adão e Eva. Terem uma natureza perfeita não os salvou de pecar. Tem de haver outro factor envolvido. Este é a vontade da pessoa. Deus não criou um Universo cheio de autómatos mas de criaturas inteligentes com a liberdade de escolher se querem ou não servi-l'O.

A diferença entre o homem de *Romanos 7* e *Romanos 8* é que o primeiro tem a mente carnal que é o poder dominante do pecado imposto pela força. Este poder ignora a vontade, e serve cada desejo e concupiscência da carne. O homem é uma árvore do mal e não tem alternativa senão servir ao pecado todos os dias. É praticamente automático.

O homem de *Romanos 8*, por ser um cristão verdadeiramente nascido de novo, não possui esta mente carnal, mas tem a mente de Cristo. Esta mente é o poder, a vida e o carácter de Deus, que se tornou a sua própria vida e carácter. O homem é uma árvore boa e supõe-se que automaticamente produzirá apenas bons frutos. Mas há uma diferença entre a natureza da mente carnal e a natureza da mente de Cristo. A natureza da mente carnal é forçar e dominar a vontade da pessoa, sem qualquer consideração por ela. Esta não é a natureza de Deus e de Cristo. Sua natureza é a de servir, com amor, livremente, e completamente. O Senhor não fará nada sem a nossa cooperação e consentimento. Em certo sentido, a natureza divina em nós serve a vontade. Nós não abusamos da natureza divina, que é o Espírito de Deus. Esse Espírito está lá para trabalhar a Sua vontade e livrar-nos quando nós, com viva fé, olhamos para ele na hora da tentação. A natureza divina em nós serve a vontade para subjugar, controlar, disciplinar, e negar os desejos e apetites da carne. Quando alguém foi libertado do poder controlador da mente carnal, tudo depende da acção correcta. Quando Satanás traz as suas terríveis tentações contra a carne, o Senhor nada pode fazer, até nós tomarmos uma decisão definitiva de não ceder a essa tentação.

Essa decisão deve ser feita no poder de uma fé viva na capacidade de Deus para salvar da tentação. Só porque uma pessoa tem a pecadora, caída, natureza humana, não é uma garantia de que vá pecar. Ela não precisa sequer de pecar. Com a mente carnal não tem escolha, mas quando livre da presença deste poder, tem em si o vivo poder de Deus. Se vigiar em oração para discernir a natureza das tentações de Satanás, e resolutamente, colocar a sua vontade contra elas no conhecimento seguro, e na fé, do poder de Deus para salvá-lo, não pecará, mas tem a vitória completa.

Jesus tinha a mesma carne e sangue, com o qual estamos afligidos. Satanás podia chegar a Ele com todo o incitamento, e tentou que essa carne se impusesse e O conduzisse ao pecado. Cristo conhecia o poder e a pressão de cada tentação, tal como a conhecemos, mas pôs a Sua vontade no conhecimento do poder de Deus para salvá-lo. Foi assim que Ele manteve uma permanente e completa vitória sobre a carne, o mundo e o diabo. Esta é a vitória que o Salvador alcançou e que nós temos de ganhar. Ele veio com uma carne sem poder para além daquele que nos é livremente oferecido e aceitou a carne pecaminosa com que estamos limitados. O Seu triunfo é a garantia do sucesso do crente na mesma batalha.

“Alguns podem ter pensado, ao lerem até aqui, que estávamos a depreciar o carácter de Jesus, trazendo-o para baixo para o nível do homem pecador. Pelo contrário, estamos simplesmente a exaltar o ‘Divino poder’ do nosso bendito Salvador, que voluntariamente desceu ao nível do homem pecador, a fim de exaltar o homem à Sua própria pureza imaculada, que Ele manteve sob as mais adversas circunstâncias.

“A Sua humanidade apenas velava, a Sua natureza divina, pela qual Ele estava inseparavelmente ligado com o Deus invisível, e que era mais do que capaz de resistir com êxito às fraquezas da carne.

“Havia em toda a Sua vida uma luta. A carne, movida pelo inimigo de toda a justiça, inclinar-se-ia para o pecado, mas a sua natureza divina, nunca por um momento abrigou um desejo maligno, nem o Seu divino poder vacilou por um momento.

“Tendo sofrido na carne tudo o que os homens podem, eventualmente, sofrer, Ele regressou ao trono do Pai tão imaculado, como quando deixou as cortes da glória. Quando Ele jazia no sepulcro, sob o poder da morte, porque ‘era impossível que Ele fosse retido por ela’ porque Ele ‘não conheceu pecado.’” *Christ and His Righteousness*, 28, 29.

12

Contradições Aparentes

A encarnação do Filho de Deus na caída, pecaminosa, carne humana e sangue, é uma sublime e maravilhosa verdade elaborada na mente do Infinito. Ela não pode ser totalmente expressa dentro do âmbito da linguagem humana, mas na medida do possível, foi revelada à família humana.

Não é de estranhar se existirem algumas expressões nesta revelação que são difíceis de entender e parecem contradizer o padrão geral. Reconhecemos a existência disto noutras disciplinas. Com base na nossa experiência anterior aprendemos que é preciso ter cuidado no estudo da encarnação. Encontramos um exemplo disto na questão da mortalidade da alma. Um adventista do sétimo dia conhece e compreende a partir do quadro geral das Escrituras, a revelação de que a alma do homem não é imortal e que os perdidos não sofrem torturas infinitas no fogo do inferno.

Mas algumas Escrituras parecem ensinar que os perdidos sofrerão a punição do fogo eterno. “E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre.” *Apocalipse 20:10*. Os que entendem o ensino da Bíblia sobre a imortalidade da alma humana entenderão que esta Escritura, à luz de todas as outras sobre o assunto, não significa que os ímpios arderão para toda a eternidade, no sentido dado nas nossas línguas modernas.

Tragicamente, alguns tomam um versículo como esse e constroem toda a sua crença com base nele, apesar dos claros ensinamentos das Escrituras em contrário. Aqueles que entendem o assunto claramente entristecem-se por ver este lamentável tipo de abordagem no estudo da Bíblia.

O preponderante testemunho da Escritura demonstra que Cristo veio na nossa pecadora humanidade caída e não na carne santa do Adão não caído. No entanto, há vários testemunhos que parecem contar uma história diferente. Aqueles que rejeitam o concei-

O semeador parece estar a deitar fora as suas reservas alimentares, mas as suas acções são totalmente compreendidas quando a colheita chega. Assim, as aparentes contradições nas Escrituras estão em perfeita harmonia quando olhamos para todo o conjunto.



to de que Cristo veio na mesma carne e sangue, como os filhos, fundamentam-se fortemente em testemunhos como estes. Vejamos o que eles têm realmente a dizer, de modo que possa ser compreendido por todos os que desejarem, que não há qualquer contradição na Palavra de Deus.

O Segundo Adão

Em primeiro lugar, considerai os testemunhos usados para ensinar que Cristo veio na mesma condição de impecável perfeição da carne que Adão tinha antes de cair.

“Cristo veio à Terra, tomando sobre Si a humanidade e constituindo-Se representante do homem, para mostrar, no conflito com Satanás, que o homem, tal como Deus o criou, unido ao Pai e ao Filho, poderia obedecer a todo reclamo divino.” {ME1 253}, *The Signs of the Times*, 9 de Junho de 1898. (*Mensagens Escolhidas* 1:253.)

As palavras-chave, “como Deus o criou,” referem-se ao homem como ele era no Jardim do Éden. Tenhamos cuidado para não confundir este testemunho como dizendo mais do que foi pretendido. O testemunho não diz directamente que Cristo veio como o homem era quando foi criado.

Conclui o testemunho, ou diz o suficiente para garantir esta conclusão a ser deduzida dele? Podia ser tirada a ilação de que Jesus ao vir para provar que o homem, como Deus o criou, podia guardar a lei, Jesus teria que vir no mesmo estado, para dar essa prova.

Se Cristo veio como o homem foi criado no início e guardou toda a lei, teria provado que este homem também podia ter guardado a lei em perfeição. Mas se Cristo veio com a incomensuravelmente maior desvantagem da carne pecaminosa, caída, e guardasse a lei em perfeição sob essas condições, não teria isso sido, de forma mais decidida e enfática a prova de que o homem, como Deus o criou, poderia guardar toda a lei? Certamente que sim.

Este testemunho não nos diz qual a condição da carne que Cristo tinha quando veio. Ele simplesmente afirma que Ele deu prova de que o homem como Deus o criou poderia guardar toda a lei em perfeição. Não deve ser feito esforço algum para fazer o testemunho dizer mais do que isso.

O Senhor não nos deixou na ignorância quanto ao estado da natureza de Cristo em comparação com a de Adão. *O Desejado de Todas as Nações*, 117, {DTN 72}, afirma explicitamente que Cristo não veio com um corpo de carne e sangue na mesma condição de perfeição desfrutada por Adão no Jardim do Paraíso.

“Satanás apontara o pecado de Adão como prova de que a lei de Deus era injusta, e não podia ser obedecida. Cristo devia redimir, em nossa humanidade, a falha de Adão. Quando este fora vencido pelo tentador entretanto, não tinha sobre si nenhum dos efeitos do pecado. Encontrava-se na pujança da perfeita varonilidade, possuindo o pleno vigor da mente e do corpo. Achava-se circundado das glórias do Éden, e em comunicação diária com seres celestiais. Não foi assim quanto a Jesus, quando penetrou no deserto para confrontar-Se com Satanás. Por quatro mil anos a raça estivera a decrescer em forças físicas, vigor mental e moral; e Cristo tomou sobre Si as fraquezas da humanidade degenerada. Unicamente assim podia salvar o homem das profundezas de sua degradação.”

O primeiro testemunho diz que Cristo veio para mostrar que a lei poderia ter sido guardada por Adão. O segundo mostra as grandes diferenças entre Adão como ele era no Jardim do Éden antes de cair, e Cristo quando veio quatro mil anos mais tarde a fim de dar uma demonstração de obediência perfeita. Jesus provou que o homem como ele era quando Deus o criou poderia guardar toda a lei, vindo não meramente na mesma situação vantajosa desfrutada por Adão, mas na perigosa posição de desvantagem sofrida pelos homens e mulheres depois de quatro mil anos após a queda. Isto provou conclusivamente que Adão poderia ter feito isso no Jardim do Éden.

A Diferença Entre Onde e Como

“Cristo é chamado o segundo Adão. Em pureza e santidade, ligado a Deus e amado por Deus, começou Ele onde o primeiro Adão começou. Voluntariamente passou Ele pela vereda onde Adão caiu, e redimiu o fracasso de Adão.” *The Youth’s Instructor*, 2 de Junho de 1898.

“Ele venceu Satanás da mesma natureza sobre a qual no Éden Satanás obteve a vitória.” *The Youth’s Instructor*, 25 de Abril de 1901.

“Começou Ele onde o primeiro Adão começou”, é imediatamente interpretado como significando que Ele começou na mesma condição. Se este fosse o significado pretendido, o testemunho, para ser exacto, teria que ser lido, Ele começou como o primeiro Adão começou. A palavra *onde*, poderia significar no mesmo lugar no que respeita ao estado da condição, mas este não é o único significado possível. Também pode significar que o começo foi no mesmo ponto, em cada caso, sem referência à comparação das condições de cada um dos começos.

Ilustrando isto está o seguinte relato do início de uma viagem moderna em comparação com há duzentos anos. “Instalados no conforto de um expresso com ar-condicionado, nós começamos a viagem onde o avô paterno tinha começado a sua primeira viagem para uma propriedade lá no norte distante.” A palavra “onde” indica nada mais do que o ponto geográfico onde cada uma das viagens começou. Para além disto há pouco em comum, pois as duas condições são muito diferentes. A primeira viagem há muito tempo, foi feita em condições mais difíceis, enquanto a moderna é feita no maior conforto e conveniência.

Temos de olhar mais longe do que esta declaração para se encontrar “onde”, na mesma condição, ou qualquer outra coisa. A referência ao testemunho de *Desejado de Todas as Nações*, 117, {DTN 72}, e outros da mesma natureza, demonstra que há uma grande diferença na condição dos dois Adões como eles começaram sua luta com a tentação. O testemunho não pode ser interpretado no sentido de que o segundo Adão começou como o primeiro Adão. Para ter este significado um teria que ignorar outras declarações dadas por inspiração, ou admitir que a Palavra de Deus era contraditória.

Cristo começou de facto onde o primeiro Adão começou. Esta não é uma questão de geografia, mas um mesmo campo de batalha espiritual. O primeiro grande teste de Adão foi sobre a questão do apetite e foi nessa batalha que Cristo conheceu e venceu Satanás. Nesse mesmo ponto onde a batalha começou para Adão, começou por Cristo.

“Para Cristo, como para o santo par no Éden, foi o apetite o terreno da primeira grande tentação. Exatamente onde começara a ruína, deveria começar a obra de nossa redenção. Como, pela condescendência com o apetite, caíra Adão, assim, pela negação do mesmo, devia Cristo vencer.”, {DTN 72}, *O Desejado de Todas as Nações*, 117.

Este testemunho esclarece o outro em análise e mostra em que sentido e em que aspecto, Cristo começou onde Adão começou.

No último testemunho Cristo conquistou a vitória na mesma natureza sobre a qual Satanás triunfou no jardim. Que a natureza é a natureza humana.

O testemunho assegura-nos que Cristo não veio a esta Terra como um anjo para combater o bom combate da fé, mas como um homem. A natureza que Ele tomou foi a mesma que a de Adão, no sentido em que ambas as naturezas eram humanas, mas não estavam na mesma condição de perfeição e pureza, como mostram outros testemunhos. Esta distinção é a chave para compreender esses outros testemunhos em contrário.

O Segundo Adão

Cristo é o segundo Adão. Sobre isto não há qualquer dúvida. É um triste erro pensar que por causa daquilo que Ele é tem que ser exactamente como o primeiro Adão. A posição de que Adão teria continuado para sempre a ser o pai da raça humana para a vida eterna era muito diferente de onde

Cristo assumiu o mesmo trabalho. Portanto, o segundo Adão tinha que ser diferente do primeiro. O santuário mostra que Cristo não foi feito do mesmo pó da terra a partir do qual Adão foi criado. Quando Deus fez Adão, Ele usou o mesmo pó da terra que então havia – um pó da terra no qual não havia maldição, morte alguma, e nenhuma tendência para produzir espinhos ou abrolhos ou qualquer outra coisa semelhante.

Este não é o pó de onde o corpo do segundo Adão foi feito. O Seu corpo foi feito do pó existente nos dias em que Ele viveu. O pó de onde tinha nascido a maldição do pecado durante quatro mil anos e do qual havia a propensão para crescer todos os tipos de espinhos e abrolhos e outras coisas más. Na carne de Cristo – não na Sua natureza divina, mas na Sua carne – tinha a inclinação para o pecado como a carne de qualquer um de nós. Durante a Sua vida inteira, Ele experimentou a luta para manter essa carne e sangue sob perfeito controlo e negar até à morte, todo o desejo para sua gratificação pecaminosa.

Nenhum argumento legítimo pode ser levantado para negar que “como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas [o sangue e a carne, e como os filhos];... Porque, na verdade, ele não tomou [a natureza] dos anjos, mas tomou a descendência de Abraão.” *Hebreus 2:14, 16*.

Todo filho de Deus deve agarrar-se com irresistível tenacidade a esta verdade. Perder essa ligação é perder a vida eterna e juntar-se às fileiras do anticristo, porque “‘Deus conosco’ é a certeza de nossa libertação do pecado, a segurança de nosso poder para obedecer à lei do Céu.” {DTN 13}, *O Desejado de Todas as Nações*, 25. Se Cristo tivesse vindo até nós como Adão antes da queda, então Ele nunca poderia ter assumido o papel de pai da raça humana para a vida eterna. Ele poderia fazer isso apenas tomando sobre a Sua natureza sem pecado, a nossa natureza pecaminosa. Porque isso tinha que ser feito e porque ele o fez dessa forma, temos a certeza da vida eterna.

Sem Propensões

O próximo testemunho é usado por aqueles que crêem que Jesus Cristo veio em carne santa e perfeita como a carne de Adão no Jardim. Trata-se de um de seus suportes mais fortes. “Seja cuidadoso, extremamente cuidadoso quanto ao modo como se debruça sobre a natureza humana de Cristo. Não O coloque diante do povo como um homem com as propensões do pecado. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado como um ser puro, sem pecado, sem uma mancha de pecado sobre ele; ele foi feito à imagem de Deus. Ele podia cair, e caiu pela transgressão. Por causa do pecado, a sua posteridade nasceu com propensões inerentes à desobediência. Mas Jesus Cristo foi o Unigénito Filho de Deus. Ele tomou sobre Si a natureza humana e foi tentado em todos os pontos, como a natureza humana é tentada. Ele podia ter pecado; Ele poderia ter caído, mas nem por um momento houve n’Ele uma propensão para o mal ... Nunca, de maneira alguma, deixai a menor impressão nas mentes humanas de que uma mancha ou inclinação para a corrupção repousou sobre Cristo, ou que Ele de alguma maneira cedeu à corrupção ... que todo ser humano seja advertido quanto ao ponto de vista de tornar Cristo completamente humano, como nós; pois não pode ser.” *SDA Bible Commentary 5:1128, 1129*.

Este é um excerto de uma carta escrita especificamente a um determinado evangelista William L. H. Baker da Austrália em 1895. Não está disponível registo algum dizendo o que este homem ensinava. Seria muito mais fácil para compreender o erro ensinado considerado pela presente carta da irmã Ellen White, se houve algum. Ouvir essa afirmação é como ouvir uma pessoa a falar com outra pessoa por telefone. Podíeis ouvir apenas um lado da conversa e isso não faria muito sentido, se o houvesse. Isto coloca o testemunho numa categoria diferente de uma doutrina clara.

No entanto, o testemunho merece consideração. Deve ser dada alguma reflexão à palavra propensão, que pode ser aplicada em mais do que uma área. A definição do dicionário é inclinação, propensão ou tendência. Isto significa que existe um pendor ou inclinação numa determinada direcção.

Ao lidar com a nossa experiência, há dois tipos de testemunhos que definem a forma como as propensões devem ser vencidas. Um testemunho fala em eliminá-las. O outro, de as controlar.

“Nós temos de aprender de Cristo. Temos de saber o que Ele é para aqueles que Ele tem resgatado. Temos de compreender que através da crença n’Ele é o nosso privilégio ser participantes da natureza divina, e assim escapar da corrupção que pela concupiscência há no mundo. Depois somos purificados de todo pecado, de todos os defeitos de carácter. Não precisamos manter uma propensão pecaminosa. Cristo é o portador do pecado; João dirigiu o povo para Ele, dizendo: ‘Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.’ E Paulo declarou, ‘E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que, noutro tempo, andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência; entre os quais todos nós também, antes, andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também. Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo... e nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus...’ Assim como nós participamos da natureza divina, tendências e defeitos para o mal hereditariamente cultivadas são eliminadas do nosso carácter, e somos transformados num poder vivo para o bem.” *Review and Herald*, 24 de Abril de 1900.

A linguagem neste extracto é clara em que a propensão ou tendência não deve permanecer, mas ser removida ou eliminada do carácter. Isto é uma coisa distinta e diferente do controlo. Se a propensão não está mais ali, ela não pode ser controlada. Seria contraditório dizer que a tendência devia ser controlada e ao mesmo tempo erradicada. Ele tem de ser uma coisa ou outra.

Por contraste, este próximo testemunho fala de controlo como a maneira de lidar com o problema. “O maior triunfo que nos é dado pela religião de Cristo é o controle de nós mesmos. Nossas propensões naturais devem ser controladas, ou nunca poderemos vencer como Cristo venceu.” *Testemunhos para a Igreja* 4:235.

Um testemunho fala em erradicar as propensões e o segundo em controlá-las. Por isso, existem duas categorias de propensões, tendências, inclinações e atracções para o mal que têm de ser abordadas na vida cristã. Aqui, deve ser entendida uma distinção, como a diferença entre as duas vindas de Cristo, as duas leis, e outros conjuntos de duas coisas chamadas pelo mesmo nome, mas que são diferentes. Alguns dirão, “A propensão é uma tendência e vós não podeis ir pela separação em categorias acerca de definições.” Os judeus disseram que a vinda de Cristo ou o Messias foi a vinda de Cristo e não havia questão alguma quanto à divisão em categorias sobre as definições de uma primeira e segunda vinda. Aqueles que mantiveram este ponto de vista perderam as suas vidas eternas. Eles fornecem o testemunho de que devemos entender as diferenças entre as coisas que são diferentes e, no entanto, chamadas pelo mesmo nome.

O primeiro destes dois, dizendo-nos que não precisamos manter uma propensão pecaminosa, indica que, à medida que nos livramos dela tornamo-nos mais e mais como Cristo. “Sempre aprendendo sobre o divino Mestre, participando diariamente da Sua natureza, cooperamos com Deus para vencer as tentações de Satanás. Deus trabalha, e o homem trabalha, para que o homem possa ser um com Cristo, como Cristo é um com Deus. Então, sentamo-nos juntos com Cristo nos lugares celestiais. A mente repousa com paz e segurança em Jesus.” *Review and Herald*, 24 de Abril de 1900.

Se, pelo livrar destas tendências, nós nos tornamos mais e mais como Cristo, conclui-se que Ele à partida nunca as teve. Seria também de concluir que o evangelista Baker ensinou que Cristo tinha de facto estas propensões más das quais nós temos de nos livrar, para ser como Ele quando estava nesta Terra.

Por que têm tais propensões más ser erradicadas da vida? “Indulgência consigo mesmo, auto-satisfação, orgulho, e extravagância devem ser renunciados. Não podemos ser cristãos e gratificar estas propensões.” *Review and Herald*, 16 de Maio de 1893.

Tais propensões numa forma de um espírito vivo, de auto-satisfação, auto-indulgência, e extravagância, não serão encontrados num verdadeiro cristão mais do que em Cristo. Se esse espírito tivesse sido encontrado em Cristo, Ele teria tido a mente carnal, teria estado em inimizade com Deus, estaria Ele mesmo perdido, e, portanto, totalmente incapaz de nos salvar.

Esta lista de propensões são as que não são para manter. Devemos ser libertados delas a fim de nos tornarmos como Cristo, quando Ele estava sobre esta Terra.

Além daquelas que devem ser erradicadas, há as que devem ser controladas. “Nossas propensões naturais ...”

Nisto há alguma verdade significativa. “O maior triunfo que nos é dado pela religião de Cristo é o controle de nós mesmos. Nossas propensões naturais devem ser controladas, ou nunca poderemos vencer como Cristo venceu.” *Testemunhos para a Igreja* 4:235.

Se controlarmos estas propensões naturais ou inclinações para o mal, venceremos como Cristo venceu. A palavra “como” indica que venceremos da mesma maneira como Cristo. O que significa isso? Se, pelo controlo das nossas propensões naturais, podemos vencer como Cristo venceu, Ele também deve ter tido propensões naturais e deve tê-las vencido mantendo-as em perfeito controlo.

“A Sua humanidade apenas velava a Sua natureza Divina, pela qual Ele estava inseparavelmente ligado com o Deus invisível, e que era mais do que capaz de resistir com sucesso às fraquezas da carne. Havia em toda a Sua vida uma luta. A carne, movida pelo inimigo de toda a justiça tenderia a pecar, mas a Sua natureza Divina nunca por um momento abrigou um desejo maligno, nem o Seu poder Divino por um momento vacilou. Tendo sofrido na carne tudo o que os homens podem possivelmente sofrer, Ele regressou ao trono do Pai, tão imaculado quanto quando deixou as cortes da glória. Quando Ele descansou no túmulo, sob o poder da morte, ‘era impossível que Ele fosse retido por ela’, porque ‘não conheceu pecado.’” *Christ and His Righteousness*, 28, 29.

Quando a irmã White estava a falar para o evangelista Baker advertindo-o para não apresentar Cristo com as propensões do mal, ela estava a falar da categoria anterior que deve ser erradicada e que Cristo nunca teve; não destas últimas, que devem ser controladas. A distinção aqui é tão real como a distinção entre as duas vindas de Cristo e as duas leis. A salvação para os judeus dependia da compreensão desta distinção. A salvação para o mundo protestante depende, entre outras coisas, da compreensão da distinção entre a lei moral e as leis cerimoniais. A compreensão da natureza de Cristo, essencial para o nosso presente bem-estar e o eterno, depende, entre outras coisas, de compreender a distinção entre as propensões que Cristo nunca teve e as que Ele teve.

Não consideramos demasiado para os judeus compreenderem que havia duas vindas de Cristo, nem razoável que os protestantes entendam que há duas leis distintas. Portanto, não deve ser considerado demasiado difícil entender as distinções entre as duas categorias diferentes de propensões. Embora nós nunca possamos apresentar Cristo como tendo o espírito maligno da auto-satisfação entre outros, Ele não teve as propensões naturais da caída natureza humana pecadora.

O verdadeiro problema reside na incapacidade de compreender uma outra distinção entre a mente carnal e a natureza humana, na qual essa mente habita. Geralmente elas são vistas como sendo a mesma coisa, e a conclusão é que no momento em que a mente carnal é removida, temos carne santa sem pecado. Não é assim. Aqueles que foram verdadeiramente nascidos de novo, e já estão livres das propensões pecaminosas, sabemos que eles não têm carne santa sem pecado, mas a natureza humana em quem não podem confiar.

O facto de Jesus não possuir as propensões do mal, não significa que Ele tivesse carne santa – tudo menos isso. A encarnação é Deus habitando na caída natureza humana pecaminosa, a mesma natureza que os filhos têm. Os católicos romanos e o resto do mundo anticristão pode ensinar que Deus veio em carne sem pecado, mas o verdadeiro povo de Deus deve sempre entender e ensinar que Cristo veio na mesma carne e sangue, como os filhos que Ele veio salvar.

Tal Como Um de Nós

O testemunho da secção anterior fecha com “todo o ser humano seja prevenido desde o princípio quanto a tornar Cristo totalmente humano, como um de nós; pois isso não pode ser.”

Agora, mais uma vez, vejamos o que este testemunho não diz. Ele não diz que devemos ser advertidos quanto a fazer a natureza humana de Cristo completamente a mesma que a nossa. Se ele dissesse isto, seria negar o ensino das Escrituras que declaram, “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, [a carne e o sangue dos filhos]; ... *Hebreus 2:14*. Além disso, a Irmã White estaria a negar o que havia escrito noutras partes das suas obras. O Senhor não se contradiz a si mesmo através dos seus mensageiros terrestres.

O testemunho diz que não devemos fazer de Cristo como um todo, completamente humano. Qualquer pessoa que compreenda a mensagem apresentada até aqui terá visto a ênfase sobre o facto de que Cristo não era completamente humano. Ele era Deus, e tinha sido assim desde a eternidade. No mais pleno e verdadeiro sentido Ele foi, é e sempre será Deus; Aquele de quem está escrito: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.” *Isaías 9:6*.

Apesar da Sua natureza humana ser totalmente como a nossa, Ele nunca poderia ser totalmente como nós, pois Ele é Deus, o Eterno, o que nunca podemos ser e nunca seremos. Ele é sem princípio: nós temos um começo; Ele é o Criador: nós somos suas criaturas; Ele nunca pecou: nós todos pecámos e destituídos estamos da glória de Deus... É impossível torna-l’O “completamente humano, tal como a nós mesmos, porque isso não pode acontecer.”

Não a Pecaminosidade

Existem outros testemunhos que nos asseguram que, enquanto Jesus tomou a mesma natureza como nós, Ele nunca entrou no pecado do qual todos os outros da família humana têm sido responsáveis, em maior ou menor grau. “Ao tomar sobre Si a natureza do homem no seu estado caído, Cristo não participou minimamente do seu pecado... Não devemos ter dúvidas em relação à perfeitamente isenta de pecado natureza humana de Cristo.” *SDA Bible Commentary 5:1131*.

Aqueles que querem acreditar que Cristo veio na perfeição sem pecado da natureza humana de Adão tomam estes testemunhos como significando mais do que o autor pretendia. Eles são citados para significar que Cristo não assumiu uma natureza humana na mesma condição como qualquer outra pessoa, isto é, que a Sua natureza não era, em si, em sua condição pecaminosa. Mas o Testemunho diz que Ele tomou sobre Si a natureza do homem “em sua condição decaída”. Isso garante-nos que, apesar disto, foi uma terrível desvantagem para suportar na hora da tentação e provação, Ele nunca cometeu um pecado. Podemos crer e saber com um maravilhoso sentido de alívio e alegria, que apesar da natureza humana de Cristo ter todo o potencial para o pecado, nem uma única vez Ele permitiu a tentação levá-l’O a participar em formas e práticas pecaminosas.

Sem Problemas Reais

A Palavra de Deus não é confusa, enganosa, ou contraditória. Qualquer pessoa honestamente disposta a estudar o assunto, decidindo em primeiro lugar, a partir do peso da evidência a deixar os difíceis e obscuros testemunhos até vir luz mais clara, não terá qualquer problema real em compreender o que o Senhor quer que saibamos. É demasiado esperar que a mente humana entenda todos os mistérios da mente divina ao primeiro contacto com a viva Palavra da verdade.

A verdade nunca é realmente compreendida na mente por si só. Ela deve ser experimentada antes da sua força e beleza se revelarem à mente e a sua clareza e simplicidade de serem apreciadas.

Nenhum destes testemunhos justifica a crença de que Jesus veio numa natureza humana de carne e sangue, diferente do que temos de suportar como uma terrível desvantagem e fardo na batalha

contra o pecado. Somente quando são tomados para significar mais do que dizem podem eles aparecer para ensinar o que nunca foi pensado.

Jesus Cristo, o Deus eterno, que veio e habitou na natureza humana na sua caída e pecaminosa condição, não participou nos pecados da humanidade, mas, resistindo e vencendo, Ele triunfou sobre o pecado, a morte e a sepultura. Ele vive para sempre como nosso Salvador, Sacerdote, e Redentor. Compreender e viver estas verdades, é vida e salvação para todas as almas necessitadas.

13

O Papado É o Anticristo

Num ponto anterior deste estudo, foi afirmado que não seria possível avaliar correctamente as questões das cenas presentes e finais do grande conflito, nem seria possível penetrar os disfarces em que o anticristo por fim aparecerá, a menos que primeiro a verdade sobre a doutrina de Cristo seja claramente entendida. Por esta razão, o espaço ocupado até agora tem sido, em grande parte, dedicado ao estudo da doutrina de Cristo, que é o estudo da natureza em que Ele veio, e o que Ele realizou ao vir como veio.

Foi a intenção de Deus que, no início, o homem conhecesse apenas o bem e fosse eternamente abençoado com esse conhecimento. Ele especificamente o advertiu contra a entrada num conhecimento do bem e o mal, advertindo-o para não comer da árvore proibida. Tudo teria sido eternamente bom para o homem, se ele se tivesse limitado ao conhecimento do bem.

Todavia, a situação hoje é muito diferente da que existia no jardim do Éden. A Humanidade, em Adão e Eva, optou por entrar no conhecimento do mal e, portanto, expuseram-se desde então aos enganamentos do maligno. O homem falhou no teste de rejeitar o erro no primeiro Paraíso, e nenhum de nós entrará jamais no Paraíso restaurado, a menos que vençamos onde os nossos primeiros pais falharam. No início, o homem escolheu conhecer o bem e o mal, e, portanto, a partir daquele momento temos que enfrentar o teste do erro e do engano. Disto não há escapatória. Conclui-se, então, que não é suficiente conhecer a doutrina de Cristo. Também temos que ser capazes de reconhecer a doutrina do anticristo, e resolutamente rejeitá-la por causa daquilo que ela é.

Se não somos capazes de fazer isso, então a penalidade certamente será a destruição, porque “Deus conosco” é a certeza de nossa libertação do pecado, a segurança de nosso poder para obedecer à lei do Céu.” {DTN 13}, *O Desejado de Todas as Nações*, 25. Se nos roubam essa verdade, então, certamente nos roubam a vida eterna, porque o Céu é para o vencedor, aquele que conhece o vivo livramento do poder do pecado.

Tão importante e sério é que sejamos capazes de distinguir entre a verdade e o erro, para que nenhum homem nos tire a doutrina, “Deus conosco”, que está escrita:

“Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.

“Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus;

“E todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo.” *1 João* 4:1-3.

Nada podia ser mais claramente declarado do que a verdade que há mais do que um espírito no mundo hoje. Um é o Espírito de Deus, e o outro é o espírito de Satanás, que é o espírito do anticristo. Enquanto o primeiro vem trazer a vida eterna, o outro vem para destruir através da subtileza da grande mentira. Um facto claro e vital, que deve ser enfrentado é que o Senhor não nos protege

automaticamente do poder de engano. Há uma parte definida e específica que temos de desempenhar, a qual, se negligenciada ou deixada por fazer, resultará em sermos enganados pelas ciladas de Satanás e em subsequente morte eterna.

A parte específica que nos cabe desempenhar é testar os espíritos para ver se eles são de Deus ou do diabo. Deus fornece os testes. Ele diz-nos como distinguir um do outro, e Ele dará o Espírito Santo, como Guia e Mestre neste trabalho a fim de nos dar a percepção espiritual e discernimento, mas o trabalho de aplicação do teste para chegar a uma decisão é exclusivamente nosso. Nem mesmo o próprio Deus fará isso por nós.

Devemos estar fielmente cientes que Satanás sabe muito bem que é exigido de nós que testemos os espíritos, como também está ciente de quais são realmente os testes. Ele sabe que todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que nega isto é de si mesmo. Portanto, deve ser esperado que ele procure fazer parecer que os seus agentes passem o teste de Cristo, apesar de negarem que Ele veio em carne. Que ninguém dos que vivem nestes tempos altamente críticos deixe que a verdade nem a gravidade das implicações seja subestimada. O conhecimento disto levará cada um a examinar com cuidadosa atenção as pretensões do inimigo até a natureza real do ensinamento ser verdadeiramente visto por aquilo que ele é. Isto exigirá um sentido do perigo e subtileza do engano; ele exigirá profundo e cuidadoso estudo; necessitará de muita oração e profundo exame do coração; e precisará que tenhamos individualmente uma experiência dentro de nós do poder da doutrina de Cristo. Este não é tempo para complacência nem autoconfiança, mas apenas a mais cuidadosa e estudada análise da situação tal como ela existe verdadeiramente.

Alguns argumentarão que Jesus disse: “Não julgueis, para que não sejais julgados, porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós.” *Mateus 7:1, 2*. Jesus quis dizer com isso exactamente o que está dito. Pelo mesmo Espírito foram escritas as palavras de *1 João 4:1-3*, onde nos é dito para testar os espíritos para ver se eles são de Deus ou não.

Se se argumenta que o último testemunho anula o outro para podermos obedecer-lhe, em vez de ambos, então isto é acusar as Escrituras de contradição. Ele está a dizer que Deus está em confusão, dando certas instruções numa ocasião e noutra algo completamente oposto. Ele não é esse tipo de Deus. Se houver qualquer contradição aparente entre essas duas passagens não está nas Escrituras mas na mente do leitor.

Temos que compreender as palavras de Cristo no sentido em que Ele as disse, e as palavras das outras Escrituras, no sentido que lhes foi dado. Isto não é difícil, pois as Escrituras mostram o que deve ser feito. As palavras de Cristo são a respeito de julgar o carácter e motivação de outros indivíduos. Isto envolve a leitura do coração que só Deus pode fazer. Portanto, Jesus disse que não devemos julgar os homens nossos semelhantes.

A instrução em *1 João 4* não se refere a julgar os motivos ou carácter, mas o ensino específico defendido. Devemos testar e provar o ensino, e não o indivíduo. Quando se verifica que o ensinamento é falso, aquele que o ensina também deve ser um falso mestre. Isto não significa que nós questionemos as suas motivações, sinceridade, ou entusiasmo. Isso significa que nós não podemos aceitar esse homem como um mestre da verdade. Fazer isto, é expor-nos às subtis e corruptoras influências do ensino falso.

As palavras de Cristo não anulam a instrução para testar e provar os espíritos. Deus exige isso e elogia calorosamente aqueles que obedecem a essa instrução. Jesus, no *Apocalipse*, falou com aprovação da igreja em Éfeso. “Escreve ao anjo da igreja que está em Éfeso: Isto diz aquele que tem na sua destra as sete estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro:

“Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são e tu os achaste mentirosos.” *Apocalipse 2:1, 2*.

Estes são genuínas palavras de louvor. Elas foram pronunciadas pela Testemunha Verdadeira que nunca diz uma mentira. A imparcialidade deste testemunho é revelada quando Ele chamou às

mesmas pessoas quando andavam no erro. Portanto, se os efésios no seu julgamento dos falsos ensinamentos dos profetas estavam desobedecendo às palavras de Cristo em *Mateus 7:1, 2*, “Não julgueis, para que não sejais julgados”, então Cristo não lhes teria recomendado para o fazer. O facto d’Ele ter aprovado, confirma que eles fizeram o que deviam ter feito.

Como seria possível para aqueles que acreditam que o provar os espíritos é anticristão, participar na proclamação da última mensagem de advertência durante o alto clamor, quando essa mensagem é uma exposição e denúncia de Babilónia, a Grande? Para saber isso, basta ler as fortes e francas palavras de *Apocalipse 18:1-4*.

“E depois destas coisas vi outro anjo descer do céu, com grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória.

“E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu a grande Babilônia, caiu, e se tornou morada de demônios, e a espera de todo espírito imundo, e uma gaiola de toda ave imunda e aborrecível.

“Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição, e os reis da terra se prostituíram com ela; e os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de suas delícias.

“E ouvi outra voz do céu, que dizia: Sai dela, povo meu, para que não sejais participantes dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas.”

São estas palavras de coragem e acusadoras? Certamente são! São elas uma exposição específica de um poder num determinado tempo? Sim! Serão elas ditas sob a direcção e força do Espírito de Deus? Elas serão proclamadas com uma medida do poder do Espírito e com uma proximidade de orientação nunca antes conhecida na história humana. Será correcto fazer isto; não uma contradição da instrução de Cristo para não julgar.

O que vai ser dito sobre os feitos dos grandes homens da Bíblia e da história da igreja – Elias, João Batista, Cristo, Paulo, Wycliffe, Huss, Jerónimo, Lutero, Wesley, e uma multidão de outros? Nos termos mais audaciosos, e sem hesitação, eles declararam abertamente os líderes apóstatas do seu tempo o anticristo, Babilónia, sepulcros caídos de Israel, uma geração de víboras, e os filhos do pai de todos os mentirosos. Pareceria que isto era julgar essa geração. Mas não foi para julgar as pessoas tanto como as doutrinas que eles defenderam e os ensinamentos que eles apresentaram. Ninguém condenaria estes homens pelas declarações que fizeram. Nem eles estavam a quebrar a ordem de Cristo para não julgar.

Não apresentamos qualquer desculpa para falar abertamente em relação a determinados sistemas e organizações em todo o mundo como os sistemas são avaliados a partir das provas que nos são dadas na Palavra de Deus. Fazemos isso porque nos é ordenado, e devemos obedecer, não por causa de qualquer motivo de interesse próprio ou justiça superior. É essencial que esta ordem seja obedecida porque aqueles vastos sistemas de religião fazem as mais fortes reivindicações de serem instrumentos escolhidos de Deus no mundo de hoje. Estas reivindicações criaram uma questão crítica que deve ser resolvida. O Senhor, conhecendo a necessidade do Seu povo, entregou-lhes uma linha de medição pela qual podem conhecer a verdadeira natureza de tais afirmações. Ninguém precisa de estar em dúvida quanto a essas coisas.

Isto pode ser ilustrado por uma situação em que duas pessoas estão a discutir sobre o comprimento de um objecto. Uma diz que tem certa medida, mas a outra sustenta que é maior ou mais pequeno que isso. Uma terceira pessoa vem com uma fita métrica na sua mão, o que oferece aos contendores, uma declaração, “com isto sabereis o comprimento deste objecto.”

Se eles tomam a fita métrica e a usam para medir o objecto, irão saber exactamente qual a medida certa. Não restará qualquer dúvida.

Hoje existem aqueles que debatem se esta ou aquela organização é de Deus. O argumento continua, para trás e para a frente, mas não há necessidade disto. A Palavra de Deus dá uma linha de medição infalível, ao declarar: “Nisto conhecereis o Espírito de Deus.” Se tomarmos esta regra e medir os ensinamentos das igrejas de hoje com as suas reivindicações de serem os verdadeiros filhos de Deus, saberemos com certeza se essas afirmações são verdadeiras ou falsas. Quando o Senhor diz,

“Nisto conhecereis”, sabeis que não se pode argumentar que Ele tenha dado um teste impossível de aplicar. Essa não é a forma como o Pai opera.

Este é o teste infalível junto com outros dados na Palavra de Deus, pelo qual podemos distinguir Cristo do anticristo. Declara: “Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo.” *1 João* 4:2, 3.

Tendo estabelecido a importância e gravidade da necessidade de aplicar este teste, chegou o momento de fazer algumas aplicações específicas para que possamos compreender as implicações da publicação, *Movement of Destiny*, por L. E. Froom.

O primeiro passo será analisar os ensinamentos da Igreja Católica Romana e ver como eles especificamente mostram que ela é o anticristo da história, aplicando a linha de medição em *1 João* 4:1-3. É tremendamente importante para o verdadeiro filho de Deus conhecer e ser confirmado nisto, porque a profecia bíblica revela que esta igreja e este poder vai voltar a desempenhar o papel principal nos últimos dias, oprimindo e procurando destruir totalmente o povo de Deus. Foi tremendamente importante para os reformadores saber isso no seu tempo. Sem esse conhecimento nunca poderiam ter conseguido as grandes obras de reforma que fizeram, e nós nunca poderíamos ter tido as bênçãos que temos, como resultado. Se a Igreja Romana tivesse continuado o seu domínio nessa altura, continuaríamos a estar fechados na ignorância e escravidão da Idade Média.

Nenhum estudante cuidadoso iria negar que a reforma, como a liderada por Wycliffe, Huss, Jerónimo, e Lutero nos seus respectivos tempos e países, era um conflito directo com a Igreja Católica Romana e um esforço para ser libertado da escravidão dos seus ensinamentos enganosos e poder. Este esforço determinado para encontrar livramento derivava do facto que eles tinham descoberto na viva Palavra de Deus, que a Igreja Romana era o anticristo da história. Eles descobriram isso quando viram o ódio dela ao evangelho que os tinha libertado. Eles leram isso no seu espírito de perseguição; eles aplicaram o teste, “Pelos seus frutos os conhecereis”, e leram nos frutos que abundavam onde quer que ela fosse, a mensagem de uma igreja corrupta e má em guerra com Deus; eles viram que ela não falava de acordo com a lei e o testemunho, pelo que sabiam que não havia nenhuma verdade nela; como final e plena confirmação disto leram as grandes profecias de Daniel e do Apocalipse e viram o crescimento do poder que previa com grande precisão o tempo futuro do seu total aparecimento.

Das grandes lutas da Idade Média emergiu protestante convicção de que a Igreja Romana é o grande anticristo da história. Todos os que defenderam com firmeza essa convicção também viram a certeza de que ela recuperaria o seu poder perdido e usá-lo-iam com maior crueldade do que nunca. Antes que ela utilize esse poder na obra de perseguição, irá usar todos os enganos que puder para enredar a mente de cada homem, mulher e criança. Só quem conhecer a verdade tal como ela é em Jesus será capaz de resistir a esse engano.

Não vamos repetir todas as evidências que mostram a Igreja Romana como sendo o anticristo. O leitor devia estar bem estabelecido nisto. Nós estamos concentrados na forma como o teste de *1 João* 4:1-3 confirma e vindica a posição dos reformadores que Roma é o anticristo da história; o poder acima de todos os outros do qual temos de estar conscientes e contra quem devemos estar em guarda. Isto não é inferir que a Igreja Católica Romana deve a única a ser observada. Hoje, a influência de Roma espalhou-se tanto que ela se manifesta em mil disfarces diferentes aparecendo em cada falsa religião no mundo. Nesta área mais ampla ela deve ser vista e contra ela ser protegido.

Os grandes testes da Bíblia ao anticristo além de *1 João* 4:1-3 disseram aos reformadores protestantes, e dizem-nos a nós que, sem dúvida, a Igreja Católica Romana é o maior anticristo da história, o inimigo de Deus, da Sua verdade, e do Seu povo. Assim sendo, ela não passará no teste de *1 João* 4:1-3. Ela nega que Jesus Cristo veio em carne.

Como já observado, tanto Satanás como o papado estão cientes dos testes da Bíblia para identificar o anticristo. O inimigo sabe que trabalhará muito mais eficazmente se a sua verdadeira

identidade permanecer oculta. Portanto, ele trabalha para fazer parecer que dentro da Igreja Católica Romana está a ser ensinada a doutrina de Cristo, não a do anticristo. Isto significa que, aparentemente, ele anuncia que Cristo veio numa mesma carne e sangue, como os filhos. Mas, por trás e oculto a estas afirmações, reside a verdadeira doutrina dessa igreja. É aí que reside efectivamente o dogma. Ali será visto que ela nega que Cristo veio em carne e, por isso ela traz a marca do anticristo.

Ela não será um impostor desajeitado nesta obra de engano. Será uma contrafacção das mais inteligentes e hábeis. Parecerá que ela tem a viva verdade. Para muitos, a Igreja Romana tem sido representada como um impostor tão obviamente em desacordo com a verdade que qualquer um poderia vê-lo, mas este é um lamentável engano.

No teste que nos é dado na Palavra de Cristo, “Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?” A Igreja Romana é bem capaz de fazer parecer que produz os melhores frutos. Expresso nos seus escritos estão os mais altos padrões de moral, virtude, e a necessidade de afastar todos os pecados. As suas “boas obras” estão na maravilhosa devoção e abnegação dos seus sacerdotes missionários e freiras gastando todas as suas vidas nalguma aldeia isolada africana, na floresta amazónica, ou no deserto esquimó. Vede as longas horas de árduo trabalho, o número de horas trabalhadas, os múltiplos orfanatos, hospitais e escolas. Considerai a soma total das “boas” obras através deste sacrifício e devoção nestas instituições. Deve concordar-se que não há outra igreja ou organização que faça tanto “bem” no mundo. Certamente, não declaram essas tantas “boas obras” como uma segura passagem no teste? Se o investigador que busca a verdadeira igreja de Deus na Terra apenas olha para estas coisas, tem de admitir que aqui está o fruto que ele está à procura. Mas a superficialidade nestas coisas é morte. A pesquisa deve ser mais penetrante e cuidadosa. O fruto do ensinamento de uma igreja deve realmente produzir o fruto do Espírito que é construído no amor, alegria, paz, benignidade, e assim por diante. Uma coisa é defender os mais altos padrões, mas outra ensinar e defender um evangelho que realmente produza o que é ensinado estar certo. Muitos não conseguem ver isto. Eles interpretam a enérgica pregação acerca das normas, como prova de que Deus está realmente na mensagem da igreja. Se isto fosse assim, praticamente todas as igrejas seriam de Deus. Não haveria o anticristo.

Como a igreja de Roma está muito preocupada em fazer parecer que cumpre todos testes da Bíblia, ela também faz o grande esforço de fazer parecer que passa no teste de *1 João* 4:1-3. Como prova disso, *Um Catecismo aos Não-Católicos* pelo Reverendo Martin Farrell, publicado por United Book Service, Box 127, Orland Park, Illinois, U.S.A., em 5 de Novembro de 1961, é feita a pergunta; “É Cristo o ser humano igual a vós?” Página 14.

Sabendo que a Igreja Católica Romana é o anticristo, e nega que Cristo é um ser humano igual a nós, esperaríamos que a resposta dissesse que Ele não era um ser humano totalmente como nós somos. No entanto, esta igreja cuidadosa e inteligentemente se esforça para fazer parecer que ela ensina a verdade, então faz uma declaração para encobrir o efeito oposto.

“Cristo é realmente um ser humano igual a vós. Cristo nasceu de uma mulher, comeu, dormiu, sofreu, e foi mesmo tentado pelo diabo. Vereis Cristo como homem no Céu.” Ênfase nosso.

Em face disto, esta evidência mostra que a Igreja Católica Romana ensina verdadeiramente que Cristo veio na mesma carne e sangue, como os filhos. O anticristo nega isto. Há que reconhecer que se fosse, na realidade, o ensinamento da Igreja Romana, e tudo o que ela ensinou fosse consistente com isso, ela não podia ser o anticristo. Se alguém não está disposto a pesquisar mais profundamente, e aceita isto como a verdadeira doutrina católica, deve perder toda a fé no princípio protestante de que a Igreja Romana é o anticristo.

Aqueles que aprenderam que não é tão simples penetrar os disfarces de Satanás olhará mais fundo para descobrir qual é a verdadeira doutrina. Isto deve ser feito para escapar às pragas de Babilónia. Em breve será visto que Babilónia ou anticristo tem duas línguas. Com uma faz declarações que, em si mesmas, são a verdade, proporcionando uma fachada de justiça. Por trás desta ela explica com algum detalhe a verdadeira natureza dos seus ensinamentos. Esta cuidadosa forma de redigir nega as

ousadas declarações, e deve ser tomado como a verdadeira mensagem da igreja. É a doutrina real que faz a igreja e aqueles que a seguem, o que eles realmente são.

Investigaremos o que a igreja realmente ensina, não apenas num único testemunho solto para os não católicos, mas na declaração dos seus ensinamentos a respeito da natureza de Cristo. Isto irá levar-nos para a área da Imaculada Conceição, cuja doutrina como defendido pela Igreja Romana, é declarado ser o dogma oficial acerca da natureza com que Cristo veio a este mundo.

Outra publicação católica mais extensa em que esta doutrina é apresentada é *The Faith of Millions*, por John A. O'Brien, (R.C.), publicado em 1962 por W. H. Allen, Londres.

“É de notar que a Imaculada Conceição não se refere à concepção milagrosa de Cristo no seio da Virgem Mãe sem a intervenção de um pai humano, como muitos não-católicos imaginam, mas à concepção de Maria, no ventre da sua mãe, sem a mancha do pecado original.” Página 509.

Há uma boa razão para a afirmação de que era Maria, não Jesus, quem nasceu contrário às leis da natureza. Este motivo reconhece que cada um produz conforme ele próprio. É impossível um pai humano, ou até mesmo o próprio Deus, dar aos seus filhos o que ele próprio não tem. Como Maria não é diferente na sua humanidade, daquilo que os seus pais, ou qualquer outro ser humano, são, Jesus herdou, pelo processo de um parto normal, o mesmo sangue e a mesma carne, a natureza humana que ela tinha. “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas.” (Carne e sangue como os filhos.) *Hebreus 2:14*.

A Igreja Romana reconhece este princípio e declara nestes termos: “De modo semelhante, na medida em que o sublime mistério da Encarnação pode ser reflectido na ordem natural, a Santíssima Virgem, à sombra do Espírito Santo, pela comunicação da Segunda Pessoa da Adorável Trindade, como todas as mães, uma verdadeira natureza humana da mesma substância dela própria, é, portanto, real e verdadeiramente a Sua mãe.” *Ibidem*, 508.

Esta é a verdade como dizem as Escrituras: “vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher.” *Gálatas 4:4*. Parece que a Igreja Romana reconhece esta verdade na exposição da doutrina da Imaculada Conceição, como evidenciado por salientar que Jesus recebeu de sua mãe, “uma verdadeira natureza humana da mesma substância dela própria.” Ao fazer uma declaração desta natureza, a Igreja Romana tem dado à sua doutrina a aparência de estrita conformidade com uma verdade bíblica. Isto é verdade. Eles de facto ensinam que Cristo nasceu de uma mulher e que este nascimento foi tão verdadeiro e real que Ele recebeu dela uma natureza humana igual à sua. Nós acreditamos que esta seja a verdade de Deus sobre o assunto.

Onde está, então, o erro na doutrina da Imaculada Conceição? Como ensina ela de facto que Jesus Cristo não veio na mesma carne e sangue, como os filhos? Simplesmente ao ensinar que Maria, a mãe de Jesus, tinha uma natureza humana diferente de todas as pessoas nascidas desde a queda. Ao dar a ela primeiramente uma natureza humana diferente e imaculada, salientando depois a verdade bíblica de que Ele nasceu de uma mulher e recebeu toda a humanidade dessa mulher, eles efectivamente ensinam que Jesus não veio na mesma carne e sangue, como os filhos dos homens. É claramente declarado na doutrina da Imaculada Conceição que Maria tinha uma humanidade diferente de qualquer outra pessoa.

“A terceira prerrogativa da Virgem é a Imaculada Conceição. Não só era ela livre de qualquer traço real de pecado, mas por um milagre singular da graça divina, ela também era livre do pecado original, com o qual todos os outros filhos de Adão são nascidos neste mundo. Foi eminentemente apropriado que ela que estava destinada a ser a Mãe de Cristo, que devia dar-Lhe a carne da sua carne e sangue do seu sangue, fossem isentos mesmo da mais ligeira sombra da queda de Adão. A ela somente, entre todos os membros da raça, foi concedida esta singular imunidade.” *Ibidem*, 508, 509. Ênfase nosso.

Em termos claros, a Igreja Romana afirma que Maria nasceu neste mundo através de um milagre que tornou a sua natureza humana diferente de qualquer outra. Se isto fosse verdade, ela nunca teve a mesma carne e sangue, como os filhos. Isto é exactamente o que foi dito nesta declaração.

A doutrina católica romana da *humanidade* de Cristo

Espírito Santo



Maria



Cristo

A igreja papal ensina que o corpo de carne e sangue de Maria não nasceu da carne pecaminosa e caída, como são os corpos de todos os outros seres humanos. Ele foi o produto de um milagre criador pelo Espírito Santo. E era, portanto, perfeito, santo e sem pecado.

Ela, por sua vez, forneceu o corpo humano no qual Cristo, o Deus eterno, devia habitar. Ela só podia dar-Lhe a mesma carne que possuía. O papado, ao estabelecer primeiro a natureza sem pecado da carne de Maria, ensina assim que Cristo veio em carne sem pecado.

PORTANTO, ela ensina que:

“E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também Ele” NÃO “participou das mesmas coisas. [Carne e sangue como os filhos.]”

“Porque, na verdade, tomou [a natureza dos] anjos, mas” NÃO “tomou a descendência de Abraão.”

“Pelo que convinha que, em tudo,” NÃO “fosse semelhante aos irmãos.”

Hebreus 2:14,16,17

NOTAI BEM: este diagrama está a lidar apenas com a humanidade de Cristo, não com Sua divindade.

Com base nestes factos iremos comparar a inevitável conclusão com a Escritura teste para ver se está em harmonia ou desarmonia com as Escrituras.

O seu ensinamento é que Jesus tinha uma natureza humana exactamente como a Sua mãe e a natureza humana dela era diferente de qualquer outra pessoa depois da queda. Por isso, se a sua natureza humana era igual à dela, Ele também deve ter tido carne e sangue diferente dos filhos.

É o ensinamento da Igreja Romana que “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também Ele” não “participou das mesmas coisas. [Carne e sangue como os filhos.]” Eles negam que Jesus Cristo veio em carne, por isso são, com certeza, o anticristo.

Felizmente, a Igreja Romana chegou ao ponto em que verdadeiramente descreveu claramente a sua convicção acerca desta questão num dogma oficial. “Este dogma da Igreja Católica Romana foi definido como ‘de fé’ pelo Papa Pio IX, na Bula *Ineffabilis Deus* (8 de Dezembro de 1854), nos termos seguintes: ‘a doutrina que sustenta que a Santíssima Virgem Maria, desde o primeiro instante da sua concepção, foi, por uma muito singular graça e privilégio do Altíssimo Deus, em virtude dos méritos de Jesus Cristo, o Redentor da raça humana, preservada de toda a mancha de pecado original, é uma doutrina revelada por Deus, e, portanto, deve ser firme e resolutamente crida por todos os fiéis.’ A definição não impôs uma nova doutrina aos católicos, mas simplesmente declarou aquilo em que os fiéis sempre tinham acreditado tinha a sua origem na revelação encontrada na Escritura e na tradição. A crença tradicional havia sido detalhadamente investigada por uma comissão papal especial, que finalmente relatou que a doutrina podia ser definida e que o tempo era oportuno.”

Encyclopedia Britannica, Vol. 12:106, Edição 1963.



Ao dar a Maria uma natureza diferente, a doutrina católica romana da Imaculada Conceição eleva Cristo acima das fraquezas da humanidade caída.

Durante séculos, o dogma não foi declarado em palavras, mas isso não significa que ele não estivesse já presente. Quando examinamos os outros ramos de Babilónia hoje e aplicar o mesmo teste, verificamos que, apesar da sua doutrina não ter estes ensinamentos, serão encontradas evidências suficientes para mostrar que eles negam que Cristo veio em carne.

A Palavra de Deus ensina, então, que a Igreja Romana é o anticristo. Estabelecei isto claramente em mente de maneira que não importa que inteligentes disfarces e subtis argumentos ela possa apresentar, nós não sejamos levados a acreditar de outra maneira porque, ser enganados por Babilónia, é ser enredados em suas garras e destruídos com ela.

14

Por que É Assim?

Porque é que uma igreja ou um indivíduo marcado pela posse do espírito do anticristo negam a verdade que Cristo veio em carne? É porque Deus tem uma forma dogmática ou caprichosamente decidiu que este será o teste, ou este é o seu destino inevitável?

Não pode ser o primeiro, porque o Senhor Deus não faz nada sem um propósito. A negação de que Cristo veio em carne é, na natureza do caso em si mesmo, uma doutrina *anticristã*. A sua própria essência é contra Cristo, a obra que Ele veio fazer, e os objectivos que Ele está a trabalhar para alcançar. Ensinar esta doutrina é colocar-se imediatamente no lado errado da controvérsia como um defensor do Príncipe das Trevas.

Para entender isso, as questões reais do grande conflito têm de ser compreendidas. Esta é a questão sobre a justiça, que é a observância da lei de Deus. “Desde o início do grande conflito no Céu, tem sido o intento de Satanás subverter a lei de Deus. Foi para realizar isto que entrou em rebelião contra o Criador; e, posto que fosse expulso do Céu, continuou a mesma luta na Terra. Enganar os homens, levando-os assim a transgredir a lei de Deus, é o objetivo que perseverantemente tem procurado atingir.” *O Grande Conflito*, 582.

Onde o diabo está em acção, abunda o pecado. Onde quer que a verdade de Deus se encontre, a justiça e a observância da lei aumenta. Os nossos próprios olhos declaram que Satanás está dedicado à guerra contra a lei de Deus e a conduzir os homens à sua total e malévola transgressão.

Para alcançar este objectivo, um dos argumentos mais comuns utilizados por Satanás é que a lei é muito difícil para um homem guardar. (Ver capítulo 5.) Quando começou a controvérsia sobre se a lei poderia ser guardada ou não, a resposta de Deus às acusações de Satanás devia começar, não com o pagamento do preço pela dívida contraída, mas com provas conclusivas de que a lei de Deus pode ser guardada na sua totalidade para a bênção e benefício de toda a humanidade. Esta era a primeira manifestação essencial que Cristo tinha que dar. Se Ele não pudesse fazê-lo, então, Satanás estava certo nas suas acusações de que Deus tinha formulado uma lei que não pode ser obedecida por seres humanos.

Tão conclusiva e perfeita foi a manifestação de Cristo, que o diabo e as suas hostes não puderam encontrar falha alguma nessa vida. Jesus verdadeiramente obedeceu à lei até à perfeição absoluta. Satanás tinha argumentado que os anjos não podiam guardar a lei e citou-se a si mesmo e aos seus seguidores como prova. Ele apontou para o facto que o homem perfeito não a tinha guardado e alegou que isto confirmava que ela não podia ser guardada. A Igreja Judaica, que tinha sido tão especialmente chamada e particularmente abençoada, tinha transgredido cada um dos mandamentos. Satanás propôs isto como mais uma prova para confirmar a sua alegação de que a lei não podia ser guardada. Todas as evidências apresentadas eram verdadeiras. Ele e os seus anjos, Adão e Eva e todos os judeus tinham quebrado a lei. Mas, embora a prova fosse verdadeira, as conclusões tiradas

eram falsas. A verdade era que eles não tinham guardado a lei, mas isto não prova que não pudessem fazê-lo.

Ainda não era suficiente apontar a simples falsidade deste raciocínio. Tinha sido dada a prova de que a lei podia ser guardada, não só pelos anjos não caídos como pelos homens caídos. Coube a Cristo provar, por meio de uma demonstração onde os outros tão deploravelmente falharam. Tivesse Ele falhado também ou recusado a tomar sobre Si todo o peso dos fardos da carne pecaminosa da humanidade caída, para fazer a necessária demonstração completa, Satanás teria triunfado e a causa de Deus estaria para sempre perdida.

Todavia, Cristo não falhou. Por isso, Satanás foi privado do último argumento que ele desejava obter, o argumento que Cristo também não podia guardar a lei, e que, dessa maneira, todas as provas possíveis que Deus pudesse apresentar daí para a frente estavam esgotadas.

Mas, mesmo que a prova final esteja dada, Satanás não se rende. Ele não pode argumentar que Cristo não guardou a lei, pois é muito bem conhecido que Ele a guardou em perfeição. Em vez disso, ele procura rejeitar a demonstração feita por Cristo como inválida. Ele faz isto com o argumento de que Cristo não o fez no mesmo nível e nas mesmas condições que nós temos de fazer.

Este é um subtil e terrível ataque à doutrina de Cristo, porque, se Satanás puder estabelecer este argumento, ele ganha uma dupla vantagem. Em primeiro lugar, ele pode argumentar que, apesar de Cristo não se atrever a descer ao nível da carne pecaminosa para guardar a lei, isto é prova que ela não pode ser guardada pelo homem nessa condição. Em segundo lugar, ele pode declarar que Deus é mentiroso quando diz que o homem pode guardar a lei, e injusto ao exigir ao homem que a guarde com a ameaça de destruição se o não fizer.

A grande maioria do mundo religioso está convencida da verdade destes argumentos de Satanás, segundo os quais é roubado a Cristo o poder da demonstração dada ao viver uma vida sem pecado na carne pecaminosa. Esta é, em si, a doutrina do anticristo, porque é tão completamente contra a própria coisa que Cristo veio provar. Ela é anti-verdade, anti-Cristo, anti-Deus.

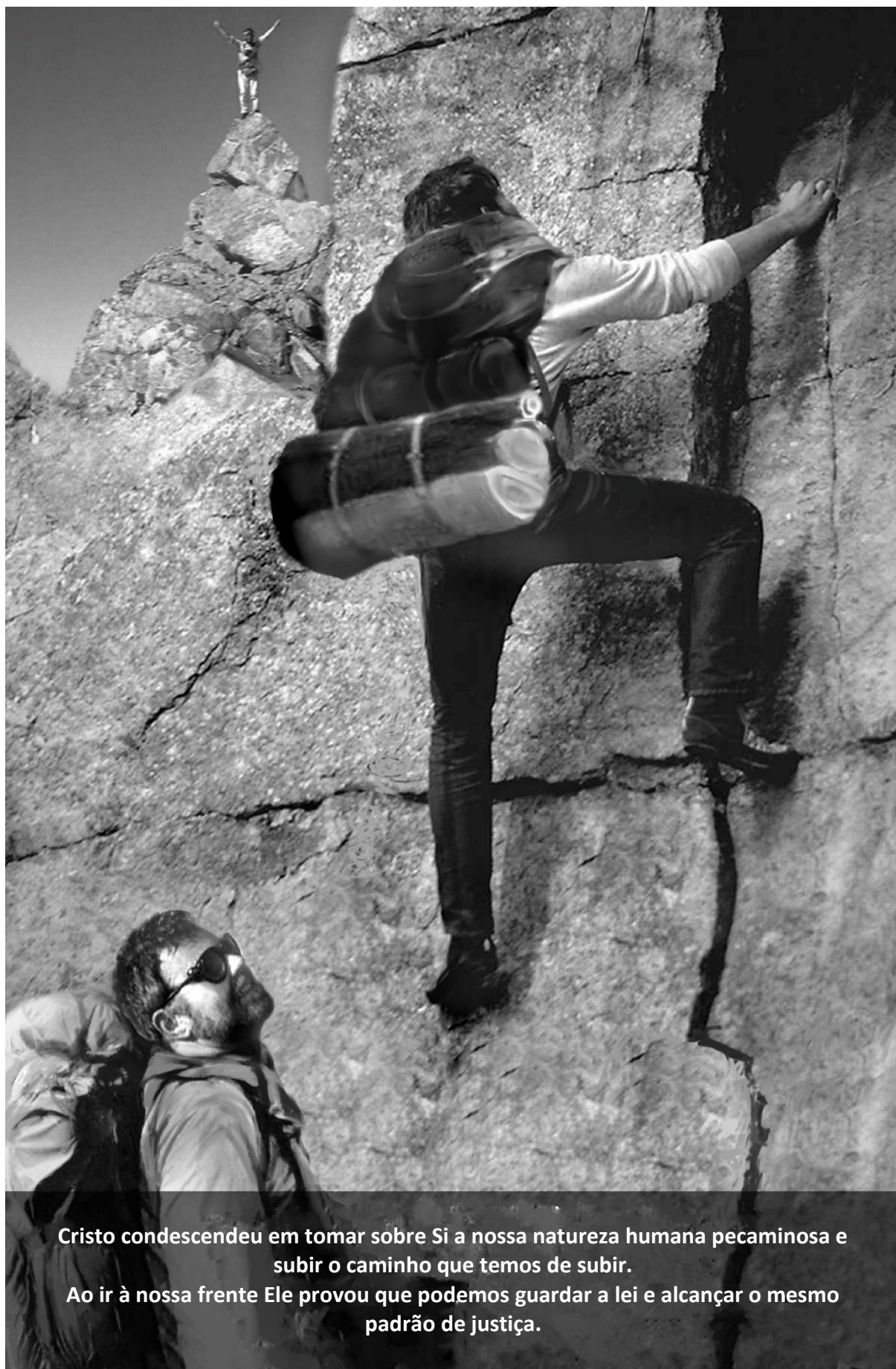
Mas, isto não é tudo. Se Deus Se recusasse a permitir que Cristo desse a demonstração sob a desvantagem da mesma carne pecaminosa caída como a que temos, seria uma admissão da parte de Deus que não isso podia ser feito nessas condições. Uma admissão dessas teria terríveis e profundas implicações. Isto significaria que Deus estava a negar aquilo que tinha anteriormente declarado ser verdade. Isto queria dizer que Deus estava a declarar-Se como mentiroso, que, por outro lado, seria admitir que Satanás estava a falar verdade. Podia alguma doutrina ser mais anti-Cristo do que o anticristo?

Isto é o que Satanás procura alcançar quando declara que Cristo não veio na mesma carne e sangue, como os filhos e, nesse esforço, a grande maioria do mundo, dá-lhe apoio total. Para os que não conseguiram entender o assunto, dá-se a ilustração a seguir.

Imaginaí um homem ao pé de uma montanha alta tão difícil de subir que ele não acredita que a possa subir. Além disso, ele tem que carregar um fardo pesado nas costas. Enquanto ali estava, chega junto dele outro homem sem cargas, e equipado com o melhor equipamento de escalada. Ele diz ao primeiro homem que a montanha pode certamente ser escalada, e oferece-se para demonstrar.

Quando está prestes a começar com o seu sofisticado equipamento de escalada e livre de quaisquer carregamentos, o primeiro homem reclama que subir a montanha em condições superiores à sua, não constituirá qualquer prova. Ele diz-lhe para se despojar das vantagens e a carregar um peso igual. Se o segundo homem estiver disposto e confiantemente faz isso, será uma prova clara de que ele tem fé que a tarefa pode ser realizada sob essas condições. Se não, trata-se de um reconhecimento de que não pode ser feito.

Na ilustração, o homem que está no sopé da montanha é a nossa representação. A montanha é o símbolo das alturas da justiça a que o Senhor nos ordena ascender. Mas, quando estamos em baixo com todo o peso em cima de nós, estamos em desvantagem por causa do grande peso da nossa caída humanidade pecaminosa, que devemos possuir nesta vida até Cristo voltar. Isso faz com que guardar a lei seja muitíssimo mais difícil.



Cristo condescendeu em tomar sobre Si a nossa natureza humana pecaminosa e subir o caminho que temos de subir.
Ao ir à nossa frente Ele provou que podemos guardar a lei e alcançar o mesmo padrão de justiça.

Enquanto lá estamos, o Senhor não apenas declara que a lei não é demasiado difícil de guardar – a montanha pode ser escalada – mas deixa claro que Ele espera que cumpramos essa lei. Esta é a voz de Deus a falar do alto da montanha, o pináculo da absoluta justiça. A voz vinda desse ponto não podia e não impediria a entrada da transgressão da lei no início, assim que por si só isso não irá resolver o problema agora. Cristo desce até ao sopé da montanha e toma o Seu lugar com os filhos dos homens caídos. Ele declara que a lei pode ser guardada – a montanha pode ser escalada – e como prova Ele subi-la-á.

Apenas se Cristo aceita a carga que carregamos, sem poder ou vantagem não livremente oferecida a nós, e, nessas condições, sobe a montanha, Ele dá-nos a prova conclusiva de que isso pode ser feito. Tal acção da Sua parte dá inteiro suporte e prova da posição de Deus na controvérsia. Esta é a doutrina de Cristo e inspira à vitória total e conquista qualquer um que acredita nesta grande e preciosa verdade.

Se Cristo se recusasse a aceitar a carga total que temos de suportar e se se apoderasse de algum poder não disponível para nós, seria admitir da Sua parte e da parte do Pai, que isso não podia ser feito. Seria admitir que Satanás está certo e Deus é o mentiroso.

Isto é precisamente o que os mestres em Babilónia fazem. Eles dizem que Jesus Cristo veio com uma natureza humana de carne e sangue diferente de qualquer um de nós e vastamente superior; uma natureza humana tão pura e santa que era como a de Adão no Jardim do Éden. Por este ensino colocam-se do lado do arquienganador. Juntamente com ele declaram que Deus não ousou deixar Cristo descer ao nível do homem caído e provar neste nível que a lei podia ser guardada. Por isso, declaram que Deus admitiu que ela não pode ser obedecida. Para eles, Satanás é o verdadeiro e Deus o mentiroso. Tal como os anjos que caíram e os judeus que crucificaram Cristo, eles colocam-se no lado de Satanás e são anti-Cristo, ou contra Cristo.

Eles são cuidadosos para não mostrar estas implicações. Um dos males do pecado é que ele sempre esconde o resultado final dos seus ensinamentos e modo de vida. O pecado só mostra o seu agradável presente, nunca o seu mal final. A doutrina do anticristo está construída para parecer como se exaltasse Cristo, declarando a Sua superioridade e santidade. Ela soa e parece ser boa, assim como o pecado sempre faz nas suas fases iniciais, mas, feito o seu caminho até ao final, a verdadeira natureza é vista. O diabo não deseja que alguém veja isto até que esteja tão profundamente enredado que não se importe com o assunto de qualquer maneira. Tornou-se impossível escapar.

Por esta razão, é de grande valor investigar as implicações de um ensinamento até ao seu fim, para que a sua natureza possa ser vista por aquilo que verdadeiramente ela realmente é. Pode então ser visto se o ensino deve ser mantido ou rejeitado.

A doutrina do anticristo, na sua própria natureza, é anticristã. Ele opõe-se directamente ao trabalho e ensinamento de Cristo e é uma mensagem destruidora de todos os que o abraçam. A mente deve compreender por si mesma porque a doutrina do anticristo é a doutrina do anticristo. Não é suficiente saber que uma coisa é assim. Deve compreender-se por que é assim.

15

As Igrejas Protestantes Modernas São Anticristo

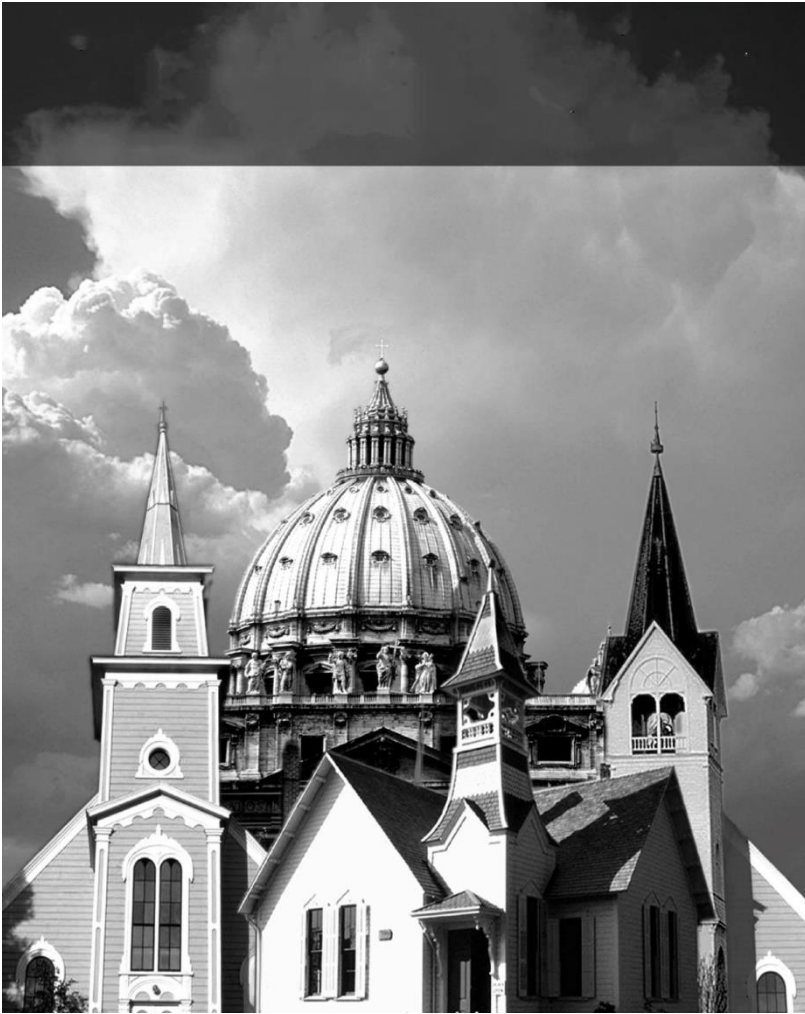
Em *Apocalipse* 17:5 Babilónia é chamada a mãe das prostituições, pelo que sabemos existirem também as filhas. Estas filhas são prostitutas, então elas devem possuir o mesmo carácter da mãe e ser parte da grande família do anticristo ou de Babilónia. Babilónia, a mãe, foi identificada, por isso agora é tempo de identificar as filhas. Em ligação com a investigação que está a ser feita sobre *Movement of Destiny*, é de vital importância que as filhas sejam identificadas e vistas por aquilo que são.

A profecia dos 2.300 anos terminou em 1844. Nessa altura começou o julgamento no lugar santíssimo do santuário celestial. Tal evento foi sempre precedido pelo toque das trombetas no santuário do Antigo Testamento, de modo a que o povo fosse avisado do dia da expiação. No antítipo, o aviso também deve ser dado antes do julgamento começar a anunciar a mensagem predita na profecia de *Apocalipse* 14:6, que anuncia que a hora do juízo de Deus é chegada.

Esta é a mensagem do primeiro anjo. É a pregação do evangelho eterno, e é seguida pela mensagem do segundo anjo, anunciando a queda de Babilónia. “E outro anjo seguiu, dizendo: Caiu! Caiu Babilónia, aquela grande cidade que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição!”

Como esta mensagem segue a do primeiro anjo, não pode ser a revelação da verdade existente antes da vinda do primeiro anjo. Esta queda é resultado da vinda e rejeição da mensagem do primeiro anjo e deve referir àqueles que, naquele momento, a ouviram e rejeitaram. Havia uma mensagem, antes desse tempo, acerca da queda de Babilónia, que se referiu à igreja mãe, Roma papal. Ela esteve numa condição decaída durante séculos antes deste tempo. Embora este segundo anjo faça um novo anúncio que era definitivamente verdade presente, a sua mensagem não podia referir-se à queda do papado. Referia-se às organizações protestantes que tinham ouvido especificamente e rejeitado a mensagem do primeiro anjo.

Um ponto a ser salientado é que aquilo que elas rejeitaram nessa altura, já não podiam ter e certamente não podiam pregar. Este é um princípio claro que deve ser mantido em mente, especialmente porque muitos na igreja adventista possuem a ideia de que as igrejas protestantes, com certeza, pregam o evangelho, mas diferem dos adventistas em áreas como o sábado, o santuário, o estado dos mortos, e a própria natureza do segundo advento. Este é um engano grave porque as igrejas protestantes hoje não têm o evangelho de Jesus Cristo. A redacção das mensagens dos três anjos torna isto claro.



Elas tornaram-se Babilónia por causa da sua rejeição da mensagem do primeiro anjo – o evangelho eterno. Como já foi dito, elas não podem ter o que rejeitaram e, desde então, continuaram a rejeitar. Como elas rejeitaram o evangelho, então, não o têm hoje.

Para levar isto mais adiante, tão certo como elas serem Babilónia, são o anticristo, e sendo o anticristo, negam a doutrina de Cristo. Como podia alguém negar a doutrina de Cristo e, ao mesmo tempo, ter o evangelho de Cristo? Seria impossível. Não é correcto dizer que o verdadeiro adventismo e as igrejas protestantes estão unidos no evangelho de Jesus Cristo, sendo as únicas áreas diferentes o domínio das “peculiares” doutrinas da fé do advento, tais como o santuário, o juízo investigativo, o estado dos mortos, e assim por diante. Quando estas doutrinas são correctamente entendidas e ensinadas, elas constituem a pregação do evangelho em si.

Em 1844, foi o evangelho que dividiu o verdadeiro adventismo do protestantismo como ele era então, e como é hoje. As duas partes divididas e nenhum genuíno adventista jamais se unirá com aquelas igrejas caídas novamente. “Deus está chamando Sua igreja hoje, como chamara o antigo Israel, a fim de erguer-se como luz na Terra. Pela poderosa espada da verdade, as mensagens do primeiro, segundo e terceiro anjos, separou-os das igrejas e do mundo para trazê-los a uma santa proximidade dEle.” *Testemunhos para a Igreja* 5:455.

Uma espada é um instrumento usado para dividir completamente uma parte da outra de modo que não há possibilidade de tornar a ligar ambos. A mensagem dos três anjos foi uma grande espada que separou o povo adventista das igrejas apóstatas do mundo. Isto tem de ser compreendido na perspectiva de certos argumentos que propõem incorrectamente que outras coisas e justificáveis na igreja adventista fizeram outras organizações levantarem-se e condenar o adventismo. Foram cometidos erros mais tarde pelo povo do advento que as igrejas aproveitaram para justificar a sua atitude para com a mensagem do advento, mas a grande separação entre os dois grupos foi causada no período de 1844 pela pregação do evangelho. Se este for mantido em mente servirá como uma salvaguarda contra o pensamento errado.

Para tornar este ponto claro, vamos ao início da pregação das mensagens dos três anjos. No início, a mensagem foi considerada com favor pelo ministério uma vez que ela tendia a encher as igrejas, mas quando eles descobriram exactamente o que estava a ser ensinado, os pregadores mudaram a sua atitude e decidiram fazer guerra contra a mensagem. A história disto é contada em *Grande Conflito*, 376.

“Como sua obra tendia a edificar as igrejas, foi por algum tempo olhada com favor. Mas,

decidindo-se os pastores e os dirigentes religiosos contra a doutrina da segunda vinda de Cristo, e desejando suprimir toda agitação a respeito, não somente se opuseram a ela, do púlpito, mas também negaram a seus membros o privilégio de assistir a pregações sobre o assunto, ou mesmo falar de tal esperança nas reuniões de oração da igreja. Assim, encontraram-se os crentes em grande provação e perplexidade. Amavam suas igrejas, e repugnava-lhes o separar-se delas; mas como vissem suprimido o testemunho da Palavra de Deus e negado o direito de pesquisar as profecias, compreenderam que a lealdade para com o Senhor lhes vedava a submissão. Não poderiam considerar os que procuravam excluir o testemunho da Palavra de Deus como constituindo a igreja de Cristo, ‘coluna e base da verdade.’ Daí o se sentirem justificados em desligar-se dessas congregações. No verão de 1844 aproximadamente cinquenta mil se retiraram das igrejas”.

Especificamente, este parágrafo começa com uma descrição da obra de Guilherme Miller, que, nesta altura, só pregou a mensagem do primeiro anjo, o evangelho eterno. Isto foi o começo do julgamento, mas era, no entanto, o evangelho. Foi isto que o ministério se opôs e deixou fora das suas igrejas. Tendo rejeitado a mensagem do primeiro anjo, passariam à rejeição da segunda e da terceira. Somente aqueles que receberam a mensagem do primeiro anjo poderiam receber a do segundo e do terceiro.

Esta rejeição progressiva está descrita em *Primeiros Escritos*, 258-261. Primeiro é apresentada a importância das mensagens dos três anjos com ênfase no facto de que “O destino das almas depende da maneira em que são elas recebidas.” “Vi um grupo que permanecia bem guardado e firme, não dando atenção aos que faziam vacilar a estabelecida fé da comunidade. Deus olhava para eles com aprovação. Foram-me mostrados três degraus — a primeira, a segunda e a terceira mensagens angélicas. Disse o meu anjo assistente: ‘Ai de quem mover um bloco ou mexer num alfinete dessas mensagens. A verdadeira compreensão dessas mensagens é de vital importância. O destino das almas depende da maneira em que são elas recebidas.’”

Segue-se uma descrição dos esforços feitos por alguns para derrubar as mensagens, após o que há um retorno à experiência do povo judeu na sua rejeição do evangelho ensinado por Cristo e os apóstolos.

“Minha atenção foi chamada para a proclamação do primeiro advento de Cristo. João foi enviado no espírito e poder de Elias a fim de preparar o caminho para Jesus. Os que rejeitaram o testemunho de João não foram beneficiados pelos ensinamentos de Jesus. A oposição da parte deles, à mensagem que predizia a Sua vinda, colocou-os onde eles não podiam prontamente receber a melhor evidência de que Ele era o Messias. Satanás levou os que rejeitaram a mensagem de João a ir ainda mais longe, a ponto de rejeitar a Cristo e crucificá-Lo. Com este procedimento, colocaram-se onde não podiam receber as bênçãos do dia do Pentecoste, o que lhes teria ensinado o caminho para o santuário celestial. A ruptura do véu do templo mostrou que os sacrifícios e ordenanças judaicas não mais seriam recebidos. O grande Sacrifício havia sido oferecido e aceito, e o Espírito Santo, que desceu no dia do Pentecoste, levou a mente dos discípulos do santuário terrestre para o celestial, onde Jesus havia entrado com o Seu próprio sangue, a fim de derramar sobre os discípulos os benefícios de Sua expiação. Mas os judeus foram deixados em trevas completas. Perderam toda a luz que podiam ter recebido sobre o plano da salvação, e ainda confiavam em seus inúteis sacrifícios e ofertas. O santuário celestial havia tomado o lugar do terrestre, mas eles não tiveram conhecimento da mudança. Assim não podiam ser beneficiados pela mediação de Cristo no lugar santo.” *Primeiros Escritos*, 259, 260.

O ponto-chave na história desse tempo é que aqueles que recusaram receber o evangelho pregado por João Baptista, em momento algum posterior poderiam eles receber ou receberam mais luz. João pregou o grande evangelho de arrependimento e libertação do pecado. No ministério de Cristo, este foi ainda mais revelado na encarnação como foi demonstrado e pregado perante eles todos os dias. Depois, ainda há a mais rica revelação do evangelho na cruz e finalmente o evangelho no santuário. Nenhuma das novas revelações do evangelho foram vistas pelos judeus incrédulos, porque eles se

recusaram a receber a primeira apresentação. Os parágrafos a seguir traçam o paralelo entre este ponto nessa história, e a história da rejeição da mensagem do advento, mostrando que também se aplicam os mesmos princípios ali. É mostrado que aqueles que rejeitaram a primeira apresentação do evangelho não aceitaram a luz adicional quando ela foi dada depois progressivamente.

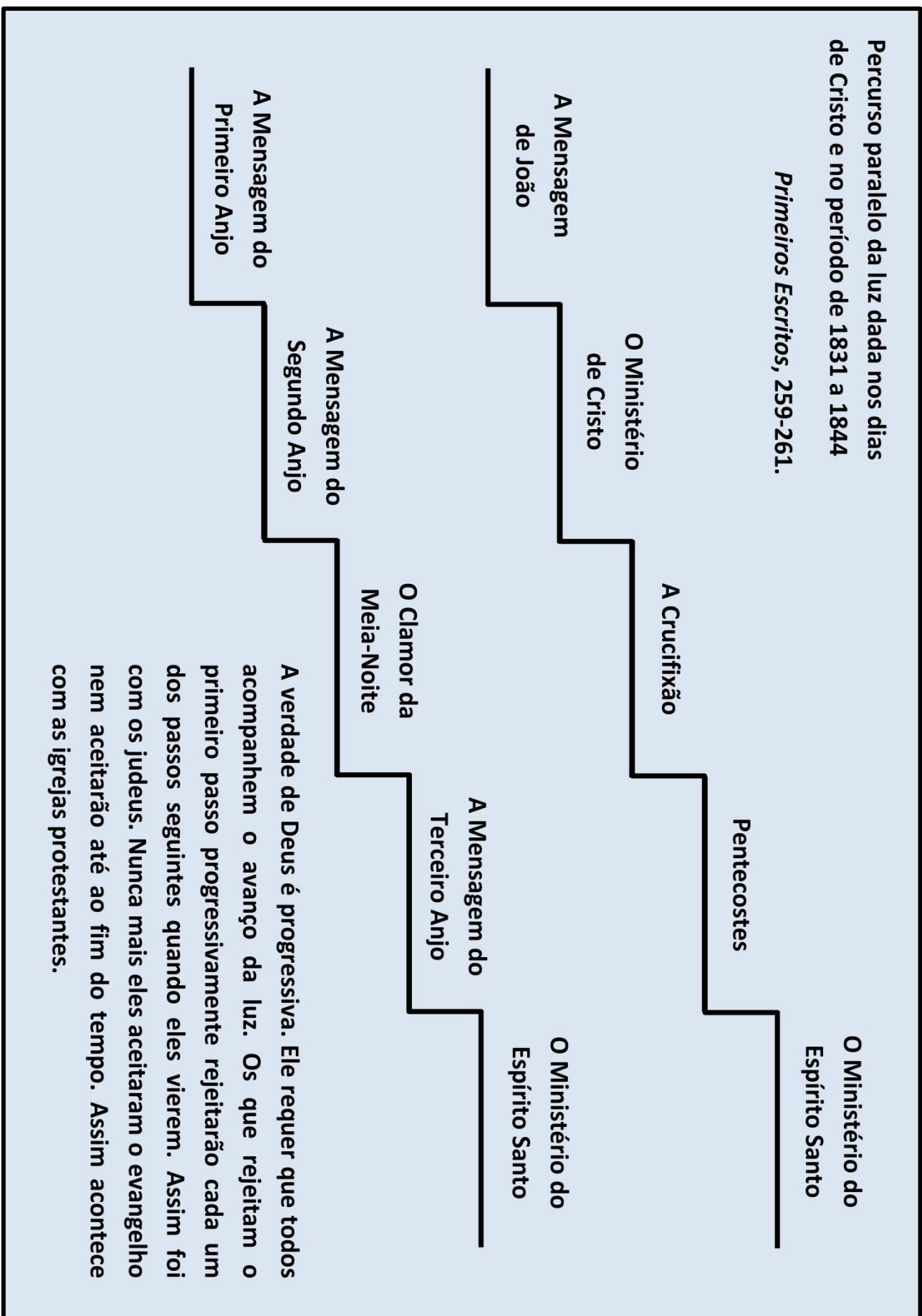
“Muitos olham com horror para a conduta dos judeus em rejeitar e crucificar a Cristo; e, ao lerem a história dos vergonhosos maus tratos que Lhe infligiram, pensam que O amam e não O teriam negado como o fez Pedro, ou crucificado como o fizeram os judeus. Mas Deus, que lê o coração de todos, tem posto à prova esse professado amor por Jesus. Todo o Céu observou com o mais profundo interesse a receptividade da mensagem do primeiro anjo. Porém muitos que professavam amar a Jesus, e que derramavam lágrimas ao lerem a história da cruz, ridicularizavam as boas novas de Sua vinda. Em vez de receber a mensagem com alegria, declararam ser ela um engano. Odiavam os que amavam o Seu aparecimento, e expulsaram-nos das igrejas. Os que rejeitaram a primeira mensagem não podiam ser beneficiados pela segunda, nem o foram pelo clamor da meia-noite, que devia prepará-los para entrarem com Jesus pela fé no lugar santíssimo do santuário celestial. E pela rejeição das duas primeiras mensagens, ficaram com o entendimento tão entenebrecido que não podiam ver qualquer luz na mensagem do terceiro anjo, que mostra o caminho para o lugar santíssimo. Vi que assim como os judeus crucificaram a Jesus, as igrejas nominais haviam crucificado essas mensagens, e por isso mesmo não têm conhecimento do caminho para o santíssimo, e não podem ser beneficiadas pela intercessão de Jesus ali. Como os judeus, que ofereciam seus inúteis sacrifícios, elas oferecem suas inúteis orações dirigidas ao compartimento de onde Jesus já saiu; e Satanás, eufórico com o engano, assume um caráter religioso, e dirige a mente desses professos cristãos para si mesmos, operando com o seu poder, com seus sinais e prodígios de mentira, para retê-los em seu laço. Alguns ele engana de uma forma, outros de outra. Ele possui diferentes embustes preparados para afetar diferentes mentalidades. Alguns olham com horror para um determinado engano, ao passo que prontamente aceitam outro. Alguns Satanás engana com o espiritismo. Apresenta-se também como um anjo de luz e espalha sua influência sobre a Terra por meio de falsas reformas. As igrejas ficam alvoroçadas e consideram que Deus está trabalhando maravilhosamente por meio delas, quando isso é obra de outro espírito. O excitamento morrerá e deixará o mundo e a igreja em pior condição que antes.” *Primeiros Escritos*, 260, 261.

O ponto-chave nesta descrição repete o anterior. “Os que rejeitaram a primeira mensagem não podiam ser beneficiados pela segunda, nem o foram pelo clamor da meia-noite, que devia prepará-los para entrarem com Jesus pela fé no lugar santíssimo do santuário celestial.”

Com o soar da mensagem do primeiro anjo, a separação dos caminhos começou a acontecer. Esta divisão cresceu cada vez mais à medida que a mensagem se desenvolvia e alargava. Foi o evangelho como revelado na primeira, segunda e terceira mensagens dos anjos, que foi rejeitado e causou a divisão entre o adventismo e o protestantismo, e o ódio do adventismo manifestado pelo mundo Protestante.

O tempo não mudou esta situação. Com o passar dos anos, o fosso entre o verdadeiro adventismo e as igrejas do mundo ampliou-se. Não há possibilidade nenhuma de amizade ou de aliança entre eles, excepto onde o adventismo está preparado para renunciar ao evangelho conforme ensinado na mensagem do advento. O mundo Protestante não se tornou mais cristão, à medida que os anos se passaram. Hoje, há um grande poder para operar milagres manifestado em determinadas áreas do mundo protestante, mas este não é o poder de Deus. É o aparecimento do poder de Satanás predito há muito tempo naquelas igrejas. O que está a acontecer não é exactamente o que as profecias têm predito.

Há um maravilhoso, novo estabelecimento de relações amigáveis entre a Igreja Adventista e as Organizações Protestantes, mas isto não é o resultado de uma mudança para melhor no Protestantismo. Eles não mudaram, ou abandonaram, os seus princípios. Acreditar que eles o fizeram é não ter conhecimento da verdade do seguinte testemunho:



Notai particularmente a última frase. “Continuando a rejeitar as verdades especiais para este tempo, têm elas caído mais e mais.” Quais são as verdades especiais para este tempo? São a mensagem da hora do julgamento em ligação com a expiação no santuário celestial, com início no final da profecia dos 2.300 anos em 1844; o sábado de Deus; a imortalidade da alma que repousa na morte; o segundo advento de Cristo no início de mil anos de desolação desabitada sobre esta Terra. Estas são as grandes verdades do evangelho eterno, que as igrejas rejeitaram no período de 1844 e, desde então.

Olhai para as grandes organizações protestantes do mundo e encontrai uma, se possível, que esteja a ensinar essas grandes verdades como um todo. Há algumas que defendem o sábado do sétimo dia, e outras acreditam no sono da alma, mas ensinar uma dessas verdades é muitíssimo diferente de ensinar as mensagens dos três anjos. Eles são um todo que deve ser ensinado como uma entidade.

As igrejas de hoje não estão a ensinar essas mensagens e têm caído mais e mais. Quanto mais caem, mais nós podemos esperar ver nelas a manifestação do poder de Satanás como alguém que cura e um operador de milagres, e assim por diante. Isso está a ser visto cada vez mais hoje em dia.

Não temos que ser enganados por estas manifestações de poder, especialmente, porque já fomos avisados que elas irão aparecer. *Apocalipse 13* é explícito sobre este ponto. “E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens.

“E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida de espada e vivia.” Versículos 13, 14.

“Não se acham aqui preditas meras imposturas. Os homens são enganados por sinais que os agentes de Satanás têm poder para fazer, e não pelo que pretendam realizar.” *O Grande Conflito*, 553.

Por várias razões, a presença do poder para operar milagres que na aparência parecerão como o poder de Deus, não deve ser aceite no sentido de que este é o poder de Deus e que estas igrejas têm o evangelho de Jesus Cristo. Em primeiro lugar, elas rejeitaram e continuam a rejeitar as mensagens dos três anjos que são o evangelho eterno, em verdade. Em segundo lugar, a mensagem do segundo anjo anuncia dos céus que elas são Babilónia caída. Se assim é, eles são o anticristo e negam a doutrina de que Jesus Cristo veio em carne. Esta doutrina é o coração e a verdade fundamental do evangelho. É o poder do evangelho e se as igrejas não o possuem, não podem de modo algum ter o evangelho de Jesus Cristo! Elas também não possuem a doutrina da justificação pela fé.

Elas têm na realidade contrafacções inteligentes disto e podem fazer parecer que têm a coisa real. Satanás não é um impostor desajeitado. Ele é o Deus falso ou a contrafacção de Deus que, através dos seus agentes na Terra, “... se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus.” *2 Tessalonicenses 2:4*. As suas doutrinas são projectadas para levar os incautos a pensar que elas são a verdade de Deus, quando não é assim.

Tão seguramente como as igrejas protestantes, juntamente com a mãe Roma, negam a doutrina de Cristo e não têm o evangelho, elas não têm o Pai nem o Filho. Este é o inegável ensino de *2 João 9*. “Todo aquele que prevarica e não persevera na doutrina de Cristo não tem a Deus; quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto o Pai como o Filho.”

A referência aos versículos anteriores mostrará que aquilo que João se refere como sendo a doutrina de Cristo, é o ensino de que Jesus Cristo veio em carne. Se uma igreja não tem este ensinamento, é prova de que ela não tem nem o Pai nem o Filho. Portanto, ela tem o diabo e os seus anjos e estão unidas com Satanás na sua batalha mortal contra a igreja de Deus e do povo. Entre essas igrejas, o seu ensino, e o verdadeiro povo de Deus, só pode haver um abismo intransponível e inimizade absoluta.

Por conseguinte, cada verdadeiro filho de Deus verá com alarme qualquer situação em que Babilónia seja capaz de aprovar qualquer doutrina que ele ensina. Digamo-lo desta maneira. Supondo que estáveis sentado com um sacerdote católico romano que era totalmente leal ao sistema e bem versado nos ensinamentos da igreja papal. Tínheis dito a este homem o que acreditais a

respeito do evangelho da justificação pela fé. À medida que continuásseis ele fazia perguntas para ter a certeza que compreendia o vosso ensinamento. Se, depois de várias horas ou mesmo dias de debate franco e sincero, com um sorriso radiante, ele declarasse que não podia encontrar nada para discutir, como reagiríeis? Felizes ou preocupados?

Devíeis ficar preocupados, pois as evidências sugerem fortemente que tereis perdido o verdadeiro evangelho e defendeis as doutrinas de Babilónia. Qualquer suspeitaria que o padre estava a fingir que concorda, a fim de vos desarmar e tornar-vos mais susceptíveis ao seu pensamento. Isto é improvável. É mais provável que ele expresse os seus verdadeiros sentimentos acerca do que foi apresentado.

Os instrutores religiosos nos dias de João Batista e Cristo certamente expressaram os seus verdadeiros sentimentos em relação à mensagem. Quando o evangelho foi pregado no poder do Espírito Santo no período pentecostal, não houve amizade por parte dos teólogos judeus daquela época, nem havia nos dias de Wycliffe, Lutero, Wesley, ou Miller. Hoje, não é diferente. Quando o verdadeiro evangelho é pregado no poder do Espírito, enfrentará a mais feroz oposição. Não haverá radiantes sorrisos dos pensadores teológicos; nenhum abraço amigável nem o testemunho de que esta é a doutrina de Cristo. Essa pregação não pode ser nem mais nem menos do que babilónica, pois não há comunhão entre a luz e as trevas.

Estes factos e princípios são essenciais para compreender as grandes verdades para este tempo. A última batalha entre a verdade e o erro está prestes a ser travada e nós temos de saber a verdade antes de entrar nela. A mãe e as suas filhas são Babilónia. Elas são o anticristo e, como tal, negam a doutrina de Cristo e não têm o evangelho.

16

Mais do que Uma Mera Confrontação

O material apresentado até agora é o pano de fundo para a análise do *Movement of Destiny* escrito por LeRoy Edwin Froom. Se o leitor não viu luz alguma no que já foi estabelecido, não vai concordar com as conclusões a tirar em relação ao livro em si. Com base no que já foi dito, estas são as únicas conclusões que podem ser extraídas.

O aparecimento do livro em 1971 é um evento de importância considerável, embora isso possa não ter despontado na maioria. Pode ser correcto observar que a maioria da Igreja Adventista do Sétimo Dia e cada vez mais, as igrejas protestantes, dificilmente têm conhecimento que o livro foi publicado. Isto não deve ser tomado como uma admissão de que eles estão a escapar aos efeitos da publicação deste livro na forma impressa. A sua mensagem terá uma influência profunda sobre o ministério da igreja. Isto, por seu lado, tem sua influência inconsciente sobre os leigos.

Independentemente de quão longe essa influência possa ir, o aparecimento do livro é muito significativo. No encerramento dos acontecimentos dos últimos dias, o que acontece dentro da igreja tem maior importância do que o que acontece no mundo. O fim nunca pode vir até a igreja ter alcançado um determinado estado de prontidão. Os acontecimentos no mundo, em contenção pelos quatro anjos retendo os quatro ventos da contenda, serão refreados até a igreja estar pronta. O Senhor poderia ter vindo há muito tempo e gostaria de o ter feito, não fosse o fracasso da igreja em cumprir as tarefas a ela atribuídas.

Na observação da evolução na igreja, há duas ou três áreas que precisam ser mantidas sob atenção. A primeira é a igreja do mundo, que a Bíblia chama de Babilónia, na qual movimentos e acontecimentos estão a ocorrer que devem ser observados com atenção como arautos da próxima crise e ponto mais elevado. Em seguida está a Igreja Adventista do Sétimo-Dia, que foi chamada para terminar a obra. A sua continuação nesse papel dependente da sua estrita fidelidade às suas responsabilidades. Se ela for infiel à sua divina comissão, chegará uma hora, depois de repetidos e pacientes chamamentos ao arrependimento, em que, pela contínua recusa em se afastar do mundo, será deixada de lado, assim como os judeus no passado. As tarefas serão dadas a outro povo.

O fim não pode vir, enquanto a Igreja Adventista do Sétimo-Dia não estiver totalmente do lado do Senhor, ou lançada fora do Senhor por causa da persistente infidelidade. Ela tem que ir para um lado ou para o outro, porque Deus não pode terminar a obra através dela enquanto ela não estiver inteiramente do lado d'Ele. Nem Ele pode dar a obra a outros, enquanto ela não estiver para além da redenção. Por isso, é importante prestar muita atenção à situação dentro da igreja muito atentamente. As posições e argumentos estabelecidos no *Movement of Destiny* são uma declaração da actual relação da Igreja Adventista do Sétimo-Dia com a doutrina de Cristo e as mensagens dos três anjos. Ele fornece um testemunho claro do ponto a que a igreja escolheu ir. Ele revela se ela chegou ao

lugar onde é inteiramente por Deus, como ela alega ter feito; ou se ainda está no estado em que, nem está do lado do Senhor nem lançada fora por Ele, ou se já passou o ponto de não retorno e aderiu às fileiras da Babilónia.

Este livro não é o pensamento do autor. É a posição da Igreja em geral. As evidências nesse sentido são os seguintes factos inegáveis.

Em primeiro lugar, L. E. Froom é um dos mais respeitados e mais altos estudiosos na Igreja Adventista do Sétimo-Dia, possuindo alguma autoridade. O livro foi publicado pela imprensa principal adventista, The Review and Herald Publishing Association, de Washington D.C., e é promovido e vendido pela Adventist Book e casas bíblicas em todo o mundo de língua inglesa.

O prefácio foi escrito pelo Presidente da Conferência Geral que deve e de facto sabe melhor do que ninguém o que adventismo moderno representa. Neste Prefácio ele tece muitos elogios a ambos, ao autor e ao livro. Notai a natureza positiva das suas palavras. “LeRoy E. Froom, estudioso e líder na Igreja Adventista do Sétimo-Dia há muito tempo, está bem qualificado para refrescar as nossas mentes sobre a história desta Igreja. Por muitos anos o Dr. Froom tem estado perto do centro administrativo da Igreja. Ele viveu e moveu-se com muitos desses homens de Deus que, sob a liderança divina, orou e pregou este movimento desde a obscuridade a uma igreja de dimensões e destino mundial.”

Assim, ele fala em nome do autor do livro, o que ele não poderia fazer se não acreditasse, ou aprovasse, o que o autor escreveu. Da mesma maneira que ele aprova o livro e insiste que o “Movement of Destiny é uma obrigação para cada obreiro, cada estudante de teologia, e cada oficial da igreja – na verdade, para todos os membros da Igreja que amam esta mensagem e desejam vê-la triunfar no próximo, muito próximo, futuro.” *Movement of Destiny*, 13.

Assim, o livro leva a aprovação do mais alto oficial da Igreja Adventista do Sétimo-Dia, o então presidente da Associação Geral, Robert H. Pierson. Essa acção da sua parte é a sua clara declaração de que este livro é uma reprodução verdadeira e exacta da história coberta, e uma descrição igualmente fiável e exacta da posição actual da igreja na sua relação com a mensagem de 1888, a doutrina de Cristo, e das igrejas protestantes.

Mais do que isto, o livro não é apenas o esforço individual de Leroy Froom. É afirmado que ele foi mandatado pela igreja para realizar a sua preparação como se revela no prefácio que foi escrito pelo Vice-presidente Neal C. Wilson, que também foi presidente do Comité Orientador para o *Movement of Destiny*. “A preparação deste volume começou há cerca de quarenta anos atrás, quando o autor foi alertado pelos dirigentes da igreja que se prepara para esta tarefa de longo alcance.” Este livro não começou por causa da intenção original do próprio autor para escrevê-lo, mas porque foi uma atribuição da liderança da igreja. Eles queriam que esta mensagem em particular fosse produzida, desenvolvida e apresentada aos membros da igreja. Ele contém o que acreditam que a igreja deve defender e pregar hoje.

O livro não apenas foi originalmente uma indicação de uma tarefa da igreja, mas o autor teve a ajuda de um comité orientador nomeado pela igreja com a participação de alguns membros com alguma influência, como é evidenciado pelo facto de que o presidente era um vice-presidente da Conferência Geral.

Este dirigente alega que o Senhor estava neste assunto. “Nos momentos mais inesperados Deus providencialmente cuidou de enviar os materiais necessários, ou assegurar, ao autor as fontes mais inesperadas.” Ele diz também que o momento da sua produção da sua divulgação estava sob o controlo do Senhor porque ele apareceu ao público apenas no momento em que era mais necessário.

“Parecia haver tantas barreiras, e houve dezenas de vezes em que parecia provável que o valor deste livro nunca pudesse ser reconhecido. Mas agora, em retrospectiva, podemos ver o calendário e sabedoria de Deus. Ele sabia exactamente quando a Igreja Remanescente, e a sua liderança, estariam sob ataque. Ele sabia quando este livro seria mais necessário!” *Movement of Destiny*, 15.

Assim, o livro e seu autor receberam o endosso, crença, e apoio dos mais altos oficiais da Igreja Adventista do Sétimo-Dia. Estes são homens responsáveis que não se movem individualmente, mas

apenas em estreita colaboração com a própria Igreja, por isso, nós podemos ter a certeza de que este livro é o pensamento da liderança da igreja e da igreja em geral.

Importância adicional a isto é dada pelo facto de que o livro foi bem recebido em todo o mundo e não gerou uma única voz de protesto audível de dentro da própria igreja.

Ninguém pode dizer, à luz destes factos, que este livro não representa nada mais do que a opinião de um homem e não deve ser tomado como a posição da igreja de hoje. *Movement of Destiny* será estudado e analisado com a perspectiva de que ela apresenta a actual atitude da igreja para com a verdadeira mensagem de 1888, a doutrina da natureza de Cristo, e a sua relação com as igrejas protestantes.

Será contraposto que há aqueles dentro da igreja, incluindo homens em lugares elevados, que não concordam com o que o livro ensina. Evidência para esse efeito é encontrada nos editoriais sob o nome de Herbert E. Douglas, editor associado do Review and Herald, cujos editoriais apareceram em 23 e 30 de Dezembro de 1971, e 6 de Janeiro de 1972 artigos com o título A Humanidade do Filho de Deus É Tudo para Nós. Estes artigos estabeleceram uma visão sobre a natureza de Cristo que é oposta ao apresentado em *Movement of Destiny*. Aqui está um homem pelo menos, que não concorda com o novo ponto de vista.

Isto não constitui qualquer protesto real, porque ele senta-se em silêncio e permite a distribuição e aceitação do livro pelo povo adventista em geral, sem apontar as implicações como um Elias. Nem isto nega que a igreja como um todo está na aceitação do livro e as posições que ele estabelece.

Este livro tem a intenção de apontar as implicações do *Movement of Destiny* e apelar à rejeição de toda a doutrina que é do grande anticristo, não importa quem a defenda.

Chegou o momento de investigar os argumentos do *Movement of Destiny*. Não iremos analisar cada capítulo e argumento, mas iremos directos ao assunto e ver o que realmente está tentar ser dito.

Movement of Destiny representa o último de uma série de livros impressos até à data por vários autores, com o objectivo de provar que a Igreja Adventista do Sétimo-Dia aceita de facto a mensagem da justificação pela fé, como trazida à igreja pelos servos de Deus, os pastores E. J. Waggoner e A. T. Jones em 1888 e depois. O primeiro deles, publicado por F. G. Clifford na Austrália em 1959, contém sessenta páginas, e procura confirmar que a mensagem de 1888 nunca foi rejeitada, excepto por alguns. Seguiu-se um livro de Norval F. Pease, intitulado *By Faith Alone, (Pela Fé Somente)* em 1962. Ele continha 248 páginas e foi distribuído em todo o mundo ao passo que o livro de F. G. Clifford foi divulgado apenas na Austrália. O seu tema foi o mesmo e foi ainda mais amplificado por A. V. Olsen no livro seguinte com aparecimento em 1966, intitulado *Through Crisis to Victory, (Da Crise para a Vitória)*, contendo 320 páginas.

Movement of Destiny é o quarto da série. O seu objectivo não é apenas sublinhar os argumentos dos livros anteriores, que a Igreja Adventista do Sétimo-Dia mantém hoje e prega a mensagem da justificação pela fé dada pelos próprios mensageiros de Deus em 1888 e anos seguintes, mas levar o leitor ao futuro para mostrar onde ele supõe que isso levará.

O esforço para cobrir a importância do passado, presente e futuro em *Movement of Destiny*, é resumida no diagrama impresso nas páginas 74 e 75. A história da Igreja Adventista é dividida em três períodos, sendo o primeiro de 1844 até 1888, o segundo em 1931 e o terceiro desde aquela época até ao advento do Salvador. Para cada um desses períodos são dadas certas características do desenvolvimento, em que se declara, levarem à certeza da finalização da obra através da Igreja Adventista, “o movimento do destino”.

Durante os primeiros quarenta e quatro anos, as posições dos crentes adventistas são divididas em duas classificações, conhecido como As Verdades Probatas e as Verdades Eternas. As Verdades Probatas da fé do advento eram em especial as doutrinas da mensagem do Advento: o Sábado, o Santuário, a não-imortalidade, o Espírito de Profecia, as Mensagens dos Três Anjos, Profecias, e o Iminente Advento. É correctamente argumentado que a crença nestas posições era obrigatória se alguém quisesse permanecer dentro da comunhão da Igreja Adventista.

As Verdades Eternas cobriam assuntos como o evangelho eterno tal como a Divindade de Cristo, a Trindade, a Ausência de Pecado de Cristo, o Espírito Santo, e a Expição em Relação à Cruz. Aquilo que cada um acreditava nestas áreas era opcional; a posição sobre a divindade de Cristo, por exemplo, poderia ser completamente o oposto de um irmão para outro sem incorrer no risco da disciplina na igreja.

A prova adequada disto era dada pela citação das crenças de Uriah Smith, destacado professor da Bíblia, escritor e líder nos primeiros tempos da história adventista. Este homem, embora isto possa surpreender muitos, defendia uma visão ariana de que Cristo não era um pré-existente Deus eterno, mas um ser criado. Apesar disso, ele ocupou o cargo de editor da *Review and Herald* durante muitos anos, e o seu livro *Considerações Sobre Daniel & Apocalipse* ficou como a publicação padrão adventista sobre profecia bíblica por décadas.

Além disso, ele claramente publicou aqueles pontos de vista arianos no livro de *Daniel e o Apocalipse*, a edição de 1865, páginas 14 e 59. Leitura em parte do seguinte modo:

“Da parte daquele ... ‘... que era, e que há de vir’, ou que há de ser, é uma expressão que significa completa eternidade, passada e futura, e que neste caso se refere exclusivamente a Deus, o Pai. Cremos que esta linguagem nunca é aplicada a Cristo. Fala-se dEle como de outra pessoa, distinta do Ser assim descrito.” “Não o Iniciador, mas o início, da criação, o primeiro ser criado, datando a sua existência longe há muito tempo antes de qualquer outra coisa ou ser criado, junto ao Auto-existente e eterno de Deus”.

O comentário de L. E. Froom a estas palavras é, “A intenção não pode ser iludida. Cristo é expressamente aqui estabelecido, não só como o primeiro ‘ser criado’, mas antes de ‘qualquer outro ser criado.’ Smith mais tarde repudiou claramente essa posição, e disse que Cristo não era um ‘ser criado.’ Mas, mesmo assim, ele ainda manteve que o Filho de Deus teve um começo, e que a Sua vida foi uma vida derivada. Smith continuou a defender que houve um tempo em que ele ‘não existia’ – e depois apareceu. Isso, claro, é uma modificada visão semiariana. Enquanto o livro de Stephenson de 1854 teve pouca influência, esta edição de 1865 do livro de Smith tem sido muitas vezes utilizado contra nós, mesmo até agora – especialmente as palavras ‘ser criado.’” *Movement of Destiny*, 159.

Este comentário é bem verdade. O ponto de vista expresso por Uriah Smith aqui está ariano, e, como tal, uma negação da verdade fundamental que Jesus Cristo é e sempre foi o Deus eterno.

Outra pessoa de menor consequência que manteve a mesma opinião que Uriah Smith foi James M. Stephenson. Outro de fama mais considerável e influência foi o pai de E. J. Waggoner, J. H. Waggoner. Estes homens apresentaram as suas crenças em impressão, proporcionando um registo da sua posição para que todos pudessem ler. Eles também compartilharam certos pontos de vista sobre a expiação em relação à cruz que Froom comenta, mas nós não podemos desviar-nos para este campo adicional.

Estes homens representavam uma linha de pensamento no movimento adventista antes da vinda da mensagem de 1888. Do outro lado estavam homens como James White, E. J. Waggoner e A. T. Jones. Os escritos do Espírito de Profecia apoiaram a pré-existência eterna e divindade de Cristo. Na igreja havia dois pontos de vista inteiramente opostos numa das doutrinas mais fundamentais – a divindade de Cristo. Era Ele verdadeiramente, eternamente, e totalmente Deus, ou apenas o primeiro e preeminente entre os seres criados?

O autor do *Movement of Destiny* dá provas suficientes de que estas duas escolas de pensamento na realidade existiram na Igreja Adventista do Sétimo-Dia. Nós não colocamos isso em causa. Nós estamos mais preocupados com o que Froom faz destes factos.

Era inevitável à medida que o tempo foi passando e cada um dos proponentes das diferentes opiniões não só defendessem tenazmente as suas posições, mas com ousadia e poderosamente as escrevessem na forma de impressão imortal, que teria de surgir um confronto entre as duas forças. Uma decisão teria de ser tomada conduzindo a uma igreja totalmente unificada. Em dois capítulos intitulados, respectivamente, *Developments Make Confrontation Inevitable* e *Amplified “Atonement”*

Volume Hastens Confrontation, Froom debate o movimento em direcção à batalha sobre esta grande questão, que, segundo ele, teve lugar em 1888. Ele nomeia E. J. Waggoner como o grande campeão do lado da verdade que Jesus veio com “toda a plenitude da divindade”, enquanto do outro lado estava Uriah Smith. J. H. Waggoner estava na Europa em 1888 e morreu no ano seguinte, de modo que ele não figura nesta batalha. James White tinha morrido antes ainda em 1881. Como é sabido, a Irmã White estava solidamente no apoio a Waggoner e Jones na Conferência de Mineápolis.

Sobre isto, Froom faz o seguinte comentário tirado da página 168 do livro: “não podia haver unificação de pontos de vista até haver primeiramente um confronto entre a verdade da Bíblia e o erro não-bíblico sobre estas posições. E que começou abertamente na Conferência de Mineápolis de 1888, através das apresentações de E. J. Waggoner. Devia notar-se que naquele tempo alguns destes conceitos não eram a área de discussão aberta tanto como de marcadas diferenças.”

Como lemos na avaliação de Froom sobre as Conferências de Mineápolis, é claro que ele viu aqueles encontros como sendo nada mais do que um confronto entre aqueles que acreditavam que Cristo era verdadeiramente Deus e aqueles que acreditavam que ele é o primeiro ser criado. Com isto, estava a questão da expiação em relação à cruz, mas isso não figura proeminentemente até mais tarde “em 1894 e depois”. Página 168. Portanto, limitar-nos-emos à natureza de Cristo como o tema principal desta análise e investigação.

Nos capítulos 11, 12, 13 e 14, ele discute em pormenor a mensagem dada por E. J. Waggoner, e a sua recepção. Ele mostra que houve quem fizesse oposição vigorosa. Alguns destes mantiveram essa oposição, enquanto outros foram cativados e convertidos pelas mensagens. Outros aceitaram a mensagem desde o início e outros ainda pareceram vacilar. Disto a igreja, disse ele, emergiu triunfante, livre de erros, e aberta para futuros esclarecimentos das verdades eternas essenciais para a preparação de um povo para terminar a obra. Aqui são afirmações de Froom:

“O tempo das Sessões de Mineápolis apresentam-se como um pico de uma montanha, elevando-se acima de todas as outras sessões em singularidade e importância. Foi um distinto ponto de viragem. Nada semelhante a isso havia ocorrido antes, e nada comparável a isso desde essa altura. Foi claramente o início de uma nova era. Depois deste conflito inicial seguiu-se um período de reavivamento e exame do coração. E o que fez acontecer isto foi a mensagem da Justiça pela Fé em Cristo como ‘toda a plenitude da Divindade’ – uma expressão que se tornou uma virtual ideia central, salientada na agitada sessão.

“Cristo foi exaltado perante a Conferência como nunca antes em nossa história, com uma plenitude que até então não havia sido vista ou proclamada. Esse foi o ponto crucial de tudo isso. 1888, portanto, marcou o início de uma nova nota e um novo dia, cujo significado não foi totalmente percebido nessa altura.

“1888, não foi um ponto de derrota, mas de uma viragem na maré para a vitória final. Era o início de décadas de esclarecimento e avanço – apesar das lutas e contratempos. Resultou finalmente numa plataforma unificada de “Crenças Fundamentais”, preparatória para o grande clímax do movimento, certamente destinado a vir. As Verdades Eternas estavam vindo ao seu lugar certo. Deus estava definitivamente a guiar, apesar da continuada teimosia de ‘alguns’. Este é o significado mais profundo de ‘1888.’” *Movement of Destiny*, 187.

Convida-se o leitor a observar cuidadosamente as afirmações feitas neste extracto do *Movement of Destiny*, porque eles formam uma parte integral do argumento do livro. “1888, não foi um ponto de derrota, mas de uma viragem na maré para a vitória final. Era o início de décadas de esclarecimento e avanço – apesar das lutas e contratempos.” Froom está a dizer que as posições actuais da igreja são o resultado daquilo que a igreja adquiriu em Mineápolis e nisto ele é inteiramente certo. O que a Igreja tem hoje é o resultado da recepção dada à mensagem naquela altura.

Froom está a afirmar que aquilo que a igreja tem hoje e o que Waggoner e Jones ensinaram então é o mesmo. Será reconhecido que, se a igreja tivesse de facto a mensagem enviada por Deus, e a defendesse desde então, então o que é ensinado hoje seria o mesmo que foi trazido por esses mensageiros. Mas se, ao comparar as mensagens de Waggoner e Jones com o que a igreja está hoje a

ensinar, for verificado que as mensagens não são apenas diferentes, mas na verdade opostas uma à outra, é preciso questionar a veracidade dos argumentos apresentados em *Movement of Destiny*.

Não podemos aceitar sem questionar o que LeRoy Froom tem a dizer simplesmente porque ele é um dos mais célebres estudiosos da Igreja Adventista, e porque o livro leva o sinete do Presidente da Conferência Geral; era uma tarefa vigiada pela igreja através de um comitê de orientação especial; foi impresso pela Casa Publicadora Adventista; e foi aceito com entusiasmo por homens e mulheres em lugares altos e baixos.

Não importa quem publica, aprova, ou vende um livro, cada um deve analisar e avaliar os seus argumentos por si mesmo. Se não o fizer está a deixar que outro pense por si e seguramente será desviado. Nenhum homem pode permitir que a guarda da sua alma esteja nas mãos de outro. Cada leitor é instado a tomar os argumentos e pesar cuidadosamente e considerá-los em seus próprios méritos. Não os rejeiteis porque o livro não foi publicado por uma editora “aprovada”, ou escrito por um autor que esteja na folha de pagamento da “igreja”. Se tiverdes confiança no autor, não aceiteis o que está escrito só porque ele o disse. Verificai por vós mesmos para ver se é a verdade.

Antes de continuar, algumas questões devem ser levantadas em relação ao que Froom alega como sendo o que se adquiriu de 1888 e o que aconteceu lá.

Está Froom certo na sua afirmação de que as experiências de 1888 foram o resultado alcançado pelo confronto inevitável entre as duas escolas de pensamento sobre a divindade de Cristo? A sua posição é a de que essas duas áreas de crença fundamental do evangelho em conflito defendidas por homens fortes de ambos os lados, resultou da crescente pressão até o confronto ser inevitável. E. J. Waggoner e A. T. Jones, apoiados pelo Espírito de Profecia, deram uma apresentação tão poderosa que estabeleceu a verdade que Cristo era Deus, e não apenas um ser criado.

Froom reduziu o que Deus fez em 1888 a uma batalha entre duas áreas contrastantes da teologia. Ele fez do propósito e intenção dessa importante e maravilhosa hora muito menos do que ela realmente foi apresentando-a como um momento em que o Senhor quis limpar a igreja de certos erros a fim de preparar o caminho para o desenvolvimento final das Verdades Eternas na plenitude da verdade.

Havia duas escolas de pensamento na Igreja Adventista antes de 1888, como descrito no *Movement of Destiny*. Uma era um erro fatal, e é verdade que houve um confronto em 1888, mas é absolutamente falso dizer que a Conferência de Mineápolis foi realizada apenas em consequência destas forças na igreja.

Se a conferência de Mineápolis foi mais do que aquilo a que Froom a reduz, então o que foi? Naquele momento, o Senhor enviou o anjo de *Apocalipse* 18 com luz adicional para terminar a obra. Ele teria vindo nessa altura e local, independentemente de diferenças na igreja.

O Senhor deixa claro que em 1888 o poderoso anjo de *Apocalipse* 18 desceu, o alto clamor começou, e o fim estava muito próximo. “O tempo de prova está exatamente diante de nós, pois o alto clamor do terceiro anjo já começou na revelação da justiça de Cristo, o Redentor que perdoa os pecados. Este é o princípio da luz do anjo cuja glória há de encher a Terra.” (**ME1 362**), *Review and Herald*, 22 de Novembro de 1892.

O Senhor, declarou por meio do Seu profeta que a luz do anjo de *Apocalipse* 18, cuja glória devia encher toda a Terra, estava a brilhar durante as conferências de Mineápolis. A justiça de Cristo foi a mensagem de Waggoner e Jones e essa era em verdade o quarto anjo. “Em Sua grande misericórdia, enviou o Senhor preciosa mensagem a Seu povo por intermédio dos Pastores Waggoner e Jones ... Apresentava a justificação pela fé no Fiador; convidava o povo para receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus ... Esta é a mensagem que Deus manda proclamar ao mundo. É a terceira mensagem angélica que deve ser proclamada com alto clamor e regada com o derramamento de Seu Espírito Santo em grande medida.” *Testemunhos para Ministros*, 91, 92.

Quando se fala da recepção que a mensagem dessa hora recebeu, a irmã White também se referiu a ela como a luz que encherá toda a Terra com a sua glória, pelo que sabemos que ela estava a

referir-se especificamente à mensagem do anjo de *Apocalipse* 18. “Mas essa luz, que deve encher toda a Terra de sua glória, tem sido desprezada por alguns dos que pretendem crer na verdade presente. Cuidai de como a tratais. Descalçai os sapatos de vossos pés; pois estais em terreno santo” *Testemunhos para Ministros*, 89, 90.

Isto é o que o Senhor estava a fazer em 1888. Foi muito mais do que um mero confronto entre duas escolas de pensamento na Igreja Adventista. A menos que o seu real significado seja considerado, nenhuma avaliação verdadeira do que aconteceu pode ser feita e nenhum entendimento sobre se foi uma vitória ou derrota. Isso não nega que houve um confronto, pois houve e sempre haverá onde a verdade viva é apresentada em qualquer igreja estabelecida.

Aqueles que, na igreja, não acreditavam que Cristo era verdadeiramente Deus, estavam em desacordo com a mensagem mesmo antes de ela ser dada. O conflito teve por base aqueles que se opuseram e odiavam a mensagem e zombavam daqueles que a deram.

A verdadeira causa do confronto deve ser entendida. Sempre que o Senhor envia uma nova mensagem à igreja, ela sempre encontrará a oposição dos que defendem os erros.

Quando Cristo apareceu como o Messias para dar a viva mensagem da justiça, houve um confronto entre Ele e os fariseus. Isto não significa que havia um conflito oculto na igreja nos anos anteriores, pois a Igreja Judaica estava, em grande parte, unida em pontos de erro que defendiam, em particular, a crença de que o Messias viria como um glorioso rei conquistador.

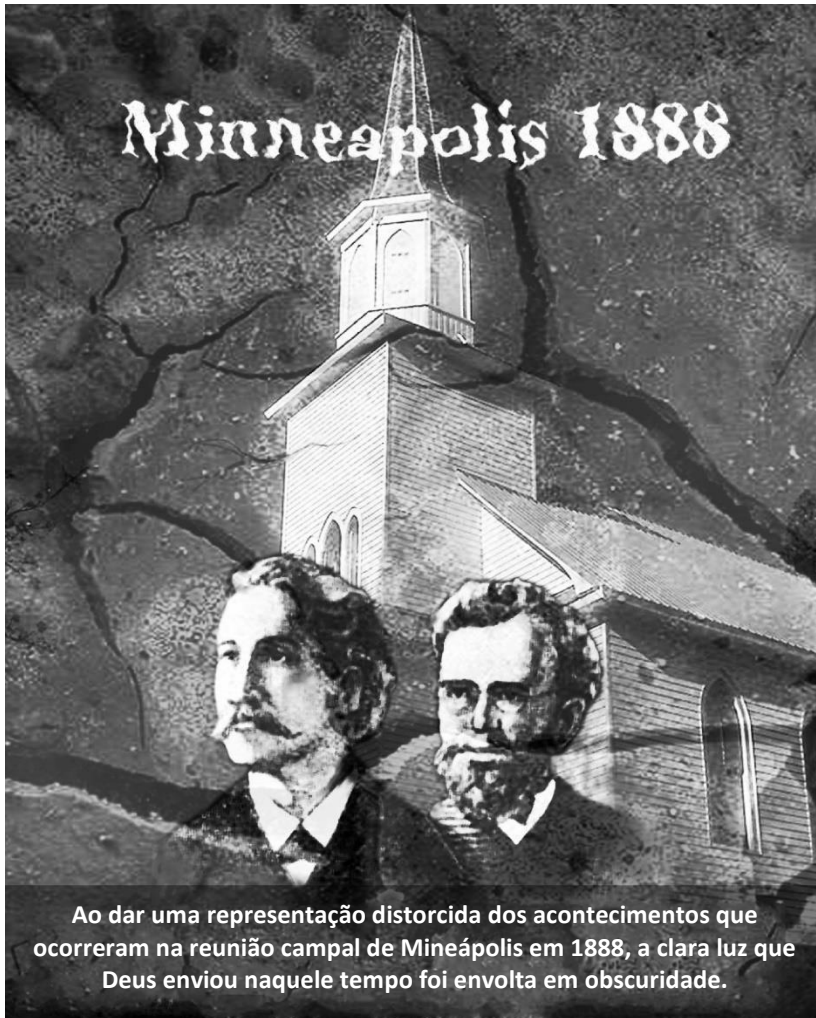
Aqueles que alegam ser do grande Movimento do Segundo Advento, deviam apreciar melhor a importância que cada um dos anjos do Apocalipse segue o outro e, por sua vez, traz uma mensagem não totalmente pregada pelos anjos que os precede. O terceiro anjo não termina a obra até que se juntou a ele o quarto anjo de *Apocalipse* 18:1-4.

O primeiro anjo veio em 1831 com a apresentação especial do evangelho eterno, que a hora do juízo de Deus tinha chegado. Ele não trouxe luz suficiente para concluir a obra, apesar de tudo o que ali está de forma básica. O segundo anjo tinha que o seguir com o anúncio que Babilónia caiu. Mas o primeiro e o segundo que agora voam juntos, não podiam e não terminaram a obra, mesmo que os crentes tenham esperado que eles o fizessem. Faltava ainda vir o terceiro anjo com a sua advertência contra a adoração da besta e da sua imagem, mas mesmo ele, num esforço conjunto com o primeiro e o segundo, não podiam terminar e não terminaram a obra. Havia ainda por vir o anjo de *Apocalipse* com a sua inundação de luz que inundaria o mundo inteiro com a glória de Deus.

Nenhum desses anjos veio simplesmente com um destaque dos mensageiros que vieram antes dele. Cada um veio com um poderoso avanço da verdade não pregada pelos que vieram antes dele. Assim, o primeiro anjo não tinha nada a dizer sobre a queda de Babilónia, ao passo que o primeiro e o segundo não tinham nada a dizer acerca da besta e da sua imagem. Então o quarto traz verdades não se desenrolaram sob o ensino do primeiro, segundo e terceiro. Em lado algum pregaram os anjos anteriores revelação tal como a natureza de Cristo como o Deus eterno, que veio habitar na caída carne humana do pecado; os anjos anteriores nada disseram a respeito da lei e do evangelho como E. J. Waggoner nos seus estudos em Gálatas e Romanos, e A. T. Jones nas suas maravilhosas lições sobre a vida e ministério de Cristo.

Isto não foi apenas um mero confronto entre duas escolas de pensamento. Como poderia alguém pensar em reduzi-lo a isso, quando foi a gloriosa luz do poderoso anjo através do qual a obra deverá ser concluída quando ele inundar toda a Terra com a luz e a glória de Deus.

Movement of Destiny tem produzido uma imagem muito diminuída, débil, e distorcida do que realmente aconteceu em 1888, e, portanto, trata-se de uma falsa imagem. Ele tem roubado ao acontecimento o significado e a glória. A sua real importância foi afastada da mente daqueles que têm aceitado os argumentos propostos por Froom. O mau resultado é que as pessoas em geral irão regredir para a auto-satisfatória conclusão que 1888 não tem nada para elas, porque isso serviu simplesmente para corrigir erros dos quais há muito tempo estava livre, porque, afinal, o comum adventista moderno não tem dificuldade alguma em crer que Cristo não era um ser criado, mas de facto, Deus.



Se *Movement of Destiny* tivesse estabelecido a experiência de 1888 como sendo o momento em que o poderoso anjo de *Apocalipse 18* desceu para fazer a sua obra com o resultado de que o fim poderia ter chegado rapidamente; se Froom tivesse mostrado que a oposição manifestada contra a mensagem pelo Presidente da Conferência Geral, o pastor Butler, Uriah Smith, e outros com crenças similares, era a consequência natural do ódio que é mantido contra a verdade de Deus, alguma coisa da verdadeira situação teria sido apresentada e a experiência de Mineápolis teria sido colocada numa luz completamente diferente.

Movement of Destiny afirma que 1888 não foi uma derrota mas uma vitória, um ponto de viragem a partir do qual a igreja saiu com anos de esclarecimento, desenvolvimento, e avanço. Como pode o pastor Froom construir um argumento convincente de que era uma vitória quando o testemunho do

tempo e o testemunho do Espírito de Profecia negam isso?

A técnica empregada é a de simples substituição, também conhecida como colocar algo no lugar da verdade. No lugar do propósito real e questões envolvidas na experiência de 1888, é apresentada uma situação menor diferente. A necessidade real em 1888 era a recepção da poderosa mensagem do anjo de *Apocalipse 18*. O que foi substituído como a necessidade de correção em 1888 da ideia que Cristo era só um ser criado.

Feita esta substituição de algo de muito menos importância do que o verdadeiro problema e necessidade, a Igreja Adventista saiu desse período com este problema corrigido, alegando que a necessidade estava resolvida, a finalidade cumprida, e alcançada uma grande vitória. O dispositivo de substituição, ou a construção de uma alternativa, é surpreendentemente eficaz como evidenciado pelo número de pessoas que caem neste tipo de engano. Somente aqueles que estão cientes do que 1888 foi, realmente, não serão enganados por este tipo de argumento.

Podemos discernir o argumento como falso pelas falsas premissas sobre as quais ele é construído, e nós temos testemunhos que realmente contam – o Espírito de Profecia foi e é a voz de Deus para a igreja e é o único testemunho que é realmente necessário, a juntar os homens que deram a mensagem porque eles, melhor do que qualquer um, sabiam o que foi a mensagem e que nunca foi recebida.

Enquanto *Movement of Destiny* as citações de alguns homens que testemunharam que tinham recebido e creram na mensagem, não dão um testemunho do Espírito de Profecia, nem de A. T. Jones, do seu recebimento além de um ou dois que falam de uma aceitação local antes dessa área sentir a pressão de incredulidade sobre eles.

Antes de dar o testemunho do Espírito de Profecia e dos homens que deram a mensagem, vamos considerar a validade do argumento de que a igreja não rejeitou a mensagem porque alguns viram e

aceitaram a mensagem, alguns se opuseram a ela veementemente, e o resto permaneceu descomprometido.

Considerai uma situação comparável. Quando Cristo veio a esta Terra e começou a pregar a justiça pela fé, alguns, incluindo homens em lugares elevados, como Nicodemos, aceitaram a mensagem; alguns manifestaram vigorosa hostilidade, e as multidões estavam indecisas. No entanto, antes de Cristo e dos apóstolos, finalmente se encontrarem fora da Igreja Judaica, o povo judeu como nação e a igreja rejeitaram o Salvador e a Sua mensagem. Não foi preciso qualquer voto oficial por parte da igreja como um todo. Eles simplesmente tomaram a sua posição contra Ele, ou deixaram de se posicionar a favor d'Ele. Qualquer destas formas era uma categórica rejeição.

Em 1888 também havia duas classes rejeitando a mensagem. Alguns eram abertamente hostis a ela enquanto a maioria não sabia para onde ir. Não aceitar é o mesmo que rejeitar, portanto, a maioria na igreja era dos que rejeitaram a mensagem, como foi a maioria nos dias de Cristo. Ao apresentar este caso, não nos limitamos ao número dos envolvidos presentes nas Conferências, porque a influência das mensagens foi até aos quatro cantos da Terra. Os sermões foram reproduzidos na publicação *General Conference Bulletins* após 1890 e os delegados presentes nas Conferências levaram as suas próprias opiniões e ensinamentos no regresso às suas respectivas áreas de trabalho.

Mais importante do que isto é o testemunho do Espírito de Profecia e A. T. Jones, que, com Waggoner, conheceriam melhor do que qualquer outro homem qual foi a verdadeira mensagem e se ela foi aceite ou não. Não vamos citar os testemunhos dados nas próprias reuniões porque se argumentará que isto foi apenas um retrato de como eram as coisas naquele momento, mas num curto espaço de tempo houve uma recepção diferente que se estabeleceu na igreja como uma doutrina crida e experimentada. O Espírito de Profecia mostra que, na opinião do Senhor, a mensagem não foi aceite. Treze anos depois de 1888, quando tinha havido oportunidade para as verdadeiras tendências serem vistas, a Irmã White tinha isto a dizer:

“Eu sinto um interesse especial nos movimentos e decisões que devem ser tomadas nesta Conferência sobre as coisas que deviam ter sido feitas há anos e, especialmente, dez anos atrás, quando estávamos reunidos em Conferência, e o Espírito e o poder de Deus vieram à nossa reunião, testemunhando que Deus estava pronto para trabalhar por este povo se eles entrassem em cooperação. Os irmãos concordaram com a luz que Deus havia dado, mas havia os que ligados com as nossas instituições, especialmente a Review and Herald e a Conferência (Geral), que introduziram elementos de incredulidade, para que não se agisse conforme a luz dada. Foi sancionada, mas nenhuma mudança especial foi feita para trazer um tal estado de coisas para que o poder de Deus fosse revelado entre o Seu povo.” *General Conference Bulletin* na abertura das reuniões de 1901.

Concordar com uma coisa e não a fazer realmente, equivale à rejeição da verdade. A forma como Deus considera isto é mostrada na parábola do filho que disse que iria, mas não foi. “As palavras não são de valor algum se não forem acompanhadas de atos equivalentes. Esta é a lição ensinada na parábola dos dois filhos.” {PJ 142}, *Parábolas de Jesus*, 272.

O testemunho do Espírito de Profecia tem eco no testemunho de A. T. Jones no mesmo ano.

“Há treze anos em Mineápolis Deus enviou uma mensagem ao Seu povo... Qual tem sido a história deste povo e desta obra desde aquele tempo? Até onde tem a verdade sido recebida – não apenas consentida – mas, na verdade, recebida? Não muito longe, digo-vos. Durante os últimos treze anos, esta luz tem sido rejeitada e muitos se opuseram a ela, e estão a rejeitá-la e a virar-se contra ela hoje.” A. T. Jones, *The General Conference Bulletin*, 18 de Abril de 1901.

1888 não foi uma grande vitória para a mensagem da justificação pela fé. Muitas mais provas podiam ser apresentadas para apoiar estes testemunhos dados no Espírito de Profecia quando o evento ocorreu, mas isto foi tratado noutros capítulos. Neste estudo, o interesse foca-se mais nas consequências dos acontecimentos que aconteceram então. Eles revelam a verdadeira natureza desse acontecimento e mostram o ponto a que a igreja chegou hoje em consequência.

Mais Sobre As Verdadeiras Questões Em Mineápolis

A presença no movimento adventista antes de 1888, de crenças conflitantes sobre as grandes verdades, foi o fruto de um problema mais profundo. Foi para corrigir essa fonte de dificuldade e para criar nos crentes a condição espiritual necessária para obterem a vitória final, que o quarto anjo foi enviado.

Até ao final de 1844, tinham sido dadas aos adventistas a primeira, segunda e terceira mensagens angélicas que vieram a ser conhecidas na forma conjunta como a mensagem do terceiro anjo. Porém, não durou muito tempo até perderem a mensagem, embora não soubessem que a tinham perdido. Posteriormente, eles pregaram as leis e doutrinas da mensagem sob o título pertencente à própria mensagem que é, na verdade, a justificação pela fé, ou o evangelho eterno. Assim, o poderoso poder unificador contido na verdadeira mensagem do terceiro anjo estava perdido para eles, permitindo a continuação e o desenvolvimento de teorias de divisão entre eles.

Para corrigir a falha, a mensagem do terceiro anjo teve de lhes ser apresentada outra vez. Deve ser salientado que não era um chamamento para uma reafirmação de algo que sempre tinham defendido, mas tinham permitido ficar em segundo lugar depois da profecia e da doutrina. Nem era apenas uma repetição do que já havia sido ensinado antes na década de 1840. Foi uma apresentação da mensagem do terceiro anjo com um alcance e glória nunca anunciado entre o povo do advento. Era uma mensagem enviada por Deus através dos Seus servos escolhidos que é a mensagem a ser dada ao mundo, e que é designada como a mensagem do terceiro anjo.

“Em Sua grande misericórdia, enviou o Senhor preciosa mensagem a Seu povo por intermédio dos Pastores Waggoner e Jones. Esta mensagem devia pôr de maneira mais preeminente diante do mundo o Salvador crucificado, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo. Apresentava a justificação pela fé no Fiador; convidava o povo para receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus. Muitos perderam Jesus de vista. Deviam ter tido o olhar fixo em Sua divina pessoa, em Seus méritos e em Seu imutável amor pela família humana. Todo o poder foi entregue em Suas mãos, para que Ele pudesse dar ricos dons aos homens, transmitindo o inestimável dom de Sua justiça ao impotente ser humano. Esta é a mensagem que Deus manda proclamar ao mundo. É a terceira mensagem angélica que deve ser proclamada com alto clamor e regada com o derramamento de Seu Espírito Santo em grande medida.” *Testemunhos Para Ministros*, 91, 92.

Quando ouviram isto, muitos adventistas ficaram perplexos. Eles nunca tinham ouvido tais ensinamentos antes e questionaram o lugar para eles no adventismo, o movimento designado para ensinar precisamente a mensagem do terceiro anjo. Foi-lhes assegurado pelo Senhor que eles estavam a

ouvir a mensagem do terceiro anjo, em verdade, embora a mensagem como lhes tinha sido ensinada, era bastante diferente desta.

“Vários me escreveram, indagando se a mensagem da justificação pela fé é a mensagem do terceiro anjo, e tenho respondido: ‘É a mensagem do terceiro anjo, em verdade.’” *The Review and Herald* 1 de Abril de 1890 — *Mensagens Escolhidas* 1:372.

A linguagem aqui é mais enfática, assegurando ao leitor que a verdade trazida então era a mensagem verdadeira. Houve a proclamação de falsificações, uma das quais, como será demonstrado neste artigo, tinha o mesmo nome, a mensagem do terceiro anjo, mas a trazida pelos servos de Deus em Mineápolis era a verdadeira, a mensagem da verdade.

A mensagem enviada anteriormente através de outros servos de Deus, William Miller, Fitch e Litch, Edson e Crosier, James e Ellen White, Joseph Bates, e outros, era também a mensagem do terceiro anjo, em verdade. Garantia disto é dada, porque a mensagem que eles proclamaram com esse nome veio por revelação de cima e foi confirmada pelo Espírito de Profecia.

Por conseguinte, a mensagem da justificação pela fé proclamada por Waggoner e Jones, era a mesma mensagem como a pregada pelos pioneiros originais. Em suma, era o evangelho eterno. O pastor Waggoner compreendeu e pregou isto. Em 1891, ele pregou uma série de estudos na sessão da Conferência Geral acerca de *Romanos*, depois do que ele disse no final à audiência, que durante todo o período tinham estudado a mensagem do terceiro anjo.

Ele disse, “Talvez alguns dos ouvintes não percebam o facto de que as lições que foram estudadas nas últimas doze noites sobre o livro de *Romanos*, eram nada mais do que a mensagem do terceiro anjo.” *Estudos Bíblicos Sobre o Livro de Romanos*, 47.

Esta verdade devia ser evidente por si mesma pois ela está tão claramente escrita na Escritura que o primeiro anjo voa “pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar...” *Apocalipse* 14:6.

Essa é a sua mensagem e, por conseguinte, a dos anjos que o seguem porque eles não podem proclamar qualquer outra coisa senão o evangelho. Waggoner explica isto muito claramente nos seus *Estudos Bíblicos Sobre o Livro de Romanos*, 48.

“Surge a pergunta, se o terceiro anjo apareceu e acrescentou a sua voz ao clamor do primeiro e do segundo anjo, não temos nós algo mais a dizer ao mundo do que tinham aqueles que trabalharam sob a primeira mensagem? Certamente, não podemos ter mais nada a pregar do que o evangelho eterno. O segundo anjo anuncia um facto, que Babilónia caiu, por causa da sua apostasia do evangelho. Notai que o segundo anjo não tem uma nova verdade para anunciar; apenas um facto que algo ocorreu. O terceiro anjo apenas anuncia o castigo que cairá sobre os homens que agirem diferentemente da verdade anunciada pelo primeiro anjo. Mas o primeiro anjo continua soando, e os três vão juntos; e os três continuam a soar juntos, e o primeiro está anunciando o evangelho eterno – o que é preparar os homens para ficarem irrepreensíveis diante de Deus, – e o terceiro anjo está dizer o castigo que lhes sobrevirá se eles não receberem o evangelho eterno, necessariamente conclui-se que a tríplice mensagem é o evangelho eterno.

“Notai que o primeiro anjo proclama o evangelho eterno; o segundo proclama a queda de todo aquele que não obedece a esse evangelho; e o terceiro proclama o castigo que se seguirá àquela queda, e vem sobre os que não obedecem. Por isso, o terceiro tem tudo no primeiro, – o evangelho eterno. Sim, aquele evangelho eterno contém toda a verdade. É o poder de Deus. Esse evangelho eterno, lembrai-vos, está resumido numa coisa: Jesus Cristo e Ele crucificado e, é claro, ressuscitado. Não temos mais nada neste mundo para proclamar ao povo, sejam pregadores, obreiros bíblicos, colportores ou evangelistas, ou simplesmente pessoas que, na humilde esfera do seu próprio lar, deixam a luz brilhar. Tudo o que qualquer um de nós pode levar ao mundo é Jesus Cristo e Ele crucificado.”

O testemunho da pena da inspiração que a mensagem do terceiro e não apenas a do primeiro anjo é a justificação pela fé ou o evangelho eterno, confirma a verdade dos argumentos de Waggoner. Assim, as três testemunhas de *Apocalipse* 14:6, o Espírito de Profecia, e E. J. Waggoner declaram

que a mensagem do terceiro anjo é o evangelho eterno, o poder de Deus para salvar do pecado, e a preparação para a eternidade.

Mas, pergunte-se aos adventistas em geral qual era a mensagem do terceiro anjo, e eles indicarão uma série de doutrinas tais como o sábado, o estado dos mortos as profecias de *Daniel* e *Apocalipse*, o santuário, e assim por diante, como a composição da mensagem. Por que faz ele isto quando a resposta é manifestamente errada, ainda que estas doutrinas tenham o seu lugar na mensagem? O evangelho é a mensagem, não as doutrinas, por isso, a menos que as doutrinas sejam ensinadas como uma apresentação do evangelho vivo, falta-lhes vida o poder e já não fazem parte da mensagem do terceiro anjo. A tragédia é que, quando a luz e o poder do evangelho saem da mensagem, as pessoas não o sabem. Elas, então, continuam a pregar as doutrinas do evangelho, crendo que não houve alteração do original. Foi isto que aconteceu com a primeira igreja cristã, como descrito em *Atos dos Apóstolos*, 548, {AA 307}.

“Mas gradualmente se operou uma mudança. Os crentes começaram a olhar os defeitos uns dos outros. Demorando-se sobre os erros, dando lugar a severo criticismo, perderam de vista o Salvador e Seu amor. Tornaram-se mais estritos na observância de cerimônias exteriores, mais rigorosos na teoria que na prática da fé. Em seu zelo para condenar a outros, passavam por alto os próprios erros. Perderam o amor fraternal que Cristo lhes ordenara, e, o que é mais triste, não tinham consciência dessa perda. Não reconheceram que a felicidade e a alegria lhes estavam abandonando a vida, e que, havendo excluído o amor de Deus do coração, estariam logo andando em trevas.”

Não há lugar para complacente confiança no coração de alguém de que este não poderia ter perdido o seu primeiro amor e, portanto, o coração vivo da mensagem. Isso aconteceu à maior igreja de todos os tempos, a igreja apostólica cheia do Espírito, e isso também aconteceu na Igreja Adventista do Sétimo-Dia.

Logo após o grande desapontamento, começaram a soar os avisos urgentes enviados por Deus através do Espírito de Profecia. Em 1855 vieram estas palavras solenes, “Vi que o Espírito do Senhor tem estado a extinguir-Se na igreja.” *Testemunhos* 1:113.

No resto do testemunho, foram dadas as razões para este declínio espiritual. Os crentes estavam a desviar as suas energias e meios para adicionar casa a casa e terra a terra. A menos que desistissem disto, Deus iria afastar-se e deixá-los-ia entregues ao egoísmo que acariciavam no lugar do espírito de sacrifício. Aparentemente, este chamamento foi ignorado, durante o ano seguinte ou assim, o Espírito de Deus suplicou-lhes que se preparassem para o encontro com o Senhor e deixassem a conformidade com o mundo.

Depois, em 1858, ou muito próximo a ela, veio esta solene declaração da testemunha verdadeira. “Foi-me mostrado que o testemunho aos laodiceanos se aplica ao povo de Deus no tempo presente, ...” *Testemunhos* 1:186.

O testemunho aos laodiceanos é o solene pronunciamento anunciado com a autoridade de Deus, de que as pessoas têm falta de ouro, vestes brancas e colírio, mas, o mais perigoso de tudo, eles não conhecem a sua condição ou necessidade. Para compreender a gravidade da situação, necessita ser dada consideração ao simbolismo empregado ao chamamento a Laodiceia.

“A Testemunha Verdadeira aconselha-nos a comprar dEle ouro provado no fogo, vestidos brancos e colírio.

“O ouro aqui recomendado como tendo sido provado no fogo é fé e amor. Ele enriquece o coração, pois foi limpo até tornar-se puro; e quanto mais é provado, mais intenso é seu brilho. A vestidura branca é a pureza de caráter, a justiça de Cristo comunicada ao pecador. Esta é, na verdade, uma vestimenta de textura celeste, que somente pode ser comprada de Cristo por uma vida de voluntária obediência. O colírio é aquela sabedoria e graça que nos habilitam a discernir entre o mal e o bem e a detectar o pecado sob qualquer disfarce. Deus deu a Sua igreja olhos aos quais requer dos crentes que unjam com sabedoria, para que vejam claramente; muitos, porém, se pudessem, tirariam os olhos da igreja; pois não quereriam que suas ações viessem à luz, para não serem reprovados. O colírio divino

comunicará clareza ao entendimento. Cristo é o depositário de todas as graças. Ele diz: ‘Aconselho-te que de Mim compres.’ Apocalipse 3:18.” *Testemunhos* 4:88, 89.

O ouro é a fé e o amor ou como dito em outro lugar, “é a fé que opera por amor.” {PJ 79}, *Parábolas de Jesus*, 158. Esta é a fé que leva ao pecador arrependido a bênção da justificação e é tão essencial que, sem ela, esta experiência não pode ser atingida. Portanto, se as pessoas são descritas como sendo destituídas deste ouro, então eles não têm a fé que traz a justificação e, portanto, são pessoas injustificadas. Isso é dizer que não têm mais o evangelho e, por conseguinte, não têm a mensagem do terceiro anjo.

Estas são as únicas conclusões que podem ser extraídas dos factos apresentados a partir do testemunho da Testemunha Verdadeira. Cristo declarou que eles tinham caído na condição de Laodiceia e quem estava preparado para argumentar com Ele? O que Ele diz ser assim, assim é. Ele fala a verdade, porque Ele é a verdade, e Ele não comete erros, porque o Seu conhecimento é onisciente.

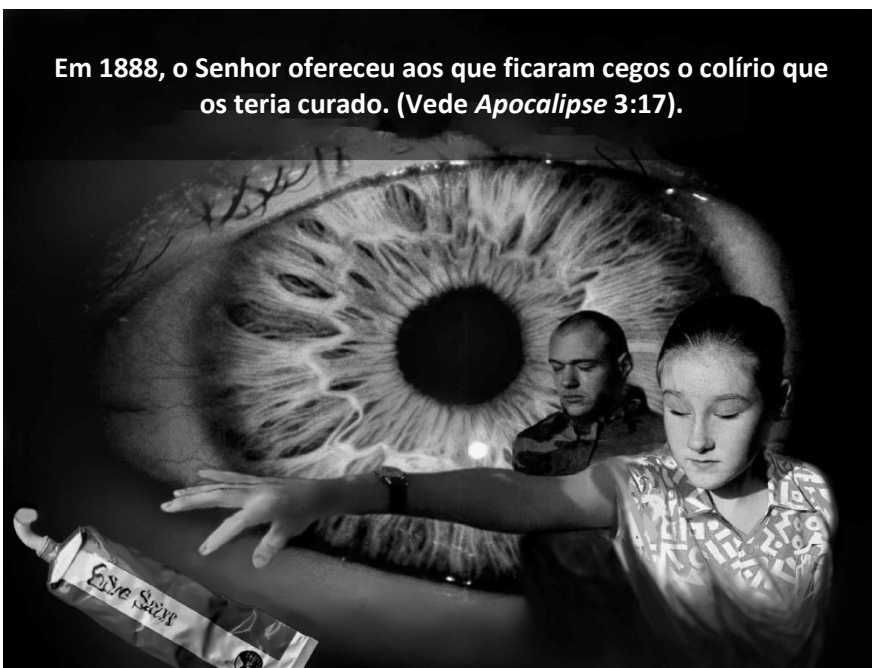
Naturalmente, eles não podiam vê-lo, porque faz parte do problema de Laodiceia não conhecer o verdadeiro estado de coisas. Mesmo depois de lhes ser positivamente dito pela maior e mais confiável autoridade em existência, não foram capazes de ver, crer, ou aceitá-lo. Com confiança, continuaram o trabalho que estavam fazendo para Deus e que era suposto alegremente Ele aceitar de bom grado, não sabendo que a luz e a força do evangelho haviam saído das suas vidas e pregação porque já não tinham a mensagem do terceiro anjo.

Mas, tinham alguma coisa a que chamaram a mensagem do terceiro anjo. Isto era as doutrinas e profecias que haviam pregado anteriormente como parte viva da mensagem. Uma prova clara disto é fornecida na publicação de um livro intitulado *The Three Messages of Revelation 14:6-12, Particularly the Third Angel's Message and Two-Horned Beast*, por John N. Andrews. O prefácio foi escrito em 1877, quando, sem dúvida, a primeira edição apareceu. A quinta edição foi produzida em 1892.

John N. Andrews foi e é considerado como sendo um adventista de relevo. Ele serviu a causa do Advento com devoção e sacrifício todos os dias da sua vida e hoje a Universidade Adventista em Berrien Springs, Michigan, tem o nome de Universidade Andrews em sua honra. Como tal, o seu livro é representativo do pensamento adventista da época, passou pelo menos por cinco edições, e o seu argumento, conforme estabelecido no título de ser uma afirmação verdadeira da mensagem do terceiro anjo, tanto quanto sabemos, nunca foi contestada.

Desde então, como a mensagem do terceiro anjo é a justificação pela fé, em verdade, seria de esperar que o livro de John N. Andrews fosse uma série de estudos sobre este assunto, especialmente quando, no prefácio ele tem estas palavras a dizer sobre o papel do terceiro anjo.

“Por que meios os santos de Deus serão reunidos em um só povo e preparado para a trasladação? Que poderosas verdades tem Deus em reserva para a última geração, com as quais realizar esta grande obra?” Página 4.



Pesquisa Histórica do Adventismo Em Relação à Mensagem do Terceiro Anjo em Verdade

1833	1844	1858	1888	1893	Tempo Actual
Primeiro, Segundo e Terceiro Anjos	Declínio Espiritual	Condição de Laodiceia	O Quarto Anjo	Três Grupos	
Os adventistas receberam e pregaram o evangelho eterno - a mensagem do terceiro anjo em verdade. Lei e Doutrina correctamente apresentadas como verdades do evangelho		Os adventistas haviam perdido: O ouro A justificação pela Fé As vestes brancas A justiça de Cristo O Colírio O discernimento espiritual	Deus trouxe-lhes novamente a Mensagem do Terceiro Anjo em verdade. Eles rejeitaram porque ela era diferente do que chamavam de Mensagem do Terceiro Anjo	A Igreja continua sem a verdadeira mensagem do terceiro anjo. Portanto, a obra não é concluída.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Os poucos que se mantêm com a mensagem original. 2. Os ortodoxos que se apegam às leis e doutrinas. 3. Os liberais que rejeitam ambos.
<p>Portanto: Eles haviam perdido o Evangelho e, portanto, já não ensinavam a Mensagem do Terceiro Anjo. Mas ainda mantiveram as Leis e Doutrinas da Mensagem do Terceiro Anjo e chamaram isso de mensagem sem saber que tinham perdido a mensagem verdadeira.</p>					

Na maior parte da sua história, a Igreja Adventista não se apegou à genuína Mensagem do Terceiro Anjo, embora pensasse que sim. Em vez disso, ela simplesmente se apegou à parte das Leis e Doutrinas dessa mensagem.

Estas são excelentes perguntas. A resposta também é excelente. “Em resposta a estas perguntas podemos citar o décimo quarto capítulo do Apocalipse.” *Ibidem*.

Esta resposta é a verdade desde que a mensagem de *Apocalipse* 14 seja vista como o evangelho eterno ou a justificação pela fé em verdade. Mas, embora pudéssemos esperar que o livro de John N. Andrews fosse uma detalhada e viva apresentação da justificação pela fé, não há uma única página no livro dedicada a este tema. Em vez disso, o material abrange desenvolvimentos proféticos na ascensão do povo e o levantamento da besta com dois chifres retratada em *Apocalipse* 13. Assim, os adventistas tinham chegado a chamar algo que não era a mensagem do terceiro anjo, por esse nome.

Por volta de 1888, tinham-se afastado tanto no tempo da mensagem original que quase tinham esquecido completamente o que era a verdadeira, e estavam activamente pregando a falsificação. É por isto que, quando a verdadeira mensagem do terceiro anjo foi trazida pelos mensageiros chamados por Deus em 1888, a igreja não poderia reconhecê-la como tal. Eles compararam o que aqueles homens tinham para ensinar com aquilo que sempre tinham considerado como sendo a mensagem do terceiro anjo e correctamente reconheceram que não era o mesmo.

Isto impôs sobre eles a necessidade de fazer uma escolha específica entre o que consideravam como sendo a verdadeira mensagem que eles afectuosamente referiram como sendo os marcos antigos, e o que a Testemunha Verdadeira lhes disse ser a mensagem em verdade. A queda na condição de Laodiceia mais ou menos em 1858, não foi temporária. Ela estabeleceu-se numa terrível permanência de modo que, em 1888, estavam num estado de pobreza espiritual ainda pior.

“Desde o tempo da reunião de Mineápolis, tenho visto o estado da Igreja de Laodiceia como nunca antes. Eu ouvi a repreensão de Deus falada para aqueles que se sentem tão bem satisfeitos, que não conhecem a sua destituição espiritual. Jesus fala para estes como fez com a mulher de Samaria: ‘Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.’

“Como os judeus, muitos fecharam os seus olhos para não verem; mas há tão grande perigo agora em fechar os olhos à luz, e, andar separado de Cristo, sentindo necessidade de nada, como quando Ele estava na Terra. Têm-me sido mostradas muitas coisas que apresentei ao nosso povo em solenidade e sinceridade, mas aqueles cujos corações foram endurecidos através de críticas, inveja, más suspeitas, não sabiam que eram pobres, e miseráveis, e cegos, e nus. Aqueles que resistem às mensagens de Deus através do Seu humilde servo, pensam que estão em desacordo com a irmã White porque as suas ideias não estão em harmonia com as deles; mas esta diferença não é com a irmã White, mas com o Senhor, que lhe deu o seu trabalho para fazer.” *Review and Herald*, 26 de Agosto, 1890.

Portanto, eles não eram mais capazes de ver claramente o que Deus lhes estava a dizer e a mostrar-lhes em 1888 do que em 1858. Porém, isto não significa que os seus casos não tinham esperança, que eles tinham de se agarrar ao que consideravam como sendo a verdade real. Tudo o que tinham a fazer era confiar na Palavra do seu divino Comandante, tomando a atitude de que se Ele dizia que era assim, então, mesmo que não o pudessem ver, assim era. Acreditariam e aceitariam. Todavia, os dirigentes, juntamente com a maioria, não tomaram posição pela fé. Em vez disso, escolheram caminhar por onde pudessem ver, no que era, para eles, os familiares marcos antigos. Ainda que aqueles fossem caminhos de morte e trevas não os inquietaria.

Esta foi, então, a verdadeira discussão em 1888, a questão de saber se a mensagem do terceiro anjo seria restaurada na igreja, que inconscientemente tinha perdido, ou se continuaria a falsificação. Esse foi o problema e, como a história e o Espírito de Profecia testemunham, os tradicionalistas ganharam a vitória.

Subsequente à morte da mensagem e à partida dos mensageiros da igreja, as doutrinas que haviam sido consideradas como sendo a mensagem do terceiro anjo, continuaram a ser a mensagem da Igreja. O resultado é que qualquer adventista nascido desde então tem sido ensinado que as leis e doutrinas são a mensagem do terceiro anjo quando na verdade, a justificação pela fé é a mensagem. Portanto, tem sido ensinado que outra coisa que não a mensagem é a mensagem.

Isto coloca-o na mesma situação difícil que os adventistas em 1888. Foi inculcado nele que uma determinada mensagem é a mensagem em verdade, quando não é. Podemos maravilhar-nos com a cegueira dos judeus e adventistas que se recusaram a acreditar no que Deus lhes disse, mas provará o povo de Deus hoje qualquer maior receptividade aos conselhos divinos?

Em 1888, Deus enviou a verdadeira mensagem do terceiro anjo. Essa e somente essa é a única luz que terminará a obra e abreviando-a. Não importa quão sinceramente possamos crer, essa é a verdade. Portanto, mesmo que nós não possamos ver o que o Senhor nos está a dizer, acreditemos só porque Ele o diz. Em 1858, houve um trágico afastamento da verdadeira mensagem que tem orientado os nossos pés, involuntariamente, mas com certeza, no mesmo caminho. Apenas pelo reconhecimento desses desvios e, preparados para os corrigir no que diz respeito às nossas próprias vidas, será possível escapar das medonhas consequências.

Waggoner Mal Interpretado

O principal argumento apresentado no *Movement of Destiny* é que em 1888 em Mineápolis, Minnesota, veio finalmente o confronto inevitável entre aqueles que acreditavam que Cristo era eternamente e verdadeiramente Deus, e aqueles que acreditavam que ele era o primeiro de todos os seres criados. Para esclarecer este caso, L. E. Froom projectou E. J. Waggoner como campeão da posição com Uriah Smith e outros como adversários.

Se 1888 não foi mais do que um esforço para corrigir este erro, a principal tarefa da mensagem de Jones e Waggoner seria apresentar a deidade ou divindade de Cristo – provando que Ele era Deus para sempre e eternamente. Isto não traria quaisquer grandes novos avanços na verdade como traria o quarto anjo, mas daria maior visibilidade às verdades já declaradas que tinham sido negligenciadas e pouco pregadas. Isto é o que argumenta Froom quando analisa as mensagens dadas por Waggoner na Conferência e apresenta a sua opinião daquilo que foi apresentado à Igreja Adventista. O argumento apresentado por tanto tempo pelos opositores adventistas do presente reavivamento da mensagem de 1888 é que as mensagens trazidas em 1888 mudaram a ênfase da lei e da profecia para a apresentação de Cristo e a Sua justiça que não tinham sido apresentadas como Deus tinha previsto. Desta forma a grande obra em 1888 é minimizada e reduzida.

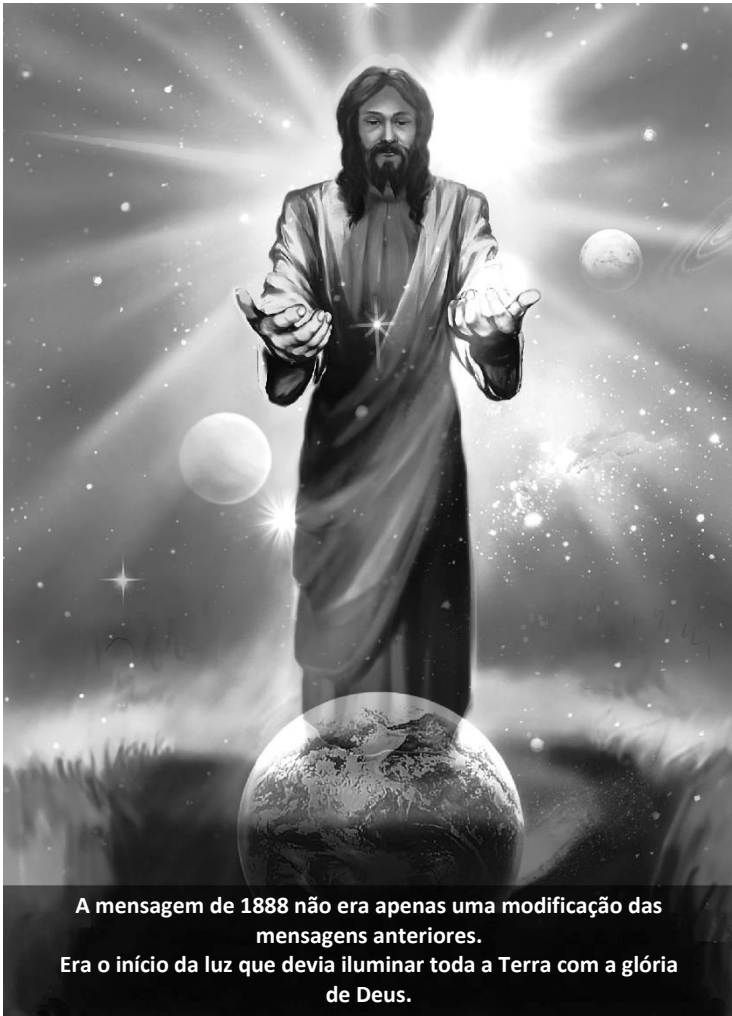
Por outro lado, se 1888 é entendido como o início do alto clamor do terceiro anjo de *Apocalipse* 18, então a mensagem de Waggoner e Jones foi algo muito mais do que um mero esforço da parte de Deus para corrigir os erros da igreja naquele tempo. Não é negado que houve erros que precisavam ser corrigidos se a igreja quisesse terminar a obra. Havia erros nas igrejas quando o primeiro anjo começou a soar em 1831; nos grupos do advento quando o segundo anjo iniciou a sua obra; e quando o terceiro anjo veio. Com isto, é evidente que o Senhor não espera até todos os erros sejam corrigidos antes d’Ele enviar o anjo seguinte com as correcções das falhas anteriores, e avançar mais luz.

Em 1888 a igreja tinha erros graves que necessitavam de correcção. O poderoso anjo seguinte veio com uma mensagem que não só corrigia os erros da igreja, mas que abria as maravilhosas cenas da mensagem do terceiro anjo, como nunca foi visto nem pregado antes pelos adventistas.

A mensagem de Waggoner tinha que ser mais do que corrigir os erros da igreja e, mais do que revelar Cristo como sendo eternamente Deus. Ela tinha que apresentar a luz que encheria toda a Terra com a glória de Deus.

“Esta mensagem devia pôr de maneira mais preeminente diante do mundo o Salvador crucificado, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo. Apresentava a justificação pela fé no Fiador; convidava o povo para receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus. Muitos perderam Jesus de vista. Deviam ter tido o olhar fixo em Sua divina pessoa, em Seus méritos e em Seu imutável amor pela família humana.” *Testemunhos Para Ministros*, 91, 92.

Estes mensageiros do Senhor trouxeram a doutrina de que Cristo veio na mesma carne e sangue, como os filhos a quem veio salvar. É o ensinamento de que a escada chegava até ao próprio trono de



A mensagem de 1888 não era apenas uma modificação das mensagens anteriores. Era o início da luz que devia iluminar toda a Terra com a glória de Deus.

Deus, e até à carne pecaminosa do homem. Em *O Desejado de Todas as Nações*, 311, 312, {DTN 214}, é declarado que, se a escada houvesse deixado de chegar à Terra, por um único degrau que fosse, teríamos ficado perdidos.

Se esses homens tivessem apresentando somente a divindade de Cristo, eles teriam vindo com a pregação só acerca de Deus, em vez da verdade salvadora, “Deus conosco”, que é Cristo na carne – a doutrina de Cristo. Eles teriam apresentado a metade superior da escada sem a metade inferior. Isto não é pregar a salvação. Isto não é melhor do que ensinam os pregadores do anticristo nas igrejas Católica Romana e Protestantes.

Mas eles não fizeram isto. Eles vieram pregando a total Divindade habitando na plenitude da humanidade como ela era sobre a Terra, quando Ele esteve entre nós. Basta ler os escritos deles para ver esta verdade, e à medida que esta leitura prossegue, será visto, como a maravilhosa beleza da verdade por eles apresentada se desdobra à sedenta mente espiritual, que eles de facto trouxeram uma mensagem que nunca antes tinha sido pregada na

Igreja Adventista. Ela não era apenas a mudança de ênfase; não era apenas a correcção de erros por tanto tempo mantidos; não era meramente o reavivamento de verdades há muito defendidas na igreja. Foi a apresentação de uma mensagem para lá daquilo que havia sido pregado pelos adventistas antes, assim como cada um dos anjos predecessores apresentou luz não apresentada pelos anteriores.

Este não é o quadro apresentado no *Movement of Destiny* nem o argumento que ele pretende desenvolver. O seu objectivo é demonstrar que a apresentação foi apenas para a correcção de alguns erros, dar ênfase ao que tinha sido anteriormente mantido e ensinado, e mudar o foco da lei para o evangelho.

Portanto, podemos esperar que o *Movement of Destiny* dê relevância ao lado da mensagem de Waggoner que expõe a divindade numa eterna pré-existência de Cristo, ignorando ou dando uma representação errada do aspecto da verdade que expõe a plenitude da vinda de Cristo em caída carne pecaminosa. Nesta expectativa não estamos decepcionados porque isto é exactamente o que o livro faz como uma análise do assunto mostrará.

Na página 188 de *Movement of Destiny* está um capítulo com o título, *A Verdadeira Mensagem de E. J. Waggoner em Mineápolis* – o N.º 1. Parte 2 segue-se na página 202 e estende-se até à página 217. Os argumentos apresentados nas três primeiras páginas irrompem o velho argumento de que não temos qualquer registo do que foi pregado na primeira Conferência de Mineápolis. Aqui se afirma que o livro de Waggoner, *Cristo e Sua justiça*, é um verdadeiro retrato da mensagem pregada por ele nessa conferência. É bom saber isto, para que possa ser aceite que este livro de Waggoner contém realmente o que ele ensinou nessa Conferência.

Na página 191, Froom começa a sua explicação do que ele acreditava que o mensageiro enviado por Deus apresentou nessa Conferência.

A apresentação de Cristo deve começar definindo-O como o eterno Deus pré-existente. Waggoner, sendo um verdadeiro mensageiro do Senhor, começou neste ponto e passou tempo a desenvolver esta grande verdade. Isto foi preliminar e básico para apresentar Cristo como um ser humano, mas Froom pega nas apresentações de Waggoner sobre a divindade de Cristo e faz disso toda a mensagem dada.

Froom passa parágrafo após parágrafo com títulos como a Total Compassiva Transcendência de Cristo, A Majestade e a Preeminência como Deus, Possui Todos os Atributos e Prerrogativas de Deus, Compreende ‘Toda a Plenitude da Divindade’, Supremamente Deus no Mais Elevado Sentido, Cristo como Criador – Igual ao Pai, Cristo Enfaticamente não um ‘Ser Criado,’ Jeová o ‘Existente Por Si Mesmo’. Ele demora-se nestes pensamentos e dá uma imagem razoavelmente fiel daquilo que Waggoner ensinou até aqui. Ele não teve dificuldade em aceitar o que tem sido apresentado nestas rubricas. Nem alguém nas igrejas Católica Romana ou Protestante, porque todos eles ensinam esta parte da encarnação de Cristo.

Agora vem o problema. Waggoner prossegue para mostrar que o Cristo que esteve e está na plenitude de Deus, veio e aceitou, a caída, pecadora, humanidade mortal. Nesta área, Wagoner é tão directo, específico, e claro como foi sobre a divindade de Cristo, dedicando sete páginas para esta secção, e muitas mais para as implicações desta verdade. Nesta secção está uma clara declaração que o próprio Jesus tomou a carne e o sangue de um homem pecador, e não a de um homem sem pecado. Aqui está o pensamento expresso por Waggoner:

“Um pouco de reflexão será suficiente para mostrar a todos que se Cristo tomou sobre Si a semelhança do homem, para poder redimir o homem, deve ter sido o homem pecador a quem Ele foi feito semelhante, pois é o homem pecador que Ele veio redimir. A morte não poderia ter poder sobre um homem sem pecado, como Adão era no Éden; e ela não poderia ter tido qualquer poder sobre Cristo, se o Senhor não tivesse tomado sobre Si a iniquidade de nós todos. Além disso, o facto que Cristo tomou sobre Si a carne, não de um ser sem pecado, mas do homem pecador, isto é, aquela carne que Ele assumiu tinha todas as fraquezas e tendências pecaminosas a que a natureza humana caída está sujeita, é mostrado pelo testemunho que Ele ‘nasceu da descendência de Davi segundo a carne.’ Romanos 5:1. Davi tinha todas as paixões da natureza humana. Ele diz de si mesmo: ‘Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe.’ Salmo 51:5.” *Cristo e Sua Justiça*, 26, 27. Ênfase original.

Estas palavras não deixam dúvida de que Waggoner ensinou e acreditava que na carne de Cristo estavam “todas as fraquezas e tendências pecaminosas às quais a natureza humana caída está sujeita...” Esta não é, certamente, carne santa, mas caída carne pecadora, mortal.

Se Waggoner estava a ensinar com isto o que era contrário à Bíblia e o Espírito de Profecia, a irmã White nunca teria ficado do lado dele e o apoiaria nos seus ensinamentos. A ordem simples da Bíblia em 2 João 7-11 absolutamente proíbe isso. Por isso, declarar que Waggoner estava errado nesta apresentação da humanidade de Cristo, é acusar a irmã White de desobediência à instrução na Palavra de Deus o que, por sua vez, seria classificá-la de falso profeta.

Em qualquer caso, o título do capítulo em consideração no *Movement of Destiny* mostra que o autor reivindica estabelecer a verdadeira mensagem de Waggoner em Mineápolis. Isso levar-nos-ia a esperar, agora que sabemos o que Waggoner ensinou sobre a humanidade de Cristo, que Froom nos informasse sobre a humanidade de Cristo como Waggoner a ensinou. Esperaríamos que, à luz do extracto anterior de *Cristo e a Sua Justiça*, que Froom revelasse do ensinamento de Waggoner que Cristo veio com “todas as fraquezas e tendências pecaminosas às quais a natureza humana caída está sujeita...” reconhecêssemos que caso ele falhasse em fazer isso, falharia em dar a verdadeira mensagem que Waggoner trouxe em 1888.

Ele não somente falhou em dar a verdadeira mensagem de Waggoner no que diz respeito à humanidade de Cristo, mas insere uma palavra-chave nos textos escritos por Waggoner que lhes dá um significado completamente diferente. Na página 197, ele dedica um parágrafo na secção sobre a humanidade de Cristo sob o título, “Fez-Se Carne para Levar Os Nossos Pecados e Redimi-los.”

O parágrafo chave nesta secção de Froom diz o seguinte:

“Quanto à Sua humanidade, Cristo veio na ‘semelhança de carne do pecado’ (*Romanos* 8:3, 4). Deus ‘colocou sobre Ele a iniquidade de todos nós’ Ele ‘tomou’ todas as ‘fraquezas’ do homem, e ‘sofreu todas as enfermidades do homem.’ (Páginas 26, 27.) Mais do que isso, Ele foi, na verdade, ‘feito’ – vicariamente – ‘pecado por nós’, para que ‘pudéssemos ser feitos justiça de Deus.’ (2 Coríntios 5:21). Sobre isto Waggoner comenta:

“Aqui está o mesmo mistério de como o Filho de Deus devia morrer. O Cordeiro imaculado de Deus, que não conheceu pecado, foi feito pecado. Sem pecado, embora não apenas contado como um pecador, mas, na verdade, tomando sobre Si a natureza pecaminosa. Ele [assim estava escrito] foi feito pecado para que [assim estava escrito] pudéssemos ser feitos justos!” *Cristo e Sua Justiça*, 27, 28.”

É verdade que L. E. Froom cita um parágrafo de E. J. Waggoner afirmando que Cristo “na verdade”, “tomou sobre Si a natureza pecaminosa.” Mas isto é habilmente coberto e pervertido, pela inserção de uma palavra-chave que não aparece no parágrafo escrito por Waggoner e que muda a verdade no testemunho. É a palavra “vicariamente”. Esta palavra tem uma definição bastante contrária de “na verdade”, que significa que Ele a tomou literalmente e na realidade. A expressão “vicariamente” ensina que Ele não a tomou efectivamente mas de alguma misteriosa forma no sentido de solidariedade. Aqui Froom produziu uma daquelas impossíveis declarações contraditórias, que pretende tornar o assunto claro, mas que o obscurece ainda mais. Uma coisa não pode ser real e, ao mesmo tempo, vicária.

Observai também que apesar de Froom se referir ao testemunho de Waggoner dizendo que Cristo tomou todas as fraquezas do homem, ele tem o cuidado de omitir as palavras que seguem na mesma frase que dizem que a carne assumida por Cristo “tinha...” “todas as tendências pecaminosas a que a natureza humana decaída está sujeita...”

Esta frase que Froom tão cuidadosamente omitiu, é uma das mais importantes em todo o parágrafo. Em todo ele, Froom está fazendo o seu melhor para fazer parecer que hoje a Igreja nos ensina a mesma mensagem como Waggoner, mas este é o próprio sentimento na doutrina da natureza de Cristo, à qual ele mais se opõe – o ensinamento de que Cristo veio na mesma natureza como a que nós temos, uma natureza humana tendo “todas as tendências pecaminosas que a natureza humana tem por herança.”

À medida que *Movement of Destiny* continua, Froom enfaticamente rejeita a ideia de que Cristo tenha vindo na mesma carne e sangue como os filhos. Contudo, ele sabe que o Espírito de Profecia subscreveu a doutrina de Waggoner e Jones de que Cristo, sendo o Deus eterno, desceu e aceitou uma natureza humana de carne e sangue derivada exactamente da mesma que qualquer um dos filhos dos homens, e, portanto, tinha como sua natureza tudo o que a humanidade tem.

A tarefa de Froom como comissionada pela igreja, é provar que ele e a igreja estão em perfeito acordo com a mensagem, e zelosamente pregam uma mensagem com a qual estão realmente em completo desacordo. Essa é uma tarefa bastante difícil e coloca diante dele um grande dilema.

Como é que se resolve um problema desses?

Isto é resolvido sem dificuldade se as tácticas seguidas pela igreja forem aprovadas. Isso envolve, com tempo cuidadosamente calculado, a definição do problema num clima de declarada concordância, em vez de crispada atmosfera de directa oposição. Expressões de admiração pela mensagem de Waggoner trouxeram a imagem de completa pretensa aprovação. Então, com cuidadosa omissão dos testemunhos principais apresentados pelo mensageiro do Senhor e inserção da palavra “vicariamente”, é projectada uma interpretação de Waggoner que torna a sua mensagem aceitável para a igreja. Assim se faz parecer que Waggoner é o defensor de um erro fatal em vez do campeão da verdade que ele realmente era.

O tempo para esta apresentação daquilo que se alega que Waggoner pregou é um factor importante para a garantia de sucesso. Grande parte é feita pelo facto do momento em que o pastor A. G. Daniells falou pela primeira vez com Froom sobre escrever o livro, ele salientou que, embora o

trabalho tivesse começado, ainda não era tempo para o apresentar ao mundo. Passaram-se anos até que finalmente chegou o momento propício para a realização e lançamento do volume. Vede *Movement of Destiny*, 17.

Era importante que aqueles que realmente sabiam o que os homens de 1888 ensinaram, deixassem de existir, tendo sido removidos pela morte ou pelos poderes da igreja. Se E. J. Waggoner ainda estivesse vivo e lesse o que este livro lhe atribui como seus ensinamentos, ele rapidamente esclareceria o assunto. Ninguém ousaria atribuir a um Waggoner vivo os ensinamentos que afirmam serem dele no presente volume. Waggoner foi inocente de ensinar a doutrina papal de Cristo sem pecado, tendo natureza humana perfeita.

O profeta vivo já morreu, e até agora o Senhor não chamou outro para guiar e cuidar da igreja. Fosse o profeta vivo hoje, teríamos uma voz de autoridade inquestionável para declarar a natureza do engano praticado sobre a igreja e o mundo.

Foi necessário esperar até que as vozes daqueles que dentro da igreja não tinham medo de se levantar e ser reconhecidos, e que entendiam pela experiência pessoal o que os homens de 1888 ensinaram tivessem sido silenciadas. Isto foi efectivamente feito durante as lutas dos anos cinquenta e sessenta. Foi realizado lançando todo o peso da autoridade da Igreja contra as suas testemunhas e seu testemunho até que foram expulsos da igreja e não mais se ouviram entre os membros da igreja.

Silenciadas estas vozes, a igreja confortou os seus membros com a certeza de que tudo estava bem. Eles asseguraram que todos aqueles que declararam ter havido uma rejeição em 1888 estavam errados e iludidos; a igreja acreditava apenas aquilo que Waggoner e Jones ensinaram; os ajustamentos necessários tinham sido realizados; e estava agora pronto o palco para o grande e final triunfo da verdade. A maioria na igreja acredita nisto porque confiam nos dirigentes tal como o homem comum confia no seu médico.

Todos aqueles que acreditam erradamente que Waggoner e Jones ensinaram que Cristo veio na humanidade perfeita, sem pecado de Adão antes de cair, também acreditarão que a mensagem de 1888 nunca foi rejeitada e está sendo ensinada na igreja de hoje. Eles aceitarão as conclusões tiradas por L. E. Froom como uma valiosa e verdadeira avaliação dos desenvolvimentos na história da Igreja Adventista.

Mas eles estão terrivelmente enganados. Vamos resumir as evidências estudadas até agora.

É incorrecto avaliar as Conferências de Mineápolis como meramente um confronto por causa da crescente pressão entre duas escolas de pensamento sobre a divindade de Cristo. Este é o trágico entendimento, reduzindo e minimizando a vinda do anjo de *Apocalipse* 18 cuja glória vinha para encher toda a Terra, e que trouxe aos adventistas luz que nunca tinha sido conhecida nem pregada antes.

Essa grave avaliação incorrecta deve igualmente levar a conclusões erradas sobre o que era a mensagem e os seus desenvolvimentos realmente.

A mensagem de Waggoner e Jones não foi apenas a apresentação de Cristo como a plenitude da Divindade. Essa era apenas uma parte da história, porque um Salvador que se mantivesse Deus, ou mesmo como Deus na carne sem pecado não nos pode salvar. Ambos Waggoner e Jones ensinaram claramente que Cristo tomou a mesma carne e sangue, como os filhos. É uma grave falsa representação dizer o contrário.

É incorrecto afirmar que uma grande vitória foi obtida em 1888; que Deus alcançou o propósito que pretendia; que o movimento foi libertado de erros fatais e construídas as condições para chegar à final e gloriosa vitória. Não foi isto que aconteceu. O alto clamor começou, mas foi sufocado até à morte, e nessa rejeição das verdades às quais deram um simples assentimento, a igreja foi colocada no caminho do grande anticristo. Isto tornou-se mais pronunciado com o passar dos anos.

A imagem da mensagem de Waggoner e Jones nas Conferências Mineápolis em 1888, tal como consta no *Movement of Destiny*, não é uma verdadeira e exacta imagem fiel do que realmente aconteceu.

A discussão no *Movement of Destiny* dos consequentes desenvolvimentos das Conferências, também deve ser uma avaliação imprecisa e irreal do que realmente aconteceu. Estes desenvolvimentos confirmarão ainda mais que 1888 não foi uma vitória, mas uma derrota para as forças da verdade. Vamos avançar para além de 1888 a fim de estudar a evolução ocorrida e a avaliação feita no *Movement of Destiny* a seu respeito.

19

Waggoner Não Estava Errado

M*ovement of Destiny* estabelece uma avaliação das mensagens de Mineápolis que minimiza o significado e a importância desse acontecimento. Isto por si mesmo já é suficientemente grave, mas o livro não fica por aí. Ele ainda apresenta a mensagem de Waggoner sobre a eterna pré-existência de Cristo como sendo faltosa e especulativa em certos aspectos. A partir destes erros, L. E. Froom afirma que a igreja foi libertada e subtilmente transmite a impressão de que a nossa compreensão é superior à de Wagoner no seu tempo.

Mas será que é? Estava Waggoner errado e a igreja moderna correcta nesta área específica? Chegamos nós tão longe da verdade dada por este mensageiro do Senhor?

Se os crentes daquela altura tivessem aceitado a mensagem como os modernos dirigentes adventistas afirmam com confiança, o entendimento da igreja, hoje, estaria muito mais à frente do entendimento de Waggoner e Jones. Se eles não aceitaram a mensagem naquela altura, então não estão assim mais avançados do que aqueles homens, pois o Senhor não envia mais luz até que a já enviada tenha sido realmente recebida.

Se a igreja não aceita essa luz, ela não só não avança, mas cai em algum erro. A igreja não perceberá isso. Ela estará mais confiante do que nunca de que tem toda a verdade.

Se pudermos mostrar que Waggoner estava errado numa área, e Froom correcto na sua crítica sobre Wagoner neste campo, teremos a prova de que L. E. Froom está à frente de Waggoner. Este será um testemunho em favor da alegação de que a igreja não rejeitou a mensagem naquela época.

Por outro lado, se puder ser demonstrado que Waggoner não estava confundido ou especulava na sua posição, temos a prova de que Froom está errado na sua avaliação acerca do mesmo assunto e está muito atrás do entendimento de Waggoner. Isto constituirá um testemunho da crença de que a igreja de facto rejeitou a mensagem dada. Embora a posição conforme definida por Froom se incline para reduzir a confiança nos mensageiros que Deus enviou em 1888, e leva os membros a perder qualquer desejo real de estudar os seus escritos, a posição de que Waggoner está certo terá o efeito oposto. Isso levará os convictos da verdade a não confiar na avaliação feita pelos modernos escritores da mensagem, incentivando-os a voltar atrás e estudar as obras daqueles homens por si mesmos.

Não deve ser entendido que estamos a fazer qualquer alegação que Waggoner e Jones tinham toda a verdade. Mas o que eles fizeram foi ensinar a verdade, até ao ponto em que o Senhor havia revelado nesse tempo.

O capítulo em *Movement of Destiny* dedicado a encontrar erros na mensagem de Waggoner começa na página 281, e tem o título “Retrospective Look at Waggoner's Minneapolis Message – No. 2” (Uma Retrospectiva da Mensagem de Waggoner em Mineápolis – Nº 2.) Os dois primeiros parágrafos têm a seguinte redacção:

“Confundido pela frase ‘eu saí e vim’ – num par de exemplos Waggoner aventurou-se no fino gelo da especulação, e afundou-se em águas de conjecturas que o submergiram – de facto submergiram qualquer um. Estes exemplos dizem respeito ao mesmo assunto. Por isso, foi realmente um avanço no mesmo ponto – sobre o mesmo assunto. Que isso pudesse acontecer não é de surpreender, pois era uma questão que tinha intrigado e confundido estudiosos cristãos durante longos períodos da Era Cristã. Ele tinha sido agitado no tempo da discussão a respeito de Cristo e da Divindade pelos investigadores homens da igreja dos primeiros séculos. Novamente entrou em discussão, tanto no tempo da Reforma como no Pós-Reforma.

“As suas repercussões ainda podiam ser ouvidas em determinadas organizações Protestantes no início do século dezanove. Isso penetrou até nas nossas próprias fileiras as primeiras décadas anteriores, quando os nossos homens pensavam inquietos sobre a Divindade e seus relacionamentos – especialmente quanto a Cristo. Ele centrava-se sobre a intenção dessas expressões bíblicas – ‘Unigénito de Deus’, e ‘saí e vim’ do Pai (*João* 8:42). O que é que essas expressões significavam exactamente para Waggoner? E quão longe elas nos levam no ilimitado passado? Houve dois processos de saída – um no insondável início, e outro na encarnação? Essa era a questão.”

Aqui está a afirmação que neste ponto Waggoner se aventurou em especulações porque não havia suporte bíblico para a sua posição. Pode-se inferir que ele deveria ter mais conhecimento, porque esta era uma área que tinha movido o pensamento e o estudo dos clérigos durante séculos sem qualquer acordo total entre eles. Portanto, ele não devia ter tocado no assunto. Este assunto estava relacionado com as expressões, “Unigénito”, “Filho de Deus” e “saí e vim do Pai.”

Froom põe em causa o que estas expressões significavam para Waggoner, e quão longe elas nos levam no passado ilimitado. “Houve dois processos de saída – um no insondável início, e outro na encarnação? Essa era a questão.”

As oito páginas seguintes de *Movement of Destiny* são dedicadas à discussão das diversas crenças dos estudiosos pelos corredores do tempo, após o que começa uma discussão mais directa da posição de Waggoner.

Na página 291, Froom enumera as declarações ofensivas de *Cristo e Sua justiça*, sob o título geral de “Saídas” equacionada com “Saí... de Deus.” Então ele diz, “Aqui estão as duas afirmações questionáveis de Waggoner sobre a origem de Cristo em seu contexto:

“‘No princípio, era o Verbo.’ A mente do homem não pode compreender as eras abrangidas por esta frase. Não é dado a conhecer ao homem quando ou como o Filho de Deus foi gerado; mas sabemos que Ele era a Palavra Divina, não simplesmente antes de vir a esta Terra para morrer, mas mesmo antes do mundo ser criado. Pouco tempo antes da Sua crucifixão Ele orou ‘E, agora, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse.’ *João* 17:5. E mais de setecentos anos de antes do Seu primeiro advento, foi predita a Sua vinda pela palavra da inspiração desta maneira: ‘E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade.’ Miqueias 5:2, (Almeida Revista Atualizada 1993.) Nós sabemos que Cristo ‘saiu e veio de Deus’ (*João* 8:42), mas isto foi há tanto tempo na eternidade que está para além da compreensão da mente do homem.’ (*Christ and His Righteousness*, 9.)”

“As Escrituras declaram que Cristo é “o Filho Unigénito de Deus.’ Ele é gerado, não criado. Quando Ele foi gerado, não nos cabe inquirir, nem as nossas mentes podiam compreendê-lo se nos fosse dito... [Miqueias 5:2 citado.] Houve um tempo em que Cristo procedeu e veio de Deus, do seio do Pai (*João* 8:42; 1:18), mas isso está no passado tão longínquo nos dias da eternidade que para a compreensão finita é praticamente sem início.

“Mas a verdade é que Cristo é um Filho Unigénito, e não um súbdito criado. Ele tem por herança [não citado] um Nome mais excelente do que os anjos; Ele é ‘como um Filho sobre a Sua própria casa.’ Hebreus 1:4, 3:6. (*Ibidem*, páginas 21, 22.)”

Froom cita um terceiro parágrafo, mas antes de o fazer, ele diz: “Na sua ansiedade para enfatizar ‘Filho Unigénito’ – pois ele estava argumentando contra a oposição de alguns, na sua audiência que tinham alegado que Cristo era um Ser criado – Waggoner também fez a seguinte declaração:

“‘É verdade que há muitos filhos de Deus; mas Cristo é o ‘Filho Unigénito de Deus,’ e, portanto, o Filho de Deus num sentido em que nenhum outro ser jamais foi, nem alguma vez pode ser. Os anjos são filhos de Deus, como foi Adão (Jó 38:7; Lucas 3:38), pela criação; os cristãos são filhos de Deus por adopção (Romanos 8:14, 15); mas Cristo é o Filho de Deus por nascimento.’ (Ibidem, página 12.)”

Froom comenta estas declarações como segue:

“Com base em equações erradas – Waggoner equaciona claramente – sobre estas declarações – ‘de ti me sairá’ de Miqueias 5:2 com ‘saí e vim de Deus’ de João 8:42, ao que ele acrescenta a expressão ‘no seio do Pai’ de João 1:18. Ele conclui que, uma vez que Cristo está a declarar ser ‘o Filho Unigénito de Deus’ – e que Ele ‘saiu e veio de Deus’ e ‘e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade’ – houve, portanto, ‘um tempo em que Cristo procedeu e saiu de Deus, do seio do Pai..., mas que esse tempo estava tão distante para trás nos dias da eternidade que para a compreensão finita é praticamente sem começo.’

“A partir da estrita visão trinitária, a eterna pré-existência de Cristo é essencial para a Sua Divindade. Auto existência não pode sugerir qualquer insinuação de início ou derivação. Se houvesse qualquer ponto na eternidade quando Cristo veio do Pai, então Ele teria um começo, e não seria totalmente Deus – não importa quanto para trás “nos dias da eternidade”, isto pudesse ter acontecido.” *Movement of Destiny*, 291, 292.

Waggoner não limitou a saída de Cristo do Pai à encarnação em Belém. Ele viu um processo semelhante diante de Deus tendo acontecido anteriormente na infinidade da eternidade chegando tão longe que estava além do início de todas as coisas. Se essa ideia de Cristo ter um ponto antes em que saiu de Deus é levada a dizer que Ele teve um começo, isso nega que Cristo é verdadeiramente Deus no sentido eterno. Para ser Deus, Ele tem de ser tão eterno no passado como no presente e no futuro. Não deve nunca haver qualquer ponto do tempo quando Ele não possa dizer “EU SOU”.

Que Jesus já era o Filho Unigénito de Deus antes de encarnar o homem em Belém, é claro, em *Patriarcas e Profetas*, 36. Este testemunho descreve uma reunião convocada por Deus antes mesmo deste mundo ser criado. Nessa altura, Deus apresentou Jesus Cristo, não como Alguém que se tornaria o Filho Unigénito de Deus, mas como Um que já o era. Este não era simplesmente um título possuído por Cristo. Deus apresentou-O como Seu Filho Unigénito, porque era isso que Ele era naquele momento. Assim, este testemunho apoia plenamente a posição de Waggoner e nega a de Froom. Aqui está o parágrafo:

Da mesma forma como não podemos compreender como é que foi possível a Divindade tomar a forma de uma criança, assim não podemos compreender como Cristo originalmente veio de Deus. Em cada caso a fé deve aceitar a verdade firmando-se na Palavra de Deus.



“O Rei do Universo convocou os exércitos celestiais perante Ele, para, em sua presença, apresentar a verdadeira posição de Seu Filho, e mostrar a relação que Este mantinha para com todos os seres criados. O Filho de Deus partilhava do trono do Pai, e a glória do Ser eterno, existente por Si mesmo, rodeava a ambos. Em redor do trono reuniam-se os santos anjos, em uma multidão vasta, inumerável — ‘milhões de milhões, e milhares de milhares’ (Apocalipse 5:11), estando os mais exaltados anjos, como ministros e súditos, a regozijar-se na luz que, da presença da Divindade, caía sobre eles. Perante os habitantes do Céu, reunidos, o Rei declarou que ninguém, a não ser Cristo, o Unigênito de Deus, poderia penetrar inteiramente em Seus propósitos, e a Ele foi confiado executar os poderosos conselhos de Sua vontade. O Filho de Deus executara a vontade do Pai na criação de todos os exércitos do Céu; e a Ele, bem como a Deus, eram devidas as homenagens e fidelidade daqueles. Cristo ia ainda exercer o poder divino na criação da Terra e de seus habitantes. Em tudo isto, porém, não procuraria poder ou exaltação para Si mesmo, contrários ao plano de Deus, mas exaltaria a glória do Pai, e executaria Seus propósitos de beneficência e amor.” {PP 10}.

É evidente que Froom interpreta realmente as palavras de Waggoner como dizendo isso no ponto quando no ilimitado tempo de passado, Cristo saiu e veio do Pai, Ele teve um começo. Froom compara ser nascido de Deus como tendo um começo e mostra que ele acredita que ser isto que Waggoner tinha em mente e transmitiu por este ensino.

É aqui que se encontra a fraqueza nos entendimentos de Froom, e se encontra força nos ensinamentos de Waggoner. Waggoner não desenvolveu mais o assunto para mostrar se ele compreendia que, se Cristo saiu do Pai significava que Ele teve um começo nesse ponto do tempo. Nós não sabemos o que Waggoner de facto acreditava nesta ligação final nem podemos provar o que ele acreditava. Froom assume que Waggoner pensava que Cristo teve um começo, mas nós realçamos que pressupor isto não pode ser provado.

Fica connosco decidir se é ou não erro declarar que Cristo saiu e veio do Pai como o Filho Unigênito de Deus. Se isto está correcto, então, embora Waggoner possa não ter entendido toda a verdade, o que ele disse em si não seria o erro que Froom declara que é. Tudo o que podemos fazer é decidir a partir do que Waggoner realmente quer dizer estivesse em erro ou não. Não podemos entrar em qualquer suposição de como ele poderia ter interpretado o que disse nos conceitos não revelados da sua mente.

Pesquisando nas palavras do texto original do grego, Froom tenta argumentar que estas expressões não significam qualquer nascimento físico literal da parte de Cristo no passado longínquo, mas são usadas para transmitir a ideia de originalidade e diferença entre Cristo e o resto dos seres em existência. Não há razão nenhuma para ir mais longe na sua argumentação aqui. Isto pode ser lido no seu livro por aqueles que tenham interesse em fazê-lo. Nós estamos interessados apenas em ver se a declaração de Waggoner era a verdade, ou uma limitação da pré-existência de Cristo.

A eterna pré-existência de Cristo, o facto que Deus não tem começo e tudo o que se refere a isto, é um grande mistério, que só pode ser entendido tanto quanto o Senhor tem visto necessário revelar à mente humana. Têm sido dadas revelações para que a compreensão desse mistério seja muito maior agora do que era no início. Podemos ver isso com base no testemunho de Paulo em *Efésios*.

“Por esta causa, eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios,

“Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada;

“Como me foi este mistério manifestado pela revelação como acima, em pouco, vos escrevi,

“Pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo,

“O qual, noutros séculos, não foi manifestado aos filhos dos homens, como, agora, tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas,

“A saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho;

“Do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus, que me foi dado segundo a operação do seu poder.

“A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo

“E demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que, desde os séculos, esteve oculto em Deus, que tudo criou;

“Para que, agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus,

“Segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus, nosso Senhor.” *Efésios* 3:1-11.

Nestes versículos Paulo fala sobre o mistério de Cristo, que engloba tudo no propósito eterno de Deus em Jesus Cristo. Esta é a sabedoria de Deus. Nem tudo tinha sido realmente compreendido anteriormente pelos homens na Terra, nem mesmo pelos principados e potestades no reino dos Céus entre os seres não caídos do grande Universo de Deus. Mas, por causa da revelação de Jesus Cristo, mediante o ministério da igreja de Deus sobre esta Terra, esse mistério foi-se tornando cada vez mais claro para os principados e potestades nos lugares celestiais.

O que é o mistério de Deus? Em *Colossenses*, capítulo um, Paulo retoma o mesmo tema e usa quase as mesmas palavras.

“Da qual eu estou feito ministro segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, para cumprir a palavra de Deus:

“O mistério que esteve oculto desde todos os séculos e em todas as gerações e que, agora, foi manifesto aos seus santos;

“Aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória;” *Colossenses* 1:25-27.

O mistério de Deus é Cristo, sem pecado, O eterno, que habita em nós, os pecadores e finitos. É a Divindade habitando na humanidade – a encarnação. A encarnação não estava de maneira alguma completa quando Cristo veio e habitou em carne pecaminosa, porque isso não era suficiente para realizar a nossa salvação. Ela só está completa quando Jesus vem e habita na nossa própria natureza humana pecadora e caída. Que isto pode ser feito é o mistério de Deus revelado agora, como nunca antes, mesmo no começo da criação de Deus antes do pecado manchar a perfeição do Universo de Deus.

Esta revelação do mistério de Deus numa medida nunca vista até pelos principados e potestades nos lugares celestiais está “segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus, nosso Senhor.” Existe uma íntima ligação entre o mistério de Deus e o Seu eterno propósito em relação a Jesus Cristo. Estes dois devem ser estudados com referência um ao outro.

O que é a extensão de um eterno propósito? A eternidade engloba não só o interminável futuro, mas estende-se tanto para o passado como para o futuro – eternamente. Por conseguinte, este propósito envolvendo o mistério de Deus, que é Cristo, no corpo de uma criatura, não é uma natureza temporária, mas é tão eterna quanto o próprio Deus. O texto não se limita a dizer que é um eterno propósito, mas é o propósito eterno.

O eterno propósito de Deus no qual está envolvido o mistério de Deus, já existia muito antes que o homem fosse criado ou o pecado entrasse no Universo. Não estava ali como algo que Deus queria para Cristo num tempo futuro, pois desse modo não poderia ser o eterno propósito de Deus, mas algo eternamente proposto em vez disso. Quando Cristo veio a esta Terra, Ele estava a cumprir o eterno propósito de Deus para uma nova extensão, numa dimensão mais ampla e mais completo grau do que nunca. Cristo não estava fazendo algo novo. Ele estava expandindo a uma maior altura, largura e profundidade que Ele sempre tinha feito no propósito eterno de Deus para Ele.

No Novo Testamento vemos Cristo cumprindo o propósito eterno de Deus, ao vir como Deus e homem, para que assim o homem se possa aproximar de Deus. Talvez não haja verdade melhor compreendida nem mais amplamente aceite do que aquela em que não há outra maneira de aproximação a Deus senão através de Jesus Cristo. “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.” *Atos* 4:12.

É o propósito de Deus que o homem tenha comunicação e acesso a Ele, porque Ele é a Fonte de toda a vida, alegria e felicidade. Sem Ele, não pode haver vida nem continuação da existência. É impossível haver comunicação directa entre Deus e o homem. Deus é absolutamente infinito, enquanto o homem é uma parte tão finita e pequena da criação total e tão afastado de Deus pelo pecado, que ele nunca poderia encontrar uma forma de chegar a Deus. Deus deve fornecer uma solução para o homem. O homem Cristo Jesus cumpre esse propósito.

E por isso está escrito “de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra;” *Efésios* 1:10. O propósito de Deus é congregar todas as coisas em Cristo, não só sobre esta Terra, mas também no Céu.

Para nós e principados e potestades nos lugares celestiais, a maior revelação deste propósito e mistério é encontrado na encarnação do Filho de Deus, obrando para chamar o homem pecador de volta à unidade com Deus. A principal verdade necessária para o sucesso desta obra é que Cristo tem que ser primeiro Deus, para Ele nos poder elevar todo o caminho até Deus, e Ele tem que ser verdadeiramente homem em carne e sangue pecador para alcançar os homens onde eles estão.

“Cristo é a escada que Jacó viu, tendo a base na Terra, e o topo chegando à porta do Céu, ao próprio limiar da glória. Se aquela escada houvesse deixado de chegar à Terra, por um único degrau que fosse, teríamos ficado perdidos. Mas Cristo vem ter conosco onde nos achamos. Tomou nossa natureza e venceu, para que, revestindo-nos de Sua natureza, nós pudéssemos vencer. Feito ‘em semelhança da carne do pecado’ (*Romanos* 8:3), viveu uma vida isenta de pecado. Agora, por Sua divindade, firma-Se ao trono do Céu, ao passo que, pela Sua humanidade, Se liga a nós. Manda-nos que, pela fé nEle, atinjamos à glória do carácter de Deus. Portanto, devemos ser perfeitos, assim como ‘é perfeito vosso Pai que está nos Céus’. *Mateus* 5:48.” {DTN 214}, *O Desejado de Todas as Nações*, 311, 312.

Embora seja geralmente reconhecido que o homem não pode aproximar-se de Deus excepto através de Cristo, não foi tão prontamente visto que os anjos não podem aproximar-se d’Ele directamente. Eles precisam de um Advogado que é um com eles e um com o Pai. “O Céu é um contínuo aproximar-se de Deus por intermédio de Cristo.” {DTN 230}, *O Desejado de Todas as Nações*, 331.

Esta necessidade é evidente quando a natureza de Deus é considerada em comparação com a dos anjos. Entre o Criador infinito de tudo o que existe, e os anjos, cada um dos quais é uma parte tão pequena da vasta criação, existe um grande abismo tão profundo e largo, que a comunicação directa é impossível. O propósito de Deus era atrair todas as coisas no Céu numa só, exactamente como nesta Terra. Ele tinha de fornecer os meios para estabelecer a comunicação. Essa ligação é cumprida no ministério de Jesus Cristo.

Por Cristo para fornecer o canal de comunicação entre o homem e Deus, Ele tinha que ser homem e Deus. Para haver a mesma ligação entre os anjos e Deus, Ele teria que ser anjo e Deus. Mais uma vez a escada deve chegar de Deus aos anjos sem faltar um único degrau.

No Novo Testamento onde vemos o resultado do eterno propósito de Deus no reino do homem, Cristo está revelado como ambos, Deus e homem. No Antigo Testamento, onde podemos vê-lo como Ele era antes de entrar fisicamente no reino do homem, Ele era o Mediador para os anjos, sendo ambos, Deus e anjo.

Um estudo dos mensageiros celestes que apareceram aos homens no Antigo Testamento, mostra que, muitas vezes, era o próprio Cristo que aparecia. Cristo foi o anjo que lutou com Jacó até ao amanhecer. Foi Cristo, o Anjo do Concerto, que ia à frente do povo de Israel no deserto e que apareceu a Josué, Gideão, Manoá e sua esposa. Ele é Cristo, o Arcanjo, que tem o nome de Miguel, o nosso príncipe.

Para Cristo, que era eternamente Deus, tornar-Se um homem, Ele tinha que ser gerado por Deus na forma de homem, e para Cristo se tornar um anjo, Ele teve que ser gerado na forma de um anjo. Como e quando isto aconteceu, não sabemos, pois nunca nos foi revelado. Assim que Deus criou os

anjos, houve a necessidade de estabelecer comunicação entre eles e Cristo estava disposto a cumprir o eterno propósito de Deus n'Ele para levar todas as coisas numa só no Céu como mais tarde foi feito para a Terra.

Portanto, assim como foi o primeiro trabalho de Cristo a ligação dos anjos na unidade com Deus, teve que haver um prolongamento do trabalho idêntico na ligação dos homens à união com Deus. Por isso, teve que haver duas ocasiões quando Cristo foi gerado de Deus, sendo a primeira na forma de um anjo e a segunda na forma de homem.

Mas, o facto que Cristo foi gerado numa nova forma, não significa que Ele tenha um começo nesse ponto do tempo. Ninguém que crê na verdade da Bíblia sobre a eterna pré-existência de Cristo tem dificuldade em ver que quando Cristo foi gerado na forma de homem, Ele só teve um começo como homem. Ele tinha descido de onde estava e tomou um corpo de carne e sangue como o tabernáculo para o Seu eterno Espírito e Vida.

O facto que Ele foi gerado na forma de um anjo tão distante no tempo passado como Waggoner diz, não precisa ser entendido que gerar Cristo significou o início d'Ele, porque não foi. Antes disso, Ele era Deus – eternamente, infinito e sem princípio.

Waggoner viu mais, muito mais do que geralmente é entendido. Ele não estava errado ao dizer que Cristo era o Filho de Deus gerado muito antes do Seu aparecimento em Belém. Ele não se aventurou “no fino gelo da especulação”, nem “se afundou nas profundas águas da conjectura.” Pelo contrário, ele apresentou uma sólida verdade bíblica acerca da posição de Cristo, que é Aquele por meio de Quem o Pai já esteve, está, e sempre estará, cumprindo o Seu eterno propósito de todas as coisas juntas em uma só.

Quando Deus enviou E. J. Waggoner e A. T. Jones com a poderosa mensagem do quarto anjo, era uma grande e maravilhosa luz a que eles trouxeram. As mensagens enviadas ainda estão disponíveis nas suas obras publicadas para todos estudarem. A lição aprendida a partir da apresentação daquilo que outro homem pensou que eles ensinaram, e das páginas da história em geral, é que só há segurança em estudar por si mesmo para ver o que foi ensinado lá atrás. Se o Senhor enviou “uma preciosa mensagem” ao Seu povo e, em seguida – a mensagem do alto clamor para concluir a obra – precisamos dessa mensagem hoje e não devíamos poupar nada na nossa busca por ela. Há uma grande e maravilhosa luz ali revelada e será culpa nossa se essa luz não for vista, entendida e vivida como deve ser.

20

Um Gigantesco Passo Em Frente

Voltamos agora a traçar o desenvolvimento dos argumentos em *Movement of Destiny*. O título expressa a convicção do autor de que a Igreja Adventista do Sétimo-Dia é o movimento do destino. Porque essa organização cumpre a missão que lhe foi designada, Froom argumenta correctamente que ela deve primeiro ser purgada dos graves erros e equipada com a verdadeira e viva verdade para este tempo, particularmente no campo da Pessoa e obra de Cristo.

Visto pelo autor como um grave obstáculo para cumprir esse destino estava a presença na Igreja Adventista depois de 1844, de ensinamentos que negavam a plena divindade de Cristo. O primeiro objectivo a ser alcançado era a correcção destes erros. Froom vê isto como o grande propósito das mensagens dadas em 1888. *Movement of Destiny* não dá nenhuma revelação da obra mais gloriosa que o Senhor pretendia realizar em 1888.

Erros há muito estabelecidos não são corrigidos em um dia ou num curto ano. Tinha de haver um período de tempo posterior a 1888 para estes erros serem corrigidos na igreja. Froom descreve a sua opinião acerca disto nos capítulos, *Decade of Varied Advances Follows 1888* (Uma Década de Vários Avanços Depois de 1888), que começa na página 313, até *Headquarters Group Studies Mark 1930's* (Estudos de Grupo na Sede Marcam 1930) terminando na página 442, com vários outros capítulos com títulos, tais como *Ressurgimento Ganha Impulso em 1920*, *A Contribuição de Daniells Para o Ressurgimento e 1931 Abre Uma Nova Época de Unidade e Avanço*.

Tal como a primeira era da Igreja Adventista é designada por este livro com duração de 1844 até 1888, assim, a segunda era é dito estender-se a 1931. Este ano é escolhido por Froom como sendo de especial importância porque a unidade foi finalmente alcançada sobre a questão da divindade de Cristo. O evento para marcar este ponto de tempo foi o aparecimento no Anuário do *Testemunho das Crenças Adventistas*. Isto serviu de base para o Certificado Baptismal que apareceu dez anos mais tarde.

À luz destes dois acontecimentos, Froom afirma, “Enquanto 1931 foi o ano decisivo, foi a década com mais precisão – abrangendo os anos de 1931 a 1941 – que marcou o crucial regresso de eventos para a unidade da crença na nossa história pós-1888. Como visto, este período de dez anos foi introduzido pelo aparecimento de um aceitável Testemunho de Fé, agora recebido por todos.

“A década logicamente fechada com a adopção, em 1941, do modelo de ‘Convénio Baptismal’ e ‘Voto’, em forma de Certificado. Este foi definitivamente baseado na Declaração de 1931, mas elaborado e acentuado, na agora geralmente aceite ‘Crenças Fundamentais.’” *Movement of Destiny*, 415.

O ponto importante que Froom procura fazer é que o trabalho iniciado pela mudança de rumo em 1888 com a declaração da completa divindade de Cristo chegou agora à conclusão no que respeita à unidade dentro da igreja. “Chegamos agora [em 1931] a outro numa série de pontos de viragem cruciais na história adventista. Ou talvez possa ser mais precisamente, chamado um ponto de

concordância – um ponto que marcou o início de uma nova época, juntando uma frente unida. Após 87 anos de pontos de vista conflitantes sobre a divindade de Cristo, a Trindade, e a Personalidade do Espírito Santo, uma posição unificada que honrou a verdade da Bíblia – e estava em sintonia com o Espírito de Profecia – foi aceite por ambas as partes.” *ibidem*, 409.

Isto é o que Froom declara ter sido alcançado neste ponto de tempo. Ele viu nisto a conclusão do trabalho que o Senhor planeava conseguir ao enviar a mensagem em 1888. De acordo com o seu pensamento, o ponto a que a igreja havia chegado era a de preparação para seguir em frente num movimento unificado pregando o evangelho eterno ao mundo e para terminar a obra.

“Nós estávamos agora prontos, tanto quanto diz respeito a um aceitável Testemunho de Fé e de Certificado Baptismal, para ir a todo o mundo com a mensagem do Evangelho Eterno de uma forma mais clara e mais convincente. Já não estávamos sujeitos a uma acusação legítima de que nos Fundamentos Eternos – os princípios básicos, provisões, e Personalidades da Redenção – nós estávamos divididos, ou em conflito com o testemunho da mais pura fé cristã de séculos. E, além disso, nós mesmos não estávamos em harmonia com as repetidas e cumulativas declarações do Espírito de Profecia.

“Foi assim que nós ultrapassámos o último grande bloqueio teológico na série de obstáculos que temos sido obrigados a rever na análise da nossa história. Os eventos que culminaram na década de 1931 a 1941, conseqüentemente marcaram o fim de uma época antiga, e o começo de um novo dia na unificação e auspicioso testemunho para nós como um movimento. Foi definitivamente um outro grande ponto de viragem na história denominacional.” *Ibidem*, 421-422.

Assim, a igreja entrou na secção final da sua história, de acordo com as divisões estabelecidas no livro, ou seja, o período que se inicia com a década de 1931 a 1941. Esta torna-se a secção mais significativa, pois mostra a plena maturação de tudo o que a igreja fez em 1888. Aqui, nas palavras de dirigentes, é revelado o ponto e posição onde o curso adoptado pela igreja em 1888 os tinha conduzido, exactamente como uma planta que começa a aparecer acima do solo é muitas vezes difícil discernir que tipo de planta é, mas quando ela chega à plena maturidade, a sua verdadeira natureza é vista claramente por todos.

Movement of Destiny tem alegado que a igreja foi resgatada em 1888 de uma série de erros e que a experiência foi uma grande e maravilhosa vitória para a igreja. Isto é como a igreja se vê a si mesma, mas nós veremos como o pleno desenvolvimento à medida que se começa a ver, foi a quebra das diferenças entre a Igreja Adventista e Babilónia, levando a uma maior unidade e comunhão entre elas.

Seguiu-se um passo a outro passo e assim que a igreja publicou a sua declaração de crenças e o “Certificado Baptismal” e “Voto”, passou a uma cadeia de eventos para a revisão de certos testemunhos em livros do passado. Sobre isto *Movement of Destiny* diz:

“O lógico e inevitável próximo passo na implementação das nossas ‘Crenças Fundamentais’ envolveu a revisão de certas obras-padrão, de modo a eliminar testemunhos que ensinavam, e assim perpetuavam, opiniões erradas sobre a Divindade. Tais sentimentos estavam agora acentuadamente em desacordo com as aceites ‘Crenças Fundamentais’ estabelecidas no *Manual da Igreja*, e com o uniforme ‘Concerto Baptismal’ e ‘Voto’ nele baseados, que, na forma certificada, era agora usada para todos os candidatos que procurassem ser admitidos como membros da igreja.” Página 422.

Houve tais testemunhos em livros adventistas que de facto precisavam de revisão e exclusão. Os adventistas do sétimo-dia certamente não poderiam continuar a imprimir os sentimentos em *Daniel e Apocalipse* de Uriah Smith, que diziam que Cristo era um ser criado. Como a verdadeira igreja de Deus avança de uma luz para a luz maior do dia eterno, ela seria obrigada a abandonar erros anteriormente vigorosamente ensinados, e a rever os seus ensinamentos em conformidade. A igreja da Idade Média ensinava e acreditava que o primeiro dia da semana era o verdadeiro dia de adoração, mas veio o tempo quando o avanço da igreja viu o seu erro e deixou de imprimir e distribuir literatura que dava ao domingo qualquer apoio.

Nós não temos qualquer problema com a necessidade de revisão, mas sim com a dimensão a que a revisão é levada. Se, para eliminar o erro, a verdade também é eliminada, mais dano do que bem terá sido feito. Se a igreja chega a um ponto de crise na sua história, quando o Senhor lhe oferece a verdade, e ela não consegue aceitá-la com o passar do tempo, ela pode rejeitar alguns pontos errados, mas também rejeitará a verdade. Esta é uma outra indicação que mostra se houve rejeição ou aceitação da verdade em Mineápolis. Se foi apenas o erro que foi eliminado no período que estamos agora a estudar posterior a 1941, podemos ter a certeza de que Froom está correcto na sua avaliação sobre o que ocorreu em 1888. No entanto, se as exclusões e correcções tiraram sólida verdade fundamental, sabemos que houve uma rejeição em 1888 e posteriormente.

Qualquer um já pode ver que Froom apresentou uma visão desequilibrada da mensagem de Waggoner. Ele tem apresentado Waggoner como ensinando que Cristo era Deus eterno, mas também que Ele veio para habitar a carne santa, sem pecado, aceitando meramente a nossa natureza e enfrentou as provações e tentações vicariamente. Isto não é o que Jones e Waggoner disseram. Eles ensinaram que Cristo assumiu a nossa natureza humana e, na verdade, literalmente e da mesma maneira que adquirimos a nossa. Eles ensinam que a escada não falhou por um único degrau em alcançar-nos onde estamos.

Tenazmente defendei e lembrai-vos que a doutrina de Cristo é o ensino de que Deus desceu em natureza humana – e não apenas que Cristo é Deus ou homem, mas é Deus e homem. Se é ensinado que Cristo não era verdadeiramente, inteiramente, e eternamente Deus, isso nega a doutrina de Cristo. Se houver a menor negação de que Cristo tomou a mesma carne e sangue pecador, caído, degenerado como os filhos, esta também é a doutrina do anticristo. A mensagem de Deus e a de 1888 foi que Cristo, como toda a plenitude da Divindade, veio habitar em toda a plenitude da humanidade caída.

O diabo teme qualquer ensino que apresente a plenitude de uma ou de outra, desde que ambos não estejam ligados entre si. É a natureza do anticristo negar um ou o outro, mas não ambos. Nos dias de Cristo a questão era acerca da Sua divindade. Eles podiam ver que Ele era realmente um homem, com a mesma carne e sangue como eles tinham, mas não podiam ver que Ele era o divino Filho de Deus. O problema tem variado entre uma e a outra extremidade da escada hoje. Para o corpo de cristãos fundamentalistas e até mesmo a Igreja Católica Romana, é óbvio que Cristo é verdadeiramente e eternamente Deus. O que eles não podem ver que é a pura e imaculada divindade pode realmente humilhar-se a fim de habitar na humanidade caída. Aqui está o sentimento da Igreja Católica Romana para este efeito.

“Não crer na imaculada conceição da bem-aventurada Virgem Maria, implicaria crer nas seguintes revoltantes consequências; a saber, que Aquele que é a santidade em si mesmo, e tem um infinito horror do pecado, tomou a natureza humana de uma corrompida fonte humana.” *Catholic Belief*, 217.

Esta declaração diz que o Salvador tinha o mesmo espírito, sem pecado, e a imaculada humanidade da Sua mãe Maria, de acordo com a fé católica. Se apresentar a um Católico Romano bem versado na teologia da sua igreja, a ideia de que Cristo recebeu uma natureza humana corrompida, a sua maneira de pensar sobre isso nega a divindade de Cristo e faz d’Ele um pecador. O mistério da encarnação é na verdade um mistério que permanece de facto por revelar à sua mente.

Veremos que as filhas de Babilónia partilham da mesma opinião. Nas suas mentes, dar a Cristo uma natureza humana pecaminosa é torná-l’O totalmente como nós, tirar-Lhe a Sua divindade e a eterna pré-existência. É diminuir e destruir a Sua pessoa e obra.

Não é apenas o ponto de vista e opinião de Babilónia, mas é a marca de identificação desse vasto sistema anticristão. Onde quer que se encontre esse pensamento descobrimos que Babilónia existe aí. Onde quer que Babilónia seja encontrada, não pode ver nem aceitar que Jesus, o eterno Filho de Deus, veio e tomou como sua própria, a mesma fraca, caída, natureza humana pecaminosa como os filhos dos homens. Eles rejeitam tal conceito com horror, acreditando que ele degrada o Filho de Deus.

O verdadeiro filho de Deus não vê isto como uma degradação, mas como a glorificação do Filho de Deus.

“Alguns podem ter pensado, depois de lerem até aqui, que estávamos depreciando o carácter de Jesus, trazendo-o para baixo ao nível do homem pecador. Pelo contrário, estamos simplesmente a exaltar ‘o poder divino’ do nosso bendito Salvador, que voluntariamente desceu ao nível do homem pecador, a fim de exaltar o homem à Sua pureza imaculada, e que Ele manteve sob as mais adversas circunstâncias. A Sua humanidade apenas velava a Sua natureza divina, pela qual Ele estava inseparavelmente ligado com o Deus invisível, e que era mais do que capaz de resistir com êxito às fraquezas da carne.” *Christ and His Righteousness*, 28.

Este é o entendimento de Waggoner, o homem enviado de Deus, com uma mensagem em 1888. Não é difícil de ver que isto é o oposto da Babilónia. Aos olhos de Babilónia, Waggoner e Jones iriam subestimar e menosprezar a Pessoa e obra de Cristo. No entanto, isto não causaria qualquer aflição a estes homens de Deus. Eles estariam muito preocupados se Babilónia pudesse aprovar o que eles ensinavam. Eles perguntar-se-iam se a sua mensagem era a verdade ou não. Na verdade, eles saberiam que se Babilónia pudesse aprovar a sua mensagem sobre a natureza de Cristo, tinham que estar a ensinar a doutrina do anticristo juntamente com Babilónia.

Babilónia é o anticristo – o inimigo mortal de Cristo e da Sua igreja. Não pode haver comunhão ou acordo entre ambos, somente incessante guerra. Quanto mais a igreja de Deus é fiel à verdade de Deus e às verdades a ela confiada, mais hostil e mortal será a guerra.

Se Leroy Froom e os dirigentes adventistas que apoiavam a produção de *Movement of Destiny*, acreditavam verdadeiramente na mensagem trazida por Waggoner e Jones, tal como sinceramente afirmam que sim, então apoiarão o ponto de vista de Waggoner e Jones acerca da natureza de Cristo na encarnação. Não defenderiam o que são os ensinamentos actuais das igrejas babilónicas e seriam considerados por aquelas igrejas como um povo que desprezava e desvaloriza a Pessoa e obra de Cristo.

Já vimos que o *Movement of Destiny* falhou em apresentar a mensagem de Waggoner como ele a ensinou. O livro de Froom faz com que pareça que Waggoner, ensinou a doutrina de Babilónia, porque onde Waggoner ensinou que Cristo veio em carne pecaminosa, Froom apresenta-o como se ele ensinasse que Cristo fez isso apenas de forma vicária.

Portanto, quando as exclusões foram realizadas, a igreja não iria parar na exclusão dos testemunhos de Uriah Smith que negavam a plenitude da divindade de Cristo, mas continuaria a excluir aqueles que falavam d’Ele ter tomado a natureza humana pecaminosa do homem. Isto foi precisamente o que eles fizeram.

Os testemunhos mais importantes apareceram na edição de 1915 de *Bible Readings for the Home Circle (Leituras Bíblicas Para o Círculo do Lar)*, páginas 173, 174, sob o título de “Uma Vida Sem Pecado”. Inclui-se aqui uma reprodução fac-símile da parte “ofensora” deste capítulo. Imediatamente a seguir estão as mesmas páginas como aparecem na edição revista de 1958, [ver anexos da reprodução fac-símile original no final do capítulo.]

Estas notas são dignas de estudo cuidadoso. Aqueles que entendem a mensagem de Waggoner e Jones e a verdadeira doutrina de Cristo verão que aqui, em poucas palavras, está uma declaração correcta e verdadeiramente maravilhosa sobre a encarnação de Cristo. Estes sentimentos estão em exacta harmonia com a mensagem trazida pelo quarto anjo em 1888.

Notai como claramente se afirma que “Em Sua humanidade, Cristo participou da nossa natureza caída, pecaminosa.” Se isso não fosse assim, argumenta o escritor, as Escrituras que ensinam que Ele foi “feito semelhante aos Seus irmãos,” foi “tentado em todos os pontos como nós somos”, e venceu como nós temos que vencer, seriam totalmente negadas.

Imediatamente ele entra na questão do ensinamento papal que afirma que Cristo “não herdou nenhuma tendência para o pecado, e por esta razão não pecou”, declarando que isto O afasta do próprio lugar onde Ele pode efectuar a nossa salvação.

De especial interesse é a distinção feita entre a natureza divina de Cristo e a natureza humana. “No Seu lado humano – Cristo herdou exactamente o que herda todo filho de Adão – uma natureza pecaminosa.” Tanto para esse lado da história, mas há o outro lado divino de Cristo. Este distingue-se da natureza humana pecaminosa como sendo perfeito e sem pecado. “No lado divino, desde a Sua concepção Ele foi gerado e nascido do Espírito.” Isto claramente ensina que o eterno Deus habitava na mesma carne e sangue, como os filhos. A nota conclui com as implicações que isto tem, que são simplesmente que Cristo provou pela demonstração que mantendo firme a Sua natureza divina, nós podemos obter a vitória completa sobre o pecado na nossa carne pecaminosa.

Este é um maravilhoso testemunho sobre a encarnação de Cristo, e é evidente que o Professor Colcord a quem Froom atribui essa afirmação, compreendeu e acreditava nos mensageiros enviados pelo Senhor em 1888. Este testemunho deve ser apreciado e apoiado por todos os adventistas do sétimo-dia no mundo.

Mas esta não é a doutrina do anticristo. À luz do debate anterior neste capítulo, não deveria ser difícil perceber com que hostilidade e zombaria as igrejas de Babilónia considerariam estas palavras. Quando escutais outra vez as palavras do papado, comparai estes sentimentos com o que está escrito em *Bible Readings*.

“Não crer na imaculada concepção da bem-aventurada Virgem Maria, implicaria crer nas seguintes revoltantes consequências; a saber, que Aquele que é a santidade em si mesmo, e tem um infinito horror do pecado, tomou a natureza humana de uma corrompida fonte humana.” *Catholic Belief*, 217.

O ponto essencial deste testemunho é que Cristo tomou uma natureza humana corrompida. A fim de isentar Cristo disto, Ele nasceu de uma mãe que havia nascido de uma imaculada concepção. Isto é como a Babilónia, a mãe, nega a doutrina de Cristo e tem a marca de identificação do anticristo. É bem conhecido que as filhas de Babilónia, as igrejas protestantes, não chegam à mesma conclusão que Cristo tinha a carne sem pecado pelo ensino que a mãe de Jesus teve uma imaculada concepção. Elas dão a Cristo a imaculada concepção, o que Lhe dá exactamente a mesma carne e sangue dada pela Igreja Católica Romana.

Alguns podem concluir que por causa das igrejas protestantes não acreditarem na imaculada concepção de Maria, os seus ensinamentos sobre a natureza de Cristo são diferentes. Não é assim. Os seus ensinamentos são idênticos quanto ao resultado final. A Igreja Católica Romana dá a Cristo uma imaculada concepção dando-a à sua mãe em primeiro lugar, ao passo que as igrejas protestantes dão a imaculada concepção a Cristo directamente. Vede como os protestantes claramente afirmam isto, como se mostra na seguinte declaração do Dr. E. Schuyler English, que em 1955 foi o editor da revista *Our Hope Magazine* e presidente da comissão para a revisão da *Scofield Reference Bible*. Isto identifica-o como um protestante evangélico com algum estatuto.

“Ele [Cristo] foi perfeito em Sua humanidade, mas Ele era Deus, e a Sua concepção na Sua encarnação foi realizada à sombra do Espírito Santo, para que Ele não participasse da natureza pecaminosa caída de outros homens.” *Movement of Destiny*, 469. O Dr. English não poderia ter declarado o ensinamento de que Jesus Cristo nasceu de uma imaculada concepção mais claramente. Esta é a teologia católica romana e a marca do anticristo.

Não é surpreendente que ele expressasse tais sentimentos porque as igrejas protestantes são Babilónia – as filhas da grande mãe. Se Babilónia, é anticristo, e se o são, certamente devem negar e com certeza negam que Cristo veio em carne. Não poderiam ser Babilónia e ensinar de outra forma, nem poderiam ensinar isso e não ser a Babilónia.

Estes ensinamentos são o oposto directo dos que E. J. Waggoner e A. T. Jones ensinaram, e depois repetido em *Bible Readings for the Home Circle*, edição de 1915. Mas o que mais pode ser esperado? Waggoner, Jones e *Bible Readings for the Home Circle* estabeleceram a doutrina de Cristo, ao passo que Babilónia estabelece a doutrina do anticristo. Como poderiam tais ensinamentos opostos estar em harmonia?

Não se pode argumentar, como alguns estão a tentar fazer, que Waggoner e Jones trouxeram a verdade da justiça e a justificação pela fé, mas se desviaram dos seus ensinamentos sobre a encarnação de Cristo. É impossível argumentar isto com sucesso, porque a mensagem da justificação pela fé e a encarnação de Cristo são inseparáveis. O nosso conceito de um irá determinar o nosso ensino sobre o outro. Se a crença de alguém acerca da encarnação está em erro, a crença dele sobre a justificação e a justiça pela fé também está errada.

Waggoner e Jones não estavam errados no que diz respeito à justificação pela fé e à justiça de Cristo, porque esta é a mensagem que Deus lhes deu para levar ao povo adventista. Portanto, eles não estavam errados nos seus ensinamentos quanto à natureza de Cristo.

Babilónia não poderia ver o que eles ensinaram, como a verdade. Viram isso como erro fatal. Isso acendeu a ira e a hostilidade e, mais do que nunca, levou-os a pensar nos adventistas como sendo um povo que menosprezava e desvalorizava a Pessoa e obra de Cristo.

Não foi dada a ampla circulação e promoção aos escritos de Waggoner e Jones pela igreja que eles deveriam ter tido. À medida que o tempo passou, os livros desapareceram de circulação completamente, mas *Bible Readings* foi amplamente divulgado e não desapareceu. Foi correctamente considerado como sendo uma publicação adventista altamente representativa. Assim foi este livro, não os escritos de Waggoner e Jones, que os protestantes encararam como uma confirmação dos ensinamentos “não-cristãos” da Igreja Adventista, quando leram esse testemunho “ofensor” dizendo que Cristo “participou da nossa natureza caída, pecaminosa”.

Que esse maravilhoso testemunho da verdade viva causasse ofensa entre os protestantes não devia causar a um adventista verdadeiro o menor sofrimento. Ele devia ousadamente desfraldar esta bandeira da verdade ao mundo, e com convicção, confessar aquilo em que acredita.

Para o verdadeiro povo de Deus, fiel à Sua palavra, é possível que o testemunho cheio de poder de vida piedosa possa relutantemente arrancar de Babilónia a admissão de que pelo menos no nosso comportamento somos cristãos, mas ela nunca confessará que somos cristãos nos nossos ensinamentos. Nem devemos esperar que ela o faça. Se verificarmos que as igrejas de Babilónia recomendam os nossos ensinamentos como cristãos em questões vitais, saberemos então que eles deixaram de ser cristãos e tornaram-se decididamente anticristãos. Não poderia haver nada mais grave para a igreja de Deus.

Era a pregação da primeira, segunda e terceira mensagens dos anjos que separava o povo de Deus das igrejas caídas. “Pela poderosa espada da verdade, as mensagens do primeiro, segundo e terceiro anjos, separou-os das igrejas e do mundo para trazê-los a uma santa proximidade dEle.” *Testemunhos para a Igreja* 5:455.

Se este foi o efeito dos primeiros três anjos, qual será o efeito do anjo poderoso que enche toda a Terra com a sua glória? Qual será o efeito deste anjo que declara em claros tons a queda de Babilónia? Fechará ele o fosso entre o Adventismo e Babilónia? Nunca! Ele só pode aumentá-lo ainda mais!

Em 1888, esse outro anjo veio para fazer a sua obra. Onde quer que a mensagem desse anjo apareceu nos livros adventistas à semelhança de *Bible Readings*, seria o pior tipo de ofensa ao mundo Protestante, a filhas de Babilónia. Assim esse testemunho tornou-se “a nota frequentemente citada na edição antiga de *Bible Readings*,” (*Movement of Destiny*, 469), que foi usado repetidamente por aqueles que queriam mostrar que os adventistas não eram cristãos, segundo a sua avaliação sobre o assunto.

Esta atitude relativamente ao testemunho pode ser esperada de Babilónia, mas dificilmente dos adventistas do sétimo-dia e, especialmente, dos dirigentes responsáveis entre os adventistas. Não seria esperado a menos que se visse como Froom em *Movement of Destiny* tem procurado fazer parecer que Waggoner realmente ensinou que Cristo veio em carne santa sem pecado, sobre a qual Ele tomou a nossa natureza apenas vicariamente. Depois de ver esta distorção dos ensinamentos de Waggoner e Jones, não é surpreendente verificar que a atitude actual da Direcção adventista em

relação à verdade estabelecida em *Bible Readings* é a mesma de Babilónia, por mais terríveis que possam ser as implicações.

À medida que se lê cada página de *Movement of Destiny* descobre-se que a atitude da Direcção adventista moderna em relação à encarnação como efectivamente ensinada por Waggoner e Jones – não como Froom os apresenta ensinando – e a verdade como estabelecida em *Bible Readings*, é precisamente a mesma das igrejas de Babilónia.

Na página 427, este testemunho de *Bible Readings* é descrito como sendo “uma nota errada”, uma “posição errada”, e um “erro claro.” Aqui está o texto completo do parágrafo contendo estas palavras no subtítulo “Eliminação da Nota Errada em *Bible Readings*.”

“Posição Errónea Introduzida por Colcord. – Também deve ser tomado conhecimento da correcção, em 1949, de um claro erro que apareceu numa nota sobre a natureza de Cristo durante a encarnação. Durante anos ela havia aparecido, incontestada, no clássico *Bible Readings for the Home Circle*. Estava na secção ‘Uma Vida Sem Pecado.’ Aparentemente foi escrito por W. A. Colcord, em 1914. Do mesmo modo, envolveu uma das questões sobre a qual tinha havido divergência durante anos. Colcord havia declarado que durante a Sua encarnação, Cristo ‘Participou da nossa natureza caída, pecaminosa’ (página 174).” *Movement of Destiny*, 427, 428.

Novamente na página 428 é referida esta maravilhosa nota em *Bible Readings* como “uma nota errada”, uma “nota infeliz”, uma “nota imprecisa” e “outro erro”, de modo que foi necessário excluí-lo das publicações adventistas.

A história desta exclusão é contada por Froom na página 428 do seguinte modo:

“Nota Errada Suprimida – Em 1949, o Professor D. E. Rebok, então Presidente do nosso Seminário de Teologia Adventista do Sétimo-Dia, quando ainda estava em Washington D.C., foi solicitado pela Review and Herald para rever *Bible Readings for the Home Circle*. Ao chegar a esta nota infeliz na página 174, no estudo a ‘A Vida Sem Pecado’, verificou isto não era verdade. Mas na eliminação da nota ele descobriu que parte ainda continuava defendido por Colcord na sua posição.

“No entanto, um crescente número de explícitos testemunhos de Ellen White tinham aparecido confirmando a verdadeira posição de que não havia ‘tendência’ para o pecado, ou ‘traço’ do pecado, ou ‘propensão para o mal’ em Cristo. Ele era como Adão antes da sua queda, que era semelhantemente, sem quaisquer inerentes ‘propensões’ pecaminosas. (Ver compilação de Testemunhos de E.G.W., *Questions on Doctrine*, 650-660. *S.D.A. Bible Commentary* 7-A).

“Assim, a nota inadequada foi suprimida, e manteve-se excluída em todas as edições posteriores. Assim, outro erro foi removido nestas revisões da década de 1940, no que respeita a alguns dos nossos livros padrão e outros considerados úteis.”

É interessante observar como Froom afirma que por causa do testemunho do Espírito de Profecia sobre a encarnação de Cristo, eles foram capazes de fazer a mudança, mesmo apesar de haver ainda aqueles que mantinham a antiga visão. De forma semelhante, as igrejas protestantes afirmam que tem o apoio da Bíblia na sua opinião sobre o inferno eternamente a arder, sobre a observância do domingo, e sobre a doutrina da natureza de Cristo. Todos os testemunhos que aparecem na compilação acima referida, são verdades sólidas e genuínas, mas são lidos pelos modernos adventistas através do vidro colorido dessa palavra “vicariamente”. O que é dito nas palavras de inspiração como sendo um facto real, é visto por eles como apenas faz-de-conta. O professor Rebok não tem o apoio do Espírito de Profecia para excluir essa nota de *Bible Readings*.

Na página 465 há mais referências a esta nota, onde é descrita como “o persistente conceito errado acerca ‘da natureza pecaminosa de Cristo’” e “‘a lamentável nota’, digna apenas de exclusão da literatura adventista. E “o persistente conceito errado acerca ‘da natureza pecaminosa de Cristo’ foi remediado pela exclusão da lamentável nota na edição revista de 1949 em *Bible Readings*.”

Na página 469, ele é referido em termos semelhantes, onde se lê: “E mais, que o antigo entendimento da minoritária nota de Colcord em *Bible Readings* – argumentando por uma inerente caída natureza pecadora para Cristo – havia anos antes tinha sido excluída por causa dos seus erros...”

Assim, o fracasso em não fazer mais do que dar assentimento à mensagem de 1888 quando ela veio à igreja, tem amadurecido ao ponto em que a Igreja Adventista partilha com Babilónia, a mesma atitude em relação à encarnação de Jesus Cristo. Hoje, a Igreja Adventista tem muitas atitudes e sentimentos que o mundo babilónico sustenta e exprime. O mais grave de tudo é que a área em que tal unanimidade existe agora é o teste infalível dado por Deus de que é o anticristo. É inacreditável, e milhares e milhares de adventistas, não acreditam que isso tenha acontecido. Mas factos são factos. As palavras de *Movement of Destiny* não deixam dúvidas quanto à posição da Igreja Adventista hoje sobre a doutrina da encarnação. Qualquer pessoa não preparada para enfrentar este facto; qualquer um que permite que ideias e opiniões preconcebidas sejam o seu guia e posição; qualquer que acredita que a liderança não pode cometer erros; quem acredita que a igreja vai continuar haja o que houver; em suma, quem não está preparado para enfrentar as coisas como elas realmente são, vai perder a sua vida eterna, a menos que rapidamente seja libertado de tal pensamento.


Hoje, a liderança e o ministério da Igreja Adventista do Sétimo-dia afirmam que a mensagem da justiça pela fé foi aceite pela igreja, quando transmitida pelo poderoso anjo de *Apocalipse* 18, em 1888. Esta mensagem foi baseada na grande verdade que Cristo, o Deus eterno, veio e habitou na mesma carne e sangue, como os homens e mulheres que Ele veio salvar. Mas de onde vem esta alegação de posicionamento quando a verdade tal como ensinada pelos mensageiros naquele dia, é declarada pela igreja moderna estar errada, erro evidente, lamentável, deplorável, e apenas digna de ser suprimida das publicações adventistas? Eles não se limitam a dizer que devia ser suprimida. Eles de facto fizeram-na desaparecer. Hoje ela não se encontra nessas publicações.

Eles repetem o que a Igreja Católica Romana fez muitos séculos antes da Igreja Adventista. Os apóstolos como mensageiros de Deus, trouxeram a grande verdade da encarnação de Cristo à igreja dos seus dias. Mas quando aqueles pioneiros haviam desaparecido, o papado em ascensão excluiu as verdades do evangelho. O monstruoso mistério da iniquidade cresceu até à plena maturidade. Passo a passo, a igreja dessa época formou o seu terrível destino.

Actualmente, a história repete-se. Os pioneiros já desapareceram; Waggoner e Jones foram para o seu descanso; a profetiza dorme no seu sono tranquilo; aqueles que deram voz ao renascimento da mensagem de 1888 nos anos cinquenta e sabem exactamente o que a mensagem realmente é, foram expulsos da igreja, onde a sua voz já não pode ser ouvida, e os líderes têm suprimido dos seus livros as grandes verdades da encarnação de Cristo tal como o papado fez há séculos atrás.

O resultado final deve ser o mesmo. O mistério da iniquidade está a desenvolver-se inexoravelmente e irremediavelmente na Igreja Adventista. O seu destino está a ser formado – por temível e terrível que seja.

Anexos:

 <p style="text-align: center;">A SINLESS LIFE</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. What testimony is borne concerning Christ's life on earth ? "Who did no sin, neither was guile found in His mouth." 1 Peter 2:22. 2. What is true of all other members of the human family? "For all have sinned, and come short of the glory of God." Romans. 3:23. 3. With what question did Christ challenge His enemies? "Which of you convinceth Me of sin?" John 8:46. 4. To what extent was Christ tempted? "[He] was in all points tempted like as we are, yet without sin." Heb. 4:15. 5. In His humanity, of what nature did Christ partake? "Forasmuch then as the children are partakers of flesh and blood, He also Himself likewise took part of the same; that through death He might destroy him that had the power of death, that is, the devil." Heb. 2:14. 6. How fully did Christ share our common humanity? "Wherefore in all things it behooved Him to be made like unto His brethren, that He might be a merciful and faithful 	<p style="text-align: center;">BIBLE READINGS</p> <p>174 high priest in things pertaining to God, to make reconciliation for the sins of the people." Verse 17.</p> <p>NOTE.—In His humanity Christ partook of our sinful, fallen nature. If not, then He was not "made like unto His brethren," was not "in all points tempted like as we are," did not overcome as we have to overcome, and is not, therefore, the complete and perfect Saviour man needs and must have to be saved. The idea that Christ was born of an immaculate or sinless mother, inherited no tendencies to sin, and for this reason did not sin, removes Him from the realm of a fallen world, and from the very place where help is needed. On His human side, Christ inherited just what every child of Adam inherits, — a sinful nature. On the divine side, from His very conception He was begotten and born of the Spirit. And all this was done to place mankind on vantage-ground, and to demonstrate that <i>in the same way</i> every one who is "born of the Spirit" may gain like victories over sin in his own sinful flesh. Thus each one is to overcome as <i>Christ overcame</i>. Rev. 3:21. Without this birth there can be no victory over temptation, and no salvation from sin. John 3:3-7.</p> <p>7. Where did God, in Christ, condemn sin, and gain the victory for us over temptation and sin? "For what the law could not do, in that it was weak through the flesh, God sending His own Son in the likeness of sinful flesh, and for sin, <i>condemned sin in the flesh</i>," Rom. 8:3.</p> <p>NOTE.—God, in Christ, condemned sin, not by pronouncing against it merely as a judge sitting on the judgment-seat, but by coming and living in the flesh, in sinful flesh, and yet without sinning. In Christ, He demonstrated that it is possible, by His grace and power, to resist temptation, overcome sin, and <i>live a sinless life in sinful flesh</i>.</p> <p>8. By whose power did Christ live the perfect life ? "I can of Mine own self do nothing," John 5:30, "The words that I speak unto you I speak not of Myself; <i>but the Father that dwelleth in Me, He doth the works</i>," John 14:10.</p> <p>NOTE.—In His humanity Christ was as dependent upon divine power to do the works of God as is any man to do the same thing. He employed no means to live a holy life that are not available to every human being. Through Him, every one may have God dwelling in him and working in him "to will and to do of His good pleasure." 1 John 4:15; Phil. 2:13.</p> <p>9. What unselfish purpose did Jesus ever have before Him ? "For I came down from heaven, <i>not to do Mine own will, but the will of Him that sent Me</i>," John 6:38.</p> <p style="text-align: center;">Have I need of aught, O Saviour! Aught on earth but Thee? Have I any in the heavens, Any one but Thee? Though I have of friends so many, Love, and gold, and Health, If I have not Thee, my Saviour, Hold I any wealth ? — CORIE F. DAVIS.</p> <p style="text-align: center;">Bible Readings for the Home Circle, 1915 Edition.</p>
--	--

The original text concerning the humanity of Christ as it appeared in the Bible Readings for the Home Circle, 1915 edition.

Bible Readings for the Home Circle, 1958 Edition.

PERSONAL TESTIMONY

What testimony is borne concerning Christ's life on earth?

"Who did no sin, neither was guile found in his mouth."
1 Peter 2:22.

What is true of all other members of the human family?

"For all have sinned, and come short of the glory of God."
Romans 3:23.

With what question did Christ challenge His enemies?

"Which of you convinceth me of sin?" John 8:46.

CHRIST'S HUMANITY AND TEMPTATION

To what extent was Christ tempted?

"[He] was in all points tempted like as we are, yet without sin." Hebrews 4:15.

In His humanity, of what nature did Christ partake?

"Forasmuch then as the children are partakers of flesh and blood, *he also himself likewise took part of the same*; that through death he might destroy him that had the power of death, that is, the devil." Hebrews 2:14.

How fully did Christ share our common humanity?

"Wherefore in all things *it behoved him to be made like unto his brethren*, that he might be a merciful and faithful high priest in things pertaining to God, to make reconciliation for the sins of the people." Verse 17.

NOTE.—Jesus Christ is both Son of God and Son of man. As a member of the human family "it behoved him to be made like unto his brethren"—"in the likeness of sinful flesh." Just how far that "likeness" goes is a mystery of the incarnation which men have never been able to solve. The Bible clearly teaches that Christ was tempted just as other men are tempted—"in all points ... like as we are." Such temptation must necessarily include the possibility of sinning.

144

BIBLE READINGS

but Christ was without sin. There is no Bible support for the teaching that the mother of Christ, by an immaculate conception, was cut off from the sinful inheritance of the race, and therefore her divine Son was incapable of sinning. Concerning this false doctrine Dean F.W. Farrar has well said:

"Some, in a zeal at once intemperate and ignorant, have claimed for Him not only an actual sinlessness but a nature to which sin was divinely and miraculously impossible. What then? If His great conflict were a mere deceptive phantasmagoria, how can the narrative of it profit us? If we have to fight the battle clad in that armour of human free-will, ... what comfort is it to us if our great Captain fought not only victoriously, but without real danger; not only uninjured, but without even the possibility of a wound? ... Let us beware of contradicting the express teaching of the Scriptures, ... by a supposition that He was not liable to real temptation."—*The Life of Christ* (1883 ed.), vol. 1, p. 57.

GOD'S DEMONSTRATION OF VICTORY

Where did God, in Christ, condemn sin, and gain the victory for us over temptation and sin?

For what the law could not do, in that it was weak through the flesh, God sending his own Son in the likeness of sinful flesh, and for sin, *condemned sin in the flesh*." Romans 8:3.

NOTE.—God, in Christ, condemned sin, not by pronouncing against it merely as a judge sitting on the judgment seat, but by coming and living in the flesh, and yet without sinning. In Christ, He demonstrated that it is possible, by His grace and power, to resist temptation, overcome sin, and *live a sinless life in the flesh*.

By whose power did Christ live the perfect life?

"The words that I speak unto you I speak not of myself; but *the Father that dwelleth in me, he doeth the works*." John 14:10.

Note.—In His humanity Christ was as dependent upon divine power to do the works of God as is any man to do the same thing. He employed no means to live a holy life that are not available to every human being. Through Him, every one may have God dwelling in him and working in him "to will and to do of his good pleasure." (1 John 4:15; Philipians 2.13)

What unselfish purpose did Jesus ever have before Him?

"For I came down from heaven, *not to do mine own will, but the will of him that sent me*." John 6:38.

The original text concerning the humanity of Christ as it appeared in the Bible Readings for the Home Circle, 1958 edition.

21

O Adventismo Identificado com o Anticristo

Por 1949, então, as mudanças tinham sido feitas nas publicações representativas adventistas que trouxeram a doutrina da natureza de Cristo plenamente em linha com a crença e ensinamentos das igrejas Protestantes, e também a Católica Romana. Entre a Igreja Adventista e as outras, na prática, não ficaram distinções. O coração da mensagem dos três anjos tinha sido retirado.

A mensagem do terceiro anjo é uma mensagem de separação. “Pela poderosa espada da verdade, as mensagens do primeiro, segundo e terceiro anjos, separou-os das igrejas e do mundo para trazê-los a uma santa proximidade dEle.” *Testemunhos para a Igreja* 5:455.

Essas mensagens são, em primeiro lugar e acima de tudo, o evangelho eterno. O próprio coração do evangelho é a doutrina de Cristo, o ensinamento de que o Deus eterno sem pecado, veio e habitou na carne pecaminosa do homem caído. Embora esse ensino não tenha sido explicitamente desenvolvido nos primeiros dias da mensagem do advento, estava ali implicitamente. O poder dessa mensagem estava presente, e foi isto que causou a profunda e acesa inimizade das igrejas Protestantes caídas contra os adventistas.

Agora, podemos fazer esta pergunta: Quando a doutrina que é o coração e a vida do evangelho que causou a violenta separação, e ódio, contra os adventistas é removida, o que podemos esperar ver?

Esta é uma pergunta muito simples que exige apenas uma resposta simples. Se a causa da inimizade é removida, então, a inimizade também será removida. Uma vez que as igrejas Protestantes estejam convencidas de que a mudança foi feita, é de esperar que reescrevam as suas avaliações sobre a Igreja Adventista a fim de considerar os adventistas como sendo dignos de comunhão; para ver uma nova era de cooperação; para ver o desenvolvimento de relações amigáveis; e para ver a partilha mútua de actividade em causas comuns.

Por outro lado, se a Igreja Adventista tivesse de facto, como afirma Froom, corrigido os erros do passado, a fim de possuir e ensinar agora apenas a pura doutrina da justificação pela fé, então que desenvolvimento se esperaria ver? Pode haver apenas um resultado. A inimizade iria intensificar-se, o abismo aumentaria, eles teriam os adventistas em conta como sendo indignos de amizade, e não haveria partilha mútua de actividades entre ambos.

Esta é a única maneira como poderia ser. A vida perfeita de Cristo é a convincente prova disto. Ele viveu uma vida perfeita. Não houve qualquer erro no Seu ensinamento. Mesmo assim Ele foi odiado com um ódio implacável por aqueles que, nos Seus dias, eram professores do erro e das trevas. Nada pode mudar ou enfraquecer o facto que “E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições.” 2 *Timóteo* 3:12.

Isto leva a mais uma pergunta. Se fizermos alterações fundamentais nas nossas doutrinas e depois descobrimos que aqueles a quem a palavra de Deus declara claramente como Babilónia, podem em seguida subscrever o que ensinamos, e nos aceitam no corpo de Cristo, como eles definem que esse corpo é, então, o que nos diz isso?

Só pode haver uma resposta verdadeira. Tal desenvolvimento deve ser um sinal de alarme do maior perigo. Isso devia dizer-nos que tem havido o mais grave afastamento dos grandes princípios aos quais Deus nos chamou. Isto devia levar-nos a ajoelhar para implorar ao Senhor que nos guie de volta aos caminhos seguros outra vez. Então, quando forem descobertos de novo os caminhos seguros, deve haver a confissão mais aberta ao mundo de que foi um grave erro alterar as doutrinas, mas que o erro foi corrigido.

Eles irão, naturalmente, zombar ou odiar-nos por isto. Mas esse é o caminho que o verdadeiro filho de Deus e, por conseguinte, a igreja de Deus devem seguir. Olhai e vede, quando, em qualquer momento no passado, a igreja defendeu a verdade na sua pureza e poder e era, ao mesmo tempo, amada e respeitada por Babilónia. Nunca encontrareis esse momento. Pelo contrário, será visto que o mundo odiava a igreja sempre que ela pregava a verdade como ela é em Jesus.

É, evidentemente, muito confortável e agradável ter a aprovação das poderosas igrejas do mundo. É muito mais atractivo estar dentro do cordial círculo interno do que no frio exterior. É mais fácil trabalhar quando as outras igrejas aprovam em vez de opor-se. Não há nada que a natureza humana, carnal mais poderia desejar. Mas também nada poderia ser mais perigoso.

Ter levantado estas questões e considerado algumas das suas implicações, voltamos à história da Igreja Adventista. Vimos pelo livro do pastor Froom, que até 1949, as mudanças na literatura adventista tinham sido realizadas. A doutrina sobre a natureza de Cristo na Sua encarnação tinha sido colocada totalmente em linha com o ensinamento das igrejas Protestantes.

O que esperaríamos agora ver acontecer no pensamento dessas igrejas? Esperaríamos que elas reescreveriam as suas avaliações acerca dos adventistas depois de ter feito um cuidadoso estudo para ver se as mudanças realmente tinham sido feitas.

Foi precisamente isto que aconteceu.

O registo histórico disto é feito em estabelecido em *Movement of Destiny*, 465-468, no capítulo intitulado “Mudando a Imagem Enfraquecida do Adventismo.” Nos parágrafos de abertura, Froom refere-se novamente às alterações feitas nos ensinamentos e literatura da igreja.

Em seguida ele diz: “é significativo que, uma vez tratadas estas – e começando mesmo atrás nos últimos anos da década de 1930 – perguntas examinadoras começaram a ser feitas com considerável frequência e contactos vitais através de inquirição feita por estudiosos quanto à fé fundamental dos adventistas do sétimo-dia em relação às Verdades Eternas. Isso pareceu ser espontâneo e simultâneo, e tornou-se um marcado fenómeno. Foi claramente o início de uma nova extensão para a compreensão pelos estudiosos não-adventistas.

“2. SUCESSÃO DE CONVITES. – Uma sucessão de inquirições, com convites para falar, começaram a chegar de vários quadrantes do mundo religioso. Juntamente com outros, eu tive oportunidade de responder pessoalmente a solicitações de muitos grupos de estudo para dizer ‘por que sou um adventista do sétimo-dia’ – com essencialmente o mesmo tema sempre incluído. Esses convites vieram de igrejas não-adventistas, colégios, universidades, seminários – e até mesmo organizações seculares.

“Os grupos das igrejas incluíam, episcopais, metodistas, presbiterianos, reforma, baptistas congregacionalistas, irmãos unidos, e até mesmo da fé pentecostal e unitarianos – bem como uma organização de sacerdotes católicos romanos convertidos. Por isso, escrevo com conhecimento pessoal, porque falei com cada um desses grupos.

“Universidades como a de Marburg (Alemanha), Rutgers (New Jersey) e Pittsburg (Pensilvânia) enviaram convites pouco comuns, com resultados gratificantes na apresentação de oportunidades, com períodos de perguntas. E após estes vieram vários diálogos com estudantes para o sacerdócio católico romano – tanto grupos como individuais – que foram altamente produtivos e

agradavelmente francos. Num exemplo, o contacto foi com trinta e oito estudantes para o sacerdócio em formação na Universidade Católica da América, em Washington, D.C. – uma hora para apresentação, e uma hora para perguntas. À parte disso, seguiram-se pequenos grupos de cinco a oito. Mais tarde, tive o privilégio de me dirigir a uma classe de alunos de pós-graduação na mesma ‘U. Católica’ sobre o mesmo tema.” *Movement of Destiny*, 465, 466.

A seguir a estas observações estão parágrafos com estes títulos, Contacto Inesquecível Com Estudiosos Notáveis, Vieram Porque Preparadas, Onda de Pedidos Sinceros Continua, Correções em Enciclopédias e Obras de Referência, Os Contactos Vêm Quando Estamos Prontos.

O pastor Froom está a argumentar através de tudo isto que estes resultados são os efeitos que se seguiram à causa. A causa foi a mudança das doutrinas adventistas. O efeito foi uma atitude inteiramente nova por parte das igrejas de Babilónia.

Sem dúvida ele está correcto nesta avaliação. Eles são os efeitos que se seguiram a estas causas. Foram as mudanças no ensino da Igreja Adventista que removeu a inimizade das igrejas contra os adventistas.

Efeitos como semelhantes a estes deviam ter alertado instantaneamente a liderança adventista e, por sua vez, os leigos, para o terrível perigo em que a Igreja Adventista se tinha colocado. “...não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus.” *Tiago 4:4*.

“Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele.” *1 João 2:15*.

“Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?

“E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel?

“E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.

“Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei;

“E eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso.” *2 Coríntios 6:14-18*.

Há uma tendência para se pensar sobre o mundo como sendo aqueles que não fazem qualquer profissão de religião. Os que pensam desta forma não pensam acerca das igrejas caídas como sendo o mundo. Este é um erro perigoso. O mundo é composto de ateístas que abertamente negam qualquer responsabilidade para com Deus, e os religiosos que professam amar e servir a Deus, mas cujas vidas estão totalmente inclinadas para a busca das coisas deste mundo.

Amizade com qualquer uma destas secções do mundo é inimizade contra Deus. Não pode haver harmonia entre o prazer de amar o mundo como tal, e o verdadeiro filho de Deus. Nem pode haver qualquer harmonia entre o mundo religioso e o verdadeiro filho de Deus. Assim é impossível para o verdadeiro filho de Deus e a verdadeira igreja de Deus ter amizade com qualquer um deles, porque o desenvolvimento de qualquer amizade é a prova de que a pessoa ou a igreja assim envolvida, deixou de ser um verdadeiro filho de Deus. Isto pode parecer uma afirmação exagerada, mas é apenas o que as Escrituras dizem. Formar uma amizade com o mundo é tornar-se inimigo de Deus. Como pode uma igreja ou uma pessoa serem inimigos de Deus, e ao mesmo tempo, ser um verdadeiro filho de Deus? Este nunca pode ser.

Portanto, quando tais aberturas amigáveis estavam a vir das igrejas do mundo, devia ter feito soar um grande alarme, em primeiro lugar nas fileiras da liderança adventista, e imediatamente a seguir nas fileiras dos adventistas. Deveria ter sido reconhecido que esta resposta das igrejas caídas era a mais clara indicação de que tinham sido tomadas medidas erradas. Deveria ter sido visto que a causa tinha produzido o tipo errado de resultados.

Porém, em vez disso, toda a reacção das igrejas exteriores a essas mudanças foram aclamadas como o mais maravilhoso avanço. Foi, e é olhado como a mais forte evidência que haviam sido

dados os passos certos. As coisas não poderiam ter sido mais ao contrário. Não há maior cegueira do que aquela que caiu sobre as mentes daqueles responsáveis, nem nas mentes daqueles que, de bom grado, depois os seguiram.

No entanto, uma vez que estes resultados começaram a ser obtidos, a igreja entrou numa direcção da qual parecia não haver ponto de viragem. LeRoy Froom recorda a “Precedente quebra de contactos com o Dr. E. Schuyler English, o editor da revista *Our Hope*.” Sobre isto ele escreve como segue:

“1. CONTACTOS SIGNIFICATIVOS COM O EDITOR DA HOUR HOPE. – Para entender a última parte deste e do próximo capítulo, lidar com as conferências com os evangélicos Martin e Barnhouse em – e o livro resultante, *Seventh-day Adventists Answer Questions on Doctrine* (1957), [*Os Adventistas do Sétimo-dia Respondem a Questões Sobre Doutrina* (1957)] – é necessário voltar a 1955 e alguns intercâmbios preliminares com o Dr. English, de *Our Hope*. Numa nota editorial na sua edição de Janeiro de 1955, afirmou, erradamente, que os adventistas do sétimo dia ‘negam a divindade de Cristo’ (p. 409). E acrescentou que somos um grupo que ‘deprecia a Pessoa e obra de Cristo’ (p. 410).

“Quanto à última expressão, o Dr. English baseia esta ideia falsa no seu entendimento de que afirmamos que Cristo, na Sua encarnação, ‘participou da nossa natureza caída, pecaminosa.’ Nesta expressão ele estava claramente a referir-se à então frequentemente citada nota na edição antiga de *Bible Readings*. (Carta de E. Schuyler English a L.E.F., em 11 de Março de 1955, p. 1).” *Movement of Destiny*, 469.

É claro que o Dr. English estava familiarizado com a declaração em *Bible Readings* como reproduzida na página 185 deste livro. Este é um maravilhoso e fiel testemunho sobre a natureza de Cristo, mas não aos olhos do Dr. English. Também não podemos esperar que seja. A sua teologia é muito diferente da teologia da mensagem do terceiro anjo. A sua teologia é a crença da observância do Domingo, da natural imortalidade da alma, e do ministério de um compartimento no santuário. A própria marca dessa teologia é a negação da verdade escrita no testemunho de *Bible Readings*.

Portanto, devemos esperar que ele veria que estava em desacordo com esse testemunho. Mais do que isto, ele também deveria estar em desacordo connosco, uma evidência de que a nossa posição é correcta quando oposta por Babilónia.

A fim de entender realmente a situação, é preciso reconhecer que o Dr. English estava a avaliar o adventismo na base do que foi escrito em 1915. Ele desconhecia, nesse momento, as alterações que haviam sido efectuadas nos escritos teológicos adventistas como reflexo da sua mudança das crenças. A doutrina da natureza de Cristo como defendida pelos adventistas em 1915 separava-os do mundo, e das igrejas do mundo. Isto estava certo assim.

LeRoy Froom reconhece que o Dr. English não conhecia essas alterações feitas e por isso escreveu de imediato a fim de corrigir esse equívoco. Aqui está o seu relato desta correspondência.

“2. LOUVÁVEL E CRISTÃ RECTIFICAÇÃO. – Escrevemos imediatamente ao Dr. English expressando preocupação sobre a sua compreensão errada sobre os nossos ensinamentos acerca destes e outros pontos. Foi fornecida ampla prova documental autorizada para mostrar que, em vez de depreciar a divindade de Cristo, como muitos modernistas em várias denominações constantemente fazem – nós, como Igreja, apegamo-nos tão verdadeiramente como aço à verdade bíblica da total e plena Divindade de Jesus Cristo. E mais, a visão minoritária daquela antiga nota de Colcord em, ver nota em *Bible Readings* – disputando por uma inerente natureza pecaminosa e caída de Cristo – havia sido anos antes apagada por causa do seu erro e, fornecendo mais uma vez irrefutáveis provas para sustentar estas afirmações. Isto levou a uma altamente gratificante e proveitosa troca de cartas.

“No final do intercâmbio, estendendo-se ao longo de vários meses, Dr. English de forma mais corajosa e espírito verdadeiramente cristão afirmou que estava convencido de que tinha ‘certamente cometido um erro nestas acusações’, e disse que iria certamente ‘reconhecer esses erros através das colunas de *Our hope*.’” *Ibidem*.

Considerai com muito cuidado a natureza do argumento usado por Leroy Froom. Ele não nega que, em 1915, a posição estabelecida em *Bible Readings* dava a Cristo uma natureza humana pecadora, caída, como a nossa. Pelo contrário, ele apelou ao Dr. English para não julgar os adventistas por aquilo que foi ensinado em 1915, mas pelo que eles acreditavam em 1955. Tinha havido uma mudança. A prova disto foi dada, entre outras coisas, na eliminação “por causa do seu erro,” de “o antigo entendimento da minoritária nota de Colcord em *Bible Readings* – argumentando por uma inerente caída natureza de Cristo pecaminosa.”

Froom sustentou que se o Dr. English tomasse o adventismo como era em 1955, iria descobrir que poderia e seria capaz de identificar o adventismo com a sua própria igreja sobre o tema da natureza de Cristo e as verdades do evangelho. Ele encontraria harmonia e unidade entre os dois.

O Dr. English fez isto da forma mais exaustiva. Na sua posição como editor de *Our Hope* com uma grande circulação em todo o protestantismo evangélico, ele não podia permitir-se fazer doutra maneira. Deste modo, durante um ano inteiro, estudou a questão com muito cuidado. Examinou todas as evidências que lhe foram dadas. Depois, no final desse período, veio abertamente na mesma revista, a *Our Hope*, dar uma nova avaliação do adventismo. Foi uma avaliação oposta à que tinha apresentado no ano anterior. Nesta, ele confirmou o argumento de Froom de que ele verificaria que o adventismo moderno e Babilónia de facto acreditavam a mesma coisa sobre a questão da natureza de Cristo.

Aqui está a narração de Froom do evento.

“O Dr. English com louvável e graciosamente cumpriu a sua promessa em Fevereiro, no artigo de 1956, da edição de *Our Hope*. O testemunho editorial foi francamente, intitulado ‘Para Corrigir um Erro.’ Neste ele referiu-se a ter cometido um ‘grave erro’, na nota de Janeiro de 1955, ao afirmar que os adventistas do sétimo-dia ‘negam a divindade de Cristo e menosprezam a sua Pessoa e obra’ (p. 457). Neste editorial ele falou de ‘alguns meses de correspondência’ com este escritor, e formulou a considerada conclusão a que chegou:

“Os adventistas do sétimo-dia crêem implicitamente na divindade de nosso Senhor Jesus Cristo’ (*ibidem.*) Como suporte ele citou os diversos artigos documentais que lhe tinham sido apresentados.” *Ibidem*, 470.

Em *Our Hope* de Janeiro de 1955, o Dr. English tinha feito sua declaração de fé na encarnação de Cristo. Este é citado na página 469 do *Movement of Destiny*.

“Ele [Cristo] era perfeito em Sua humanidade, mas Ele era nada menos do que Deus, e a Sua concepção na Sua encarnação foi coberta pela sombra do Espírito Santo, para que Ele não participasse da natureza pecaminosa caída de outros homens.”

Quando o Dr. Froom leu estas palavras, escreveu ao Dr. English confirmando que a sua crença era a mesma. Aqui estão as palavras do Dr. Froom. “Isso, nós lhe asseguramos, é precisamente o que pensamos da mesma forma.” *Ibidem*, 470.

Assim, da maneira mais clara possível, o Dr. Froom identifica o adventismo com Babilónia nessa mais importante de todas as questões da Bíblia, a natureza de Cristo na encarnação. Ela é tão integralmente uma parte do evangelho da maior importância que é dada como o teste infalível de Cristo e anticristo. Portanto, Froom está a dizer de facto, que o adventismo está a ser identificado com o corpo do anticristo.

Nenhuma outra conclusão além desta pode ser verdadeiramente tirada. Os factos que apoiam esta conclusão não podem ser alterados. Eles são os seguintes.

A mensagem do segundo anjo disse-nos que as igrejas que rejeitam as verdades especiais para este tempo são Babilónia, e, portanto, o anticristo.

É a marca do anticristo negar que Cristo tomou a mesma caída, carne e sangue como nós.

Por conseguinte, as igrejas caídas ensinam que Cristo veio em carne e sangue sem pecado.

Portanto, assegurar a tais igrejas que os adventistas hoje semelhantemente ensinam que Cristo veio em carne e sangue sem pecado, é declarar que os adventistas também se tornaram parte do corpo do anticristo.

Em 1915

Os adventistas ensinaram, em *Bible Readings*, a plena Divindade e a plena Humanidade de Cristo em harmonia com a Bíblia, o Espírito de Profecia e a mensagem que Deus deu através de Waggoner e Jones.

Em 1949

Os adventistas eliminaram esse ensino substituindo-o por uma total Divindade, mas não uma Total Humanidade de Cristo. Em vez disso, ensinaram a carne sem pecado de Cristo em harmonia com as igrejas protestantes e católica

Em 1955**A Igreja Adventista**

O Dr. Froom, como seu porta-voz, apelou ao Dr. English para não julgar o adventismo em 1955, pelo que ela havia escrito e ensinado em 1915, mas pelo que estava agora a ser ensinado como a crença estabelecida da Igreja.

Houve uma mudança.

Foi garantido ao Dr. English que, fazendo isso, descobriria que o protestantismo evangélico e o moderno adventismo estão juntos e não em oposição na questão da natureza de Cristo na Sua encarnação. O Dr. English fez isto e verificou por si mesmo que era verdade.

Em 1955

O adventismo e o anticristo tomaram posição juntos.

Deve ser salientado que estamos a estudar aqui o que o Dr. Froom tem a dizer e as implicações disso. Não estamos a estudar a posição do autor deste livro. O argumento não é uma questão se estou ou não a dizer que a organização Igreja Adventista do Sétimo-Dia é anticristo. Este é um estudo das afirmações do Dr. Froom, e a declaração que a implicação das suas palavras é que ele declarou que a Igreja Adventista do Sétimo-dia hoje é parte do corpo do anticristo.

Isto é fazer uma declaração muito importante. O que é ainda mais significativo é que todo o adventismo moderno não o questiona sobre o que ele está a dizer. O então Presidente da Conferência Geral, o pastor Pierson, subscreveu a declaração ao ponto de declarar que o livro “é um dever para todos os obreiros, todos os estudantes de teologia, e todos os oficiais da igreja – na verdade, porque cada membro da igreja que ama esta mensagem e deseja vê-la triunfar no próximo, muito próximo futuro.” *Ibidem*, 13. Ele, evidentemente, não viu nada de perigoso nos seus argumentos, caso contrário, teria avisado a Igreja Adventista a nível mundial do perigo em que estavam a ser colocados.

Os dirigentes das casas publicadoras e os seus comités de controlo, divisões, uniões, dirigentes da Conferência não viram problemas nele. Professores, ministros, colportores, e membros da igreja não têm levantado qualquer voz contra ele.

Passaram dez anos desde que apareceu o *Movement of Destiny*. Milhares de cópias foram espalhadas por todo o mundo. Estas foram lidas e estudadas por adventistas de todos os níveis. Já decorreu tempo suficiente para surgirem recusas vigorosas e protestos contra a posição que este livro atribui ao adventismo hoje. Mas nenhum deles se manifestou. O silêncio da multidão do mundo adventista demonstra a sua aprovação.

De tudo isto, devem ser tiradas as seguintes conclusões como as únicas verdadeiras e correctas possibilidades.

LeRoy E. Froom passou ao imortal registo da impressão para identificar o adventismo moderno como uma parte do grande corpo do anticristo e, por conseguinte, à inimizade contra Deus.

O pastor Pierson, o então Presidente da Conferência Geral, pelo seu forte apoio e recomendação do livro tem desse modo destacado as afirmações do Dr. Froom. Ele, também, tem localizado o adventismo de hoje como fazendo parte do corpo do anticristo.

A comissão de escrutinadores da *Review and Herald*, juntamente com o director editorial, adicionou a sua sanção deixando-o passar à publicação. Também eles se juntaram ao coro que declara a Igreja Adventista como sendo anticristo.

Além deste núcleo de influência e autoridade, há os milhares e dezenas de milhares de adventistas do sétimo-dia “leais”, presidentes, professores, pastores, obreiros evangélicos e outros obreiros, e todos os leigos que, com o seu silên-

cio e o seu consentimento, se não pelo seu ensino activo, colectivamente adicionam força à certeza que a igreja se tornou, de facto, parte do corpo do anticristo.



O adventismo moderno adaptou de tal maneira a sua doutrina a respeito da natureza de Cristo para estar em perfeita harmonia com as igrejas caídas.

Naturalmente, eles não disseram isto com tantas palavras. A própria Babilónia nega ser o anticristo. Nenhum religioso professo vai admitir abertamente que é o anticristo. Nunca aconteceu isso, e nunca vai acontecer até o dia quando finalmente a convicção cair sobre eles e eles não têm alternativa senão admitir isso. Será nesse dia terrível em que o poder enganador de Babilónia será para sempre quebrado. É a própria natureza e carácter do anticristo professar ser de Cristo totalmente e unicamente.

Portanto, é esperar demais olhar directamente para as declarações do anticristo e ouvi-lo dizer que é anticristo. Pelo contrário, é necessário estudar as implicações das suas afirmações e crença. É isto que deve ser entendido. No caso da Igreja Adventista em estudo aqui, não há qualquer dificuldade em perceber as implicações das suas próprias afirmações tal como elas são feitas hoje.

Os adventistas mudaram a sua doutrina para concordar exactamente com a doutrina de Babilónia e, em seguida, correctamente declararem que eles e Babilónia estão em perfeito acordo sobre estas doutrinas. Este é o ponto a que o adventismo chegou presentemente. Sobre eles recai a marca do anticristo, que é a negação que Jesus Cristo veio na mesma carne e sangue como os filhos.

Tendo mudado a sua doutrina de modo a concordar perfeitamente com Babilónia sobre este ponto, têm estado muito ansiosos que o corpo do anticristo esteja consciente disso e lhes conceda a posição entre as igrejas caídas onde os adventistas correctamente reconhecem como sendo agora o seu lugar.

Nisto eles não têm sido bem-sucedidos. Há ainda grande quantidade de preconceito que tem de ser superado, mas será a seu tempo. Raiou um novo dia para a Igreja Adventista. É um dia de aceitação e comunhão com as igrejas caídas do anticristo.

Qual é o destino de um movimento como aquele em que o adventismo se tornou hoje?

Mestres da Imaculada Conceição

Há duas declarações do Dr. English e citadas aqui pelo Dr. Froom que são bastante significativas. Por conseguinte, é preciso estudar um pouco mais sobre elas para obter uma compreensão mais completa da evolução da situação em análise.

A primeira é a sua declaração sobre a natureza de Cristo na Sua encarnação. “Ele [Cristo] era perfeito em Sua humanidade, mas Ele era nada menos do que Deus, e a Sua concepção na Sua encarnação foi coberta pela sombra do Espírito Santo, para que Ele não participasse da natureza pecaminosa caída de outros homens.”

A segunda é a sua reavaliação dos Adventistas do Sétimo-Dia. Ele escreveu: “Os adventistas do sétimo-dia acreditam implicitamente na Divindade de nosso Senhor Jesus Cristo.”

Há uma estreita ligação entre estas duas declarações. Quando esta ligação é melhor compreendida, haverá uma compreensão mais clara de qual é realmente a posição actual da Igreja Adventista. É preciso ser lembrado que o Dr. Froom garantiu ao Dr. English que a Igreja Adventista acreditava precisamente naquilo que a declaração dizia. Foi com base em tais garantias que o Dr. English foi capaz de expressar a convicção pessoal após doze meses de estudo sobre a questão que “Os adventistas do sétimo-dia acreditam implicitamente na Divindade de nosso Senhor Jesus Cristo.”

Em seguida considerai a primeira declaração. Esta é uma clara expressão da doutrina da imaculada concepção de Jesus Cristo. Como é natural, nem o seu escritor nem o Dr. Froom lhe deram esse título. A expressão “a Imaculada Conceição” está associada com a Igreja Católica Romana. Tinha havido pregação contra esta doutrina durante demasiado tempo na história do adventismo para ser aceite pelos adventistas, ou mesmo pelos protestantes sob esse nome. Satanás sabe isso muito bem, por isso ele está satisfeito por introduzir a mesma doutrina sem o estigma desse nome. Ele não está preocupado com o nome. Isso não é o essencial. É a própria doutrina que faz o dano.

Para ajudar a fortalecer o disfarce, há uma variação ao ensino. Para a Igreja Católica Romana, é Maria, a mãe de Jesus, a quem foi dada a imaculada concepção, ao conceber pelo Espírito Santo. Este foi-lhe pela teologia papal, para que ela passasse automaticamente a Cristo uma igualmente imaculada concepção. Assim, a Igreja Católica Romana ensina a imaculada concepção de Maria, para que ela pudesse ensinar a imaculada concepção de Cristo. Das duas, a primeira não é tão importante. É o nascimento de Cristo, que é importante, pois Ele é o Salvador do mundo.

O Dr. English, como um porta-voz para as igrejas protestantes evangélicas, chega ao mesmo resultado final, mas sem passar por Maria. Na sua teologia, Cristo obteve a imaculada concepção directamente através da imaculada concepção pela sombra do Espírito Santo, de modo que o corpo de carne e sangue em que a Sua Divindade habitava não era igual à dos outros homens.

Por conseguinte, no que respeita ao resultado final, não há diferença alguma entre o ensinamento da Igreja Católica Romana e das igrejas protestantes apresentado pelo Dr. English. Tanto a Igreja Católica como as Protestantes acreditam na imaculada concepção de Jesus Cristo. Todas elas negam que “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, [carne e sangue como os filhos];

“Porque, na verdade, ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão.

“Pelo que convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo.” *Hebreus 2:14, 16, 17.*

A Imaculada Conceição não está preocupada com a divindade de Cristo, mas com a Sua humanidade. Ela centra-se no tipo de corpo de carne e sangue que Ele tinha. É por este motivo que a concepção de Maria, que devia contribuir com a carne e o sangue de Cristo, foi tornada imaculada no ensinamento da Igreja Católica Romana. Da mesma forma, Dr. English, especificamente declara que está a falar sobre a natureza humana de Cristo nesta declaração. Ele diz, “Cristo foi perfeito na Sua humanidade...” Em seguida, ele continua a dizer que foi esta humanidade que foi coberta pelo Espírito Santo para que Cristo não participasse da natureza pecaminosa caída de outros homens.

Desta forma, Dr. English declara inequivocamente que o nascimento de Cristo foi uma imaculada concepção do lado humano da encarnação. Por isso, a sua doutrina é a do anticristo tão verdadeiramente como é a da própria igreja papal.

Onde, então, coloca isto os ensinamentos do Dr. Froom e da Igreja Adventista da qual ele está a relatar e que o apoia na sua escrita e relato? Ele declara que a sua crença e a crença da Igreja, são precisamente o mesmo que o Dr. English crê. Se o ensino do Dr. English é que Cristo tinha uma imaculada concepção e, em seguida, o de Froom está a ser precisamente o mesmo, então também este tem que ser a doutrina da imaculada concepção de Cristo tão completamente.

Portanto, entre o ensinamento da Igreja Católica Romana acerca da humanidade de Cristo na encarnação e o ensinamento da Igreja Adventista hoje como Froom relatou o ensino ser, não há a mínima diferença. A única diferença reside, não no ensinamento da natureza de Cristo, mas na maneira como é ensinado que a imaculada concepção veio a Cristo. A Igreja Católica Romana ensina que ela veio por meio de Maria. O Dr. English e os adventistas ensinam que Cristo a adquiriu directamente. O resultado final de tal ensino é idêntico.

A segunda declaração do Dr. English, “Os adventistas do sétimo-dia acreditam implicitamente na Divindade de nosso Senhor Jesus Cristo”, conforme a sua reavaliação, dá mais uma confirmação da posição da Igreja Adventista hoje.

Para a mente do católico e do protestante, é impossível ao puro e santo Deus habitar em carne com pecado. Para eles o simples pensamento disso é anátema. Para as suas mentes, Jesus Cristo teria deixado de ser o eterno, puro, sem pecado, Deus santo, se viesse habitar na mesma pecaminosa carne caída como a que os homens têm. Todavia, quando investigam os ensinamentos de uma igreja, um grupo, ou um indivíduo, considerarão como contraditória a posição de qualquer um que, por um lado, ensine a plena divindade de Jesus Cristo e, por outro, ensine que Deus habitava em carne pecaminosa caída. Por outras palavras, não importa quão clara e enfaticamente um homem possa ensinar que Cristo era verdadeiramente o santo, eterno Deus, nem a Igreja Católica, nem o Dr. English diriam que acreditavam “implicitamente na Divindade de nosso Senhor Jesus Cristo,” se ele ensinasse que Cristo viera em carne pecaminosa.

Nunca ninguém ensinou mais claramente que Cristo é o Deus eterno, sem pecado do que Waggoner e Jones. Mas não podemos encontrar o Dr. English ou a Igreja Católica declarar que Waggoner e Jones implicitamente acreditavam na divindade de Cristo. Nem podiam fazê-lo, pois

estes dois homens ensinaram também que esse mesmo eternamente pré-existente Deus sem pecado, habitou na carne e sangue pecador, caídos.

Semelhantemente, se o Dr. Froom e a Igreja Adventista que ele representa e por quem está a relatar, ensinassem que Cristo, o Deus eterno, desceu e habitou na pecadora, caída, carne e sangue humanos, o Dr. English nunca teria declarado que “os adventistas do sétimo-dia acreditam implicitamente na Divindade de nosso Senhor Jesus Cristo.”

Foi quando ele leu os seus escritos, tal como constam na edição de 1915 de *Bible Readings* onde, como se pode ler na página 185 deste livro, é ensinado que o Deus sem pecado habitou em carne pecaminosa, que ele declarou que os adventistas “menosprezavam” a Pessoa e obra de Cristo. “Menosprezar” é dar pouco valor, ter em pouco apreço, tratar com desprezo ou desdém. Ele acusou-os, portanto, de apresentar Cristo de ser tudo menos Deus.

Mas, quando eles excluíram a declaração que estabelece a plenitude da Divindade de Cristo e da Sua humanidade, e ensinavam em vez disso que Ele veio com uma imaculada concepção, então, o Dr. English não teve dificuldade em os considerar como mestres da plena divindade de Cristo.

Um verdadeiro mestre do evangelho de Jesus Cristo, com certeza, acredita implicitamente na Divindade de Cristo. Porém, uma coisa é crer nela e ensiná-la e outra ser reconhecido como um mestre que a ensina. Para o verdadeiro mestre, como enviado por Deus, este reconhecimento é de valor, mas nunca se vem dos lábios de Babilónia. Ser julgado pelo espírito babilónico como sendo um verdadeiro mestre da natureza de Cristo, é ser julgado de acordo com o padrão da sua teologia. Nenhum verdadeiro mestre deseja ser julgado por isto. O homem de Deus deseja ser julgado somente pela Palavra de Deus e por aqueles que crêem implicitamente nas verdades da Palavra dadas por Deus. Deixai o mundo protestante e católico condenar os seus ensinamentos como heresia e erro! Ele sabe que deles não pode esperar mais nada. Ele sabe que procurar a aprovação deles é a coisa mais perigosamente comprometedora que ele pode fazer.

Após o contacto com o Dr. English vieram as conversas com os Drs. Walter R. Martin e Donald Barnhouse. O que aconteceu com estes homens foi uma repetição do que aconteceu com o Dr. English, excepto que isto foi ainda mais profundo e duradouro. O Dr. Froom dedica as páginas 472-492 a isto e o conseqüente livro *Questions on Doctrine [Questões sobre doutrina.]*

Não é necessário fazer uma profunda análise do trabalho dos Drs. Martin e Barnhouse sobre a sua investigação e reavaliação do adventismo. O que já foi dito em relação ao Dr. English é aplicável a esta última investigação, porque da mesma forma estes homens chegaram às mesmas conclusões, já alcançadas pelo Dr. English. Os seus trabalhos e relatórios são apenas novas confirmações da posição à qual a Igreja Adventista havia chegado, ou seja, ao lugar onde, no julgamento de Babilónia, ela se havia tornado cristã.

Lembrem-se que quando Babilónia diz que deveis ser considerados como cristãos por terdes passado o seu exame das vossas crenças segundo o padrão babilónico da teologia e, em seguida, Babilónia está a dizer que sois “cristãos” da mesma natureza e carácter, como ela é.

Qual é a natureza e carácter do “cristianismo” das igrejas papal e protestante? Trata-se de pseudocristianismo. É suposição, falsificação, uma aparência. Em suma, não é o cristianismo, mas anticristianismo. Não é a favor de Deus no mínimo, mas totalmente e exclusivamente contra Ele. É a maior peça de engano jamais perpetrada sobre o mundo e ai do homem que foi enganado, porque ele sofrerá com ela os seus juízos e pragas, por tão terríveis que serão.

À medida que ledes por vós mesmos a história dos contactos com Martin e Barnhouse e o resultante livro *Questions on Doctrine [Questões sobre Doutrina,]* notai especialmente na página 474, a seguinte declaração do Dr. Martin. “Os adventistas do sétimo-dia acreditam, sem reserva, e no contexto do cristianismo ortodoxo histórico, as seguintes doutrinas: (1) a completa autoridade da

Bíblia como a única regra de fé e prática e a infalível Palavra de Deus; (2) o nascimento virginal de Cristo; (3) a eterna Trindade e a Divindade de Cristo; (4) a personalidade do Espírito Santo; (5) a perfeita natureza humana sem pecado de Cristo; (6) a vida sem pecado e vicária morte expiatória de nosso Senhor; (7) a ressurreição e ascensão física de Cristo; (8) o Seu ministério intercessor pelo homem diante do Pai; (9) a segunda vinda pessoal de Cristo antes do milénio; (10) A bem-aventurança eterna dos santos; (11) a ressurreição física do corpo; (12) A justificação pela fé unicamente; (13) a nova criação; (14) a unidade do Corpo de Cristo; (15) a salvação pela graça à parte das obras da lei por meio da fé em Jesus Cristo.”

Foi assim que o Dr. Martin, após o seu próprio exame exaustivo das actuais crenças adventistas do sétimo-dia, verificou que eles acreditavam nesta lista no contexto histórico do cristianismo.

O cristianismo histórico é uma coisa na mente de homens como o Dr. Martin. Mas é outra coisa na mente daqueles que têm mantido o passo com o avanço da luz. O Dr. Martin, como o Dr. English, rejeita as verdades especiais para este tempo. Ele faz parte do grande corpo do anticristo e, portanto, a sua compreensão do que é o cristianismo histórico, estaria em consonância com os ensinamentos de Babilónia e não verdadeiramente em sintonia com o verdadeiro cristianismo histórico.

Portanto, quando Martin afirma que o adventismo está em linha com o cristianismo histórico como ele o entende, então, ele está a dizer que descobriu que o adventismo hoje é o mesmo que o protestantismo de hoje. Chama-se a especial atenção para o ponto número cinco na lista. Aqui Martin declara que, relativamente à questão da natureza humana de Cristo, ele constatou que a crença adventista sobre esta questão está em consonância com a sua e também com a sua compreensão do que é o cristianismo histórico.

Paulo é parte da corrente do cristianismo histórico. Ele não acreditava, como os Drs. English, Martin, Barnhouse e Froom, acreditavam. O que ele acreditava era bastante oposto no que diz respeito à natureza humana de Cristo. Foi assim com o apóstolo João e todos os grandes homens a quem Deus chamou para Seus mensageiros através dos séculos.

Deste modo então, a Igreja Adventista fez tais mudanças que a qualificou para ser reconhecida e aceite pelas fileiras do grande corpo do qual Babilónia com orgulho e confiança chama o corpo de Cristo, mas que é, na verdade, o corpo do anticristo.

O que é o destino de um tal movimento?

Será o cumprimento do glorioso e vitorioso papel na finalização da mensagem dos séculos, ou será o desastre de receber o derramamento das pragas juntamente com Babilónia?

A forma como essa questão é respondida dependerá do ponto de vista da pessoa que faz a resposta. Isto não é sugerir que a resposta irá influenciar o resultado final. A igreja entrou numa determinada posição. É isso que decidirá o resultado, não importa o que possa ser o prognóstico de um ou outro no tempo presente.

Quando se considera todo o desenvolvimento do argumento em *Movement of Destiny*, vê-se que toda a preocupação é provar que a Igreja Adventista nunca poderia finalizar a obra enquanto os elementos do ensinamento sobre a natureza de Cristo que tinham sido uma ofensa para as igrejas protestantes evangélicas, que são, por sua vez, anticristo e Babilónia, tivessem sido removidos. Repetidamente se realça que enquanto essas mudanças não tivessem lugar, o alto clamor nunca poderia ser dado; a igreja nunca poderia entrar nas brilhantes horas do seu glorioso destino, divinamente designado.

É de se esperar, então, que os capítulos finais sejam afirmações desafiantes e calorosas da esperada glória futura. Assim acontece. Froom faz um retrato de um movimento avançando de poder para poder e força sob a guia directa de cima, a cabeça e não a cauda, o portador da última grande mensagem de salvação centrada em Cristo. Ele diz, “Os nossos maiores, mais examinadores e mais

gloriosos dias estão claramente à frente. Estamos no limiar do grande avanço final descrito pela Inspiração. O passado que temos percorrido deve ser apenas o prólogo para o nosso futuro papel – com o seu destinado clímax como o nosso impulsor incentivo.” *Movement of Destiny*, 655.

“Este movimento que começou com um sussurro vai terminar como um impulsionador Alto Clamor, ecoando até aos confins da Terra. Ele certamente cumprirá a sua missão.... As densas trevas dos últimos dias serão penetradas pela luz de Deus, à medida que os penetrantes raios do Sol da Justiça irromperem através das densas nuvens da tempestade final. Eles revelarão à humanidade um povo em preparação para se encontrar com o seu Deus, quando a luz da verdade como ela é em Jesus dispersar as trevas envolventes.

"FLAMEJANTE GLÓRIA; NÃO UM TRÁGICO DESAPARECIMENTO. – Essa é a encorajadora mensagem de *Apocalipse* 18:1-4. É o inspirado retrato do triunfo final, a explosão final do crescente poder, com a apresentação das questões finais claramente, sabiamente, e totalmente perante todo o mundo, antes da Grande Consumação.

“O testemunho de Deus para o mundo finalizará com uma manifestação de glória, não num trágico desaparecimento. Não há nenhuma falha com Deus. E nós devemos ser participantes do seu refulgente testemunho." *Ibidem*, 662.

Esta, então, é a ilustração do destino total e final de *Movement of Destiny* como o Dr. Froom vê. É uma grandíssima, maravilhosa, e desejável ilustração. Mais ainda, é uma verdadeira imagem com base naquilo que parece. A obra de Deus terminará em triunfo e glória. Haverá a manifestação do carácter de Deus através de um povo que conhece o seu Deus e conhece-O verdadeiramente.

Todavia, a base para a pressuposição do Dr. Froom quanto à glória futura não deve ser esquecida. As suas previsões são baseadas na evidência que a Igreja Adventista mudou aquelas coisas nos seus ensinamentos e escritos que causavam ofensa às igrejas evangélicas e assim impediam o acesso aos corações desse povo por causa disso. Embora esta situação existisse, seria impossível ela cumprir o seu destino divinamente designado.

O que faz todo o argumento ainda mais plausível e enganador é ele ser parcialmente verdade. Certamente, havia a necessidade de excluir o testemunho de Uriah Smith em *Daniel e o Apocalipse*, porque ele ensinava erroneamente a sua opinião pessoal de que Cristo era um ser criado. Isto de facto justificadamente ofendia as igrejas evangélicas, e constituiu uma barreira contra o acesso a eles.

Mas o testemunho em *Bible Readings* está numa categoria completamente diferente. É a verdade exactamente como ensinada na Bíblia, Espírito de Profecia, e apresentada de forma tão clara pelos mensageiros do Senhor, Dr. E. J. Waggoner e A. T. Jones. A sua expurgação do livro constitui uma rejeição do coração da mensagem do quarto anjo. Como tal, é uma rejeição das três anteriores.

Este testemunho também ofendia Babilónia, mas sem a justificação que o testemunho de *Daniel e o Apocalipse* fazia. A declaração de Uriah Smith era um erro, mas em *Bible Readings* era verdade. Quando, a fim de ter a comunhão e o acesso ao coração da Babilónia, temos de fazer desaparecer a verdade da nossa literatura e do nosso ensino, então, toda a base para quaisquer futuras expectativas e sonhos de glória é totalmente removida.

Mas, de acordo com o cuidadosamente alegado e bem documentado recital da história adventista que o Dr. Froom nos deu em *Movement of Destiny*, isto é exactamente o que a Igreja Adventista tem feito. Não foi só a supressão da verdade. Erro do tipo mais mortal foi instituído em seu lugar. É o próprio erro que, quando mantido, marca o corpo como sendo possuído do espírito do anticristo. Os semelhantes atraem-se. Não é de admirar, então, que, quando essa mudança teve lugar no adventismo para que fosse ensinada a doutrina do anticristo, e estava portanto, de acordo com o claro “Assim diz o Senhor”, possuía o espírito de Babilónia, as outras organizações do anticristo reconheciam-no como sendo do mesmo grupo como elas mesmas.

Tão certamente como ela se tornou participante desse grupo, tão seguramente, então, o seu destino se tornou o destino dele. Para saber o verdadeiro destino do adventismo moderno, só temos que ler o destino do corpo do anticristo como um todo.

O seu futuro é que, em primeiro lugar combinarão para levantar a imagem à besta. Eles farão guerra contra a viva verdade de Deus que será proclamada por aqueles que não fizeram concessões a Babilónia. Eles serão totalmente derrotados nessa guerra e sofrerão o terrível derramamento da ira de Deus nas sete últimas pragas.

Este não é um destino de glória, mas de desastre; não de triunfo, mas de derrota; não de alegria, mas de tristeza; não de vida eterna, mas de morte eterna.

Que repetição trágica da história do passado. Quando se lê a história do antigo Israel, vê-se a grande comissão que lhe foi dada, estuda-se o glorioso destino aberto a esse povo, em seguida, testemunha-se o contínuo afastamento da verdade para se juntarem às crenças e práticas dos babilónios dos seus dias, apenas se pode ouvir o eco das palavras inspiradas de aviso, “Estamos repetindo a história desse povo.” *Testemunhos* 5:160.

Com infalível consistência, de cada vez que voltaram a juntar-se na adoração de Baal, os juízos de Deus caíram sobre eles com gravidade catastrófica. A lição daí retirada é de uma clareza cristalina, e nenhum de nós tem a mais pequena desculpa se seguir os mesmos passos. Mas, mesmo nesta hora final ainda não é tarde para o arrependimento. Sejam os erros e desvios do passado totalmente corrigidos. Que a actual Direcção adventista, com o apoio dos leigos, declararem abertamente e publicamente que erraram ao fazer essas concessões a Babilónia. Que tudo isto seja corrigido independentemente de quão terríveis possam as consequências parecer. Então, o Senhor trabalhará por eles e o verdadeiro destino do movimento será cumprido.

23

O Vinho De Babilónia

Podiam ser apresentados argumentos suficientes para encher volumes com os registos sagrados para provar para além de qualquer dúvida qual o verdadeiro destino do movimento. Mas, as limitações deste volume não permitem tempo e espaço para o fazer.

Portanto, limitaremos o nosso estudo a uma dessas evidências.

Só há uma maneira segura de entender o resultado dos movimentos do presente e que é estudar o desenvolvimento dos movimentos do passado. O registo dos movimentos do passado é expressamente dado para nós com esta finalidade. Algumas pessoas são fortemente contra o uso deste tipo de paralelismo, mas fazem-no com perigo das suas almas e em directa desobediência às ordens de Deus.

“Precisamos estar atentos para não sofrermos o mesmo destino que o antigo Israel. A história da sua desobediência e queda foi registada para nossa instrução, para que possamos evitar fazer o que eles fizeram. Foi escrito 'para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos.' Se não atendermos essas advertências e avisos, desenvolvendo os mesmos traços de carácter desenvolvidos pelos israelitas, que desculpa podemos invocar?” *Review and Herald*, 10 de Julho de 1900.

“Estamos no limiar de grandes e solenes acontecimentos. Muitas das profecias estão prestes a se cumprir em rápida sucessão. Cada elemento de energia está prestes a ser posto em ação. Repetir-se-á a história passada. Antigas controvérsias serão revivescidas, e perigos rodearão de todos os lados o povo de Deus. A tensão está se apoderando da família humana. Está permeando tudo na Terra. ...” *Testemunhos Para Ministros*, 116.

Não só estamos aqui a ser alertados para o perigo de seguir os passos do antigo Israel, mas somos informados de que estamos realmente a fazer isso. “E Estamos repetindo a história desse povo.” *Testemunhos* 5:160.

“A obra de Deus na Terra apresenta, século após século, uma surpreendente semelhança, em todas as grandes reformas ou movimentos religiosos. Os princípios envolvidos no trato de Deus com os homens são sempre os mesmos. Os movimentos importantes do presente têm seu paralelo nos do passado, e a experiência da igreja nos séculos antigos encerra lições de grande valor para o nosso tempo.” *O Grande Conflito*, 343.

Sem a menor sombra de dúvida, a organização da Igreja Adventista do Sétimo-Dia é um movimento importante do presente. Tão certo como é, então ele tem o seu paralelo no passado. Será verificado que este não é um caso singular, mas uma repetição; que uma e outra vez se desenvolveram situações no passado e que têm a sua contrapartida na história presente e futura desse importante movimento.

Portanto, ao seleccionar um desses paralelos, não se deve inferir que este é o único, nem que a mensagem contida nele seja diferente dos demais. A mensagem é a mesma durante todo o tempo e é

quando as doutrinas de Babilónia se tornam o ensinamento daqueles que foram chamados para ser o povo de Deus, que essas pessoas irão compartilhar o destino da Babilónia.

Babilónia, assim como o professo povo de Deus, é um movimento importante do presente e, por isso, tem na verdade o seu paralelo no passado. Acontece, então, que ela aparece nas profecias do *Apocalipse*, bem como nas de *Jeremias*, *Ezequiel* e *Daniel*. Em todos os aparecimentos, o seu carácter, propósitos, obra, e ensinamentos são os mesmos.

Para nós, a manifestação final de Babilónia é a mais importante, mas ela será verdadeiramente compreendida nesse papel apenas se, em primeiro lugar, for dado um estudo cuidadoso ao seu lugar e obra no passado. Nestes últimos tempos, ela oferece o seu vinho aos povos do mundo que se mostram ansiosos demais para o beber. “O que é esse vinho? - Suas falsas doutrinas.” *The Review and Herald*, 6 de Dezembro de 1892. Ela ofereceu o mesmo ao povo do passado. Eles provaram estar da mesma forma tão ansiosos por bebê-lo.

O povo de Deus é aquele a quem Babilónia está mais ansiosa para dar o seu vinho. Com a astúcia e paciência da serpente, ela persegue incansavelmente esse objectivo. Assim, o povo de Deus é testado com uma prova que envolve consequências eternas para a vida ou para a morte.

Daniel e os seus três companheiros enfrentaram esse teste. Quando eles foram seleccionados pelo rei da Babilónia para serem “ensinados nas letras e na língua dos caldeus”, “e o rei lhes determinou a ração de cada dia, da porção do manjar do rei e do vinho que ele bebia, e que assim fossem criados por três anos, para que no fim deles pudessem estar diante do rei.” *Daniel* 1: 4, 5.

Esses quatro não foram o número total dos escolhidos desta maneira. Não temos forma de saber quantos jovens judeus foram seleccionados. Sabemos apenas que havia mais do que os quatro, pois está escrito: “E entre eles se achavam, dos filhos de Judá, Daniel, Hananias, Misael e Azarias”. Versículo 6. Ao todo, pode ter havido vinte ou cinquenta, ou cem, ou até mais. Não sabemos, nem realmente precisamos saber para além do facto importante que os quatro eram apenas uma minoria entre o grupo maior.

Perante todos eles foi colocado o alimento e o vinho de Babilónia. Quatro deles recusaram-se a tocar-lhe. O restante participou dele. É difícil saber se, à época, qualquer um de ambos os grupos entendia completamente o significado da escolha que fizeram. Isso não alterou as consequências ou as recompensas das respectivas decisões.

Uma grande pressão foi colocada no facto de que era basicamente um teste de temperança, e isso é inteiramente verdade. Muito menos ênfase foi dada às outras implicações do teste. A comida e a bebida que lhes foi oferecida era apresentada aos deuses idolatras e levavam a suposta bênção desses deuses.

Portanto, qualquer que participasse dessa comida estava a entrar nas práticas religiosas dos babilónios, tornando-se assim participantes das falsas doutrinas de Babilónia. Isso é confirmado por estas palavras: “Mas como uma porção do alimento era oferecida aos ídolos, o alimento da mesa do rei era consagrado à idolatria; e quem deles participasse seria considerado como estando a oferecer homenagens aos deuses de Babilónia. A tal homenagem a lealdade de Daniel e seus companheiros a Jeová lhes proibiu de participar. A simples simulação de haver comido o alimento ou bebido o vinho seria uma negação de sua fé. Proceder assim era enfileirar-se ao lado do paganismo e desonrar os princípios da lei de Deus.” {PR 244}, *Profetas e Reis*, 481.

Assim, havia três opções abertas aos quatro fiéis e aos restantes. Eles podiam comer e beber abertamente das provisões trazidas do rei para eles, bem como para a maioria do grupo. O facto de eles terem feito isso colocou-os onde eles se tornaram directamente participantes na adoração dos deuses de Babilónia. Eles literalmente se tornaram parte do corpo do anticristo e deixaram efectivamente de ser parte do corpo de Cristo.

Em segundo lugar, poderiam ter-se recusado a comer e beber, mas apenas secretamente, fingindo o tempo todo aos babilónios que estavam de facto a participar. Ter feito isso continuaria a ser uma negação da sua fé e teria sido colocar-se do lado do paganismo. Por outras palavras, mesmo que eles próprios não tivessem realmente participado da comida, dando a impressão que o faziam torná-los-ia

parte do corpo do anticristo e nenhuma parte do corpo de Cristo. Até onde o registo revela, nenhum dos jovens fez isto, embora seja possível que houvesse alguns que, por algum, pelo menos, procederam desse modo.

A terceira e última opção era calmamente, com cortesia, mas com firmeza, revelar que, independentemente do custo pessoal, eles não podiam e não participariam da generosidade do rei. Foi isso que os quatro nobres fizeram. Esse era o único caminho pelo qual eles poderiam evitar ser identificados como parte do corpo do anticristo e permanecer no corpo de Cristo. Era a única maneira. Essa é a inevitável verdade, conforme revelada neste parágrafo. É uma verdade que é tão pertinente e aplicável hoje como era então. Hoje, ainda é a única maneira de permanecer no corpo de Cristo e escapar da identificação com o corpo do anticristo.

Este é realmente um pensamento razoável. Somente aquele que é capaz de compreender o significado, a verdade, a gravidade e a urgência disto, e, ao mesmo tempo, através do vivo poder de Deus que molda a sua vida, passará incólume o último grande teste da corrupção de Babilónia. Somente esses permanecerão com Cristo e verão as pragas destruir mil ao seu lado e dez mil à sua mão direita. Todos os outros perecerão eternamente.

É tristemente evidente que o Israel moderno não viu a gravidade e a importância de tudo isso. Exactamente como fizeram os babilónios nos dias de Daniel, o anticristo de hoje ofereceu o vinho de Babilónia, a doutrina perniciosa que Cristo veio em carne sem pecado, aos dirigentes adventistas e através deles, ao povo.

O vinho de Babilónia foi aceite pela grande maioria da igreja, e a doutrina de Babilónia tornou-se a doutrina da igreja. É um disparate fingir que não. Pode haver quem acredite em tal negação, mas nenhum cuidadoso e honesto estudante da Bíblia e da história adventista disputará com a precisão os relatos de Froom. Embora o seu próprio entendimento sobre o que realmente foi a mensagem dada em 1888, esteja bastante errado, e embora ele tenha perdido toda a noção do aviso contido na mensagem do segundo anjo, a apresentação dos dados históricos é sólida, objectiva e bem documentada. As suas conclusões de que a Igreja Adventista se tornou um subscritor confirmado do ensino de que Cristo veio em carne sem pecado, exactamente como as igrejas caídas ensinam, são certificadas pelas múltiplas evidências para este efeito.

Considerai o apoio mundial a *Movement of Destiny* desde o Presidente da Conferência Geral até aos leigos. Acrescentai a isso a ausência de qualquer objecção às conclusões alcançadas no livro. Falai com os ministros, leiam os artigos que aparecem na literatura adventista actual e examinai o material sobre esse assunto ensinado aos estudantes de teologia nas faculdades ministeriais por todo o mundo. Tal investigação, se for honesta, sincera e completa, revelará sem sombra de dúvida que a doutrina que Cristo veio em carne sem pecado é a doutrina da Igreja Adventista hoje. Nenhuma dúvida possível pode permanecer. A Igreja Adventista hoje está bebendo o vinho de Babilónia.

Naturalmente, essa acusação é negada por qualquer adventista a quem a possais fazer. Nas minhas próprias conversas pessoais com dirigentes em Washington DC, descobri que eles procuravam gentilmente ignorar o livro como sendo apenas a opinião do Dr. Froom. Era tanto a opinião dele como eram os pensamentos expressos por Uriah Smith em *Daniel e o Apocalipse* sobre a divindade de Cristo. Esses homens declararam que havia muitos que não concordavam com o livro e houve um grande movimento que se inclinava para a sua retirada.

Se o livro fosse uma discussão puramente teológica, então, seria uma coisa e algum ponto poderia ser admitido para seus argumentos. Ele poderia ser classificado em certa medida, pelo menos, como sendo a opinião pessoal do Dr. Froom. Suporte adicional seria dado a tais argumentos se o Dr. Froom considerasse necessário ter o livro publicado e distribuído por outros canais que não adventistas.

Mas o livro não é um estudo de teologia. É um livro de história, obra de um cronista, um repórter, um escritor. É a revelação do que aconteceu e os factos são verdadeiros. O Dr. Froom é um escritor muito cuidadoso e completo, cuja documentação da apresentação histórica não deixa dúvidas sobre a veracidade dos factos. Além disso, não dependemos apenas do *Movement of Destiny* para esses factos. O Dr. Froom declarou que houve a exclusão da nota “ofensiva” da edição de 1915 de *Bible*

Readings. Quem duvida disso tem apenas que comparar a edição de 1915 com a presente versão para ver que é assim.

O Dr. Froom relatou uma nova avaliação dos adventistas pelos protestantes evangélicos. Essa reavaliação pode ser lida em livros como *The Truth About Seventh-day Adventists* [A Verdade Sobre os Adventistas do Sétimo-Dia], de Walter R. Martin. Mais uma vez, será visto que aquilo que o Dr. Froom disse ter acontecido, aconteceu na verdade.

No entanto, não se deve ignorar nem negar que o Dr. Froom inclui a sua própria avaliação desses eventos. Por exemplo, ele analisa a mudança de atitude por parte dos evangélicos como algo louvável e desejável. Mais atrás, ele reduz as revelações da mensagem do quarto anjo em 1888 a um mero confronto sobre a divindade de Cristo. Nem por um momento estamos a dizer que essas opiniões são avaliações verdadeiras acerca da importância destes acontecimentos. Nós não estamos a dizer isso. O que estamos a dizer é que os factos históricos apresentados são exactos.

Isto leva a outra excelente distinção, mas necessária. Embora neguemos que Froom tenha chegado a conclusões correctas em relação a esses desenvolvimentos, ainda assim, a própria expressão do seu pensamento torna-se um relato histórico fiel. Ele não estava sozinho ao lidar com estes homens. Havia outras pessoas com ele e tudo era constantemente reportado à Comissão da Associação Geral, com quem todos trabalhavam em contacto mais próximo. Portanto, a expressão da avaliação de Froom da discussão com os Drs. English, Martin e Barnhouse é, na verdade, o relato da reacção geral da liderança adventista em todo a questão, como eles e os evangélicos se relacionaram com tudo isso. Ao relatar isso como história, Froom é bastante preciso e confiável.

Nesse ponto, outra distinção importante deve ser estabelecida. É a diferença entre a própria história e o relato dessa história. O *Movement of Destiny* é apenas o último. Como tal, tem pouco significado real. Caso o livro fosse retirado da publicação, isso não mudaria nada. O que havia sido feito nos desenvolvimentos dos anos estava feito, e nada pode mudar a história do passado. O *Movement of Destiny* foi escrito para justificar, aos olhos dos adventistas em geral, as acções da liderança em todos esses passos. Ele não foi escrito para os evangélicos. Estes leram tudo o que precisavam e tinham feito todos os seus ajustamentos com o adventismo ao ponto em que eram capazes de os reconhecer como parte do corpo de Cristo, segundo a compreensão que Babilónia entendia que esse corpo era.

Para que o adventismo hoje volte ao favor e serviço de Deus, será necessário muito, muito mais do que a mera retirada do *Movement of Destiny*. Os princípios estabelecidos na história dos quatro fiéis na corte do rei da Babilónia, revela o que deve ser feito e as consequências do fracasso em fazê-lo.

Como já mencionado nessa história, havia três formas de agir perante esses jovens. Em primeiro lugar, eles podiam, como a maioria fez, participar abertamente do vinho e do alimento. Fazer isto era identificar-se plenamente com o corpo do anticristo. O *Movement of Destiny* é o registo histórico dos adventistas terem feito a mesma coisa hoje.

Em segundo lugar, eles poderiam ter fingido comer das provisões do rei sem o fazer. Ter feito isto também os alinharia totalmente do lado de Babilónia contra o Deus do Céu.

Finalmente, eles poderiam e deveriam ter feito o que Daniel e os seus três companheiros fizeram – calmamente, respeitadamente, mas firmemente revelarem que permaneciam solidamente na plataforma da verdade, por mais hostil que Babilónia pudesse ser nessa posição. Como nos dias de Daniel, a grande maioria não fez isto, mas, por isso, podemos louvar ao Senhor do Céu, por haver aqueles, embora poucos, que naqueles dias de crise e até este momento, permaneceram firmes pelos grandes princípios da mensagem do terceiro anjo, recusando-se a fazer concessões a Babilónia.

Não é tarde demais para qualquer pessoa na igreja corrigir os erros do passado. Apesar da traição do passado, a mão de Deus ainda está estendida para salvar. Para a igreja em geral, colocar as coisas de volta onde deveriam estar, envolve muito mais do que a retirada silenciosa do *Movement of Destiny*. Teria que haver, inicialmente, uma confissão muito genuína de que medidas erradas haviam sido tomadas no passado. Esta confissão deve ser feita primeiramente pelos dirigentes da igreja e ao

povo de Babilónia até o mundo inteiro saber que o adventismo retornou à fé dos seus pais e não terá nada a ver com as doutrinas de Babilónia.

Houve uma grande diligência para garantir que o mundo protestante, católico e judeu tivesse conhecimento das mudanças que haviam sido efectuadas na igreja. *Questions on Doctrine* foi especialmente publicado para este fim e a “sua circulação total em 1970 havia ultrapassado 138.000 exemplares”. *Movement of Destiny*, 489.

Nada menos do que igual, ou ainda maior diligência seria necessária para levar às mentes desses dirigentes em toda parte, as correcções na posição adventista quanto ao regresso do erro à verdade real mais uma vez. O parágrafo injurioso de *Bible Readings* precisaria ser restabelecido, juntamente com as exclusões de outros livros. Qualquer obreiro fosse ele Presidente da Associação Geral ou humilde colporteur, que não estivesse preparado para participar desse profundo trabalho de correcção, seria necessariamente dispensado de sua posição na igreja.

Nada menos do que isso seria o afastamento do cálice de Babilónia dos lábios do adventismo hoje. Exigiria um preço terrível fazê-lo. Isso resultaria em terrível humilhação aos olhos de todo o mundo, e causaria divisões dentro da igreja, pois nem todos estariam preparados para pagar esse tipo de preço. Isto provocaria a hostilidade do grande corpo do anticristo contra o povo de Deus. Resultaria numa tão grande sacudidura nos membros adventistas que reduziria drasticamente o aporte financeiro ao ponto em que muitos dos programas da igreja teriam que fechar. Isto é uma terrível penalidade para ser sofrida.

Mas qual é a alternativa?

Para encontrar essa resposta, é preciso apenas estudar mais a história de Daniel e dos seus três companheiros.

Chegou um momento em que o rei da Babilónia ergueu a grande imagem dourada nas planícies de Dura. O que ele fez lá será repetido à letra no levantamento da imagem à besta num futuro muito próximo.

“A História se repetirá. A religião falsa será exaltada. O primeiro dia da semana, um dia comum de trabalho que não possui santidade alguma, será estabelecido como o foi a estátua de Babilónia. A todas as nações, línguas e povos se ordenará que venerem esse sábado espúrio. Este é o plano de Satanás para não levar em consideração o dia instituído por Deus e dado ao mundo como um memorial da criação.

“O decreto impondo a veneração desse dia se estenderá a todo o mundo. Num grau limitado, ele já saiu. Em alguns lugares o poder civil está falando como a voz de um dragão, tal como o rei pagão falou aos cativos hebreus.

“Prova e perseguição virão sobre todos os que, em obediência à Palavra de Deus, se recusarem a adorar este falso sábado. A força é o último recurso de toda religião falsa. No início, tenta a atracção, como o rei da Babilónia tentou o poder da música e manifestações exteriores. Se estas atracções, inventadas por homens inspirados por Satanás, falhassem em fazer os homens adorarem a imagem, as chamas famintas da fornalha estavam prontas para os consumir. Assim será agora. O papado tem exercido o seu poder para obrigar os homens a obedecer-lhe, e ele continuará a fazê-lo. Precisamos do mesmo espírito que foi manifestado pelos servos de Deus no conflito com o paganismo.” *Signs of the Times*, 6 de Maio de 1897. *SDA Bible Commentary* 7:976.

Este testemunho deixa bem claro que a imagem erguida por Nabucodonosor era um tipo de imagem da besta a ser criada nos últimos dias. Essa imagem impôs um terrível teste ao povo de Deus. Assim será novamente. Mas, Satanás é astuto demais para trazer o grande teste da imagem como o primeiro teste. Ele prepara o mundo para isso hoje, como fez no passado. Em primeiro lugar, ele dá-lhes o vinho da Babilónia, convidando-os gentil e amavelmente a beberem e eles fazem-no. Então, ele fica satisfeito, pois sabe que, quando os tiver intoxicado com este vinho, eles se curvarão à imagem.

Nos registos do *livro de Daniel*, somente quatro jovens demonstraram ter resistido ao vinho de Babilónia. Sem dúvida, muitos judeus argumentaram que esta era apenas uma questão menor, que a



conveniência insistia em que eles dessem algum terreno ao rei a fim de levá-lo a respeitar o espírito de cooperação deles, de modo que, quando viessem os grandes testes, como a ordem para adorar a imagem babilónica, o rei concederia o seu pedido de dispensa. Com base nessa conveniência tão agradável para a carne, eles comeram e beberam das coisas oferecidas aos ídolos, sem perceber que assim se alinhavam totalmente ao lado do grande anticristo.

Uma concessão levou a outra. Cada compromisso foi seguido de outro afastamento da estrita rectidão. Alguns anos se passaram e o rei convocou o mundo para os pés da imagem. “Formando esta grande imagem, Nabucodonosor ordenou que ela recebesse homenagem universal de todos, grandes e pequenos, altos e baixos, ricos e pobres.” *SDA Bible Commentary* 4:1169.

Naquele dia, então, quando a brilhante imagem dourada se elevava acima da

planície, havia muitos judeus entre as fileiras de todas as nações, tribos, línguas e povos. Mas os únicos naquela vasta multidão que não se curvaram à imagem foram os que se recusaram a participar do vinho de Babilónia anteriormente, juntamente com qualquer um que, como Daniel, não estivesse presente na assembleia.

Qual é a mensagem para nós hoje?

É esta.

Se bebermos o vinho de Babilónia hoje, podemos estar certos de que, certamente, nos curvaremos à imagem amanhã. Este é o testemunho claro e irrefutável das Sagradas Escrituras, a lição projectada para nossa advertência na história da imagem antiga.

Qual é, então, o destino actual do movimento conhecido como a organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia?

O testemunho da história registado no *Movement of Destiny* é que ela tem bebido profundamente do vinho de Babilónia, alistou-se nas fileiras de Babilónia como fazendo parte do corpo do anticristo.

Portanto, com a mesma certeza que é assim, seguramente ela se curvará diante da imagem quando ela for imposta novamente ao mundo num futuro muito próximo. Este é o seu destino. É para lá que ela está caminhando e nada menos do que uma confissão total com tudo o que isso envolve a salvará.

Por mais terrível que seja a traição dos sagrados depósitos, curvar-se à imagem não é o destino final. É apenas um passo em direcção a isso. Esse supremo acto está contido no aviso da mensagem do terceiro anjo.

“E os seguiu o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber o sinal na testa ou na mão,

“Também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro.

“E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso, nem de dia nem de noite, os que adoram a besta e a sua imagem e aquele que receber o sinal do seu nome.” *Apocalipse* 14:9-11.

Esse é o fim de tais coisas. para além disso, não há nada – o frio, escuro e eterno nada.

Não há uma pessoa – não importa se ela se desviou do caminho da justiça de Deus – que precise de chegar a esse fim. Ainda há tempo para o arrependimento e voltar novamente. Mas é uma questão individual. Quem espera para que a igreja em geral se converta e se volte novamente, irá esperar em vão e perecer com a igreja. Afastai dos vossos lábios a taça de vinho de Babilónia, desfraldem a bandeira da verdade para todos verem e juntem-se aos que já fizeram isso.

Deus nunca está sem uns poucos fiéis que se mantêm leais a Ele no testemunho do Seu poder e Sua verdade. São um povo pouco conhecido e obscuro, como Daniel e os seus três companheiros, mas, mesmo assim, são Seus escolhidos e fiéis.

Durante os mesmos anos em que as conversas estavam a ter lugar entre os líderes adventistas e os evangélicos protestantes, e enquanto as multidões adventistas seguiam cegamente seus líderes, havia um núcleo de almas fiéis que não concordavam com essa traição às sagradas verdades. Eles são o Daniel, Ananias, Misael e Azarias dos nossos dias. Eles estão espalhados por todo o mundo. São eles que acreditam e defendem a mensagem do terceiro anjo em verdade como Waggoner e Jones a apresentaram em 1888 e depois. Eles são aqueles através dos quais o Senhor terminará Sua obra.